



Andriê Luiz Felipe

**A Igreja no contexto da dádiva do Espírito e como sinal
escatológico do reino de Deus:**
Estudo sobre a vida, a obra e dois tópicos eclesiológicos da
Teologia Sistemática de Wolfhart Pannenberg

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Teresa de Freitas Cardoso

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2017



Andriê Luiz Felipe

**A Igreja no contexto da dádiva do Espírito e
como sinal escatológico do reino de Deus:**

Estudo sobre a vida, a obra e dois tópicos
eclesiológicos da Teologia Sistemática de Wolfhart
Pannenberg

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela
Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Maria Teresa de Freitas Cardoso

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Cesar Augusto Kuzma

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Carlos Alberto Pires

Seminário Teológico Batista de Niterói – STBN

Prof. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de
Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2017

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Andriê Luiz Felipe

Graduou-se em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2009. Estudou Teologia no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB) em 2010 e 2011. Terminou a graduação em Teologia no Seminário Teológico Batista de Niterói (STBN) em 2014.

Ficha Catalográfica

Felipe, Andriê Luiz

A igreja no contexto da dádiva do Espírito e como sinal escatológico do reino de Deus: estudo sobre a vida, a obra e dois tópicos eclesiológicos da Teologia sistemática de Wolfhart Pannenberg / Andriê Luiz Felipe; orientadora: Maria Teresa de Freitas Cardoso. – 2017.

194 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Wolfhart Pannenberg. 3. Teologia Sistemática. 4. Espírito Santo. 5. Eclesiologia. 6. Igreja. 7. Reino de Deus. 8. Sinal escatológico. I. Cardoso, Maria Teresa de Freitas. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Aos meus pais, Irineu e Maria Anete (*in memoriam*),
que me ensinaram a perseverar sempre.

Agradecimentos

Agradeço ao Deus criador de toda a realidade existente pela oportunidade de viver e realizar mais esse sonho em minha vida.

À CAPES e à PUC-Rio pelos auxílios disponibilizados garantindo que este trabalho pudesse ser desenvolvido e concluído.

À Professora Doutora Maria Teresa de Feitas Cardoso, minha orientadora que com muita destreza e perspicácia acompanhou e dirigiu a confecção desse trabalho. Diante desse desafio, ela se colocou a disposição de muitos meios e maneiras para me ajudar, lendo atentamente e com muito carinho os textos produzidos, e fazendo observações importantes. Mais do que suas palavras concernentes ao trabalho, também as suas palavras de encorajamento foram fundamentais na caminhada nada fácil dessa dissertação.

Aos docentes do Departamento de Teologia da PUC-Rio, pelos conteúdos fornecidos e, principalmente, pelo convívio humano alegre, cortês e respeitoso.

Aos funcionários do Departamento de Teologia e de outros setores da PUC-Rio que promoveram orientações importantes com um agir profissional.

A todos os colegas da minha turma e de outras turmas que estiveram comigo nessa caminhada, pois foi um convívio plural e muito edificante.

À minha mãe, embora não esteja mais presente comigo, de quem guardo ensinamentos dos quais levarei para a vida toda, que teve papel fundamental na formação da pessoa que hoje sou.

Ao meu pai Irineu e meu irmão André, e familiares que, apesar de não compreenderem bem o caminho por mim trilhado, de seus jeitos peculiares proporcionaram apoio.

À minha namorada Priscilla e sua família que, mesmo tendo chegado perto do fim dessa caminhada, foram pessoas importantes no meu bem estar.

À Primeira Igreja Batista da Gávea, aos pastores Wagner Caetano da Costa e José Santos Almeida, pelas orações, pelo incentivo e pelo apoio.

Aos amigos, de perto e de longe, que sempre acreditaram ser possível.

Resumo

Felipe, Andriê Luiz; Cardoso, Maria Teresa de Freitas. **A Igreja no contexto da dádiva do Espírito e como sinal escatológico do reino de Deus: estudo sobre a vida, a obra e dois tópicos eclesiológicos da Teologia Sistemática de Wolfhart Pannenberg**. Rio de Janeiro, 2017. 194p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Wolfhart Pannenberg é considerado um dos mais importantes teólogos do século XX. Nesta dissertação estudamos como Pannenberg viu a Igreja no contexto da dádiva do Espírito e como sinal escatológico do reino de Deus. O percurso que realizamos para o estudo foi: apresentar primeiro um resumo da vida e da obra de Pannenberg; depois, os elementos gerais de sua teologia, a explicação do autor sobre a necessidade da teologia sistemática na sociedade secularista moderna e algumas observações sobre o lugar da eclesiologia. Por fim, debruçamo-nos sobre o objeto principal desta dissertação, ou seja, os dois tópicos acima indicados, que estão no início do terceiro volume da obra Teologia Sistemática. Nesses dois tópicos observamos que, para Pannenberg, a Igreja está diretamente relacionada com o Espírito Santo, já que a Igreja só é sinal do reinado vindouro de Deus porque recebe a atuação do Espírito como dádiva escatológica. Vimos que a Igreja se diferencia do reino de Deus, porque ela é apenas sinal e por isso é antecipação e não o próprio reino de Deus. Para Pannenberg, a Igreja é o corpo de Jesus Cristo e assim é representação do mistério da salvação. Concluímos também que o pensamento teológico de Pannenberg colaborou para o diálogo da Igreja com a sociedade moderna e é um pensamento que ainda tem muito a contribuir na atualidade. Por isso, o estudo da sua eclesiologia é relevante para a realização de uma pastoral conexas à realidade concreta dos seres humanos.

Palavras-chaves

Wolfhart Pannenberg; Teologia Sistemática; Espírito Santo; Eclesiologia; Igreja; Reino de Deus; Sinal escatológico.

Abstract

Felipe, Andriê Luiz; Cardoso, Maria Teresa de Freitas (Advisor). **The Church in the context of the gift of the Spirit and as an eschatological sign of the kingdom of God: study on the life, work and two ecclesiological topics of Systematic Theology by Wolfhart Pannenberg.** Rio de Janeiro, 2017. 194p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Wolfhart Pannenberg is considered one of the most important theologians of the twentieth century. In this dissertation, we analyze how Pannenberg saw the Church in the context of the godsend of the Spirit and as an eschatological sign of the kingdom of God. The process we used for the study was: first to present a summary of Pannenberg's life and work; then discuss the general elements of his theology, the author's explanation for the need of systematic theology in modern secular society as well as including some remarks about the role of ecclesiology. Finally, we focus on the main object of this dissertation – the two topics indicated above which are included at the beginning of the third volume of Systematic Theology. On these two topics, we stress that, per Pannenberg, the Church is directly related to the Holy Spirit, since the Church is only a sign of the forthcoming reign of God because it receives the action of the Spirit as an eschatological godsend. We also discuss that the Church differs from the kingdom of God, because it is only a sign and therefore an anticipation of it instead of being the kingdom of God itself. According to Pannenberg, the Church is the body of Jesus Christ and, thus, it is the representation of the mystery of salvation. We also conclude that Pannenberg's theological thinking has contributed to the Church's dialogue with modern society and it is a piece that still has much to contribute today. For this reason, the study of his ecclesiology is relevant to the implementation of pastoral work that is relevant to the concrete reality of human beings.

Keywords

Wolfhart Pannenberg; Systematic Theology; Holy Spirit; Ecclesiology; Church; Kingdom of God; Eschatological sign.

Sumário

1	Introdução	11
2	Vida e obra teológica de Wolfhart Pannenberg	17
2.1	Infância e adolescência	20
2.2	Iniciação na vida universitária e bases do seu pensamento teológico	24
2.3	Carreira como pesquisador e professor de teologia	31
2.4	Consideração geral sobre a obra de Wolfhart Pannenberg	39
3	A eclesiologia na Teologia Sistemática de Pannenberg	46
3.1	Aspectos básicos da teologia de Pannenberg	49
3.2	Considerações de Pannenberg acerca da necessidade de uma teologia sistemática	54
3.3	Considerações de Pannenberg acerca da eclesiologia	73
3.4	A obra de Teologia Sistemática e o lugar da eclesiologia	80
4	Alguns tópicos eclesiológicos fundamentais da Teologia Sistemática	89
4.1	A Igreja no contexto da dádiva do Espírito Santo	90
4.1.1	Atuação soteriológica do Espírito	92
4.1.2	O Espírito Santo como dádiva escatológica	95
4.1.3	O Espírito e a Igreja	100
4.2	A Igreja como sinal escatológico do reino de Deus	108
4.2.1	A Igreja e sua diferenciação do reino de Deus	109

4.2.2 A Igreja como mistério na perspectiva do agir salvífico do Filho	118
4.2.3 A Igreja, a ordem político-jurídica e o reino de Deus	127
5 Conclusão	135
6 Referências bibliográficas	141
6.1 Obras e artigos de Wolfhart Pannenberg	141
6.2 Obras e artigos em geral	143
6.3 Audiovisual	147
Anexo 1	148
Anexo 2	189

No objetivo de responder ao desafio de uma fé que pretende ser ao mesmo tempo bíblica e contextual, presente e futura, individual e coletiva, eclesial e social [...] o evangelho deve ser entendido e recebido na sua totalidade e, como tal, inter-relacionado com a totalidade da vida.

Valdir Steuernagel, *A Igreja Rumo ao Ano 2000*

Introdução

Wolfhart Pannenberg é considerado um dos mais importantes teólogos do século XX. Nesta dissertação estudamos como Pannenberg viu a Igreja no contexto da dádiva do Espírito e como sinal escatológico do reino de Deus, dentro da obra Teologia Sistemática de Wolfhart Pannenberg.

A contribuição de Wolfhart Pannenberg para a teologia foi surpreendente, pois, para ajudar a Igreja, ele procura compreender as transformações ocorridas na sociedade do século XX, que solicitaram do cristianismo novas formas de interagir com a sociedade. Essas transformações ocorridas na sociedade do século XX, que propuseram novas questões para a Igreja, foram analisadas por Pannenberg como os sinais dos tempos. A teologia proposta por Pannenberg foi tecida por meio do diálogo e da reflexão, não só com outros teólogos, mas também com outros saberes e ciências, a fim de entender esses sinais dos tempos. Desse modo, podemos inserir Wolfhart Pannenberg no conjunto dos teólogos que produziram um conhecimento relevante para a Igreja e a sociedade do século XX.

A dissertação tem como objeto material alguns elementos da eclesiologia na relação da Igreja com o Espírito Santo e o reino de Deus. A dissertação tem como objeto formal o estudo desse tema a partir da análise de alguns tópicos da obra Teologia Sistemática de Wolfhart Pannenberg. Para se mostrar a contribuição desse autor, apresentamos antes a sua vida, a sua obra e elementos gerais da sua teologia.

Nesta dissertação fizemos a escolha de estudar a Igreja no contexto da dádiva do Espírito e como sinal escatológico do reino de Deus, fazendo uma análise dessa temática a partir da obra Teologia Sistemática do autor. Concentramos o estudo na obra Teologia Sistemática, porque é uma obra tardia e madura do autor. Ele gestou essa obra ao longo dos seus anos de estudo, pesquisa e ensino. A eclesiologia de Wolfhart Pannenberg é um estudo denso e complexo, que está inserido no terceiro

volume de sua obra Teologia Sistemática, imbricada com os temas da pneumatologia e escatologia.

Pannenberg na sua obra Teologia Sistemática em três volumes, escreve no primeiro volume sobre a teologia fundamental e a doutrina sobre Deus; no segundo volume escreve sobre a criação, a antropologia e a cristologia. Dentro do terceiro volume, no tema da eclesiologia, que Pannenberg irá desenvolver, mais especificamente, os tópicos que pretendemos desenvolver o presente estudo.

Diante da complexidade do estudo eclesiológico de Pannenberg, tivemos que delimitar o nosso estudo, por isso discorreremos sobre dois tópicos eclesiológicos fundamentais da Teologia Sistemática, que compreendem a Igreja no contexto da dádiva do Espírito Santo e a Igreja como sinal escatológico do reino de Deus. O estudo fica delimitado com esses tópicos. A obra Teologia Sistemática é muito rica e extensa e sua eclesiologia abarca outros tópicos. Pelo limite do tempo e pelo objetivo escolhido para a dissertação, não é possível tratar aqui todos os tópicos da eclesiologia de Pannenberg que se encontram na sua obra Teologia Sistemática ou em outras obras dele. Elaboramos um breve relato da sua vida, da sua obra e do seu pensamento teológico, principalmente sobre os tópicos escolhidos nesse trabalho.

Temos como objetivo maior dessa dissertação conhecer e aprofundar alguns tópicos eclesiológicos de Pannenberg. A escolha desses tópicos tratados nessa dissertação tem o objetivo de conhecer como o autor começa a sua eclesiologia, que ele se baseia na relação da Igreja com o Espírito Santo e com o reino de Deus.

Outros objetivos que tivemos nessa dissertação para alcançarmos o objetivo maior é conhecer a vida, a obra e a teologia de Wolfhart Pannenberg. Entender porque o autor vê a necessidade de uma teologia sistemática e qual o lugar da sua eclesiologia dentro da Teologia. E apresentar os dois tópicos iniciais da sua eclesiologia, quais sejam: a Igreja no contexto da dádiva do Espírito e a Igreja como sinal escatológico do reino Deus.

Ao conhecer a trajetória histórica de Pannenberg e o amadurecimento do seu pensar teológico, podemos entender a relevância da sua teologia sistemática, e nela o estudo da eclesiologia. Pannenberg tem duas grandes características que orientam o pensamento teológico, quais sejam: a teologia de Pannenberg busca o diálogo

com a sociedade secularista moderna e tem o caráter proléptico. Para formular a sistematização da doutrina cristã, Pannenberg se baseia no pressuposto de que o conhecimento de Deus se revela na história da humanidade antecipadamente por meio da vida e história de Jesus Cristo. Com isso, a história tem uma estrutura proléptica, porque o destino da humanidade e o fim da história são apreendidos a partir da vida e da história de Jesus Cristo.

Ao buscar um diálogo com a sociedade secularista moderna, Pannenberg empreende uma teologia dita pública, fazendo com que o ser humano moderno esteja em contato com a sistematização coerente e harmônica da doutrina cristã. O conhecimento do autor, assim como de sua teologia, é muito relevante para compreendermos a unidade entre a Teologia e a sociedade secularista moderna como para aprofundar a verdade da mensagem cristã. Os tópicos escolhidos poderão nos apresentar a função da Igreja como sinal escatológico e apresentar o fim último da humanidade em relação com o reino de Deus. Essa pesquisa quer mostrar como Pannenberg reflete teologicamente sobre isso.

Para melhor compreendermos os tópicos eclesiológicos escolhidos para esse estudo, realizamos um percurso histórico da vida e obra de Wolfhart Pannenberg, explicitando como se deu a formação desse brilhante teólogo protestante e os aspectos de sua eclesiologia que, mais do que um tema específico na vida deste teólogo, está imbricado com todo o seu pensamento teológico.

Para o presente estudo fizemos um levantamento bibliográfico referente aos escritos de Wolfhart Pannenberg, bem como, de autores que escreveram sobre o mesmo, e daqueles que se debruçaram a estudar o pensamento dele. Esse levantamento bibliográfico foi realizado primariamente nas bibliotecas disponibilizadas pela PUC Rio, depois em bibliotecas no Estado do Rio de Janeiro e em outros Estados da Região Sudeste. E por fim, no Portal Capes, em outros Portais de pesquisa, bem como em sites de compra de livros.

O percurso dessa dissertação começou com uma análise da vida e da obra teológica de Wolfhart Pannenberg no segundo capítulo. Como substrato desse segundo capítulo, buscamos referência nos seguintes autores, quais sejam: Giuseppe Accordini, Stanley Grenz, Roger Olson, Martinez Camino, Philip Clayton, Rosino Gibellini, Santiago Madrigal, John McClean, Gerald W McCulloh,

Enio Ronald Mueller, Michael Root, Peters Ted, Gunther Wenz e Martínez Gordo. Reconhecemos que existe uma variada e extensa quantidade de obras sobre Pannenberg e sua teologia, no entanto, tanto o tempo, quanto o objeto dessa dissertação nos limitaram ao estudo desses autores, tendo também em vista que eles são significativos para uma pesquisa sobre Wolfhart Pannenberg.

Desse modo, para descrevermos a vida e a obra de Pannenberg utilizamos os autores citados, sobretudo três autores principais, quais sejam: Martinez Camino, Rosino Gibellini e Giuseppe Accordini. Para apresentarmos o comentário de Pannenberg sobre a necessidade da teologia sistemática e a sua obra Teologia Sistemática e a sua eclesiologia, utilizamos algumas obras do autor sobre os tópicos escolhidos para esta pesquisa. Para demonstrar alguns tópicos de sua eclesiologia, utilizamos algumas seções capítulo 12, do terceiro volume da obra de Teologia Sistemática do nosso autor.

Para compreender os tópicos escolhidos da eclesiologia de Pannenberg, esse estudo foi dividido em três partes, além da introdução e da conclusão. Na primeira parte (capítulo 2) estão reunidos os elementos históricos relativos à vida e obra teológica de Pannenberg. Nessa parte discorreremos sobre a infância, adolescência, a iniciação de sua vida universitária, as bases do seu pensamento teológico, sua carreira como pesquisador e professor de teologia, e por fim, uma consideração geral sobre a sua obra.

Dividimos em quatro seções a primeira parte do desenvolvimento da pesquisa, ou seja o segundo capítulo da dissertação, que tratou de uma análise de sua vida e obra teológica. As três primeiras seções, tivemos como referência principal a obra de Martinez Camino, que apresenta a vida de Pannenberg em três momentos, quais sejam: sua infância e adolescência, sua juventude e iniciação na vida universitária, e sua carreira como profícuo pesquisador, escritor e professor de teologia. Por último, fizemos considerações gerais sobre as obras dele.

Na segunda parte (capítulo 3) estarão reunidos os elementos sobre a eclesiologia de Pannenberg encontrada na sua obra Teologia Sistemática. Nessa parte apresentaremos os aspectos básicos da sua teologia, algumas de suas considerações acerca da necessidade de uma teologia sistemática e sobre a

eclesiologia, e por fim, mostraremos a arquitetura da obra Teologia Sistemática em três volumes do autor.

Na terceira e última parte (capítulo 4) estarão reunidos os elementos sobre os tópicos escolhidos para o presente estudo. Como escolhemos dois tópicos da eclesiologia de Pannenberg para esta dissertação, dividiremos essa última parte em dois subseções, referentes aos dois tópicos escolhidos, quais sejam: a Igreja no contexto da dádiva do Espírito Santo e a Igreja como sinal escatológico do reino de Deus.

Na primeira subseção, em que discorreremos sobre a Igreja no contexto da dádiva do Espírito Santo, apresentaremos a atuação soteriológica do Espírito na perspectiva trinitária, o Espírito como dádiva escatológica e a relação entre o Espírito e a Igreja. Na segunda subseção, em que falaremos sobre a Igreja como sinal escatológico do reino de Deus, mostraremos a diferenciação necessária a ser feita entre a Igreja e o reino de Deus, a perspectiva da Igreja como corpo de Jesus Cristo ressurreto e como mistério do agir salvífico do Filho, e a relação e importante diferenciação entre a Igreja, a ordem político-jurídica e o reino de Deus.

O presente estudo, que se debruçará sobre alguns tópicos da eclesiologia de Pannenberg, visa também entender a vida do autor e seu pensamento teológico. Com isso, tanto a vida como a sua teologia serão fundamentais para entender que sua eclesiologia está fundamentada sobre a perspectiva histórico-soteriológica, na qual vislumbra o agir da Trindade a favor da humanidade, na criação e na consumação.

A ideia básica que tomamos da teologia de Wolfhart Pannenberg é: Deus que se revela na história da humanidade por meio do envio do seu Filho; o Filho que irrompe com o reino de Deus; e o Espírito como dádiva escatológica que age na unidade dos fiéis formando a Igreja, sinal da futura unidade entre os seres humanos e Deus, e na unidade entres os seres humanos.

Diante de tudo isso que indicamos na introdução, pretendemos ajudar a entender as contribuições que o teólogo e pastor luterano Wolfhart Pannenberg pode fornecer à Teologia, à pastoral, ao cristianismo, aos cristãos, às outras

religiões e o ser humano moderno, a partir de suas reflexões teológicas, principalmente, sobre sua eclesiologia.

Na pesquisa bibliográfica que realizamos, encontramos uma publicação com toda a produção acadêmica de Wolfhart Pannenberg, organizada cronologicamente, e outra bibliografia sobre as publicações em espanhol, do próprio autor ou de autores que escreveram sobre ele. Colocamos em anexo a relação bibliográfica que encontramos, nas duas formas, para enriquecer o nosso trabalho e mostrar a importância de Wolfhart Pannenberg como um grande pensador e teólogo muito produtivo.

Papel fundamental e de extrema importância para essa pesquisa foram os auxílios de bolsas de estudo concedidas pela CAPES e pela PUC-Rio, garantindo que este trabalho pudesse ser desenvolvido e concluído.

2

Vida e obra teológica de Wolfhart Pannenberg

Giuseppe Accordini, apresentando uma coleção de estudos sobre os teólogos do século XX, chama a atenção que os movimentos culturais chegam até nós sem que percebamos sempre quais são suas origens. Eles se devem, muitas vezes, a “pessoas originais, capazes de produzir e, ao mesmo tempo, de dar forma a modos de sentir e pensar”. Essas pessoas são importantes para a história do pensamento. Ele acentua que “o que vale para a cultura em geral vale também para a teologia”. Assim, alguns pensadores, que ele caracteriza como “perscrutadores dos sinais dos tempos”¹, fizeram avançar a teologia do século XX. Entre esses teólogos está Wolfhart Pannenberg.

Essa contribuição dos teólogos teve reflexo na cultura em geral, já que a reflexão crítica da teologia sobre a fé foi profícua, procurando entender e responder aos significativos acontecimentos históricos e culturais na sociedade do século XX, que levaram, a cabo, novos modos de pensar do cristianismo.

Os acontecimentos históricos e as novas questões colocadas no pensamento moderno foram lidos e integrados à visão cristã. Essa nova visão foi como chave de entendimento e de leitura dos *sinais dos tempos*. Com isso, o cristianismo, por meio dos vários teólogos do século XX, pode trazer à luz riquezas no seu modo de pensar, com o objetivo de cooperar com as igrejas e, sobretudo, para a sociedade em geral. Assim, a teologia do século XX deixa uma herança que “não deve ser reduzida a alguns temas ou fórmulas”, mas que “deve ser acolhida para que possa frutificar”².

Wolfhart Pannenberg buscou compreender os sinais dos tempos e desenvolver uma teologia nova. Ele dialogou com o pensamento filosófico antigo e moderno. A sua teologia toma novos rumos e contribui muito para essa teologia do século XX³.

¹ Cf. G. ACCORDINI. Wolfhart Pannenberg. Coleção Teólogos do Século XX. São Paulo: Loyola, 2006, p. 5.

² Cf. Ibid.

³ Também Martinez Camino, e Grenz e Olson chamam a atenção da importância da Teologia do século XX e da presença de Wolfhart Pannenberg. Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO. Introducción. In: PANNENBERG, Wolfhart. Teologia Sistemática. Volume I. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1992, p. X; S. J. GRENZ; R. E. OLSON. A Teologia do século 20. Deus e o mundo numa era de transição. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 223.

Stanley Grenz e Roger Olson destacam que Wolfhart Pannenberg foi um expoente da teologia na década de 1960, e que pode ser relacionado com a Teologia da Esperança. Eles observam que o teólogo Pannenberg preferiu não se caracterizar com esse rótulo. Embora a sua teologia esteja no contexto da Teologia da Esperança, “sua proposta vai além da intenção original da Teologia da Esperança”⁴.

O avanço da teologia do século XX é perceptível, de um modo geral, para citar alguns exemplos dessa história teológica, nas contribuições do Concílio Vaticano II⁵, no diálogo ecumênico, e na interação e na reflexão a partir de outras ciências, sobretudo, a filosofia, e em obras de vários nomes da teologia católica e protestante. Isso demonstra a vitalidade do cristianismo neste século que apresentava sintomas de obsolescência⁶. As reflexões de Pannenberg se relacionam com as produções teológicas feitas no século XX, em diálogo com a história do pensamento filosófico.

Nossa pesquisa apresenta Wolfhart Pannenberg, que está inserido no conjunto das contribuições teológicas do século XX. Neste capítulo queremos oferecer um perfil biográfico e indicações bibliográficas, com um comentário de caráter geral sobre sua obra, sem pretender ser exaustivo e sim seletivo. Pode-se dizer que o pensamento de Pannenberg marcou o século XX com uma reviravolta na maneira de fazer teologia. Nós poderemos nos referir a Wolfhart Pannenberg como um dos ícones da Teologia no século vinte. Isto porque, a sua vida, a sua produção teórica e o depoimento de outros teólogos, assim o demonstram⁷.

⁴ Cf. S. J. GRENZ; R. E. OLSON, loc. cit.

⁵ O Concílio Vaticano II ocorreu nos anos de 1962-1965, com a produção de documentos importantes para a Igreja Católica Romana e de seu relacionamento com outras igrejas e religiões e, além mesmo, com os que não professam nenhuma religião. Foi um Concílio que marcou, e marca, a teologia da Igreja Católica Romana. O Concílio acolheu e integrou em sua reflexão várias contribuições dos teólogos do século XX.

⁶ Cf. G. ACCORDINI, loc. cit. Também outros autores que pesquisamos acentuam o dinamismo de Pannenberg no contexto teológico do século XX. Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. X; S. J. GRENZ; R. E. OLSON, loc. cit.

⁷ A importância de Wolfhart Pannenberg é mostrada por vários autores que pesquisamos. Cf. G. ACCORDINI, op. cit.; P. CLAYTON. Wolfhart Pannenberg — In Memoriam. Patheos, 2014. <http://www.patheos.com/blogs/tonyjones/2014/09/07/wolfhart-pannenberg-1928-2014/#ixzz3DguLyNLV>. Acesso em: 15/04/2016; COLABORATIVE ENCYCLOPEDIA OF WESTERN THEOLOGY. Wolfhart Pannenberg (1928-2014). <http://people.bu.edu/wwildman/bce/pannenberg.htm>. Acesso em: 15/04/2016; R. GIBELLINI. A teologia do século XX. São Paulo: Loyola, 1998; S. J. GRENZ; R. E. OLSON, op. cit.; S. J. GRENZ. Reason for Hope: The Systematic Theology of Wolfhart Pannenberg. New York: Oxford, 1990; V. KÄÄRKKÄINEN. The Working of the Spirit of God in creation and in the People of God: The Pneumatology of Wolfhart Pannenberg. *Pneuma, The Journal of the Society for Pentecostal Studies*, v. 26, n. 1, p. 17-35, spr. 2004; S. MADRIGAL. La Iglesia en la Teología Sistemática de W. Pannenberg (I): “Signo del reinado de Dios” y “Congregatio fidelium”. *Estudios Eclesiásticos*, n.

Podemos distinguir a vida de Pannenberg em três grandes etapas ou fases. Isso seria didático para o entendimento de sua trajetória histórica, suas opções teóricas, o seu pensamento e sua produção científica. Para caracterizarmos essas três etapas, seguiremos a mesma descrição feita por Martinez Camino⁸.

Sendo assim, apresentamos em primeiro lugar dados sobre sua infância e adolescência; em segundo lugar, sobre sua juventude e iniciação na vida universitária; em terceiro e último lugar, sobre a sua carreira como profícuo pesquisador, escritor e professor de teologia⁹.

75, p. 177-233, 2000; La Iglesia en la Teología Sistemática de W. Pannenberg (y II): el ministerio eclesial y el pueblo de Dios. *Estudios Eclesiásticos*, n. 75, p. 421-472, 2000; J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992; J. McCLEAN. A Search for the body: is there space for Christ's Body in Pannenberg's Eschatology? *International Journal of Systematic Theology*, v. 14, n. 1, p. 91-108, jan. 2012; G. W. McCULLOH. Creation to Consumation: The Theology of Wolfhart Pannenberg. *Anglican Theological Review*, v. LXXXIII, n. 1, p. 115-128, 2001; E. R. MUELLER. Apresentação à edição Brasileira. In: PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática. Volume I*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009; R. RICE. Wolfhart Pannenberg's Crowning Achievement: a review of his Systematic Theology. *Andrews University Seminary Studies*, Spring 1998, v. 37, n. 1, p. 55-72. Loma Linda: Andrews University Press, 1999; ROOT, Michael. The achievement of Wolfhart Pannenberg. *First Things*, n. 221, p. 37-42, mar. 2012; T. PETERS. In Memoriam: Wolfhart Pannenberg (1928-2016). In: *Revista Dialog. A Journal of Theology*. Volume 53, Issue 4, p. 365-383, dez. 2014. <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/dial.12142/full>>. Acesso em: 15/04/2016; G. WENZ. *Wolfhart Pannengers Systematische Theologie: Eineinführender Bericht*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2003; *Introduction to Wolfhart Pannenberg's Systematic Theology*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, 2013; *Vorwort des Herausgebers. Gesamtausgabe. Neuherausgegeben. Systematische Theologie von Wolfhart Pannenberg, Band 1*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, 2015; B. WALSH. Pannenberg's Systematic Theology, vol. 1: a Symposium. *Calvin Theological Journal*, n. 27, p. 304-325, 1997; R. GIBELLINI. (Ed.). *Perspectivas teológicas para o século XXI*. Aparecida: Santuário, 2005; S. J. GRENZ; E. L. MILLER. *Teologias Contemporâneas*. São Paulo. Vida Nova. 2011; S. GUNDRY. *Teologia Contemporânea: uma análise dos pensamentos de alguns dos principais teólogos do mundo moderno*. São Paulo: Mundo Cristão, 1987; F. W. G. SILVA. *A Imago Dei na Antropologia Teológica de Wolfhart Pannenberg*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, orientador: Mário de França Miranda, 2009; OLSON, R. E. Wolfhart Pannenberg RIP. *Revista Patheos*, 2014. Disponível em: <<http://www.patheos.com/blogs/rogereolson/2014/09/wolfhart-pannenberg-r-i-p/>>. Acesso em: 26/04/2016.

⁸ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit. As etapas da vida de Pannenberg também são comentadas, embora não do mesmo modo tão didático, por Accordini, Grenz e Olson. Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 16; S. J. GRENZ; R. E. OLSON, loc. cit.

⁹ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

2.1 Infância e adolescência

Wolfhart Ulrich Pannenberg, mais conhecido como Wolfhart Pannenberg, nasceu em 2 de outubro de 1928 na cidade de Stettin, junto ao Mar Báltico. Na época de seu nascimento, a cidade de Stettin pertencia à Alemanha; atualmente, este território faz parte da Polônia.

Wolfhart Pannenberg era filho de um funcionário público. Recebeu a educação típica de uma criança intelectualmente afortunada da classe média. Desde cedo foi perceptível que haveria de ter um futuro sucesso acadêmico¹⁰.

Pannenberg tem muitos pontos em comum com todos os outros grandes teólogos alemães. Contudo, ele se distingue dos demais, porque a sua procedência familiar não foi advinda de pastores evangélicos, nem mesmo de uma família cristã¹¹.

Pannenberg reporta sobre sua infância sem especial formação cristã:

eu não desfrutei de uma educação cristã. Embora eu tenha sido batizado durante o Terceiro Reich, meus pais estavam separados da Igreja. Não recebi, portanto, aula de religião na escola. Eu também não recebi a confirmação e nem eu fui preparado para isso. Eu não me confirmei até que chegou a hora de minha ordenação¹².

Com isso, podemos dizer que Pannenberg não teve influência, na sua infância, de uma perspectiva religiosa cristã e, assim, o cristianismo foi introduzido em sua vida de uma maneira particular e pessoal, enquanto experiência de descobrimento¹³. Portanto, nas palavras Robinson a “trajetória de Pannenberg até o cristianismo foi

¹⁰ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 16; J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. X.

¹¹ Cf. G. ACCORDINI, loc. cit.; J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

¹² Citado por M. FRAIJÓ. El sentido de la historia. Introducción al pensamiento de W. Pannenberg (Madrid: Cristiandad, 1986), p. 264. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ. Perfil biográfico y bibliográfico de Wolfhart Pannenberg. Avance de la investigación “la pretensión de verdad de la esperanzajudeo-cristiana. Análisis de la pretensión de verdad de la esperanzajudeo-cristiana desde los escritos de Wolfhart Pannenberg”. Trabajo de grado para optar por el título de Licenciado en Teología. Universidad de San Buenaventura, sede Bogotá. Facultad de Teología, asesor: David Gerardo López, 2012, p. 2.

¹³ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit. Essa experiência de descobrimento teve um momento especial que foi nomeado como uma experiência de luz (como veremos mais adiante). Cf. S. J. GRENZ; R. E. OLSON, loc. cit.

um caminho de reflexão racional mais que de educação cristã ou de experiência de conversão”¹⁴.

Wolfhart Pannenberg cresce em um contexto adverso, que, diante dos acontecimentos históricos de sua época, com os conflitos armados entre os países do mundo, culmina na segunda grande guerra mundial, causando um ambiente hostil, de forte cunho pagão em contraposição às igrejas, sobretudo devido ao Nazismo que se instaurava na Alemanha¹⁵. Esse período histórico da Segunda Grande Guerra Mundial foi marcado pelo confronto armado entre blocos de países com duas distintas ideologias, quais sejam: capitalismo e socialismo. Deste modo, é no ambiente de um regime socialista nacional de cunho totalitário que Pannenberg cresce.

A infância de Pannenberg foi marcada pela precariedade dos lugares onde morou, pois foi forçado a realizar mudanças contínuas, devido aos perigos oferecidos pela segunda grande guerra mundial¹⁶. Na noite de junho de 1940, ele e sua família presenciam, do telhado da casa, o bombardeio britânico à cidade de Carlomagno, que a deixou em chamas. Em 1944, sua família perde tudo e se muda para a casa de familiares na região da Pomerânia (Berlín, Alemanha), a fim de fugir dos horrores da segunda grande guerra mundial, ou pelo menos, evitar grandes sofrimentos¹⁷.

Em meio a esses trágicos momentos de sua vida, Pannenberg tinha pela música e a leitura um grande prazer e afeição. A sua adolescência foi marcada, não só por eventos públicos excepcionais, mas também pela busca interior, espiritual e cultural. Ele se torna um estudante de música por meio das aulas diárias de piano, passa a apreciar os concertos musicais e, ainda, é um leitor assíduo das obras de Nietzsche¹⁸.

¹⁴ Cf. J. M. ROBINSON. “Offenbarung als Wort und als Geschichte”, in id., und COBB, J., *Teologie als Geschichte*, Zürich/Stuttgart: Zwingli Verlag, 1967, 1-134; 22. In: M. A. SANTANA. *Verdadeiro homem, verdadeiro Deus: fundamentos cristológicos da antropologia cristã na reflexão de Wolfhart Pannenberg*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, orientador: Alfonso Garcia Rubio, 2003, p. 82.

¹⁵ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XI.

¹⁶ Cf. G. ACCORDINI, loc. cit.

¹⁷ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.; G. ACCORDINI, loc. cit.

¹⁸ Cf. G. ACCORDINI, loc. cit.; J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

Pannenberg relata os autores que lia em seus estudos na adolescência: “muito antes de eu decidir estudar teologia, eu havia lido a fundo a Nietzsche, Kant e alguns outros filósofos... Desde 1944 eu fui influenciado poderosamente pela crítica moral de Nietzsche...”¹⁹.

Em 1945, no período da Festa da Epifania²⁰, Pannenberg, no retorno para casa, à tarde, após ter tido aula de piano, vivencia uma experiência particular que o marcaria para o resto de sua vida, que ele mesmo denomina de uma “experiência de luz”.

O próprio Pannenberg descreve essa sua “experiência de luz”:

de repente, eu me encontrei inundado de luz e absorto em um mar de luz, ainda que não extinguiu a humilde consciência de minha existência finita, superava as barreiras que normalmente nos separam do mundo que nos rodeia²¹.

Nas palavras de Martinez Camino, aquela experiência de luz foi “uma espécie de experiência mística que o fez sentir iluminado seu caminho e que, ao mesmo tempo, o impulsiona a seguir indagando em sua busca de sentido, reavivando nele o interesse filosófico”²². Pode-se dizer que foi algo como uma experiência sobrenatural que o fez se sentir iluminado no seu caminho e o instigou em sua preocupação pelo sentido da vida, reforçando o seu interesse pela filosofia²³.

Pannenberg explicou que tal experiência o impulsionou no interesse filosófico, no sentido de buscar um saber maior ou uma compreensão do acontecimento, antes mesmo de se ocupar com o cristianismo:

a experiência especial, que eu descrevi no ‘The Christian Century’, desempenhou um papel, mas não me conduziu diretamente a me ocupar do cristianismo, Ao contrário, despertou em mim um interesse filosófico, no sentido mais amplo da palavra, um desejo de compreender o que me havia ocorrido²⁴.

¹⁹ Cf. M. FRAIJÓ, op. cit., p. 265. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, op. cit., p. 13.

²⁰ A Festa da Epifania ou da Teofania do Senhor é uma festa religiosa cristã celebrada doze dias após o nascimento de Jesus (Natal), ou seja, no dia seis de janeiro. Tem o objetivo de celebrar a manifestação ou aparição de Jesus de Nazaré, ou de Deus na pessoa de Jesus. Cf. T. HOPKO. A festa da Epifania. Ecclesia. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/liturgia/a_festa_da_epifania.html>. Acesso em: 14/05/2016.

²¹ Cf. W. PANNENBERG. God’s Presence in History: The Christian Century, mar. 1981, p. 261; citado por J. MARTÍNEZ GORDO, La verdad como anticipación y olvido: La teología fundamental de Wolfhart Pannenberg. Bilbao: Instituto Diocesano de Teología y Pastoral; Desclée de Brouwer, 1995, p. 31. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, op. cit., p. 13.

²² Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

²³ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

²⁴ Cf. M. FRAIJÓ, op. cit., p. 267. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, op. cit., p. 14.

Mais tarde, Pannenberg relata em uma entrevista/confissão aquela experiência com Deus, que teve quando era adolescente. Segundo ele, essa experiência foi muito relevante, e o marcou pelo resto da sua vida, já que ela pode ser considerada, de acordo com os relatos bíblicos, como uma experiência de conversão, chamada e vocação²⁵.

Num final de tarde de meados de inverno, ainda em 1945, alguma coisa aconteceu comigo; tinha dezesseis anos e nunca vou esquecer: certamente não era a sarça de Moisés, mas uma repentina inundação de luz que me envolvia e penetrava meu corpo, de tal modo a fazer-me perder completamente o peso. Nada de sobrenatural nisto! Quantas pessoas nos anos da adolescência têm experiências desse gênero. Contudo, minha atitude em relação à realidade mudou definitivamente em minha vida, embora naquele momento eu ainda não conhecesse quem era aquele Deus que me falava, como, em vez disso, Moisés sabia, pela tradição na qual vivia²⁶.

Há que se considerar como de fundamental importância o conhecimento dessa experiência vivida por Pannenberg, posto que traz luz para explicar a sua vocação, o desenvolvimento e o amadurecimento de sua perspectiva teológica.

A adesão de Pannenberg ao cristianismo não foi por meio da tradição viva da igreja evangélica e nem pela sua família, mas pela sua *experiência de luz*, e ainda pela sua particular sensibilidade estético-musical, que ele adquirira com a paixão pela música; bem como o influxo da tradição clássica e a sensibilidade histórico-filosófica, e sua leitura diligente dos textos de Nietzsche²⁷.

Um breve período depois da *experiência de luz* vivida por Pannenberg, ele, junto com sua mãe e suas irmãs, é obrigado a fugir novamente, a fim de preservarem suas vidas diante do exército russo. Com dezesseis anos, Pannenberg é obrigado a participar da defesa de sua pátria durante os últimos momentos de Terceiro Reich. Ele entra para o exército alemão e recebe treinamento para servir como soldado. Pannenberg foi designado para ir ao front de guerra, em um confronto dos exércitos alemão e russo na localidade de Oder, no entanto, esta obrigação não pôde ser cumprida, já que ele estava com uma enfermidade, convalescente no leito de um

²⁵ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 15; INSTITUTO HUMANISTAS UNISINOS. Entrevista teológica com Wolfhart Pannenberg. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/535719-entrevistateologica-com-wolfhart-pannenberg>>. Acesso em: 14/04/2016.

²⁶ Cf. W. PANNENBERG. *Religious Experience – A Contemporary Possibility*, in J. W. COX (org.), *The Twentieth Century Pulpit*, Nashville, 1968 (pregação sobre Ex 3, 1-12), 163, cit. In G. L. Brena, *La teologia di Pannenberg. Cristianesimo e modernità*, Casale Monferrato, Piemonte, 1993, 12. In: G. ACCORDINI, op. cit., p. 15-16.

²⁷ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 16.

hospital, o que acarretou na sua dispensa. E com isso, sua vida foi salva, já que nenhum dos seus companheiros adolescentes voltaram, pois todos morreram no confronto²⁸.

2.2 Iniciação na vida universitária e bases do seu pensamento teológico

No início de sua juventude, Pannenberg se tornou prisioneiro dos ingleses durante alguns meses. Nesse período, passou fome. No entanto, isso não foi o suficiente para o separar de sua paixão, a leitura²⁹.

Após sair da prisão, Pannenberg continua com seu espírito questionador e inquieto, a fim de saber sobre o que aconteceu com ele em sua “experiência de luz”. sendo assim, ele continua realizando perguntas de cunho existencial e buscando respostas a partir das suas leituras, o que de certa forma, o leva em direção ao cristianismo³⁰.

Pannenberg, então, prossegue em direção ao cristianismo e ao estudo em Teologia, a partir do momento em que passa a conviver, no lugar onde estava estudando, com um professor cristão e outros colegas cristãos, alguns poucos anos antes de sua iniciação na vida universitária. Essa convivência foi crucial e de fundamental importância para a escolha dos cursos que ele irá estudar na universidade.

A vida e as palavras advindas do professor foram de tal forma influentes, que fizeram Pannenberg repensar a sua postura diante do cristianismo apresentado nas suas leituras de Nietzsche. Com isso, ele pode pensar que talvez o cristianismo fosse algo diferente do ensinamento que recebeu pelos livros que leu. Esse professor era

²⁸ Cf. o curta metragem chamado “1945 O último filme da Frente Oder - Soldados alemães adolescentes”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UebUhAKdt2Q>>. Acesso em: 14/05/2016. Este curta metragem retrata a realidade da Frente Oder – que estava a sessenta quilômetros de Berlim – momentos antes do ataque do Exército Vermelho russo, onde não sobreviveu nenhum adolescente do exército alemão do qual Wolfhart Pannenberg participaria, no período da segunda grande guerra mundial. O episódio também é referido em outras bibliografias; J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.; G. ACCORDINI, op. cit., p. 17.

²⁹ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

³⁰ Cf. H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, loc. cit.

muito competente e respeitado e possuía uma postura firme e convicta da sua fé cristã³¹.

Contudo, Pannenberg não recebia nesta instituição de ensino somente a influência desse professor. Recebeu dos seus colegas e de outros professores o convite para estudar o marxismo. Pannenberg explicou: “apesar da evidência de primeira mão ao meu redor (na zona de ocupação russa), eu me encontrava fascinado pelo brilhantismo intelectual de um sistema que oferecia explicações para cada um dos feitos da vida”³².

O próprio Pannenberg descreve esse período da sua vida, afirmando como o encontro com os cristãos o ajudou a descobrir melhor a fé cristã e a definir os cursos que vai estudar na Universidade, e a direção para o desenvolvimento da sua fé cristã:

eu decidi estudar teologia ao me encontrar com cristãos – sobretudo, com um professor que tive nos últimos anos do ensino médio, em 1946 e 1947 –, que produziram em mim a impressão de que o cristianismo não se limitava, como pensava Nietzsche, a cultivar sentimentos neuróticos de culpabilidade e para satisfazer a necessidade de perdão que tais sentimentos geravam [...] esta suspeita foi para mim motivo suficiente para começar a estudar teologia. Minha decisão de fazer teologia não careceu, portanto, de motivação de índole existencial... Somente ao longo dos anos de estudo que eu fui me convencendo da verdade da fé cristã e se foi desenvolvendo em mim a própria fé³³.

Desta forma, podemos enumerar as três circunstâncias que fizeram Pannenberg se aproximar do cristianismo, quais sejam: primeiro, o universo cristão que sempre o acompanhou, mesmo que de maneira indireta; segundo, o encontro com cristãos coerentes, que o fizeram repensar o cristianismo aprendido com Nietzsche; e terceiro, e mais importante, a sua “experiência de luz”³⁴.

A escolha da universidade por Pannenberg foi possibilitada também pela sua sensibilidade estética e sua paixão pela história, que o direcionou a estudar em um lugar que atendesse as suas necessidades, ou seja, um lugar que o estimulasse, com percursos disciplinares variados e acurados, com mestres respeitados, e que proporcionasse uma preparação científica, filosófica e teológica. A universidade que melhor atendeu as necessidades de Pannenberg, de acordo com seus critérios

³¹ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

³² Cf. An Autobiographical Sketch, l.c., 13. In: cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

³³ Cf. M. FRAIJÓ, op. cit., p. 265-266. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, loc. cit.

³⁴ Cf. H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, loc. cit.

espirituais e culturais, foi a Universidade de Berlim, onde ele se inscreve, simultaneamente, nos dois cursos: filosofia e teologia³⁵.

Em 1947, Pannenberg inicia sua vida universitária estudando teologia em Berlim, sem saber ao certo se era ou não cristão. Seu grande e primeiro momento nesta universidade foi a descoberta e participação no grupo de estudo da teologia de Karl Barth, que dizia que “Deus é Deus”³⁶. Pannenberg, um recém estudante de teologia da universidade em Berlim, ficou muito interessado na forma como Karl Barth pensava a respeito da soberana liberdade de Deus. E por isso, ele decidiu ir estudar com Karl Barth.

Pannenberg deixa a Universidade de Berlim e vai estudar na Universidade de Göttingen, onde assiste às aulas de teologia de Friedrich Gogarten e às aulas de filosofia de Nicolai Hartmann, durante um ano, entre os anos de 1948 e 1949. Nesta ocasião, ele pode refletir acerca da liberdade de Deus e da liberdade do homem³⁷.

O professor Nicolai Hartmann foi de grande auxílio para Pannenberg no seu amadurecimento filosófico, já que “o introduziu aos grandes temas da tradição filosófica. Dele recebeu grande impulso para se aventurar filosoficamente na experiência do mundo”³⁸. Após esse período em Göttingen, Pannenberg vai morar na Basileia, Suíça, a fim de testar seus conhecimentos com a teologia dialética de Karl Barth e com a filosofia da existência de Karl Jaspers, estudando na Universidade de Berlim, no ano de 1950. Nesta ocasião, ele tem a oportunidade de refletir com Karl Jaspers sobre a valoração da religião típica do protestantismo liberal³⁹. A partir de 1951, Pannenberg vai estudar na Universidade de Heidelberg, onde vive uma de suas experiências mais instigantes como estudante de teologia e o início de sua carreira como pesquisador e professor de teologia. Nesta Universidade ele termina seus estudos defendendo sua tese doutoral e conseguindo sua certificação para a docência; e assim, passa a ter sua primeira experiência docente como professor auxiliar durante um curso nesta mesma universidade⁴⁰.

³⁵ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 17.

³⁶ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XII.

³⁷ Cf. G. ACCORDINI, loc. cit.; J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

³⁸ Cf. M. FRAIJÓ, op. cit., p. 20. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, op. cit., p. 15.

³⁹ Cf. G. ACCORDINI, loc. cit.; J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

⁴⁰ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

Pannenberg se casa com Hilke Schütte no ano de 1954 (pouco antes de se tornar professor na Universidade de Heidelberg). Faz-se imprescindível ressaltar o papel de sua esposa na sua história de vida e na construção do seu pensamento teológico⁴¹. Por diversas vezes, Pannenberg menciona, publicamente, sua esposa, a fim de agradecer pela sua colaboração e, principalmente, por compartilhar de sua vocação teológica. Hilke Schütte, mais do que esposa, esteve ao lado de Pannenberg auxiliando-o em sua pesquisa teológica e contribuindo de maneira ímpar na execução de todas as suas obras mais importantes⁴².

Um ano após se casar, e um ano antes de se tornar professor, no ano de 1955, Pannenberg é ordenado pastor da igreja luterana. Mesmo que seu ofício principal seja o de professor, o dever pastoral terá muito peso em sua vida, refletindo na sua forma de ser, de se relacionar e de escrever. Isso pode ser percebido, por exemplo, no texto chamado *Presenza di Dio*, no qual Pannenberg demonstra a convergência entre a reflexão teológica e a pregação. A sua proposta não é paradigmática, mas estimular os pastores de sua igreja para uma reflexão sistemática e mais proveitosa do texto sagrado, a fim de que comuniquem com mais competência ao público que se torna mais heterogêneo e exigente a cada dia⁴³.

Pannenberg vive anos de ouro em sua vida acadêmica na Universidade de Heidelberg no período de 1951 a 1957, sendo esse período um momento peculiar em muitos aspectos. Uma das grandes influências que ele recebe em Heidelberg é a de Gerhard Von Rad, um grande exegeta do Antigo Testamento, que se tornará central para o jovem pesquisador em teologia⁴⁴.

Edmund Schlink foi o orientador de Pannenberg em sua tese de doutorado sobre *A doutrina da predestinação em João Duns Escoto*, que ele defendeu na Universidade de Heidelberg no ano de 1954⁴⁵. É a partir de sua tese que já podemos perceber o tema dominante de sua teologia: *a contingência de toda realidade criada está ancorada à contingência e à liberdade da vontade divina*. Para a teologia da

⁴¹ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 11.

⁴² Cf. Ibid., p. 11-12.

⁴³ Cf. Ibid., p. 12.

⁴⁴ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.; An Autobiographical Sketch, l.c., 14. In: J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

⁴⁵ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 17; M. FRAIJÓ, op. cit., 23; J. MARTÍNEZ GORDO, op. cit., p.34. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, op. cit., p. 16.

história, a contingência é manifestação da liberdade do homem e *expressão da liberdade de Deus em seu agir*⁴⁶.

No ano de 1955, Pannenberg apresenta na Universidade de Heidelberg a sua tese para o exercício docente com o tema: *Analogia e Revelação. Uma investigação crítica sobre a história do conceito de analogia no conhecimento de Deus*⁴⁷.

Accordini faz ver a proposta de Pannenberg nesses dois trabalhos, suas teses de doutorado e para o exercício docente. Pannenberg assume uma postura crítica com relação à analogia: a analogia de baixo (que é a racional) e a analogia do alto (que é a analogia da fé). Ambas devem ter seu ponto de apoio e de encontro na perspectiva da prolepse cristológica, na qual a justificação histórica é viável e permite o nexos entre a realidade humana e a realidade divina. É somente na prolepse cristológica, que pode haver na história o encontro efetivo livre e de fato entre o homem e Deus. Isto seria o irromper histórico da realidade do totalmente outro (transcendente) por meio de algo conhecido: *Jesus Cristo*. O desvelamento e a antecipação provisória da realidade do reino de Deus⁴⁸.

Na Universidade de Heidelberg, Pannenberg fortalece e aprimora seu conhecimento sobre a problemática e a metodologia históricas, do ponto de vista teológico, com a orientação de Hans von Campanhausen⁴⁹.

A Universidade de Heidelberg foi um espaço que proporcionou a Pannenberg o diálogo e a apreensão de conhecimento advindo de diferentes professores (Karl Löwith, Hans-Georg Gadamer e Gerhard Von Rad), o que ao fim, trouxe um crescimento e um amadurecimento, principalmente, no seu interesse peculiar pela história. Apesar de começar a se interessar pela história, ele não deixará os seus estudos filosóficos⁵⁰.

⁴⁶ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 18; J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., p. XII

⁴⁷ Cf. G. ACCORDINI, loc. cit.

⁴⁸ Cf. Ibid.

⁴⁹ Cf. Ibid., p. 17.

⁵⁰ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

Ele recebe o auxílio de Gerhard von Rad para conhecer a Escritura pela perspectiva rigorosamente *histórico-crítica*, o que culmina na sua aproximação à *teologia da história das tradições*⁵¹.

Para Pannenberg, Gerhard von Rad foi uma influência marcante no seu pensar teológico. Por isso, o teólogo Jesús Martínez Gordo assim descreveu essa influência:

Ele fará Pannenberg ver a grande importância que tem a história na fé e na revelação cristã. Especificamente, ele retém de G. von Rad sua pretensão de apresentar a relação que se dá entre o mundo dos escritos bíblicos e a situação atual... Pannenberg reconhece ter recebido do grande estudioso do Antigo Testamento a perspectiva histórica que depois tentou estender tanto o estudo do cristianismo primitivo quanto da revelação e da fé⁵².

Pannenberg recebe a orientação de Karl Löwith, aprende a reler a historicidade singular da fé e da Revelação no mais vasto contexto da história universal⁵³. Pannenberg fala a respeito filósofo Karl Löwith: “me atraía nele o esforço de penetrar nos pressupostos teológicos da filosofia da história”⁵⁴. Contudo, Pannenberg se desvencilha do pensamento de Löwith, porque este realizou uma valorização negativa da relação entre filosofia e teologia e da intenção de retomar a uma compreensão pré-histórica do mundo⁵⁵.

É na Universidade de Heidelberg que Pannenberg começa a perceber que a chave de pensamento da teologia está na palavra *história*, que é uma palavra importante nas exegeses bíblicas desta universidade. Por isso, o Novo Testamento, na esteira do Antigo Testamento, passa a ter sentido, na medida em que o evento Jesus Cristo, anunciado no Antigo Testamento e revelado no Novo Testamento, é a revelação de Deus na história geral da humanidade e antecipação do reinado vindouro de Deus⁵⁶.

Na Universidade de Heidelberg, nas mais variadas disciplinas, havia uma inquietude gerada a partir da teologia da história, que ia além das aulas de exegese

⁵¹ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 17.

⁵² Cf. J. MARTÍNEZ GORDO, op. cit., 34. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, op. cit., p. 17.

⁵³ Cf. G. ACCORDINI, loc. cit.

⁵⁴ Cf. R. GIBELLINI. Teología e ragione. Itinerario e opera di Wolfhart Pannenberg. Brescia, 1980, p. 294, citado por M. FRAIJÓ, op. cit., p. 22. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, loc. cit.

⁵⁵ Cf. M. FRAIJÓ, loc. cit.; J. MARTÍNEZ GORDO, op. cit., p. 33. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, loc. cit.

⁵⁶ Cf. Na Autobiographical Sketch, l.c., 14. In: cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

e de filosofia. Assim como Pannenberg, outros estudantes eram adeptos deste mesmo pensamento.

Os primeiros passos de Pannenberg no mundo da pesquisa acadêmica é em conjunto com outros estudantes desta universidade. É na segunda metade da década de 1950 que estes estudantes formam um grupo de trabalho teológico⁵⁷.

O encontro desse grupo de estudantes formou o *Círculo de Heidelberg* ou o *Círculo de Pannenberg* (tamanho foi a influência desse pensador no grupo e sua repercussão internacional). Esse grupo se reúne para discutir, de maneira interdisciplinar, um novo programa teológico⁵⁸.

O círculo de Heidelberg foi caracterizado como um grupo de teólogos que marcaram o século XX: “se agruparam alguns teólogos jovens que tentavam iluminar o assunto de uma possível revelação divina na história de suas respectivas especialidades... a este grupo estava reservada a honra de produzir uma autêntica revolução na teologia deste século”⁵⁹.

A partir do encontro e das discussões desse grupo de estudantes, vai se gerando, o que se conclui em 1961, a produção de um texto chamado *A revelação como história*. Esse texto é o que podemos dizer como uma evidente inquietação desses jovens teólogos, que buscavam ir além dos ensinamentos teológicos que receberam dos seus mestres, e com isso, fazem nascer uma nova perspectiva para pensar a teologia⁶⁰.

Estes estudantes eram: Rolf Rendtorff (versado na exegese do Antigo Testamento), Ulrich Wilchens (versado na exegese do Novo Testamento), Trutz Rendtorff (versado na história da igreja) e Pannenberg (versado em teologia sistemática). Estes estudantes causaram, por meio do texto produzido por eles, uma discussão acalorada no mundo teológico alemão dos anos sessenta⁶¹.

⁵⁷ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 19.

⁵⁸ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

⁵⁹ Cf. M. FRAIJÓ, loc. cit. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, loc. cit.

⁶⁰ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit. Apesar de Pannenberg em 1961 não está mais na Universidade de Heidelberg, como se verá mais adiante, esse grupo continuará se encontrando por um longo período de tempo.

⁶¹ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.; M. FRAIJÓ, loc. cit.; J. MARTÍNEZ GORDO, op. cit., p. 37; G. ACCORDINI, op. cit., p. 16-18.

Os grandes teólogos da época, Karl Barth e Rudolf Bultmann, se lançaram na esfera pública, para retrucar o texto produzido pelos estudantes do Círculo de Heidelberg. A teologia dialética e existencial, de Karl Barth e de Rudolf Bultmann, se defendia das críticas dos estudantes do Círculo de Heidelberg, afirmando que esses últimos produziam uma “ideologia” ou uma “antropologia”⁶².

Os integrantes do Círculo de Heidelberg continuam se reunindo. Todavia, após a formação daqueles que eram estudantes, com cada integrante trilhando um caminho específico, eles passam a se reunir duas vezes por ano. Essas reuniões duravam em média de três a cinco dias, que proporcionavam aos participantes um rico e fecundo diálogo entre teólogos e outros estudiosos das ciências humanas e naturais⁶³.

2.3 Carreira como pesquisador e professor de teologia

Pannenberg se estabelece na Universidade de Heidelberg nos anos de 1951 a 1957. Sua tese doutoral foi sobre “A doutrina da predestinação de João Duns Escoto”. O seu trabalho de certificação para a docência é sobre “Analogia e revelação”. Ele começa sua carreira como professor nos últimos dois anos nesta Universidade, nos anos de 1956 e 1957, trabalhando como professor auxiliar na disciplina “História da teologia do século XIX”. Após esse período, Pannenberg é convidado a ministrar a disciplina de teologia sistemática no Seminário luterano de Wuppertal, no período de 1958 a 1960. Neste Seminário, ele convive com Jürgen Moltmann, como seu colega de ofício⁶⁴.

Ele publica um artigo programático sob o título de *Acontecer salvífico e história (Avvenimento di salvezza e storia)* em 1959, no qual demarca claramente a

⁶² Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

⁶³ Cf. D. P. FULLER. A New German theological Movement. *Scottish Journal of Theology*, v. 19, n. 2, jun. 1966. p. 160. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 82

⁶⁴ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XIII; G. ACCORDINI, op. cit., p. 11.

sua ruptura com o pensamento de Karl Barth e da teologia existencial de Rudolf Bultmann, pois para ele a história é o horizonte hermenêutico de toda a teologia⁶⁵.

Pannenberg se opõe à teologia de Bultmann, porque este destitui o sentido de história na historicidade da existência, pois desconsidera o evento Jesus Cristo como dado objetivo e real, em detrimento da experiência subjetiva do sujeito. Também se opõe à teologia de Barth, porque este, recebendo a influência da perspectiva do supra histórico da teologia histórico-salvífica de Hoffmann, desconsidera a história simplesmente como *bruta facta*. Com isso a teologia da história da salvação é como se fosse uma supra história, que culmina em uma teologia sem análise histórico-crítica⁶⁶.

Nos anos de 1959 e 1961, Pannenberg publica um texto chamado “Was ist der Mensch?”⁶⁷, que foi publicado em espanhol com o título *El Hombre como Problema – Hacia una antropología teológica*⁶⁸. Esse texto foi produzido a partir das diversas aulas que ministrou sobre a matéria de antropologia teológica nas cidades de Wuppertal e Mainz, no qual fez um apanhado minucioso sobre os diversos aspectos da antropologia na atualidade⁶⁹.

Pannenberg ganha em 1961, no mesmo ano da publicação do texto *Revelação como história* do Círculo de Heidelberg, a sua primeira cátedra de teologia sistemática na Universidade de Maguncia⁷⁰. A sua aula inaugural tem como título *A crise do ético e a teologia*⁷¹.

A publicação dos estudantes do Círculo de Heidelberg demarca, claramente, como já visto, uma ruptura com o pensamento teológico vigente, pois asseverava

⁶⁵ Cf. W. PANNENBERG. “Heilsgeschichten und Geschichte” In: id., Grundfragen systematischer Theologie, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967, 22-78. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 84; J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.; G. ACCORDINI, loc. cit.

⁶⁶ Cf. W. PANNENBERG. “Heilsgeschichten und Geschichte”, 22. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 84.

⁶⁷ Cf. W. PANNENBERG. Was ist der Mensch? Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1962. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 85.

⁶⁸ Cf. W. PANNENBERG. El Hombre como Problema. Hacia una antropología teológica. Barcelona: Herder, 1976.

⁶⁹ Cf. M. A. SANTANA, op. cit., p. 86.

⁷⁰ Cf. W. Pannenberg. et. al. Offenbarung als Geschichte, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1965. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 84; R. H. PINAS. Deus na Pessoa Humana Segundo Wolfhart Pannenberg. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, orientador: Mário de França Miranda, 2007, p. 22.

⁷¹ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XII-XIII; G. ACCORDINI, op. cit., p. 11.

que a revelação de Deus no Antigo Testamento só pode ser assimilada como a autorrevelação direta de Deus, e esta revelação no Novo Testamento só pode ser assimilada na pessoa de Jesus Cristo⁷².

Contudo, especificamente, para Pannenberg, essa compreensão da revelação de Deus nos Testamentos é diferente, isto porque “segundo os testemunhos bíblicos, a autorrevelação de Deus não se realizou de forma direta, algo como na forma de uma teofania, senão indiretamente, através das obras de Deus na história”⁷³.

Pannenberg começa a desenvolver a sua perspectiva metafísica, dentro da teologia, no texto denominado *Contingência e lei natural*, apresentado em 1962 no Círculo de Teólogos e Científicos de Karlsruhe, na Alemanha⁷⁴.

Ainda no ano de 1962, Pannenberg realizou várias palestras na rádio, sobre a temática da antropologia, com o título: *O homem como problema. Rumo a uma antropologia teológica*, que foram publicadas no ano de 1976⁷⁵.

Após a publicação do texto do Círculo de Heidelberg, Pannenberg também ganha repercussão internacional, principalmente, na Europa e nos EUA. Ele passa a frequentar com certa assiduidade algumas universidades nos EUA, por convite das mesmas. E isso se dá por ocasião dos ambientes teológicos que estavam interessados no desenvolvimento de uma teologia sistemática em diálogo com as ciências modernas⁷⁶.

Nesse sentido, podemos dizer que uma das características centrais da teologia de Pannenberg é a sua escolha pelo diálogo com a razão ilustrada⁷⁷. Sendo assim, a sua teologia busca, dentre outros objetivos, uma justificação racional para a verdade da fé e, por isso, é considerada uma teologia pós-iluminista, em sua estrutura, e não exclusivamente cronológica ou intencional⁷⁸.

⁷² Cf. D. P. FULLER, op. cit., p. 160-161; M. FRAIJÓ, op. cit., p. 31-32. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 84.

⁷³ Cf. W. PANNENBERG, *Wolfhart, Rivelazione como Storia*, 163. In: M. A. SANTANA, loc. cit.

⁷⁴ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XIII.

⁷⁵ Cf. *Ibid.*, p. XIV-XV.

⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p. XIII.

⁷⁷ Cf. A. T. QUEIRUGA. *La Teoria de Revelación en Wolfhart Pannenberg*. *Estudios Eclesiásticos*, v. 59, n. 229, 1984, p. 142. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 85.

⁷⁸ Cf. R. GIBELLINI, op. cit., p. 67. In: M. A. SANTANA, loc. cit.

Durante o período em que foi professor na Universidade de Maguncia, Pannenberg foi convidado para lecionar nas universidades de Chicago (no ano de 1963), de Harvard (no ano de 1966) e de Claremont School of Theology (no ano de 1967)⁷⁹.

Nessas aulas, Pannenberg expõe a continuidade do seu pensamento, que foi inicialmente formulado no texto do *Acontecer salvífico e história*, já que ressaltava a teologia como um discurso humano e, por isso, não pode se estabelecer em uma palavra, em detrimento de toda a história da humanidade. Assim, ele mostra que o fundamento na *palavra* não é um argumento capaz de corresponder às expectativas da ética e da crise de valores da idade moderna, e sim o fundamento na *história*⁸⁰.

A primeira experiência de Pannenberg em solo norte americano foi no ano de 1963, ocasião em que foi chamado para ser professor convidado na Universidade de Chicago. Essa experiência lhe rendeu um encontro com a filosofia processual de Alfred North Whitehead, o que lhe proporcionou um estímulo para o desenvolvimento das implicações metafísicas de sua visão teológica⁸¹.

Em 1964, Pannenberg publica sua obra chamada *Fundamentos de Cristologia*⁸², no qual apresenta a sua visão teológica, propriamente dita; e esta obra está em total conexão com a sua perspectiva demonstrada no texto *A revelação como história*, pois é a consolidação e o desenvolvimento das ideias esboçadas neste último. Isto porque, toda a teologia deve estar fundamentada na automanifestação de Deus em Jesus Cristo, segundo Pannenberg⁸³.

Ainda, nesta obra, Pannenberg busca demonstrar que a responsabilidade atual da cristologia é “por um lado, com as tensões intrínsecas da doutrina cristológica tradicional e, por outra, com a investigação histórica acerca de Jesus”⁸⁴.

⁷⁹ Cf. G. ACCORDINI, loc cit.

⁸⁰ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit, 1992, p. XIII.

⁸¹ Cf. Ibid., loc. cit.

⁸² Cf. W. PANNENBERG. Grundzüge der Christologie, Gütersloh: GütersloherVerlagshaus Gerd Mohn, 1964. In: M. S. SANTANA, op. cit., p. 86.

⁸³ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XIII-XIV.

⁸⁴ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 1964, p. 10. In: M. A. SANTANA, loc. cit.

Esta automanifestação de Deus na pessoa de Jesus Cristo tem-se dado na linguagem ou em palavras por meio da história, de uma história humana real e concreta, no qual pode ser percebida pela vida e história de Jesus de Nazaré⁸⁵.

Com isso, a teologia pode responder aos questionamentos do ser humano moderno, de modo que a automanifestação de Deus não é uma conversa de alguém consigo mesmo, sem interação de outra pessoa, mas é uma ação situada historicamente pela Trindade na vida dos seres humanos. Portanto, a metodologia teológica de Pannenberg versará sobre a ascendência, ou seja, uma teologia construída a partir de *baixo*⁸⁶.

A este pensamento, exposto por Pannenberg nessas obras, Karl Barth se opõe dizendo, por meio de carta, que Pannenberg está escrevendo pura *antropologia* e, por isso, Jesus de Nazaré não pode ser o Cristo esperado e prometido em todo o Antigo Testamento: *o filho da paz e da promessa*⁸⁷.

No ano de 1965, Pannenberg apresenta uma Conferência intitulada *Manifestação como chegada do futuro*, na Sociedade Filosófica de Basileia; essa conferência será um marco para o desenvolvimento da abordagem escatológica, denominada por ele, nesse momento, como uma *ontologia do futuro*. É nesse momento histórico que podemos identificar a presença do teólogo processual John B. Cobb na Universidade de Maguncia, e que também se integra ao Círculo de Heidelberg⁸⁸.

Pannenberg continua a refletir sobre a temática da Cristologia, que iniciou em 1964 com a publicação de seu importante texto na área. Com o passar dos anos, ele realiza correções no seu projeto teológico-cristológico, que refletem muito bem a sua herança teológica, quanto ao pensamento de Karl Barth. Contudo, isso não exime o pensamento de Pannenberg do avanço e da superação em relação ao pensamento de Karl Barth. Isso só demonstra que seu pensamento está se desenvolvendo e amadurecendo⁸⁹.

⁸⁵ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XIV.

⁸⁶ Cf. R. GIBELLINE, op. cit., 1980, p. 287-288. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 83.

⁸⁷ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XIV

⁸⁸ Cf. Ibid., p. XIII.

⁸⁹ Cf. Ibid., loc. cit.

No ano de 1967, Pannenberg publica a obra *Theology and the Kingdom of God*⁹⁰, publicada em espanhol com o título *Teología y Reino de Dios*⁹¹, que foi um primeiro esboço após a sua obra em 1964, que demonstra a sua maturidade teológico-cristológica, bem como, da sua perspectiva escatológica⁹². Neste texto, Pannenberg tem como ideia central o futuro do reino de Deus antecipado no evento histórico de Jesus Cristo, e isso não é pressuposto para se distanciar da história dos homens, pelo contrário, é um acontecimento histórico libertador, que conduz a história dos homens em direção ao *eschaton* definitivo⁹³.

Esta publicação foi realizada primeiro no idioma inglês e não no alemão, sua língua de origem. Já que foi fruto de várias aulas ministradas nas Universidades de Harvard, Claremont (Califórnia) e em diversos lugares nos EUA, nos anos de 1966 e 1967, abarcando a temática sobre Deus, a igreja e a ética. Neste período, Pannenberg teve a oportunidade de se encontrar com Reinhold Niebuhr, Abraham Joshua Heschel e Richard John Neuhaus⁹⁴.

Ao voltar para a Alemanha, após o período de ministração de aulas nos anos de 1967 e 1968 nos EUA, Pannenberg tomará posse de sua nova cátedra na recentemente fundada Faculdade de teologia evangélica da Universidade de Munique. Neste mesmo momento, ele será convidado para ser diretor do Instituto de Teologia Fundamental e Ecumenismo. É a partir desta ocasião que ele inicia seus trabalhos sobre as questões ecumênicas⁹⁵. Nesse período, Pannenberg trabalha, colabora e faz amizade com os teólogos católicos Heinrich Fries (alemão) e Karl Josef Erich Rahner (sacerdote católico jesuíta de origem germânica)⁹⁶. Ele mais tarde produzirá vários artigos de interesse ecumênico e participará da Comissão Internacional de diálogo luterano-católico.

⁹⁰ Cf. W. PANNENBERG. *Theology and the Kingdom of God*, Philadelphia: Westminster Press, 1967. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 86.

⁹¹ Cf. W. PANNENBERG. *Teología y Reino de Dios*. Salamanca: Sigueme, 1974.

⁹² Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

⁹³ Cf. W. PANNENBERG, 1974, op. cit., p. 9.

⁹⁴ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

⁹⁵ Cf. Ibid., loc. cit. Exemplos de publicações deste período da vida de Pannenberg pode ser visto em: *Ética e eclesiologia*, e *O ministério eclesiástico a partir da perspectiva luterana*. Também Accordini chama atenção para a atuação ecumênica de Pannenberg. Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 11.

⁹⁶ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

Pannenberg continua o seu trabalho como pesquisador, aprofundando e expandindo o seu conhecimento em estudos sobre método teológico. Isso pode ser visualizado na publicação, no ano de 1973, sob o título de *Wissenschaftsheorie und Theologie*⁹⁷, que é a sua *Teoria da ciência e teologia*⁹⁸.

Para Pannenberg, a teologia é a ciência de Deus, cuja natureza intrínseca está no questionamento da verdadeira realidade de Deus. A partir desse princípio é que podemos justificar a teologia como legítima para o conhecimento acadêmico no contexto da sociedade moderna, em que o ser humano se torna cada vez mais científico e secular⁹⁹.

É com esse princípio, dentro deste contexto, que o teólogo deve comunicar Deus por meio da história, isto porque Deus se revela à humanidade de modo indireto, por meio de todas as coisas, já que Deus é a “realidade que tudo determina”¹⁰⁰.

Apesar do foco que Pannenberg estabeleceu com o estudo e o desenvolvimento do seu método teológico, esse percurso não pode ser compreendido sem sua dedicação, em paralelo, de seu sistema dogmático, no qual está incluída a sua atenção sobre as questões antropológicas.

Com isso, Pannenberg, após ter concluído a sua grande obra sobre o estatuto científico da teologia, direciona a sua atenção e foco para a antropologia; e esta será para ele o elemento básico da teologia fundamental. Como resultado desse trabalho empreendido sobre a antropologia, ele realiza uma importante conferência em Valência sobre *Antropologia cristã e personalidade*, em 1975¹⁰¹.

Pannenberg ainda ministrou cursos em Claremont (onde já havia realizado um curso em 1966) e na Inglaterra, nos anos de 1975 e 1976. No ano de 1978, ele

⁹⁷ Cf. W. PANNENBERG. *Wissenschaftsheorie und Theologie*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1973. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 87.

⁹⁸ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

⁹⁹ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 1973, p. 209-303. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 88.

¹⁰⁰ Cf. W. PANNENBERG, 1973, op. cit., p. 304. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 88-89.

¹⁰¹ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XIV-XV.

publica o trabalho denominado de *Die Bestimmung des Menschen*¹⁰², com o tema sobre *O destino de homem*.

Todo o esforço empreendido por Pannenberg nos últimos anos, sobre a temática da antropologia, por meio de palestras, estudos e pesquisas, irá culminar na sua obra monumental denominada *Antropologia*, publicada no ano de 1983. O objetivo desta obra é apresentar como o homem é *naturalmente religioso*. E, a partir desse conceito, pode-se conceber um lugar para a *ideia de Deus* nos mais variados setores e áreas em que o homem (concebido como a criatura principal ou coroa da criação) desenvolve a sua vida¹⁰³.

Nesse sentido, o homem como criatura é analisado por Pannenberg, nos seus aspectos biológico, cultural e social, bem como pelos campos de constituição de sua identidade pessoal¹⁰⁴. Contudo, para saber *quem é o homem*, que foi o objetivo de sua obra intitulada *O Destino do Homem*, é preciso saber, primeiro, qual o sentido da existência humana. Então, Pannenberg responde: “o cristianismo tem procurado a resposta a essa pergunta acerca da essência do homem à luz de seu destino que se revelou em Jesus Cristo”¹⁰⁵.

Nos anos de 1985 e 1988, Pannenberg retorna aos EUA, na Universidade de Chicago para refletir, em suas conferências, sobre a relação da teologia com as modernas ciências naturais. Em 1988, amigos, críticos e discípulos norte-americanos homenageiam Pannenberg pelo seu aniversário de sessenta anos¹⁰⁶.

Todas as suas obras publicadas até esse momento podem ser pensadas como a construção de um caminho para a sua mais importante obra, qual seja, a *Teologia Sistemática*. Nos anos seguintes, entre 1988 e 1994, Pannenberg publica os seus três volumes de *Teologia Sistemática*, que é o ápice do seu trabalho teológico. Esses três volumes, certamente, são uma das maiores construções teológicas do século vinte.

¹⁰² Cf. W. PANNENBERG. *Die Bestimmung des Menschen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1978. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 89.

¹⁰³ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XV;

¹⁰⁴ Cf. Ibid., loc. cit.

¹⁰⁵ Cf. W. PANNENBERG. *El Destino del Hombre*, Salamanca: Sigueme, 10. In: M. A. SANTANA, op. cit., p. 89.

¹⁰⁶ Cf. Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, loc. cit.

A *Teologia Sistemática* de Pannenberg conseguiu proeminência no mundo e foi traduzida para diversas línguas, proporcionando, assim, uma síntese da fé cristã, bem fundamentada nos textos da Bíblia, em conexão com os desdobramentos da história da teologia e as principais correntes teológicas, com abertura a outras religiões e a outros campos do conhecimento.

2.4

Consideração geral sobre a obra de Wolfhart Pannenberg

Wolfhart Pannenberg, em sua produção teórica, possuía em 1996 mais de 550 textos publicados. Isto demonstra, claramente, a sua extensa dedicação na pesquisa teológica. Esse percurso tem seu princípio no ano de 1953¹⁰⁷.

Importante destacar que a produção teórica de Pannenberg compreende, para além dos temas restritos à Teologia, o diálogo profícuo com outras áreas do saber, principalmente, as ciências sociais; e aborda, de um modo geral, a teologia fundamental, a cristologia, o discurso sobre Deus, teologia moral, teologia espiritual, ecumenismo e a teologia prática.

No que diz respeito à temática e às discussões acerca do Ecumenismo, há uma contribuição significativa de Pannenberg. Ele participou colaborando ativamente com o grupo ou o círculo de diálogo ecumênico de teólogos protestantes e católicos¹⁰⁸. Ele fez parte da Gestão Científica durante dezoito anos, dos anos 1980 a 1998¹⁰⁹.

¹⁰⁷ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 11.

¹⁰⁸ Este grupo é chamado de “Círculo de Jaeger-Stählin”, porque Lorenz Kardinal Jaeger (cristão católico) e Wilhelm Stählin (cristão protestante) foram fundadores do grupo no ano de 1946, período pós Segunda Grande Guerra Mundial. Esse grupo contribuiu para a discussão conjunta entre teólogos católicos e protestantes a fim de promover um diálogo proveitoso e útil entre os cristãos sobre o Ecumenismo.

¹⁰⁹ Nesse período, Pannenberg produziu uma importante literatura para fortalecer e difundir as discussões acerca do Ecumenismo. Cf. W. PANNENBERG; T. SCHNEIDER (Hrsg.): *Verbindliches Zeugnis*. Band 1: *Kanon, Schrift, Tradition* (= *Dialog der Kirchen* 7). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1992; *Verbindliches Zeugnis*. Band 2: *Schriftauslegung, Lehramt, Rezeption* (= *Dialog der Kirchen* 9). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1995; *Verbindliches Zeugnis*. Band 3: *Schriftverständnis und Schriftgebrauch* (= *Dialog der Kirchen* 10). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1998; K. LEHMANN; W. PANNENBERG (Hrsg.): *Lehrverurteilungen – kirchentrennend?* Band 1: *Rechtfertigung, Sakramente und Amt im Zeitalter der Reformation und heute* (= *Dialog der Kirchen* 4). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1988;

Um levantamento feito por Heyner D. H. Díaz, em 2012, sobre a produção teórica de Pannenberg até o ano de 2000, mostra que Pannenberg possuía 644 textos publicados¹¹⁰.

Em um trabalho mais recente de Gunther Wenz, intitulado *Bibliographie der Veröffentlichungen W. Pannenberg's 1953 –2014*, publicado no ano de 2015¹¹¹, mostra-se que Pannenberg possuía até o ano de 2014 – que também foi o ano de sua morte – 754 publicações. Várias de suas obras foram traduzidas para outros idiomas. Verificamos na pesquisa de Wenz referências para nove idiomas, quais sejam: alemão, inglês, italiano, francês, espanhol, português, japonês, romeno e húngaro. E algumas chegaram a diversos países de uma mesma língua¹¹².

Toda a sua produção teórica se reveste de importância quando, ao lado de outros teólogos do século XX, pode influenciar na maneira de como fazer teologia na sociedade moderna, e uma teologia acessível para o ser humano moderno, o que

Lehrverurteilungen – kirchentrennend? Band 2: Materialien zu den Lehrverurteilungen und zur Theologie der Rechtfertigung (= Dialog der Kirchen 5). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1989; Lehrverurteilungen – kirchentrennend? Band 3: Materialien zur Lehre von den Sakramenten und vom kirchlichen Amt (= Dialog der Kirchen 6). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1990; Lehrverurteilungen – kirchentrennend? Band 4: Antworten auf kirchliche Stellungnahmen (= Dialog der Kirchen 8). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1994. Há ainda uma importante obra de Pannenberg sobre a temática do ecumenismo publicada nesse período, cf. W. PANNENBERG. Unity of the Church – Unity of human kind: A critical appraisal of a shift in ecumenical direction. *Mid-Stream*, n. 2, p. 486-490, 1982. No entanto, a perspectiva, a produção textual e a luta ecumênica de Pannenberg não se restringe a esse período histórico, continua até o fim da sua vida, cf. W. PANNENBERG. Catechism of the Catholic Church: an Evangelical View point. *Pro Ecclesia*, v. IV, n. 1, p. 49-58, s.d; Ecumenical tasks in relationship to the Roman Catholic Church. *Pro Ecclesia*, v. XV, n. 2, p. 161-171, spr. 2006; e Must the Churches continue to condemn each other? *Pro ecclesia*, v. II, n. 4, p. 404-423, 20 may. 1992. E ainda, outros autores escreveram sobre a importância do pensamento teológico de Pannenberg sobre a temática do ecumenismo, cf. GRENZ, Stanley J. *Sacramental Spirituality, Ecumenism, and Mission to the World: Foundational Motifs of Pannenberg's Ecclesiology*. *Mid-Stream*, n. 30, p. 20-34, 1991.

¹¹⁰ Cf. H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, op. cit., p. 34-75. A fonte que H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, utilizou para obter essa informação não está mais disponível, que podia ser encontrada em *Universidad de Munich. Bibliographie der Veröffentlichungen von Wolfhart Pannenberg 1953-2000*, acessível em <<http://www.st-foe.evtheol.uni-muenchen.de/personen/pannenberg/publikationen/index.html>>.

¹¹¹ Cf. WENZ, Gunther (Hg.). *Eineneue Menschheit darstellen. Religionsphilosophie als Weltverantwortung und Weltgestaltung. Eröffnung der Wolfhart Pannenberg-Forschungsstelle an der Münchener Hochschule für Philosophie, Philosophische Fakultät SJ. Pannenberg-Studien - Band 001*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015, p. 203-250.

¹¹² Essas informações, assim como o texto citado na nota anterior, tiveram como base o trabalho preliminar realizado por Bernd Burkhard, Friederike Nüssel e Miriam Rose. Essas informações foram reunidas pelo esforço de Stefan Beck e publicadas no trabalho *Bibliographie der Veröffentlichungen von Wolfhart Pannenberg*. *Kerygma e Dogma*, v. 54, n. 3, p. 159- 236, 2008. Esse trabalho, mais a dedicação de Dennis Stammer, reuniu e catalogou todas as 754 publicações de Wolfhart Pannenberg, exposta no trabalho citado na nota anterior, divididas por ordem cronológica de publicação.

lhe rendeu alcance e repercussão internacional. A produção teológica de Pannenberg é peculiar em suas características e relevante para a sociedade, e não somente para os cristãos.

A partir do início da década de 1960, Pannenberg em conjunto com outros teólogos, como visto no início desse capítulo, traz uma nova perspectiva para a teologia europeia, que depois se espraia para outras regiões do mundo, que é a *Revelação como história*. Nessa perspectiva percebemos dois traços marcantes do pensamento de Pannenberg, quais sejam: “redescoberta e revalorização da ciência histórica para a hermenêutica teológica” e a “impressionante interdisciplinaridade e disponibilidade em dialogar com outras ciências do espírito e com as ciências naturais, no interesse da fé cristã”¹¹³.

Para Pannenberg, em sua perspectiva histórica e interdisciplinar, o importante é analisar os fatos históricos, em conjunto com o diálogo com as diversas disciplinas, para se chegar ao entendimento do Deus que é criador e mantenedor de toda a realidade existente.

A prolepse é uma categoria fundamental para se entender o pensamento de Pannenberg. Já que a antecipação é o aspecto central do conhecimento do Deus que se revela na história da humanidade¹¹⁴. Logo na primeira edição da importante obra coletiva publicada no ano de 1961 denominada de *Revelação como história*, Pannenberg se utiliza do termo técnico “prolepse” para construir seu pensamento teológico¹¹⁵.

Esse termo é importante para Pannenberg, porque é por meio dele que se pode entender a revelação de Deus na história pelo evento Jesus Cristo. Ou seja, a ressurreição de Jesus Cristo como a prolepse, a antecipação do destino e do fim da história apreendida a partir de sua vida.

Este termo não foi usado pela primeira vez nesse texto supracitado, mas em seu texto *Salvação e história*, publicado no ano de 1959. Nesse texto, Pannenberg,

¹¹³ Cf. M. ZEUCH. Os sinais do Reino: a eclesiologia e sacramentologia de Wolfhart Pannenberg. CAESURA. Revista crítica de Ciências Sociais e Humanas, jan./jun. 1996, n. 8, p. 77-90. Canoas: ULBRA, 1996, p. 77.

¹¹⁴ Cf. R. D. PASQUARIELLO. Pannenberg's Philosophical Foundations. The Journal of Religion, v. 56, n. 4, oct. 1976, p. 338; M. ZEUCH, op. cit., p. 78

¹¹⁵ Cf. W. PANNENBERG. et. al, op. cit., 1965, p. 106. In: R. D. PASQUARIELLO, loc. cit.

ao falar do evento Jesus Cristo a partir da categoria prolepse, o identifica com a antecipação do fim da história e não como um evento no meio da história¹¹⁶.

Diante de uma produção teológica notável e relevante para diversos segmentos da sociedade, e não só para o pensamento teológico, apresentaremos alguns depoimentos acerca da teologia e da pessoa de Wolfhart Pannenberg.

De acordo com o teólogo britânico Geoffrey John Wainwright, que foi professor da Universidade de Duke, Pannenberg é um grande teólogo e trabalha de uma forma não familiar a teologia desenvolvida por outros autores. Wainwright depõe acerca de um dos textos de Pannenberg

sua inteligência formidável e sua vasta erudição são colocados a serviço de uma introdução para alunos iniciantes ou para o leigo que precisa ser convencido da importância vital da teologia. Para os profissionais constitui uma intimação, no contexto intelectual do nosso tempo, em que o autor considera a tarefa perene de teologia sistemática – a construção crítica dos modelos coerentes de realidade que, pelo menos, tornam plausível a confissão cristã de Deus uno e trino como o criador, redentor e salvador final do mundo¹¹⁷.

Ted Peters, um teólogo luterano e professor de Teologia Sistemática do Seminário Teológico Luterano do Pacífico, declara que Pannenberg recebeu um dom de Deus e que esse dom foi precioso para o mundo da teologia cristã, e ainda declara que Pannenberg foi um titã continental da teologia sistemática protestante¹¹⁸.

O filósofo americano Philip Clayton descreveu Pannenberg como o maior teólogo da segunda metade do século XX, descreveu e acrescentou que nele se encontra resposta para quase qualquer assunto:

se você lhe fizer uma pergunta sobre praticamente qualquer assunto teológico, você terá uma resposta espontânea de cinco minutos, em que ele vai discorrer sobre textos bíblicos, teologia bíblica, patrística, escolástica, pensadores da Reforma e teologia moderna, com uma exposição detalhada de que os filósofos, historiadores e cientistas seculares haviam escrito sobre o assunto¹¹⁹.

¹¹⁶ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 1967, p. 29. In: R. D. PASQUARIELLO, op. cit., p. 338.

¹¹⁷ Cf. depoimento de Geoffrey John Wainwright na contracapa de um livro de Pannenberg, na seguinte publicação: W. Pannenberg, 1992, op. cit.

¹¹⁸ Cf. T. PETERS, op. cit., 2014.

¹¹⁹ Cf. P. CLAYTON, op. cit., 2014.

Richard John Neuhaus, foi o fundador e editor chefe da revista *First Thing: A Monthly Journal of Religion and Public Life*, ele declara que a produção de Pannenberg tem a função de liderança na renovação intelectual do cristianismo:

a teologia sistemática não é apenas uma preocupação de especialistas acadêmicos, mas é parte integrante da vida cristã. Ele está pensando completamente, com cuidado e de forma coerente, a verdade da proposição cristã. Sua produção teórica é mais uma prova do papel de liderança da Pannenberg na renovação intelectual do Cristianismo em nosso tempo¹²⁰.

O teólogo luterano americano Carl E. Braaten, que foi professor da Escola Luterana de Teologia em Chicago, se refere ao contributo de Pannenberg até a publicação de sua Teologia Sistemática em 3 volumes, pois nela os horizontes se abrem:

as suas obras são uma antecipação do estilo e substância da obra magna de Wolfhart Pannenberg, a Teologia Sistemática de três volumes, aqui vemos como o autor abre a disciplina de amplos horizontes do pensamento filosófico, histórico e científico. No momento em que muitos pensadores religiosos estão se rendendo a um neotribalismo em que alguns marca distintiva da identidade, tais como sexo, cor, classe ou ideologia, domina toda a empresa teológica, Pannenberg traz as doutrinas da fé cristã para o fórum da universal consciência da verdade, buscando sem exceções ou privilégios especiais de antemão, ou secretamente pressupondo alguma área presumidamente invulnerável¹²¹.

O teólogo luterano alemão Eberhard Jüngel, considerado por Matinez Camino um dos críticos mais sistemáticos e inteligentes da teologia de Pannenberg, declara em um dos seus textos sobre a obra Teologia Sistemática de Pannenberg que “quem acredita que pode fazer melhor, terá que dar uma contribuição pelo menos deste porte”¹²².

Matinez Camino apresenta algumas declarações de outros autores sobre a obra de Teologia Sistemática de Pannenberg. O teólogo católico e cardeal alemão Gerhard Ludwig Müller, que é Presidente da Pontifícia Comissão Ecclesia Dei, Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e Presidente da Comissão Teológica

¹²⁰ Cf. depoimento de Richard John Neuhaus na contracapa de um livro de Pannenberg, na seguinte publicação: W. PANNENBERG, op. cit., 1992.

¹²¹ Cf. depoimento de Carl E. Braaten na contracapa de um livro de Pannenberg, na seguinte publicação: W. PANNENBERG, 1992, op. cit.

¹²² Cf. JÜNGEL, Eberhard. Nihil divinitatis, ubi non fides. Ist christliche Dogmatik in rein theoretischer Perspektive möglich? Bemerkungen zu einem theologischen Entwurf von Rang: Zeitschrift für Theologie und Kirche, n. 86, p. 204-235, 1989. In: J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., p. IX.

Internacional, disse acerca da obra Teologia Sistemática de Pannenberg que é “o melhor que foi produzido na teologia evangélica contemporânea”¹²³.

O líder luterano americano e teólogo ecumênico Robert W. Jenson disse que a obra de Teologia Sistemática de Pannenberg “será uma das poucas contribuições deste século [está se referindo ao século XX] que passarão a formar parte permanente do longo trabalho da igreja na identificação e interpretação do Deus do Evangelho”¹²⁴.

O teólogo católico americano Francis Schüssler Fiorenz comenta sobre a obra Teologia Sistemática de Pannenberg, dizendo que é “uma obra monumental de tal profundidade que representa um marco na teologia sistemática”. E ainda, o teólogo protestante americano John B. Cobb diz que “provavelmente a melhor teologia sistemática de sua geração”, referindo-se à obra Teologia Sistemática de Pannenberg¹²⁵.

De um modo geral podemos definir o teólogo Wolfhart Pannenberg como um notável pensador do século XX. Tal característica se afirma diante de uma extensa produção teórica que ultrapassa o escopo dos temas teológicos e adentram temas da sociedade moderna.

Sua característica peculiar é o seu diálogo aberto e amistoso com as outras ciências, advogando, para a teologia, o seu lugar como ciência, e assim, passível de ser pensada e refletida na e a partir da sociedade.

Pannenberg, nesse sentido, foi um pensador importante para a sua época e que tem sua relevância ecoando até os dias de hoje. Por meio do seu modelo de pensamento interdisciplinar, Pannenberg marca a forma de fazer teologia de uma maneira que apresente um cristianismo autêntico – justificável, coerente e aceitável diante das outras ciências e da sociedade moderna¹²⁶.

¹²³ Cf. G. L. MÜLLER. Pannenberg's Entwurf einer systematischen Theologie. Theologische Revue, v. 86, n. 1, 1990, p. 8. In: W. PANNENBERG, op. cit., p. IX.

¹²⁴ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., loc. cit.

¹²⁵ Cf. Ibid.

¹²⁶ Cf. W. PANNENBERG. The contribution of Christianity to the modern world. Cross Currents, n. 25, p. 357-366, win. 1975.

Para isso, Pannenberg recorre ao tema nefrágico de seu pensamento: *Revelação como História*. Em que esta revelação de Deus à humanidade se fez concreta na pessoa de Jesus Cristo. Esta revelação, que ele considera como uma ação divina, está diretamente ligada ao destino de toda a criação. Deste modo, a sociedade atual é uma dimensão provisória que, por meio de Jesus Cristo, aponta para o reino vindouro de Deus, um futuro permanente e definitivo.

Portanto, Pannenberg diante do contexto de transformações vividas no século XX, marcado pelo pensamento ilustrado, realiza uma tarefa fundamental: tornar o cristianismo inteligível na sociedade moderna. E para entender essa sua tarefa fundamental, falaremos no próximo capítulo sobre o seu pensamento.

3

O tema da Igreja na Teologia Sistemática de Pannenberg

Na obra de Teologia Sistemática, em três volumes, que é uma extraordinária síntese teológica, feita por Wolfhart Pannenberg, a qual foi gestada por várias décadas de publicações, estudos, pesquisas, aulas e conferências¹²⁷, o autor consegue escrever, de uma forma contundente, sobre o conjunto da teologia cristã.

No primeiro volume, Pannenberg dedica sua atenção às questões da teologia fundamental; no qual discute sobre a noção da verdade cristã; e ainda, reflete sobre a relação da noção da verdade cristã com a noção de Deus.

No segundo volume, Pannenberg irá discorrer sobre a comprovação do conceito cristão de Deus, um estudo que não foi convenientemente analisado pela teologia mais recente; e isso ele faz no diálogo com as principais correntes teológicas, com outras religiões e com outros campos do conhecimento.

No terceiro e último volume, Pannenberg expõe a sua eclesiologia (a doutrina da igreja), em uma perspectiva pneumatológica (a doutrina do Espírito Santo) e escatológica (a doutrina das últimas coisas), já que a igreja é fortalecida e vivificada pelo Espírito Santo e é representação do reino vindouro de Deus.

Para exemplificar o pensamento de Pannenberg, este trecho de seu pronunciamento na Faculdade de Teologia Sankt Georgen de Frankfurt do Main é esclarecedor e revela o quanto ele está preocupado em dialogar com o pensamento do século XX e com outras religiões,

O Islam acredita que o cristianismo tem se mostrado incapaz de dar à existência dos homens uma configuração e uma carga de sentido com base na força da fé no único Deus e de acordo com Ele. Eles pensam que o cristianismo foi capitulado frente ao secularismo e que as doutrinas cristãs sobre o pecado, a culpa e o perdão já não podem funcionar como um meio de acesso à experiência religiosa¹²⁸.

¹²⁷ A proposta do percurso histórico da vida e obra de Wolfhart Pannenberg – infância e adolescência, sua juventude e iniciação na vida universitária, e a sua carreira como pesquisador, escritor e professor de teologia – empreendida no segundo capítulo desse trabalho, foi demonstrar o quanto rica, profunda e densa é sua obra *Teologia Sistemática*. Ela não é somente mais uma obra deste autor, mas a representação de uma vida dedicada à Teologia.

¹²⁸ Cf. W. PANNENBERG. Eine philosophisch-historische Hermeneutik des Christentums. *Theologie und Philosophie*, v. 66, 1991, p. 482. In: J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XVI.

Deste modo, podemos perceber nessas suas palavras, características fundamentais de seu pensamento, que fazem parte de suas obras como um todo: o seu interesse prático e não somente acadêmico, a sua ênfase na religião como um fenômeno histórico e o seu enfrentamento explícito ao pensamento da cultura secularista moderna.

A sua produção acadêmica, que demonstra qualidade de conteúdo e uma seriedade no empenho metódico, procura responder perguntas fundamentais sobre Deus, sobretudo, perguntas feitas pelo ser humano moderno.

Para tal, a sua produção vai além dos limites da academia, e aceita com coragem e determinação a difícil tarefa da “comunicação universal por meio do debate público, da publicação pela imprensa e do confronto contínuo e empenhado sobre os problemas práticos da democratização da sociedade e da unidade entre as igrejas”¹²⁹.

Algumas vezes, os críticos dirão que Pannenberg é excessivamente teórico, sem conhecimento prático de causa, e que não se propõe a contribuir para a transformação da sociedade. No entanto, essa crítica não é correta e não se sustenta diante de seus leitores mais atentos.

Pannenberg tem, dentre muitas preocupações, dar “sentido a existência do ser humano de acordo com a força da fé no único Deus”. E isso é perceptível nas dezenas de páginas escritas sobre a relevância social e política da fé, e a teologia do direito¹³⁰.

Ele parte da práxis religiosa, como objeto da teologia, para pensar a vida dos homens com seus deuses. Pois, para Pannenberg a práxis religiosa é um “fator social de inegável relevância para o modo de viver e de organizar a sociedade”¹³¹.

Com isso, cabe como papel da teologia, por meio da teologia sistemática, ajudar na formação de opinião e na reflexão das religiões históricas sobre as suas

¹²⁹ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 21.

¹³⁰ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 1967.; op. cit., 1974; *Das Glaubensbekenntnis ausgelegt und verantwortet vor den Frängen der Gegenwart*. Hamburg, Siebenstern Taschenbuch Verlag, 1972; *Ethik und Ekklesiologie*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1977; *Antropologie in theologischer Perspektive*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1988. In: G. ACCORDINI, op. cit., loc. cit.

¹³¹ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XVII.

pretensões de verdade. Tendo clareza, que a formação e a reflexão não estão vinculadas ao argumento da autoridade religiosa, senão à tradição e às instituições religiosas¹³².

Para Pannenberg, as religiões supõem a ideia de Deus ou de deuses; o que a cultura secularista moderna rebate, afirmando não ser legítima antropologicamente a ideia de Deus. Para tornar legítima a ideia de Deus, em uma cultura secularista moderna, Pannenberg desenvolve uma teologia a partir da práxis religiosa, que leve em consideração o vasto campo cultural religioso.

Deste modo, a teologia de Pannenberg tem um notável interesse prático, e não pode ser pensada fora da realidade, já que a própria doutrina de Deus está ligada diretamente à práxis religiosa histórica, onde se dá a vivência dos indivíduos e se estabelecem as instituições.

Como vimos no segundo capítulo, a sua vida e toda a sua construção teológica nos apresenta um profícuo pensador, pois tem uma vasta obra que aborda diversos temas, culminando em uma obra de três volumes, qual seja: a sua Teologia Sistemática. Esta obra de Pannenberg é considerada uma das mais importantes do século XX.

A partir do conhecimento de sua vida e de sua construção teológica, neste capítulo procederemos apresentando o tema da igreja na sua obra Teologia Sistemática. Para isso, analisaremos os aspectos básicos de teologia do autor. Apresentaremos as considerações do autor acerca da necessidade de uma teologia sistemática. Apresentaremos as considerações do autor acerca da sua eclesiologia. E, por fim, faremos algumas indicações dos assuntos tratados nos três volumes de sua obra Teologia Sistemática e, nessa obra, analisaremos o capítulo sobre a igreja.

¹³² Cf. *Ibid.*, p. XVIII.

3.1 Aspectos básicos da teologia de Pannenberg

A sociedade moderna do século XX é o contexto histórico em que está inserido Pannenberg. A principal característica dessa sociedade é a cultura iluminista, centrada no antropocentrismo¹³³ e no racionalismo¹³⁴, rechaçando qualquer tipo de transcendência metafísica.

Por isso, Pannenberg busca, na maior parte dos seus textos, realizar um esforço na mudança de se fazer teologia, seja no aspecto teórico-hermenêutico ou no debate epistemológico em geral¹³⁵. A fim de que tenha um diálogo aberto e proveitoso com o ser humano moderno.

Desta maneira, a teologia de Pannenberg é uma proposta de reflexão voltada para a história e a verdade. Ou seja, é uma teologia preocupada com a questão da verdade e que considera a revelação dada na história.

É na cultura iluminista que se tem a radicalização da diferença entre os fatos acidentais da história e as verdades necessárias da razão. A teologia fundamenta-se e compreende-se, segundo Pannenberg, nos fatos da história, contudo a teologia não pode assegurar as suas pretensões de verdade universal.

Para Pannenberg, a cultura secularista moderna é um “colosso com pés de barro”¹³⁶, isto porque ela se demonstra forte pela sua herança humanista cristã, no entanto fraca em sua ilusão irreligiosa. Com isso, Pannenberg entende que, pela

¹³³ O antropocentrismo é uma concepção ou doutrina segundo a qual o ser humano é o centro ou a razão da existência do universo, desconsiderando, assim, a existência de Deus e sua participação na criação e manutenção da realidade existente. Cf. N. ABBAGNANO. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982; G. DUROZOI; A. ROUSSEL. *Dicionário de filosofia*. Campinas: Papyrus, 1993; T. R. GILES. *Dicionário de filosofia: termos e filosóficos*. São Paulo: EPU, 1993.

¹³⁴ O racionalismo é uma concepção ou doutrina que tem como objetivo observar e compreender o mundo exclusivamente pela razão, já que todo conhecimento se baseia nos dados fornecidos pela razão, e não pelos sentidos ou pela experiência. Cf. N. ABBAGNANO, op. cit., 1982; G. DUROZOI; A. ROUSSEL, op. cit., 1993; T. R. GILES, op. cit., 1993.

¹³⁵ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 12. O horizonte epistemológico de sua teologia está presente no seu texto *Che cos'è la verità*, no qual a verdade judaica é descendente da promessa e, por isso, de caráter universal-concreto da experiência; e a verdade grega é descendente do rigor lógico da epistemologia e, por isso, de caráter universal-abstrato da teoria pura.

¹³⁶ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XIX.

herança humanista cristã da cultura secularista moderna, é viável apresentar a questão da verdade nela e por meio dela.

Com essa perspectiva, a teologia de Pannenberg pode ser considerada como racional, já que acredita que o ser humano pode conhecer a si mesmo, ao seu mundo e o seu destino. E que também é capaz de esboçar planos gerais para sua própria vida em conexão com o sentido mais amplo de sua vida no mundo.

Embora a teologia de Pannenberg seja racional, isto não significa que ele seja um pensador racionalista ou idealista¹³⁷. Ele identifica na cultura secularista moderna, a partir de sua procedência bíblica e cristã, a possibilidade da fundamentação da experiência religiosa de acordo com a historicidade da realidade.

Para Pannenberg, a história se impõe com resistência diante dos seres humanos, pois ao se apresentar, não há mais como negá-la. Do mesmo modo, ele concebe a verdade, que após descobrimento, difícil desconsiderá-la.

Assim, a verdade é facultada ao ser humano na medida em que ela se apresenta e se faz conhecida, embora não seja possível tê-la por completo ou ter a capacidade de dominá-la. É nesse sentido, que a teologia, segundo Pannenberg, não tem condições de ser a palavra definitiva acerca da verdade, denominando o discurso teológico das religiões como *pretensão de verdade*.

Pannenberg irá conceber os conceitos antropológicos¹³⁸ como uma de suas bases teológicas que, neste caso específico, será “um projeto alternativo à Fenomenologia do Espírito”¹³⁹. Nesse sentido, a verdade está dada na realidade e acessível a todos os seres humanos por meio da história, de maneira inacabada e aberta. A essa verdade, Pannenberg irá definir como *pretensão de verdade*, que se baseia em declarações e em hipóteses.

¹³⁷ O idealismo é uma concepção ou doutrina segundo a qual o mundo material só pode ser compreendido plenamente a partir de sua verdade espiritual, mental ou subjetiva. Cf. N. ABBAGNANO, op. cit., 1982; G. DUROZOI; A. ROUSSEL, op. cit., 1993; T. R. GILES, op. cit., 1993.

¹³⁸ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 1976.

¹³⁹ Cf. W. PANNENBERG, Wolfhart. (Ed.), Sind wir von natur aus religiös? Düsseldorf 1986, 141. In: J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XX.

Por essas características da verdade, diante do dogmatismo¹⁴⁰, ela não se receia do futuro e nem se contrapõe a vivência do novo. Diante do relativismo¹⁴¹, a verdade entende que há possibilidades do erro. Por isso, a teologia de Pannenberg, considerada histórica, indica que a verdade sobre a vida humana pode ser compreendida no processo histórico da experiência. É possível perceber, então, que Pannenberg tem duas características fundamentais em seu pensar teológico, o seu método histórico e a sua interdisciplinaridade.

Se para Pannenberg a verdade está presente na história da humanidade, então ele entende necessário se debruçar de maneira acurada sobre a tradição teológica que, dentre outros traços marcantes, é o esforço de vários pensadores na reflexão sobre a verdade, e também sobre a história do cristianismo. Não desconsiderando a importância das diversas ciências no apoio à reflexão da vivência dos seres humanos em sociedade, fundamentais para compreender as várias expressões da verdade que é aberta e já dada na história.

Portanto, podemos dizer que a teologia de Pannenberg tem uma preocupação central com a questão da verdade, na perspectiva da sociedade secularista moderna, ou seja, pelo viés histórico, e não essencialista, a qual a essência precede a existência. Quando faz essa opção, Pannenberg se afasta do “teísmo tradicional cristão”, que qualifica como “heresia”¹⁴².

A produção teológica de Pannenberg, de acordo com sua formação, estará ancorada na sua fidelidade à teologia e à filosofia. Isto porque, ele estabelece uma relação crítica com outros teólogos e filósofos, anteriores a ele ou seus contemporâneos. Desta maneira, podemos definir dois grandes grupos que influenciaram na sua formação. O primeiro grupo, formado por aqueles são visíveis os traços de seu pensamento nos escritos de Pannenberg, mas que não foram

¹⁴⁰ O dogmatismo é uma concepção ou doutrina segundo a qual é permitida a existência de verdades certas, fechadas e irrefutáveis, ou seja, quando se considera uma verdade absoluta e indiscutível. Esta concepção ou doutrina é muito presente nos sistemas religiosos e filosóficos. Cf. N. ABBAGNANO, op. cit., 1982; G. DUROZOI; A. ROUSSEL, op. cit., 1993; T. R. GILES, op. cit., 1993.

¹⁴¹ O relativismo é uma concepção ou doutrina que afirma a relatividade de todo o conhecimento e nega a existência de verdades absolutas. Cf. N. ABBAGNANO, op. cit., 1982; G. DUROZOI; A. ROUSSEL, op. cit., 1993; T. R. GILES, op. cit., 1993.

¹⁴² Cf. W. PANNENBERG, op. cit., p. XXI.

decisivos e definitivos. E o segundo grupo, formado por aqueles que tiveram peso determinante para a configuração do sistema pannenberguiano¹⁴³.

Ele produziu um texto chamado *Teologia e Filosofia*¹⁴⁴, no qual dedica aos seus mestres Nicolai Hartmann, Karl Jaspers e Karl Löwith. Este texto aborda com precisão e extrema síntese os conteúdos das escolas do pensamento filosófico, que inicia com os pré-socráticos e termina com uma abordagem da idade moderna¹⁴⁵.

O pensamento de Pannenberg não é existencialista¹⁴⁶, pois supera a teologia kerigmática de Rudolf Bultmann, e também não é positivista¹⁴⁷, pois supera a teologia dialética de Karl Barth. O pensamento teológico de Pannenberg está referenciado na razão histórica como projeto hermenêutico, construído a partir do pensamento de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, e principalmente, Wilhelm Dilthey. Desta maneira, Pannenberg se apoia na crítica histórica da razão teológica, baseada na *Crítica da razão pura* de Immanuel Kant e na *Crítica da razão histórica* de Wilhelm Dilthey.

Para Pannenberg existe uma superação da abordagem psicológico-subjetiva, baseada em Schleiermacher, para a abordagem fenomenológico-objetiva, fundamentada em Georg Wilhelm Friedrich Hegel, da qual se apropria Wilhelm Dilthey¹⁴⁸.

¹⁴³ Cf. J. MARTÍNEZ GORDO, op. cit., 33. In: H. D. HERNÁNDEZ DÍAZ, op. cit., p. 15.

¹⁴⁴ Cf. W. PANNENBERG. *Filosofia e teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. São Paulo: Paulinas, 2008.

¹⁴⁵ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 17. Pannenberg, neste texto, defende que a elaboração teológica necessita de uma reflexão filosófica. Posto que, a teologia, por razões antropológicas, precisa da filosofia, e a filosofia precisa da teologia como suporte para a reflexão filosófica. O momento em que estas duas áreas se encontram, teologia e filosofia, pode-se entender o discurso sobre Deus na origem de toda a realidade existente.

¹⁴⁶ O existencialismo é uma concepção ou doutrina segundo a qual destaca a importância da existência individual e, por isso, o homem é livre e responsável pelo seu destino. Cf. N. ABBAGNANO, op. cit., 1982; G. DUROZOI; A. ROUSSEL, op. cit., 1993; T. R. GILES, op. cit., 1993.

¹⁴⁷ O positivismo é uma concepção ou doutrina filosófica de Auguste Comte, que propõe fazer das ciências experimentais o modelo por excelência do conhecimento humano em substituição às especulações metafísicas ou teológicas. Caracteriza-se pelo cientificismo, pelo emprego da metodologia quantitativa e pela hostilidade ao idealismo. Cf. N. ABBAGNANO, op. cit., 1982; G. DUROZOI; A. ROUSSEL, op. cit., 1993; T. R. GILES, op. cit., 1993.

¹⁴⁸ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 12-13, W. PANNENBERG. *Ermeneutica e storia universale*. In: *Questioni fondamentali di teologia sistematica*. Brescia: Queriniana, 1975.

Essa superação contribui para iniciar a problemática existencial da teologia da subjetividade transcendental para a realidade histórica concreta da Revelação. E isso só foi possível, porque Wilhelm Dilthey realiza a substituição do conceito metafísico e abstrato da verdade pelo conceito hermenêutico do significado, no qual há uma relação entre a parte e o todo.

A partir desse conceito hermenêutico, Pannenberg historiciza a relação entre a parte e o todo, e elabora uma ontologia histórica da singularidade como prolepse da totalidade, ou seja, o evento histórico Jesus Cristo como revelação histórica e antecipação do reinado vindouro de Deus¹⁴⁹.

A questão da “verdade” é central para Pannenberg. Embora a sua reflexão seja acadêmica, isso não exima a utilidade de sua reflexão para a cultura pública na sociedade moderna. Sobretudo, a reflexão sobre a verdade do Deus de Jesus Cristo. Que está diretamente ligada ao fortalecimento da experiência religiosa no contexto do século XX, e não uma mera tarefa apologética de Pannenberg, relacionada ao cristianismo¹⁵⁰.

Sendo assim, mais do que apresentar à cultura secularista da Idade Moderna a legitimidade de Deus ou da fé do ser humano nesse Deus, Pannenberg apresenta aos crentes uma reflexão que os ajudem a “recuperar a sua confiança na verdade de sua fé”¹⁵¹. E isso é possível por meio da vida religiosa e não da teologia, ou seja, de uma práxis religiosa *adequada e verdadeira*.

Tal práxis religiosa não é possível sem o diálogo crítico com a consciência secularista moderna à luz de todas as ciências, principalmente a filosofia. Tal postura de Pannenberg, de um diálogo crítico com a cultura da modernidade, visa realizar uma construção autocrítica do cristianismo.

Isto significa dizer que no pensamento de Pannenberg, são características centrais: a reflexão teológica, histórica, sistemática e ecumênica; todas desenvolvidas a partir do caráter prático e racional. Deste modo, para ele a crítica da cultura moderna, também é a crítica do cristianismo, já que “a cultura secularista

¹⁴⁹Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 13.

¹⁵⁰Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1992, p. XVIII.

¹⁵¹Cf. Ibid., loc cit.

moderna, longe de se identificar com a idade adulta de uma humanidade emancipada de toda religião, é – por assim dizer – uma filha não legítima do cristianismo”¹⁵².

Essa crítica conjunta, da cultura secularista moderna e do cristianismo, que Pannenberg empreende, reflete a história do cristianismo na Era Moderna. Visto que, a crise do cristianismo que se concentrou na Europa do século XX, tem raízes nos recorrentes conflitos religiosos acontecidos a partir do século XVI.

Esses acontecimentos na história do cristianismo foram responsáveis, segundo Pannenberg, pelo processo de “antropocentrização irreligiosa”¹⁵³, que fomentaram a ilusão da necessidade de extinguir a cultura pública dos elementos confessionais e da religião. Diante dessa realidade, Pannenberg responderá que é necessário um esforço ecumênico na direção de um diálogo teológico com o mundo moderno.

Para acontecer esse esforço ecumênico, faz-se imprescindível uma dura autocrítica da religião acerca de sua finalidade, em um confronto ao dogmatismo e à intolerância religiosa, que deturpam a sua missão. De modo prático, Pannenberg propõe o reconhecimento de que a Modernidade tem uma “legitimidade cristã”, expressa “precisamente na sua descoberta do homem como pessoa e da liberdade como a lei fundamental da humanidade”¹⁵⁴.

3.2

Considerações de Pannenberg acerca da necessidade de uma teologia sistemática

Wolfhart Pannenberg produz uma importante obra denominada de “An Introduction to Systematic Theology”, que, dentre outros assuntos, discorre sobre a necessidade de Teologia Sistemática. Ele desenvolve uma análise no primeiro capítulo dessa obra, sobre a necessidade de se elaborar uma Teologia Sistemática. No centro da análise desse capítulo, ele dá destaque para uma questão pertinente

¹⁵² Cf. Ibid., p. XIX.

¹⁵³ Cf. Ibid.

¹⁵⁴ Cf. Ibid.

para entender sua concepção de Teologia Sistemática: a noção de verdade. Para ele, para se mostrar a verdade da fé precisa-se de uma sistematização coerente dos temas da fé cristã. Na exposição desse capítulo, Pannenberg dá ênfase que no cristianismo a fé no Deus verdadeiro é característica fundamental para que o ser humano se torne um cristão. Essa fé tem base na revelação histórica do Deus verdadeiro.

Desta maneira, a verdade e a fé são os dois conceitos fundamentais trabalhados por Pannenberg no primeiro capítulo da obra acima referida, para nos mostrar a necessidade da Teologia Sistemática.

A partir desse conhecimento prévio, faremos um breve percurso sobre os principais assuntos tratados por Pannenberg no texto acima indicado. Tal percurso tem como finalidade entender a proposta do estudo realizado pelo autor no que se refere à necessidade de uma Teologia Sistemática

Wolfhart Pannenberg inicia o seu texto dizendo que para uma pessoa se tornar um cristão é necessário ter fé. Essa fé deve ser exercida na crença em Jesus Cristo e no que foi revelado nele. Para Pannenberg, a questão da fé é importante, porque na história do cristianismo se faz importante entender qual o motivo de uma pessoa se tornar membro de uma igreja cristã. Porque a vinculação de uma pessoa ao cristianismo e, conseqüentemente, a uma igreja cristã, é por meio da fé. Fé que acredita no Deus verdadeiro.

Se para uma pessoa ser cristã é necessária a fé no Deus verdadeiro, Pannenberg vai ressaltar que isso não se aplica a outros segmentos religiosos. Ele dá como exemplo o caso do judeu e do hindu. De maneira diferente acontece com judeus e hindus, porque um judeu nasce judeu, e um hindu nasce hindu. Mesmo que não professem a crença dos seus pais, o judeu continua judeu, e o hindu continua hindu.

No entanto, para Pannenberg, o cristão se torna cristão a partir do batismo, vive o batismo a partir do momento que professa sua fé no Deus verdadeiro. Para o cristianismo, a confissão pessoal a Jesus Cristo constitui o ser cristão. E o batismo na vida do cristão deve ser lembrado ao longo de sua vida, a fim de que o cristão tenha um “batismo vivo”¹⁵⁵. Se o batismo não for constantemente lembrado,

¹⁵⁵ Cf. W. PANNENBERG, *op. cit.*, 1992, p. 4.

Pannenberg o compara com “um sinal vazio”¹⁵⁶. Então, poderíamos dizer que o vínculo da pessoa com Deus, seja qual for a origem da pessoa, para ela ser cristã, passa a ser por meio da fé (Rm. 1,27).

Para o autor que estamos estudando, a questão da pessoa optar por ser um cristão, é um assunto fundamental para se refletir na história do cristianismo. Visto que, ser cristão “continua a ser um assunto muito pessoal”¹⁵⁷, com uma confissão pessoal de fé.

Independentemente dos motivos de cada pessoa se tornar um cristão, deve-se levar em consideração que o fundamento do cristianismo é a fé em Deus e no seu filho Jesus Cristo. Por isso, Pannenberg diz que para ser um cristão é necessário confessar a Jesus Cristo. Isto porque o cristão deve “confessar a Jesus Cristo que nele Deus atuou para restaurar e reconciliar a raça humana e através da raça humana a criação inteira”¹⁵⁸. O autor insiste que a “confissão pessoal a Cristo é constitutiva de ser um cristão”. Pannenberg acrescenta: “é somente na fé pessoal do indivíduo que nosso batismo é vivo”¹⁵⁹.

Como dissemos no início, Pannenberg trabalha com dois conceitos importantes para pensar a necessidade de Teologia Sistemática: fé e verdade. Após definir o conceito de fé, e expor que este é fundamental no cristianismo, pois é por meio da fé no Deus verdadeiro que a pessoa se torna um cristão, ele irá tratar da questão da verdade.

O Deus dos judeus também é adorado e venerado como único Deus pelos cristãos. E mais, o próprio Jesus Cristo é de origem judaica. Na atualidade, a maioria dos cristãos não são judeus, e mesmo assim, eles confessam ao Deus de Israel. Pannenberg levanta a pergunta sobre por qual motivo os cristãos acreditariam no Deus de Israel. Ele responde que se trata da questão da verdade: “se nós supomos que o Deus de Israel e Jesus é o Deus verdadeiro uno e único, então e somente

¹⁵⁶ Cf. Ibid., p. 3.

¹⁵⁷ Cf. Ibid., p. 4.

¹⁵⁸ Cf. Ibid.

¹⁵⁹ Cf. Ibid.

então, há razão suficiente para acreditar neste Deus, mesmo se alguém não é um judeu”¹⁶⁰.

Assim, Pannenberg chama a atenção que para ser cristão, tudo depende da realidade de Deus. Isto significa dizer que a pessoa deve reconhecer Jesus Cristo e Deus como uma verdade. A questão da verdade no cristianismo está relacionada com a história da igreja cristã, posto que as experiências pessoais dos cristãos estão registradas nos vários escritos ao longo da história do cristianismo, demonstrando que os cristãos, por suas experiências de fé, acreditam em Jesus Cristo e em Deus como uma verdade.

Por isso, a fé em Jesus Cristo e em Deus, para os cristãos, não é considerada como uma estória ou uma ficção, mas tem fundamento na história. A história de Jesus não pode ser reduzida a um simples mito, mas “Deus tem que ser real, não apenas mítico se devemos nos confiarmos a ele”¹⁶¹.

A questão da verdade é mais do que uma questão teológica, ela permeia a vida comum do ser humano. A questão da verdade não é nem teológica em primeiro lugar. Antes de ser teológica, a questão da verdade está relacionada com a vida do ser humano. A maioria das pessoas procura a verdade de algum modo.

Pannenberg mostra que somente no confronto com o conjunto do conhecimento adquirido é que a verdade será determinada como verdade. O critério da verdade, então, é sua coerência diante das outras verdades. Uma assertiva e uma certeza se sustenta com confirmações e interpretações, “é somente com a referência na unidade com toda nossa experiência e com todo nosso conhecimento que podemos determinar como verdadeiro”. E o autor destaca que “a coerência providencia o critério final de verdade”. O que é verdadeiro deve ser consistente com outras verdades, “de modo que a verdade é somente uma, mas abrangente, intimamente ligada ao conceito de um só Deus”¹⁶².

Então o autor mostra que esta reflexão da verdade é fundamental e está na base da necessidade da Teologia Sistemática. A teologia sistemática está voltada

¹⁶⁰ Cf. Ibid., p. 4-5.

¹⁶¹ Cf. Ibid., p. 5

¹⁶² Cf. Ibid., p. 6.

para a questão da verdade da fé cristã. O teólogo vai buscar, por meio do estudo sistemático das doutrinas cristãs, apresentar declarações que comprovem a coerência do seu estudo em si, e do seu estudo diante de outras verdades. A experiência cristã e a comunidade cristã de fé necessitam do trabalho da teologia, “porque é no nível da reflexão que todas as reivindicações de verdade serão julgadas”¹⁶³. O exame atento dessa questão da verdade nos leva para o seu tratamento mais ao nível teórico, e não somente do nível imediato ou experiencial.

Poderíamos dizer que o teólogo é que vai ajudar nessa reflexão que verifica a proposta e a coerência dos conteúdos da fé cristã. Uma observação que se percebe na discussão de Pannenberg é sobre a importância da teologia para ajudar o clero a não ser inseguro e evasivo com relação à mensagem da fé cristã. Deduz-se, então, que é importante o papel da teologia e do clero no estudo e na sistematização da fé cristã.

Nesse sentido, o conteúdo da fé cristã apregoado pela igreja acerca da ação de Deus em favor da humanidade requer uma reflexão teológica: sobre o único e verdadeiro Deus enviando o seu Filho Jesus Cristo para morrer no lugar da humanidade pecadora e, assim, salvar a todos que creem e, após a morte de Jesus, Deus o ressuscita dos mortos. As ações desse Deus de Jesus, vai dizer Pannenberg, requerem uma reflexão teológica, ou seja, com um exame e uma confirmação da sua pretensão de verdade.

A reflexão teológica empreendida com desvelo e seriedade permite um apoio e um auxílio a todos os cristãos no fortalecimento da boa consciência de que o ensinamento da igreja, advindo do conteúdo da fé cristã, é verdadeiro. Com isso, entendemos aqui que a teologia cristã tem uma incumbência precípua, qual seja: se debruçar sobre as pretensões de verdade da tradição cristã e dos escritos bíblicos, a fim de ter segurança e firmeza na mensagem que se propõe a apregoar.

O ensinamento da fé cristã se utiliza de dados encontrados nos documentos bíblicos e históricos desenvolvidos da história da igreja. A teologia os estuda de modo crítico e procura extrair a pretensão de verdades nos seus ensinamentos e formar o seu conhecimento coerente. Além disso, a autoridade para se apregoar o

¹⁶³ Cf. Ibid.

Deus de Jesus, único e verdadeiro, advém da determinação de que essa mensagem é coerente, não possibilitando resquícios de contradição. Isto porque, quando há incoerência ou contradição acerca da verdade da mensagem apregoada na igreja, os próprios cristãos se tornam confusos, e com isso, toda a sociedade vislumbra com descrédito essa mensagem.

Pannenberg prossegue mostrando qual é a tarefa da teologia. Para que a teologia cumpra a sua incumbência precípua, ela não deve se deter, como especificidade, na investigação da origem ou do conteúdo da fé e da doutrina cristãs, ou ainda, nas modificações que estas se submeteram ao longo da história. Contudo, deve se deter na verdade contida na tradição cristã.

Essa incumbência está implicada em todas as disciplinas teológicas, o que, de uma maneira especial, devemos considerar a teologia sistemática, a exegese bíblica e a história da igreja. Podemos dizer que Pannenberg recupera a função da tradição cristã na história do cristianismo como fonte da teologia, pois ele falou que se deve “determinar a verdade que está contida na tradição”¹⁶⁴.

Embora encontremos o conteúdo de verdade em todos os documentos da tradição cristã, faz-se necessário entender que esse conteúdo é interpretado de diferentes formas ao longo do tempo, de acordo com o contexto histórico, com os dogmas da igreja e os conceitos da época. Contudo, a verdade da fé cristã sempre permaneceu inalterável, mesmo diante de todos esses fatores que são mutáveis e das linguagens de cada época. Nesse sentido, a teologia, em cada época, deve ser retomada e refeita para corresponder às novas situações históricas.

Os ensinamentos e os estudos bíblicos são documentos históricos e precisam ser lidos de modo crítico. Embora, possa ser percebida a verdade nesses estudos e documentos, os ensinamentos devem ser reformulados, de maneira sistemática e que correspondam ao momento histórico da atualidade.

A diferenciação entre a verdade cristã e esses fatores mutáveis só é possível quando se analisa, no ambiente em que acontece o desenrolar da história, o pensamento e a linguagem. O pensamento e a linguagem vão se desenvolvendo à

¹⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 7.

medida em que a própria sociedade se desenvolve, em que os paradigmas se alteram e o convívio social ganha novas configurações.

Por isso, em cada momento histórico, o ensino da teologia sistemática precisa ser repensado e refeito. Pannenberg é radical e diz que a teologia sistemática de tempos em tempos precisa ser “feita de novo”¹⁶⁵.

Nesse sentido, a verdade que a teologia sistemática propõe desenvolver é a mesma em todas as épocas e períodos históricos. Não obstante, é a mesma verdade básica para diferentes formas de linguagem e pensamento, delineadas a partir da construção dos grandes sistemas teológicos e da catequese da igreja no percurso da história do cristianismo.

Para isso, o teólogo deve ter uma perspectiva crítica e sistemática acerca da linguagem e do pensamento tradicional da doutrina cristã ao longo da história e nos diversos contextos de sua aplicação. A sua perspectiva crítica deve ser direcionada para um dado permanente da tradição cristã: a sua pretensão de verdade. Seja na tradição cristã ou nos escritos bíblicos, o que temos são registros e documentos históricos, expressando determinada linguagem e pensamento, mas deve-se ver a verdade que está neles.

Desta maneira, Pannenberg dirá que a interpretação da tradição cristã e dos escritos bíblicos deve ser reformulada. Conquanto essa reformulação atente para os detalhes, mas sem perder de vista o central, ela deve estar ancorada, principalmente, na apresentação sistemática que, de um modo geral, atesta a veracidade e a autenticidade à pretensão de verdade do cristianismo em um âmbito global na sociedade moderna.

Nesse sentido, a própria verdade deve ser expressa de maneira sistemática, já que a verdade é coerente, promove uma relação lógica e harmônica entre ideias, elementos de um sistema, como entre argumentos, com ausência de contradições ou paradoxos. A apresentação sistemática da verdade no cristianismo é alcançada por meio da investigação da tradição cristã e dos escritos bíblicos.

Pannenberg destaca que para entender a função da teologia sistemática, acerca da apresentação sistemática da verdade no cristianismo, o exemplo mais

¹⁶⁵ Cf. *Ibid.*, p. 7.

esclarecedor é o estudo da doutrina de Deus, que é o tema mais abrangente da teologia sistemática.

Ao analisarmos o contexto da cultura ocidental, vamos perceber que a palavra Deus é pronunciada, em sua grande maioria, no singular. Ao se referir a Deus ou a um Deus, as pessoas podem acreditar ou não nele, ou ainda, entendê-lo como uma projeção ou um mito. Isso se deve ao fato de que a palavra Deus expressa a ideia de um ser que possui em si mesmo o poder de determinar tudo.

Embora esse seja um conceito veiculado sobre Deus, mas não expressa com exatidão qual é o tipo de poder que Deus possui. Se é um poder vingativo, de força física, arbitrário, de justiça ou de amor. O esforço empreendido para conceituar Deus possibilitou suas diferentes concepções. Contudo, em qualquer caso que se queira conceituar Deus, sempre se referirá a ele como um poder.

Deus, mesmo sendo, de um modo geral, conceituado como um poder, é considerado um ser pessoal, assim como na Bíblia. Esta indicação de Deus como um ser pessoal está diretamente relacionada à origem religiosa da palavra. Nem por sua relação pessoal, Deus deixa de ser poder, já que o poder é sua característica intrínseca. No caso de Deus, o único Deus, diferente dos deuses do politeísmo, ele é a origem da qual toda a realidade existente depende e por ele se torna possível.

Nesse sentido, se esse Deus é único, isto significa que o seu poder é ilimitado, promovendo a ausência de qualquer forma de restrição a esse Deus, ainda que alguns filósofos discurssem acerca de um Deus limitado em um mundo que não é sua criação.

Deste modo, a noção de Deus único, com poder ilimitado e que determina toda a realidade existente nos faz perceber que, ao contrário do que pensam alguns filósofos, Deus é a referência e o parâmetro de tudo e de todos. Conquanto algumas pessoas neguem que o mundo e tudo que nele se encontra depende de Deus, a fé cristã será enfática na defesa de que a existência de tudo se constitui a partir de Deus.

Neste caso, a fé cristã, ao falar sobre Deus, expõe a sua pretensão de verdade, assim como qualquer outra religião. Ao falar sobre sua divindade, expõe a sua pretensão de verdade. Diante das pretensões de verdade expostas pelas religiões,

devemos considerar que as descrições seculares da realidade negam Deus e, por conseguinte, seu poder ilimitado e sua referência para toda a existência.

Tal descrição secular da realidade estará baseada na limitação dos seres finitos em compreender e conhecer a respeito de Deus. Deste modo, a capacidade humana limitada de percepção e inteligibilidade de Deus, em termos de conhecimento exato e preciso, faz com que as pessoas na sociedade moderna desconsiderem Deus, ou ainda, o considerem a partir da construção dos seus próprios modelos abstratos. Apesar disso, é possível vislumbrar, por meio desses modelos construídos, Deus na realidade existente.

Então, se é possível vislumbrar Deus na realidade existente, também fica viável encontrar traços da realidade que estão ligadas a Deus ou mesmo que dependem dele. No entanto, o pensamento da cultura secularista moderna procura explicar a realidade sem nenhuma referência a Deus, a fim de defender a não existência de Deus.

Nesse sentido, pensar Deus, ao contrário do pensamento da cultura secularista moderna, significa pensar que há um poder determinante para tudo o que existe, ou seja, a realidade que está posta tem relação (leia-se dependência) com Deus. Com isso, Deus não pode ser negado, assim como a realidade, que dele depende, não pode ser negada. De acordo com esse argumento, as interpretações que negam Deus não se sustentam.

Assim, para assumir a existência de Deus, os argumentos não devem estar baseados em discursos particulares ou exclusivos, mas alicerçados em discursos abrangentes e plausíveis. Dito de outro modo, os argumentos sobre a existência de Deus devem se sustentar diante de quaisquer outros argumentos. Isso só será possível, vai dizer Pannenberg, quando se apresentar um modelo coerente do mundo como criação de Deus¹⁶⁶.

Demonstrar que o mundo é uma criação de Deus é um esforço essencial para a teologia. Porém, a doutrina da criação não possui todos os elementos necessários para fundamentar a dependência de tudo o que existe ao seu criador, Deus. O que é possível à doutrina da criação é delinear um arquétipo de como o mundo deve ser,

¹⁶⁶ Cf. *Ibid.*, p. 10.

caso seja considerado como criação de Deus, e qual deve ser a imagem e o conceito de Deus quando o concebemos como o criador do mundo.

Com isso, a doutrina da criação propõe, de uma maneira geral, a pretensão de que tudo o que existe depende e tem como fonte Deus, sendo capaz de construir e manter a credibilidade de que a realidade existente pode ser respaldada por uma interpretação coerente de Deus como criador. Então, a doutrina da criação apresenta a sua pretensão de verdade a partir do seu conceito de Deus e da consideração das coisas do mundo. A teologia sistemática reflete sobre a criação e sua interpretação na relação com Deus.

A análise e a exposição sistemática e objetiva de toda a realidade existente como criação de Deus fazem-se fundamentais para assegurar, com firmeza, a existência de Deus. Posto que o conceito, por si só, da criação de toda a realidade existente não resistirá ao pensamento da cultura secularista moderna, que confronta, diretamente, a origem e a dependência de tudo a Deus, bem como questiona a ideia de que Deus cria, mas não tem condições de sustentar e manter o que criou, deixando a sua criação se desenvolver ou se perder por si mesma.

Diante da condição degradante em que vivem os seres humanos na realidade existente, caminhando em direção à destruição, Pannenberg realiza algumas perguntas instigantes¹⁶⁷, quais sejam: será que o Deus criador de toda a realidade existente se preocupa em ajudar a sua criação a corrigir o seu caminho em direção à destruição? Será que a criação, nesse caminho em direção à destruição, é levada por outro poder? Será que Deus, um ser no qual tudo que existe depende dele, pois ele determina tudo, é um criador que somente assiste à criação? Todos esses questionamentos podem levar a pensar particularidades do Deus único apregoadado pela fé cristã?

Diante de todos esses questionamentos feitos, Pannenberg sinaliza que é de fundamental importância a teologia cristã realizar uma análise que supere a simples descrição de Deus como um ser criador, a quem tudo determina e do qual todos dependem. Faz-se imprescindível, nesse sentido, também uma análise dos elementos constituintes ou dos atributos da realidade existente e do poder de Deus.

¹⁶⁷ Cf. *Ibid.*, p. 11.

Do ponto de vista da teologia cristã, o poder de Deus se expressa no seu amor. E esse amor expresso por Deus na forma de seu poder é vislumbrado a partir do seu ato criador, em que cria todas as coisas. No entanto, tal expressão de amor não está restrita somente ao seu ato criador, mas ao longo da Escritura Sagrada, demonstrada pelo cuidado e pelo amparo do criador às suas criaturas, sobretudo, no envio do seu único filho, Jesus Cristo, para morrer pela humanidade pecadora, livrando-os da morte eterna.

Contudo, Pannenberg lembra uma questão já levantada pelo filósofo alemão Gottfried Wilhelm von Leibniz, denominada de teodiceia¹⁶⁸ (*do alemão Theodicee*), sobre o argumento de Deus ser ao mesmo tempo amoroso e onipotente. A *teodiceia* de Leibniz é um conceito que busca defender a crença na suprema bondade e onipotência divinas contra aqueles que, em vista da presença do mal no mundo, duvidam da existência de Deus. A teodiceia é o grande desafio para a teologia cristã. Desafio de demonstrar que o Deus de poder também é o Deus de amor; bem como sua responsabilidade para com a sua criação diante da presença do mal na realidade existente.

Pannenberg defende o argumento do Deus de poder, como sendo também o Deus de amor, utilizando-se do conceito do Deus criador e sustentador de todas as suas criaturas, associado ao acontecimento final, último ou derradeiro de toda a sua criação. Esse acontecimento será de redenção e salvação de toda a criação de Deus, o que apresenta Deus como poderoso, presente e amoroso. Portanto, esse acontecimento final dá a conhecer, na sua completude, o sentido, a mensagem e a intenção de Deus: passado, presente e futuro. Já que, o início da ação de Deus só consegue ser totalmente inteligível a partir do conhecimento do objetivo final de sua ação¹⁶⁹. Essa ideia dá o quadro para a teologia sistemática toda e lá veremos o lugar da igreja dentro do plano de Deus todo, incluindo a consumação escatológica.

Para conhecer Deus totalmente, a sua realidade e a verdade da teologia na íntegra, isso só é possível por meio do conhecimento prévio da salvação final de toda a sua criação. Nesse sentido, a pretensão de verdade na teologia cristã, perpassando as suas diversas áreas, como por exemplo, cristologia, soteriologia e

¹⁶⁸ A teodiceia é uma palavra que busca justificar a realidade concreta de Deus diante da problemática da existência do mal no mundo. E visa estabelecer a relação entre a existência do mal no mundo com o Deus criador e bondoso.

¹⁶⁹ Cf. *Ibid.*, p. 12.

escatologia, estará atrelada à consumação final de toda a criação. É exatamente esse processo, em sua completude, que evidencia a existência de Deus como poder e amor.

Portanto, a teologia sistemática é necessária para estudar todas essas disciplinas como um todo coerente que, para seu conhecimento, deve-se entender o início e o fim da ação de Deus história.

Nesse sentido, falar sobre a criação é, necessariamente, falar sobre o eschaton, já que é neste último que a criação tem seu sentido revelado e elucidado. Por isso, é de fundamental importância uma análise da criação com maior abrangência, não somente restrita ao ato criador de Deus. Uma análise que vá além da simples interpretação do mundo e da história de toda a criação de Deus, principalmente, a que está vinculada ao relato dos textos sagrados, como base essencial da sua pretensão de verdade.

Deste modo, faz-se imprescindível uma análise que leve em consideração uma interpretação sistemática e integradora da realidade existente, fundamentado na coerência, que é o critério de veracidade para a sociedade secular. O Deus único, de poder e de amor, reivindicado como pretensão de verdade pela teologia cristã, deve ser analisado de maneira sistemática.

É neste ponto que podemos dizer qual a importância e a necessidade da teologia sistemática. Pois, para fundamentar a pretensão de verdade sobre Deus na sociedade de cultura secularista, somente é viável por meio da teologia sistemática. A incumbência da teologia sistemática está na análise global e coerente da realidade existente, como criação de Deus, ao longo de toda a história da humanidade.

Esse método de análise, por meio da teologia sistemática, não é uma novidade para a sociedade de cultura secularista, porque leva em conta a história. Ele pode ser encontrado um pouco nos cristãos do período neotestamentário, também conhecido como o período da igreja primitiva, em que era predominante a cultura helênica. Nesse contexto, os cristãos se esforçaram para defender e justificar a sua fé no único Deus e no seu filho, Jesus Cristo, enviado para salvar a humanidade; sendo os cristãos judeus ou gentios.

Contudo, segundo Pannenberg, em Orígenes de Alexandria, a teologia sistemática, de uma maneira explícita, foi inaugurada, expressando o esforço de

toda a sua vida, por meio dos seus escritos. Seus trabalhos realizam uma exposição sistemática da doutrina cristã, em conexão com a realidade existente e a história da humanidade.

Tomás de Aquino também teve sua importância no estudo sistemático da teologia, segundo Pannenberg, pois foi o primeiro a afirmar claramente que tudo na teologia está preocupado com Deus e depende dele. Essa perspectiva coloca realce na doutrina de Deus, já que todas as outras descendem dela, ou seja, sem a doutrina de Deus, todas as outras doutrinas da teologia não têm sentido.

Por conseguinte, o estudo da vida imanente da Trindade (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo) e da Trindade econômica são fundamentais para a teologia. A teologia, nesse sentido, está voltada particularmente para o estudo de Deus, isto porque Deus é o assunto principal e único da teologia.

Após o período da igreja primitiva e dos pais da igreja na idade média, alguns teólogos da era moderna continuam se esforçando no estudo sistemático da doutrina cristã. Já que, com o advento da mudança de paradigma no pensamento, pois agora impera a perspectiva antropocêntrica¹⁷⁰, em detrimento da perspectiva teocêntrica¹⁷¹, predominante no período medieval, o estudo de Deus passa a enfrentar novos desafios. Desafios esses que fizeram alguns teólogos repensarem a sua maneira de fazer teologia, o que, segundo Pannenberg, contribuiu para a reconstrução do estudo sistemático da teologia¹⁷².

São dois os principais desafios enfrentados pelos teólogos no estudo da doutrina de Deus no período da era moderna, listados por Pannenberg¹⁷³, quais sejam: 1) com o crescente desenvolvimento da ciência nesse período, há uma mudança significativa no modelo de interpretação da realidade existente e da história da humanidade, agora sob o ponto de vista do pensamento da cultura secularista moderna, que nega a existência de Deus; e 2) a crítica que do pensamento

¹⁷⁰Cf. nota 133 sobre este assunto.

¹⁷¹ O teocentrismo é uma concepção ou doutrina que entende ser Deus o centro de toda a realidade existente, do qual todas as coisas têm sua origem e significado. Cf. N. ABBAGNANO, *op. cit.*, 1982; G. DUROZOI; A. ROUSSEL, *op. cit.*, 1993; T. R. GILES, *op. cit.*, 1993.

¹⁷² Cf. W. PANNENBERG, *op. cit.*, 1992, p. 13.

¹⁷³ Cf. *Ibid.*, p. 13-15. Esses dois desafios listados por Pannenberg, são para ele os principais no período da era moderna. Isso não significa dizer que os desafios desse período se restrinjam a esses dois. Por uma questão de objetividade e respeitando os limites postos pelo estudo sistemático da doutrina cristã, citaremos somente esses dois desafios.

moderno e da cultura secularista a todas as formas de argumentos ou justificativas baseadas na autoridade.

O primeiro desafio está diretamente ligado ao desenvolvimento da ciência no período da era moderna, isto porque a formação do pensamento da cultura secularista moderna é influenciada por esse desenvolvimento. Deste modo, a teologia sistemática tem que enfrentar o desafio de provar sua pretensão de verdade, ou seja, de que Deus é o criador e sustentador de tudo o que existe, de acordo com a interpretação cristã, diante do discurso de que a interpretação cristã do mundo é supérflua, desnecessária, dispensável e inútil.

O segundo desafio, não menos difícil, é a negação de todo discurso que esteja ancorado no respaldo de uma autoridade. Refletir acerca desse desafio, requer uma análise pormenorizada da questão, necessária para melhor entendermos o que corresponde à teologia sistemática na cultura secularista moderna. Esta análise nos levará a entender uma outra questão fundamental: o impacto do pensamento na cultura secularista moderna sobre a teologia sistemática.

O período correspondente ao início da antiguidade clássica – que se inicia, aproximadamente, no século VIII a.C., com o surgimento da poesia grega de Homero – até o século XVII d.C., é de predomínio da argumentação ou do discurso ancorado no respaldo de uma autoridade. Essa era a base racional para todo o tipo de educação, indispensável para que a pessoa adquirisse uma visão autônoma.

Essa perspectiva da autoridade como base da educação é facilmente perceptível no campo da história, no qual todas as informações são subservientes, permanentemente, à autoridade. Contudo, a que se notificar a possibilidade da autoridade não ser confiável, o que comprometeria todas as informações ensinadas no processo educativo.

Porém, essa perspectiva da argumentação ou do discurso ancorado no respaldo de uma autoridade deixa de ter predominância no início dos tempos modernos, sobretudo após as guerras religiosas, que fortaleceram o descrédito dessa perspectiva. A autoridade, então, passou a ser vista como convencional e causadora de divisão.

A principal característica para a falibilidade da autoridade é por ela ser humana. Com isso, a autoridade está sujeita à falhas e erros. Nesse sentido, ao seguir o exemplo de uma autoridade, é preciso ter consciência do risco de sofrer prejuízo

ou dano. É por isso que no pensamento da cultura secularista moderna, entre autoridade e razão não existe consenso, nem concordância. O que há entre autoridade e razão, nesse período, é oposição e disparidade, já que para o pensamento da cultura secularista moderna vale seguir a luz da razão, e não os preceitos da autoridade.

No campo da história, onde se via com mais nitidez a influência e o domínio da autoridade no período anterior à modernidade, na era moderna, sob a perspectiva da razão, ela é submetida ao método de análise crítica, em que todos os documentos, chamados de fontes históricas, são reconstruídos em processos históricos autônomos com base no exame crítico e racional. Portanto, no campo da história a autoridade não é mais a base e a fundamentação do seu conhecimento, mas a razão.

Diante desses dois grandes desafios, Pannenberg fará um questionamento importante: qual o impacto dessa conjuntura sobre a teologia sistemática? Nos períodos da antiguidade clássica e medieval, a autoridade no cristianismo advinha dos escritos bíblicos e dos ensinamentos da igreja. Na Reforma protestante, rechaçaram-se os ensinamentos da igreja, em detrimento da ênfase da autoridade dos escritos bíblicos. Contudo, os ensinamentos da igreja não foram abandonados, continuou tendo a sua importância, mas agora não tinha a mesma autoridade ou o mesmo valor que os escritos bíblicos.

A partir da era moderna, todas as autoridades perderam seu poder. No estudo teológico da doutrina cristã não foi diferente. Tanto os ensinamentos da igreja, como os escritos bíblicos, perderam o seu poder para o pensamento na cultura secularista moderna, pois são considerados, não como de origem divina, mas de origem humana e, portanto, suscetíveis a erros e contradições.

Com isso, os escritos bíblicos e os ensinamentos da igreja se tornam, na era moderna, crenças obsoletas e antiquadas; assumindo o mesmo patamar de outros documentos históricos. Muito embora, essa perspectiva da era moderna não desconsidere a Bíblia como inspirada por Deus, mas sua perspectiva é muito diferente do pensamento nos períodos da antiguidade clássica e medieval. Com o advento e o desenvolvimento da moderna exegese histórico-crítica, a teologia sistemática não podia mais tomar a verdade divina como pressuposto da teologia.

As tradicionais dogmáticas protestantes não se diferenciam da teologia escolástica do período medieval, já que defendem a verdade divina da doutrina

cristã como anterior ao trabalho realizado pela teologia. Com isso, as proposições realizadas pela teologia sistemática não foram entendidas como um espaço para se refletir a pretensão de verdade da doutrina cristã. A autoridade dos escritos bíblicos, neste caso, é o espaço privilegiado de reflexão da pretensão de verdade para as tradicionais dogmáticas protestantes, assim como era na teologia escolástica do período medieval.

Essa perspectiva da teologia escolástica do período medieval e da tradicional dogmática protestante está fundamentada na seleção do que é verdadeiro no ensino tradicional e no testemunho bíblico. No entanto, até o período da era moderna não tinha sido exposta a tensão entre a cultura secularista e a pretensão de verdade baseada na autoridade. Essa tensão só foi exposta a partir do pensamento da cultura secularista moderna: com o advento da moderna crítica histórica e a recusa do recurso à autoridade como fundamento de quaisquer verdades.

Diante dessa realidade, a teologia não se utilizou somente do estudo sistemático da doutrina cristã, a fim de defender a sua pretensão de verdade. A teologia no período da era moderna abandona o argumento da autoridade, para se apoiar na experiência da crença pessoal de cada um. Nesse sentido, a teologia passa a realizar uma reflexão acerca da sua pretensão de verdade a partir do conteúdo da crença pessoal e comunitária. Isso significa dizer que a verdade passa a ser relegada a perspectiva pessoal de cada ser humano.

Pannenberg faz alusão ao filósofo americano especialista na filosofia do século XX, William Warren Bartley, que descreveu essa perspectiva da teologia no período da era moderna, como uma retirada de compromisso¹⁷⁴.

Para Pannenberg, essa perspectiva expressa um retrocesso no discurso e no diálogo crítico das pretensões de verdades entre os religiosos (não somente os cristãos) e a arena pública (com hegemonia do pensamento da cultura secularista moderna). O impacto dessa perspectiva, especificamente no pensamento cristão,

¹⁷⁴Cf. W. W. BARTLEY III. *The Retreat to Commitment*. Second edition. La Salle: Open Court, 1984. Pela sua ousada e intransigente mensagem, Bartley realiza um estudo de caso sobre o pensamento protestante no século XX. Ele irá afirmar que o pensamento protestante o século XX está se reorganizando por causa da associação do protestantismo com ciência e racionalidade no período da era moderna. A esse fenômeno ele denomina de retirada do compromisso (*retreat to commitment*). Para ele a retirada do compromisso é uma defesa do livre jogo da razão no período da era moderna, e uma refutação da “desculpa racional para a irracionalidade” que transforma ideias em pseudociência e ideologia.

proporcionou um enorme prejuízo à pretensão de verdade na doutrina cristã frente ao discurso racional da sociedade moderna.

Pannenberg é categórico quando diz que a teologia cristã não necessita do subterfúgio da autoridade tomada sem o desenvolvimento do pensamento, e nem de uma retirada para o subjetivismo para afirmar a sua pretensão de verdade. O próprio pensamento sistemático da doutrina cristã fornece as bases necessárias para afirmar a sua pretensão de verdade, de modo argumentativo¹⁷⁵. Pannenberg afirma:

a crítica moderna do argumento da autoridade em uma mão, e a crítica à retirada do compromisso subjetivo em outra, tem causado muitos teólogos a renúncia à apologética e à dogmática cristã, renúncia mesmo da pretensão de verdade deles¹⁷⁶.

Diante dessa realidade de renúncia por parte dos teólogos, Pannenberg diz que não há motivo para tal, pois “o esforço da reconstrução sistemática da doutrina cristã é ainda mais necessário do que em períodos anteriores da igreja¹⁷⁷. Nesse sentido, para responder e interpretar de maneira plausível às questões levantadas na sociedade, faz-se necessário o recurso do estudo da Teologia Sistemática.

Essa condição deflagra e denuncia a necessidade do empenho desses teólogos cristãos se voltarem para a reorganização do estudo sistemático da doutrina cristã. Essa necessidade se faz mais premente no contexto do cristianismo no período da era moderna, do que nos períodos anteriores. Isto porque, nos períodos anteriores, a doutrina cristã não foi requisitada para defender sua pretensão de verdade por meio da razão em diálogo com a ciência como no nosso tempo, mas principalmente por meio da autoridade ou pela subjetividade.

Essa reorganização do estudo sistemático da doutrina cristã deve levar em consideração o ensino bíblico, no pensamento paulino, de que a verdade divina só será manifesta, de maneira completa e definitiva, no eschaton. Até este momento chegar, todos terão acesso à verdade divina de maneira incompleta (cf. 1 Cor 13,9). Com isso, “a verdade dessa revelação continuará a ser contestada”. Sendo assim, o esforço dessa reorganização será provisório e estará em construção, o que está em total concordância com a lógica da ciência moderna, posto que a verdade não se apresenta em sua forma conclusa e acabada, mas de maneira parcial.

¹⁷⁵ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 1992, p. 16.

¹⁷⁶ Cf. Ibid., p. 17-18.

¹⁷⁷ Cf. Ibid., p. 18.

Seria na perspectiva da Teologia Sistemática, de acordo com Pannenberg, “na sequência da sua argumentação, na sua construção de modelos coerentes do mundo conforme determinado pela ação de Deus, a questão da verdade deve ser considerada como aberta”. Por isso, continua o autor, nós “somos chamados a aceitar esta situação e não exigir uma garantia final da verdade antes mesmo de começar a pensar”¹⁷⁸.

É importante estar atento para a diferença entre a autoridade, o subjetivismo e o argumento racional. Eles são diretamente opostos na defesa da pretensão de verdade na doutrina cristã diante do pensamento da cultura secularista moderna. No período da era moderna, a autoridade e o subjetivismo não têm mais a validade, como no período anterior, da antiguidade clássica e do medievo. Por isso, a pretensão de verdade da doutrina cristã deve ter como base a argumentação racional, determinada pela investigação e a análise.

Pannenberg alude a Anselmo de Cantuária, monge beneditino, bispo e filósofo, que foi preocupado e sensível com a questão da argumentação racional, em detrimento da autoridade, no período do medievo, pois ele “foi mais sensível para este problema do que muitos teólogos de períodos posteriores teriam sido”. Embora, a perspectiva hegemônica fosse a do recurso à autoridade para defender a pretensão de verdade na tradição cristã, Anselmo de Cantuária, considerado o pai da Escolástica, à frente do seu tempo, propõe as discussões sobre a defesa da pretensão de verdade por meio da teologia sistemática, com uma argumentação racional.

Pannenberg vai ter como verdadeira, desde sempre, a afirmação de que “tem um Deus, que Jesus ressuscitou, e que todas as coisas estão nas mãos dele”. Essa afirmação é verdadeira desde sempre, “não dependendo do esforço do teólogo”. Essa verdade é anterior ao esforço do teólogo. O teólogo apenas constata e apresenta essa verdade com uma coerência, a partir de um modelo interpretativo do mundo. A verdade é suposta e permanente na história da teologia. O teólogo desenvolve uma reflexão sistemática com análise disso.

Essa afirmação de que há uma verdade que sempre existiu, segundo Pannenberg, foi a principal causa para considerar a autoridade como critério da

¹⁷⁸ Cf. *Ibid.*, p. 17.

verdade divina, e não o argumento racional, pois “atribui alguma autoridade antes do raciocínio teológico o poder de garantir a verdade divina”¹⁷⁹. É preciso juntar as duas coisas: crer na verdade e desenvolver o estudo racional sobre ela.

Entendemos que o estudo sistemático da doutrina cristã está em concordância com o conhecimento da verdade estabelecido ou investigado pela ciência moderna. No entanto, do ponto de vista religioso, a concepção de cada pessoa em sua crença pela verdade pode ser fundamentada, seja pela autoridade, seja pela subjetividade, mas para fins de diálogo e da comprovação da verdade com aqueles que se baseiam no pensamento da cultura secularista moderna, a teologia sistemática é a ferramenta necessária e eficaz.

Um cristão, para além da autoridade e da subjetividade, deve estar preparado para defender a sua pretensão de verdade na sociedade moderna, apresentando o Deus único como uma realidade concreta, por meio de uma interpretação razoável e aceitável da realidade existente, que está em conexão direta com o conteúdo sobre Deus. Essa tarefa é específica da teologia sistemática.

Para Pannenberg, a tarefa da teologia sistemática não é só “reafirmar a doutrina tradicional”, mas se utiliza da verdade permanente encontrada na doutrina tradicional, a fim de construir, fundamentando-se nas áreas da exegese bíblica e história da igreja, um modelo coerente que apresente “como o Deus da Bíblia pode ser entendido como o criador e Senhor da toda realidade”.

A teologia sistemática deve integrar, e não rechaçar, no seu estudo, o conhecimento apresentado pelo pensamento da cultura secularista moderna, nas áreas: natureza, vida humana e história. Ao realizar a integração desse conhecimento ao seu estudo, a teologia sistemática poderá atualizar a defesa da pretensão de verdade estabelecida pela doutrina cristã tradicional e na sociedade moderna.

É preciso ter clareza que esta integração feita pela teologia sistemática não é a simples transposição de ideias ou conceitos de um campo para o outro. Não é a incorporação acrítica do pensamento da cultura secularista moderna na doutrina cristã. Mas, esta integração é feita de forma crítica, por meio de critérios estabelecidos, que não deturpem ou desfigurem a essência da doutrina cristã.

¹⁷⁹ Cf. Ibid.

Ao realizar essa integração, as circunstâncias em que ela acontece, não são harmônicas, mas ocorrem divergências e controvérsias. Pannenberg afirma que no processo de integração da reflexão teológica, isso é inevitável. Contudo, isso não deve ser motivo para deixar de realizar essa integração, pois é no meio das divergências e controvérsias que visualizamos algo de fundamental para o entendimento da realidade existente: a preocupação pela verdade. Seja o pensamento da cultura secularista moderna, seja a doutrina cristã, ambas estão à procura da verdade. É importante que esteja claro e patente que, embora a teologia sistemática tenha o compromisso de buscar a verdade sobre Deus, esta não está à disposição de modo completo e, por isso, deve ser considerada como pretensão. Porém, é uma pretensão que a teologia sistemática pode tratar com a reflexão racional e em relação com os conhecimentos humanos.

3.3

Considerações de Pannenberg acerca da eclesiologia

O tema eclesiológico na obra de Teologia Sistemática de Pannenberg está no terceiro volume, e está diretamente ligado à sua perspectiva inicial de estudar os discursos sobre Deus. Já que o conceito sobre Deus é o objeto por excelência da teologia, e é o fio condutor de toda a sua obra de Teologia Sistemática.

Pannenberg sinaliza que o lugar da eclesiologia na reflexão teológica até o século XV não estava definido como tema na dogmática, período da igreja na antiguidade clássica e do medievo. A doutrina cristã estudava os temas do Deus trinitário, Deus como o criador de toda a realidade existente, o ser humano como separado de Deus pelo pecado, a reconciliação do ser humano com Deus pela morte vicária de Jesus Cristo e os sacramentos.

No entanto, isso não significa dizer que neste período não foi possível desenvolver estudos sérios, importantes, lógicos e harmônicos sobre a igreja. Os pais da igreja desenvolveram, ainda que cada um com sua própria perspectiva, uma pluralidade de estudos sobre a igreja, acerca de sua natureza.

Neste período histórico dos pais da igreja, temos a importante confissão do *Credo Apostólico* de que a igreja é una, santa, católica e apostólica¹⁸⁰. Embora essa confissão tenha uma contribuição significativa para a época, a igreja não possuía um espaço dentro da Dogmática para seu estudo no conjunto do pensamento sistemático e nem era considerada como parte das doutrinas da redenção¹⁸¹.

De acordo com Pannenberg, somente no século XV é que começaram a ser produzidos estudos independentes sobre o tema da igreja, com os textos de João de Ragusa, *Tractatus de Ecclesia, de 1433/35*, e de João de Torquemada, *Summa de Ecclesia*, escrita um pouco depois¹⁸². Contudo, Salvador e Strefling irão apontar o texto de Tiago de Viterbo, *De regimine christiano*, no século XIV, como uma das primeiras tentativas de um tratado eclesiológico¹⁸³.

No século XVI, período histórico da Reforma Protestante, os estudos eclesiológicos ainda eram incipientes. Esse período refletia em uma ausência do estudo da igreja dentro do pensamento sistemático: como é sua formação, sua estrutura e sua hierarquia, em consonância com outras doutrinas.

É no contexto histórico da Reforma Protestante, que a igreja Católica, em seu esforço de se defender, movimento conhecido como Contrarreforma, desenvolveu um estudo sobre a igreja referente as *notae ecclesiae*, que são os sinais da igreja, baseado nos credos de Niceno e Niceno-constantinopolitano, que destacam quatro atributos da igreja, quais sejam: una, santa, católica e apostólica.

Mesmo com os esforços empreendidos na elaboração de um estudo sobre a igreja a partir do século XV, e no século XVI com os protestantes e católicos, Pannenberg vai dizer que “provavelmente a doutrina da igreja tenha sido introduzida na dogmática pela primeira vez pelos reformadores”¹⁸⁴.

De acordo com Pannenberg, Melanchthon lança em 1521 um estudo sistemático sobre a doutrina cristã denominada de *Loci communes*. Ele trabalha com diversas temáticas, como pecado, lei, evangelho, justificação, fé, sacramentos e

¹⁸⁰ Cf. os Credos Niceno, de 325 d.C., Niceno-constantinopolitano, de 381d.C.

¹⁸¹ Cf. W. PANNENBERG, Wolfhart. Teologia Sistemática. Volume 3. São Paulo: Academia Cristã; Paulinas, 2009, p. 50.

¹⁸² Cf. Ibid., p. 51.

¹⁸³ Cf. PIÉ-NINOT, S. Introdução à Eclesiologia. Coleção Introdução as Disciplinas Teológicas. São Paulo: Loyola, 1998, pp. 13-18; STREFLING, Sergio Ricardo. Igreja e Poder. Plenitude do poder e soberania popular em Marsilio de Padua. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, pp. 59-64.

¹⁸⁴ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, loc. cit.

amor; no entanto, não aborda a temática da igreja. Na segunda edição de seu estudo, em 1535, ele insere mais uma temática, que é sobre a igreja, chamada *De Ecclesia*. Com essa segunda edição do seu estudo, ao abordar a temática da igreja, ele é considerado, segundo Pannenberg, como o primeiro, na perspectiva evangélica da Reforma Protestante, a introduzir a eclesiologia no estudo sistemático da doutrina cristã¹⁸⁵.

Os estudos de Melanchthon e, posteriormente, os de Lutero e Calvino, definem, até o século XVII, a estrutura básica do estudo sistemático da doutrina cristã reformada. Os estudos obedecem a seguinte sequência: a lei, a fé, a oração, os sacramentos e, por último, a igreja. Pannenberg, irá ressaltar que a sequência do estudo da doutrina cristã reformada é a mesma sequência do estudo sistemático da teologia católica.

Ambas as teologias propõem realizar o estudo da graça (ou da apropriação individual da salvação) antes do estudo da igreja. Segundo Pannenberg, essa é também a perspectiva da dogmática católica até o século XX¹⁸⁶. Sendo que antes dessa época a eclesiologia não tão desenvolvida.

A perspectiva adotada por Pannenberg no seu estudo eclesiológico dentro de sua teologia sistemática, segundo Zeuch, é desenvolver o estudo da eclesiologia antecedendo as doutrinas dos meios da graça ou da apropriação individual da salvação¹⁸⁷.

Para Pannenberg, assim como para a teologia católica, o estudo da eclesiologia está inserido no âmbito da história da salvação. Deste modo, a igreja em sua constituição e em sua concepção está vinculada à perspectiva histórico-soteriológica, a Cristo, e, por assim dizer, ao reino de Deus vindouro¹⁸⁸.

Tal fato, continua Pannenberg, provavelmente, se deve ao longo período de tempo em que a influência da escolástica latina na teologia vinculou cristologia à doutrina da graça. Ou ainda, pela inserção demorada do estudo da igreja na

¹⁸⁵ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 52.

¹⁸⁶ Cf. Ibid., p. 54. Pannenberg cita Ludwig Ott para atestar essa perspectiva da teologia católica, expressa em *Grundriß der katholischen Dogmatik*, 2ª ed. 1954, p. 253ss., 312ss.

¹⁸⁷ Cf. M. ZEUCH, op. cit., p. 77.

¹⁸⁸ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 55.

organização dos temas da doutrina cristã; e esta inserção ocorreu em meio a muitas incertezas.

A partir desse período, muitas outras propostas de estruturação do estudo sistemático da doutrina cristã surgiram. Como por exemplo: Johannes Wollebius, Wilhelm Amesius e Abraão Calov. Esses autores propõe a mesma ordem de apresentação dos temas em suas Dogmáticas, contudo, distinguem-se pelas concepções diferenciadas que eles têm sobre a igreja.

Eles propõem a seguinte ordem para os assuntos no estudo da doutrina cristã: primeiro o estudo da graça (que é a apropriação individual da salvação), depois expõe o conceito de igreja e, por último, apresenta o estudo dos sacramentos. Essa ordem está referenciada no seguinte pensamento: a comunhão que cada pessoa estabelece com Deus por meio de Jesus é sempre mediada com o relacionamento que a pessoa tem com a igreja, através da proclamação e dos sacramentos¹⁸⁹.

Para Johannes Wollebius a igreja é entendida como *externa communio foederis gratiae*, já que ele dá um enfoque na teologia da aliança, e por isso a sua conceituação de igreja vem antecedendo ao estudo dos sacramentos. Wilhelm Amesius considera “a igreja como o sujeito primário da ação salvífica de Cristo”. O luterano Abraão Calov propõe a mesma ordem de apresentação dos dois autores anteriores, mas se diferencia desses dois por entender “a igreja em termos de Corpo místico de Cristo em estreita conexão com a Cristologia”¹⁹⁰.

Pannenberg, depois de citar alguns teólogos protestantes, fará menção a um teólogo católico chamado Michael Schmaus, que desenvolve a sua dogmática seguindo a mesma linha de raciocínio dos teólogos imediatamente acima referidos. Sua dogmática é anterior ao Concílio Vaticano II. Posterior ao Concílio Vaticano II, a obra comunitária *Ministerium Salutis*, continua adotando a mesma proposta de estruturação do estudo sistemático da doutrina cristã: o conceito de igreja anterior à doutrina da graça¹⁹¹.

¹⁸⁹ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 54-55.

¹⁹⁰ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 53; S. MADRIGAL, op. cit. (I), 2000, p. 180.

¹⁹¹ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 55. Pannenberg cita, em nota de rodapé, as publicações coletivas das dogmáticas para corroborar a ordem do estudo da eclesiologia na teologia católica: J. Feiner; M. Löhrer (eds.), *Mysterium Salutis. Grundriß heilsgeschichtlicher Dogmatik*, vol. IV/1: *Das Heilsgeschehen in der Gemeinde*, 1972. Vol. IV/2, 1973, p. 595-982: *Gottes Gnadenhandeln*. Vol. V: *Zwischenzeit und Vollendung der Heilsgeschichte*, 1976.

Nesses teólogos, sejam eles protestantes ou católico, podemos perceber uma característica em comum: são classificados como de cunho mais histórico-soteriológico. Essa característica vai ser predominante nos teólogos até o século XX, posto que eles obedecem a seguinte ordem, primeiro se expõe a apropriação individual da salvação e depois o estudo do conceito de igreja.

Como exemplo dessa perspectiva histórico-soteriológica, Pannenberg cita o filósofo e teólogo alemão Friedrich Schleiermacher, que trabalhou, em primeiro lugar, a perspectiva da obra de Jesus Cristo a favor de toda a humanidade, depois a pessoa em comunhão com Jesus Cristo e, por último, a doutrina da igreja inserida na ação redentora de Deus no mundo.

Nesse sentido, para Schleiermacher é importante colocar no estudo sistemático da doutrina cristã a doutrina da igreja posterior a exposição da apropriação individual da salvação, para diferenciar a perspectiva protestante da católica. Isto porque, na perspectiva protestante o relacionamento da pessoa com Jesus Cristo determina o relacionamento da pessoa com a igreja. Na perspectiva católica é o relacionamento da pessoa com a igreja que determina o relacionamento da pessoa com Cristo¹⁹².

Deste modo, para a perspectiva católica, se a pessoa não tem um bom relacionamento com a igreja, ela também não terá um bom relacionamento com Jesus Cristo. Para Schleiermacher, essa perspectiva católica é insustentável para o estudo sistemático da doutrina cristã. Já que, para se realizar um estudo coerente e sistemático da doutrina cristã, deve-se fazer o estudo eclesiológico posterior ao estudo cristológico e soteriológico.

Embora a crítica de Schleiermacher seja contundente, Pannenberg vai ressaltar que ao desenvolverem a estruturação do estudo sistemático da doutrina cristã, tanto os teólogos protestantes como os católicos, a doutrina da graça é um estudo anterior à eclesiologia e, por isso, o trato da eclesiologia é desenvolvido a partir da perspectiva histórico-soteriológica. Isso significa dizer, que a existência da igreja, para esses teólogos, tem seu sentido explicitado a partir da história da salvação, ou seja, da ação salvífica de Deus no mundo.

¹⁹² Cf. W. PANNENBERG, *op. cit.*, 2009, p. 54.

De acordo com Pannenberg, na perspectiva da história da salvação, o conceito veterotestamentário de povo de Deus, relacionado a Israel como o povo da aliança, terá continuidade no conceito neotestamentário de igreja. Por isso, povo de Deus e igreja não podem deixar de ser referenciados na história da salvação.

É na encarnação de Jesus Cristo que o reino de Deus se irrompe, expondo o plano de salvação de Deus para a humanidade. A igreja, assim, ganha relevância como sinal do reino vindouro de Deus.

Esses dois conceitos, o de povo de Deus e a igreja, se correlacionam ao de reino de Deus, na medida em que são vinculados à história da salvação. O único Deus se revela à humanidade na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, evidenciando o cumprimento da promessa realizada no Antigo Testamento e a apresentação histórica da consumação final.

Segundo Pannenberg, ao se irromper com Jesus Cristo, o senhorio de Deus se torna o princípio criador da transformação histórica do povo de Deus e da sua renovação escatológica. Isso significa dizer que o povo de Deus não é mais composto unicamente pelo povo judeu, mas por judeus e gentios, ou seja, todos os seres humanos. A perspectiva terrena e presente é subjugada por uma perspectiva celeste e futura.

O senhorio de Deus é profetizado e ansiado no Antigo Testamento. No Novo Testamento se torna realidade na revelação de Deus por meio da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Sendo assim, podemos dizer que o senhorio de Deus tem um acontecimento histórico demarcado, qual seja:

Justamente a transição do envio de Jesus ao povo de Deus da antiga aliança até o surgimento da igreja como resultado da rejeição de Jesus por seu povo documenta a soberania do senhorio de Deus perante o povo da aliança. Somente quando se leva em conta essa primazia do senhorio de Deus diante do povo de Deus por ele constituído pode-se valorizar também a continuidade com Israel que persiste apesar da singularidade da igreja como congregação escatológica¹⁹³.

Cabe ressaltar que o conceito essencial da igreja precisa ser analisado a partir da realidade histórica e concreta do senhorio de Deus, possível a partir da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Porque, a concepção de igreja é vislumbrada como sinal do reinado vindouro de Deus, ou seja, ela não é o reino de Deus, mas

¹⁹³ Cf. W. PANNENBERG, *op. cit.*, 2009, p. 56.

seu sinal, meio de representação acerca do reino de Deus. Com isso, a igreja é vista como um sinal provisório do reinado vindouro de Deus.

Nesse sentido, ao tratar o tema da eclesiologia, necessariamente, deve abordá-lo a partir do contexto da cristologia. Isto porque, a reunião das pessoas no reino vindouro de Deus, que Pannenberg vai chamar de humanidade renovada, que é central para pensar a igreja como reunião das pessoas que professam a fé em Jesus Cristo, será definida a partir da aceitação de cada indivíduo ao ato salvífico do único Deus.

Em Jesus Cristo temos a imanência de Deus e a irrupção do reino de Deus. Fatos ocorridos na história e acessíveis a toda a humanidade. Contudo, a mensagem de Jesus foi direcionada a cada indivíduo em particular, para que cada um, por sua livre vontade, se decidisse por acreditar e aceitar o ato salvífico de Deus em Jesus Cristo. Nesse sentido, pode-se dizer que cada indivíduo faz sua escolha, e todos aqueles que escolhem a Deus, ao se reunirem, formam a igreja. Por isso, todos aqueles, que em unidade formam a igreja, possuem um relacionamento com Deus por meio de Jesus Cristo.

Esse relacionamento entre Deus e ser humano não tem nenhuma mediação por parte dos sacramentos. Assim, historicamente, foi estruturado pela teologia cristã o estudo da aceitação de cada indivíduo ao ato salvífico do único Deus – que é a doutrina da graça, na qual Deus oferece seu filho para morrer pelos pecados de toda humanidade – ser realizado antes do estudo dos sacramentos e da temática da igreja.

Importante ressaltar que a perspectiva da formação da igreja analisada posteriormente ao vínculo de cada indivíduo com Deus não significa que a igreja tenha seu valor diminuído. Essa ordem é apenas para fins de estrutura e constituição histórica da ação de Deus na história da humanidade.

Por isso, a própria dinâmica da igreja vai evidenciar que aqueles que fizeram uma escolha de se relacionar com o único Deus, ao se reunirem, formam a igreja, e esta igreja vai manifestar esse relacionamento com Deus, que é anterior a constituição da igreja, por meio da vida cultural comunitária, dos sacramentos e dos ministérios nela exercidos.

3.4

A obra de Teologia Sistemática e o lugar da eclesiologia

A obra de Teologia Sistemática de Wolfhart Pannenberg é sem dúvida uma das maiores contribuições para a Teologia do século vinte. Pode-se dizer que é uma exposição densa e profunda da doutrina cristã. Esta obra está dividida em três volumes, que foram lançados, respectivamente, nos anos de 1988, 1991 e 1993.

No primeiro volume da sua obra de Teologia Sistemática, que está disposto em seis capítulos, quais sejam: a verdade da doutrina cristã como tema da Teologia Sistemática; o conceito de Deus e a questão da sua verdade; a realidade de Deus e os deuses na experiência das religiões; a revelação de Deus; o Deus trinitário; e a unidade e atributos da essência de divina.

Nesse primeiro volume, Pannenberg vai apresentar o estudo da Teologia como sendo o estudo sobre Deus. Desta maneira, logo no primeiro capítulo, ele fará uma discussão sobre o conceito da teologia.

A característica com que Pannenberg inicia esse volume é considerada como uma teologia feita a partir de baixo, isto porque ele começa com a definição da teologia e, a partir disso, desenvolve o seu estudo sobre Deus visando o contexto do cultural da sociedade secularista moderna, que nega a existência de Deus.

Nesse sentido, ele precisa desenvolver esse conceito a partir da unidade sistemática da doutrina cristã, qual seja: a revelação histórica do único Deus na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Esta revelação do único Deus está no testemunho dos escritos neotestamentários.

Contudo, vale ressaltar que esse conceito é demarcado historicamente, pois assim o conceito pode ser entendido de forma plena e original, pois Pannenberg diz que o conceito

é compreendido inteiramente em função somente se está determinado o lugar histórico de sua introdução, e se as modificações de seu uso e de sua posição na escala de valores na doutrina cristã estão claramente identificadas juntamente com as razões que determinaram essas modificações¹⁹⁴.

¹⁹⁴ Cf. PANNENBERG, Wolfhart. Teologia Sistemática. Volume 1. Prefácio. São Paulo: Editora Academia Cristã; Paulus, 2009, p. 22.

Deste modo, faz-se imprescindível a inserção da perspectiva histórica na análise dos conceitos, a fim de que os estudos sistemáticos da doutrina cristã não sejam arbitrários, descomprometidos e acríticos.

Essa perspectiva histórica está ligada ao estudo sistemático da doutrina para Pannenberg, pois a cerne da teologia, que é a revelação do único Deus em Jesus Cristo, acontece na história.

Para tanto, em seu texto, ele irá usar de forma recorrente o aporte dos fatos históricos para expor detalhes e explicações e, com isso, fundamentar melhor os assuntos discutidos e apresentados, bem como desenvolver sua argumentação sistemática.

No segundo capítulo do primeiro volume, Pannenberg irá abordar os modernos estudos sobre o uso da palavra “Deus”. No terceiro capítulo, ele irá descrever, na história, os conceitos sobre religião. No quarto capítulo, ele fará uma análise bíblico-exegética minuciosa.

Importante notar que Pannenberg usará um procedimento metodológico diferente para cada capítulo, essa diferença acontece de acordo com a mudança de objeto que se está estudando. A reflexão metodológica, nesse sentido, tem fundamentação teórica em seu assunto e no seu desenvolvimento. Posto que, no caso específico da teologia, em que há pouco consenso geral, não pode ser um estudo abstrato, mas um método adequado ao contexto cultural da sociedade secularista moderna.

Os quatro primeiros capítulos do primeiro volume, em uma linha de pensamento conexa, tratam do cristianismo dentro do conjunto das religiões, cada uma com sua pretensão de verdade, e que essas verdades são divergentes entre si, já que todas acreditam que a sua verdade é única. Para tratar, no quarto capítulo, especificamente, da pretensão de verdade do cristianismo.

Nos capítulos posteriores Pannenberg irá descrever a autocompreensão da doutrina cristã e a sua pretensão de verdade a partir do conhecimento advindo da revelação contida nos escritos bíblicos.

Diferente da característica que Pannenberg inicia este volume, com uma teologia feita a partir de baixo, nesse ponto, a sua teologia passa por um giro metodológico, e começa a ser feita a partir de cima, ou seja, desenvolve o seu estudo

sobre Deus pelo conceito de revelação, fundamento para a reflexão da pretensão de verdade do cristianismo, que é a automanifestação do único Deus na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

A preocupação primordial de Pannenberg no primeiro volume, que será aporte para os dois outros volumes, é tornar inteligível e crível Deus no contexto cultural da sociedade secularista moderna, seja qual for a característica metodológica desenvolvida por ele, se um conhecimento Deus advindo de baixo por meio do conceito de teologia, ou advindo de cima por meio do conceito de verdade

Pannenberg é enfático nas suas palavras quando diz que esse volume não trata da teologia confessional luterana ou de uma teologia europeia, mas trata da verdade da doutrina cristã e da confissão cristã em si.

No primeiro volume de sua obra de Teologia Sistemática, Pannenberg vai apresentar uma análise sistemática da doutrina cristã acerca da verdade nos discursos sobre Deus. Ao reconhecer na atualidade uma gama variada de religiões, essa verdade também pode ser visualizada em todas as religiões. Cada uma dessas religiões, assim como o cristianismo, tem cada uma a sua pretensão de verdade, sendo todas elas divergentes em seus discursos. O que há de comum entre elas é a busca pela verdade última sobre o mundo, o ser humano e sobre Deus.

No contexto cultural da sociedade secularista moderna, nós temos um discurso de negação das diferenças entre as religiões, pois propala a ideia de que todas as religiões rumam para o mesmo caminho, que é Deus. Um discurso de que não existe uma pluralidade de religiões.

Tal fato, reforça a ideia de que a pretensão de verdade de cada religião não pode ser tratada como confissões de diferentes religiões e, principalmente, estão fora da esfera pública. Torna, assim, a pretensão de verdade um espaço particular de cada pessoa, que não diz respeito ao interesse público.

É neste contexto, do pensamento da cultura secularista moderna, que o cristianismo tem que defender a sua pretensão de verdade. Essa defesa não pode prescindir da revelação, sua base primordial, e também deve reconhecer a multiplicidade das pretensões de verdade das outras religiões.

A pretensão de verdade do cristianismo está baseada na revelação do Deus único à toda a criação, por meio da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Essa é a verdade definitiva e absoluta do cristianismo.

A partir da pretensão de verdade do cristianismo, o teólogo tem uma tarefa primordial: tornar inteligível e crível Deus a todos. Para Pannenberg, essa tarefa só será alcançada caso o teólogo consiga ser o mais imparcial possível na análise da sua própria pretensão de verdade.

Essa análise imparcial da sua própria pretensão de verdade se faz necessária, de acordo com Pannenberg, porque caso essa pretensão seja tomada previamente, desconsiderando as outras pretensões, pode ser considerada como uma convicção subjetiva, uma inverdade objetiva ou uma amável fábula. É a partir da imparcialidade que a pretensão de verdade sai do âmbito subjetivo e adentra a esfera pública, se torna concreta na vida e no cotidiano das pessoas.

É a partir dessa constatação que Pannenberg irá desenvolver o segundo volume de sua obra de Teologia Sistemática, que está disposto em cinco capítulos, quais sejam: a criação do mundo; a dignidade e a miséria da humanidade; antropologia e cristologia; a deidade de Jesus Cristo; e a reconciliação do mundo¹⁹⁵.

Pannenberg realiza no segundo volume uma apresentação sistemática da doutrina cristã, que terá sua argumentação com base na sua pretensão de verdade como aberta. Isso significa que existe a possibilidade de sua comprovação na história de vida das pessoas, no contexto cultural da sociedade secularista moderna, assim como sua aprovação prévia a partir de conteúdos lógicos e harmônicos.

Contudo, é preciso levar em conta que, mesmo a apresentação da doutrina cristã em sua pretensão de verdade seja considerada como aberta, a cultura secularista moderna a trata como algo relegado ao campo da religião, ou seja, não pode estar atrelada à reflexão pública e a de outras ciências.

No primeiro capítulo do segundo volume, Pannenberg defende a pretensão de verdade da doutrina crista como aberta. No segundo e no terceiro capítulos mostra essa pretensão de verdade no contexto da sociedade secularista moderna. No quarto capítulo mostra as divergências nos discursos de cada religião na defesa de sua

¹⁹⁵ Cf. PANNENBERG, Wolfhart. Teologia Sistemática. Volume 2. São Paulo: Editora Academia Cristã; Paulus, 2009.

pretensão de verdade. A partir disso, considerando todas as religiões, o cristianismo defende a sua pretensão de verdade.

A pretensão de verdade do cristianismo está contida nos escritos neotestamentários, que assevera a revelação escatológica do único Deus, criador de toda a realidade existente, por meio da história da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Todos os capítulos seguintes mostrarão como essa pretensão de verdade do cristianismo apresenta os conteúdos lógicos e harmônicos da doutrina cristã de Deus, do mundo e da humanidade, com vistas a sua reconciliação e redenção.

A perspectiva da teologia na sua tarefa de tornar inteligível e crível Deus por meio da doutrina cristã é mostrar a possibilidade de uma pretensão de verdade lógica e harmônica a partir do evento da revelação de Deus na pessoa de Jesus Cristo. Por isso, Pannenberg não irá se preocupar, no seu texto, com a análise das interpretações que outras religiões fazem da temática de Deus, do mundo e da humanidade, já que isso é tarefa da filosofia da religião e não da teologia.

Em uma linha argumentativa bem estruturada e contundente, Pannenberg desenvolve sua obra de Teologia Sistemática de modo a construir nos três volumes um estudo da doutrina cristã que seja harmônico e lógico. Nos dois primeiros volumes, ele trata do conceito de teologia e da defesa da pretensão de verdade do cristianismo. No terceiro volume, ele tratará sobre a salvação final de toda a criação que por Deus existe e nele se sustenta.

O terceiro volume está disposto em quatro capítulos, quais sejam: efusão do Espírito; reino de Deus e igreja; a congregação do Messias e o indivíduo, eleição e história; e a consumação da criação no reino de Deus.

Embora o tema igreja não seja o principal no terceiro volume da obra de Teologia Sistemática, Pannenberg reconhece que ele está inserido no contexto mais amplo de todo esse volume: a consumação final de toda a criação de Deus.

Importante salientar que o tema da eclesiologia não foi tratado exclusivamente em suas literaturas anteriores, mas foi abordado de maneira tangencial a outras temáticas, tais como antropologia, hermenêutica histórica e reino de Deus.

Essa perspectiva da consumação final, que trata o Espírito Santo como dádiva escatológica, aponta para a certeza da salvação, principalmente, a de cada indivíduo, por meio da fé, da graça e da justificação. E que o conjunto desses indivíduos que creem na sua salvação advinda do único Deus revelado na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, compõe a igreja.

Tais considerações são importantes para pensar a comunhão e a unidade de todos aqueles que são chamados de cristãos, que no seu conjunto formam a igreja e, por meio desta eles se tornam expressão antecipada do reino vindouro de Deus.

A eclesiologia de Pannenberg é uma variável do estudo do reino de Deus, que engloba tanto o povo de Deus – Israel – no Antigo Testamento, como também a igreja no Novo Testamento. Pois, para o autor a igreja é continuidade do povo de Deus – Israel. A igreja é considerada a comunidade escatológica, que aponta para o reino vindouro de Deus. A igreja é vista como sinal de antecipação do cumprimento da história da humanidade, ou seja, a igreja é a prévia do que virá na consumação da humanidade, embora não totalmente¹⁹⁶.

A igreja, nesse sentido, é sinal, pois foi instituída para testemunhar e revelar a todos sobre a verdade da ação de Deus, como criador de toda a realidade existente, e como amoroso por garantir a salvação final de toda a realidade existente criada.

Nesse sentido, cada cristão é partícipe, como constituinte da igreja, no testemunho a na revelação no sinal da futura consumação da salvação. Por isso, a vida de cada cristão deve confirmar e se concretizar esse sinal. E isso acontece por meio da relação direta, sem intermediação, da pessoa com Deus. A partir do momento em que essa relação mediata se estabelece entre o ser humano e Deus, a vida do ser humano é transformada, a sua expectativa de vida se estabelece através da fé, da esperança e do amor em um futuro vindouro, que é o reinado de Deus, que já se inicia no presente.

A essa característica da igreja, Pannenberg vai denominar de *communio*, que significa comunhão de todos os cristãos. Esta característica da igreja acontece na estrutura estabelecida pela unidade dos cristãos nas suas celebrações como comunidade local, um demonstrativo e um reflexo da comunhão invisível de todos os cristãos ligados ao único Deus.

¹⁹⁶ Cf. M. ZEUCH, op. cit., p. 78

A vida eclesial de cada cristão, que no seu conjunto expressa a realidade dos cristãos em geral, deve ser considerada, por isso, a partir da experiência de *communio*. É nessa experiência de comunhão dos cristãos, que a igreja se torna sinal da salvação escatológica, onde se pode experimentar, previamente, a comunhão em liberdade, justiça e paz do reinado vindouro do único Deus.

Em conexão com a linha de pensamento nos dois primeiros volumes de sua obra de Teologia Sistemática, Pannenberg aborda no terceiro volume a contribuição da igreja para o testemunho e a revelação da mensagem cristã, expressa na doutrina cristã. Essa contribuição da igreja, de fato, está a apropriação de conteúdos lógicos e harmônicos, por parte dos cristãos que compõe a igreja, para defesa da pretensão de verdade do cristianismo.

A ênfase de Pannenberg na defesa da pretensão de verdade do cristianismo por meio da igreja se dá pela experiência da *communio*. Para que a pretensão de verdade tenha crédito no espaço público, deve existir a unidade e a conciliação de todas as tradições confessionais no cristianismo. Contudo, o que se percebe na história do cristianismo é a recorrente cisão entre as igrejas.

Desta maneira, a igreja como proposta de defesa da pretensão de verdade no cristianismo, assim como de sinal para o reinado vindouro do único Deus, fica obscurecida por sua trajetória histórica de divisões.

Embora seja uma realidade desfavorável para a igreja, que, por conseguinte, também é para a defesa da pretensão de verdade no cristianismo, a consumação escatológica de toda a criação será a prova e a indicação definitiva do único Deus à toda a humanidade da sua revelação em Jesus Cristo.

Essa verdade, mesmo diante do contexto atual das igrejas, não pode ser desconsiderada. A igreja é a configuração provisória da pretensão de verdade do cristianismo, pois torna presente a realidade do reino vindouro do único Deus.

De acordo com o pressuposto utilizado por Pannenberg para desenvolver o estudo da igreja como integrante das temáticas na Teologia Sistemática¹⁹⁷, ele vai se apoiar na perspectiva histórico-soteriológica. A igreja, nesse sentido, é pensada no contexto da ação salvífica de Deus para com a humanidade, em conexão com o

¹⁹⁷ Esse assunto foi apresentado nesse capítulo, mais especificamente, na seção 3.3. Pannenberg mostra na história do cristianismo a inserção do estudo da igreja na Teologia Sistemática.

estudo da graça, que é a apropriação individual da salvação, e do estudo do fim de todas as coisas.

Nessa perspectiva, existe uma relação direta e permanente dos cristãos, em suas individualidades, com o Deus de Jesus Cristo, uma relação não mediada. Essa é uma característica fundamental para Pannenberg, posto que a vida litúrgica eclesial, os sacramentos e o ministério, são dependentes desse relacionamento, não mediado, de cada cristão com o Deus de Jesus Cristo¹⁹⁸.

Referenciado nesse pressuposto, Pannenberg divide o terceiro volume de sua obra de Teologia Sistemática em quatro capítulos, que apresentam a pneumatologia, a eclesiologia, a soteriologia e a escatologia.

O primeiro capítulo do terceiro volume, que é o de número doze, apresenta a ideia da efusão do Espírito Santo, como a consumação da economia soteriológica de Deus. Nesse mesmo capítulo, ele desenvolve, a partir da ação de Deus por meio do seu Espírito Santo, os conceitos de reino de Deus, igreja, lei e evangelho.

No capítulo seguinte, que é o de número treze, Pannenberg apresenta a ideia da comunidade ou congregação do Messias e o indivíduo. Este pode ser considerado o capítulo eclesiológico do terceiro volume, em que ele, a princípio, define igreja como comunhão de fiéis. A partir dessa definição, ele indica uma discussão importante sobre a relação entre igreja e o cristão: a prioridade da comunidade eclesial diante da apropriação individual da salvação e a relação não mediada do cristão individual com Cristo¹⁹⁹.

Ele desenvolve esse capítulo em cinco subdivisões que transcorrem e aprofundam o conceito de igreja e a relação da igreja com o cristão na sua individualidade. Para isso, ele apresenta os seguintes temas: a igreja como comunidade dos crentes e corpo de Cristo, a apropriação individual da salvação, os sacramentos, o ministério ordenado e o povo de Deus.

No terceiro capítulo do seu último volume, que é o capítulo 14, Pannenberg aprofunda o tema do povo de Deus, tratado no final do capítulo anterior, para apresentar a discussão sobre a eleição e a história. Esse capítulo é importante, pois demarca a prioridade e a centralidade do conceito de reino de Deus em detrimento

¹⁹⁸ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 147.

¹⁹⁹ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 147; S. MADRIGAL, op. cit. (I), 2000, p. 183.

do conceito de povo de Deus. Para o autor, o conceito de povo de Deus, na perspectiva do reinado vindouro de Deus, é apenas uma variável²⁰⁰.

Embora, Pannenberg entenda que a igreja, na história da salvação, seja a continuidade do povo escolhido de Deus do Antigo Testamento, a igreja será sempre determinada e inserida no escopo do reinado vindouro de Deus, do qual é sinal antecipado, que aponta para o futuro escatológico da humanidade.

No último capítulo do terceiro volume, que é o capítulo 15, finaliza não somente este volume, mas toda a obra de Teologia Sistemática de Pannenberg, porque apresenta o estudo da escatologia, ou seja, a plenitude da criação no reino de Deus.

Nesse capítulo, Pannenberg expõe a consumação escatológica do reino de Deus. Essa consumação será marcada pelo fim do aspecto provisório da existência da igreja, a revelação da Verdade, a chegada do futuro absoluto, a extinção da justiça e das leis humanas e a erradicação da oposição entre indivíduo e sociedade.

De um modo geral, podemos perceber que na arquitetura do terceiro volume da obra Teologia Sistemática de Pannenberg, ele situa a igreja, sinal escatológico do reino de Deus, no marco da doutrina do Espírito Santo, que é um dom escatológico, porque “através do Espírito o futuro escatológico já é presença nos corações dos fiéis”²⁰¹. É na “atuação do Espírito de Deus em sua igreja e nos crentes serve à consumação de sua atuação no mundo da criação”²⁰².

²⁰⁰ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 56.

²⁰¹ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 724.

²⁰² Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 26.

4

Alguns tópicos eclesiológicos fundamentais da Teologia Sistemática

Vimos que o fio condutor dos três volumes da obra de Teologia Sistemática de Pannenberg está centrado na ideia de Deus. A ideia de Deus como criador e sustentador de toda a realidade existente é o que dá coesão e unidade a todos os temas tratados nos três volumes. Deus como o “Amor criador” é o assunto dominante e unificador, do qual todas as outras temáticas derivam²⁰³. Deus com seu amor criador leva sua obra até a consumação escatológica.

É a partir do discurso teológico, ancorado na doutrina cristã e na história, em um produtivo diálogo interdisciplinar, que Pannenberg reflete sobre o Deus criador, que também é amor. Pannenberg reflete que Deus se revela a toda a humanidade por meio de Jesus Cristo. Nele se inaugura o reino de Deus. Manfred Zeuch diz que Pannenberg vê em Jesus Cristo a “irrupção proléptica do fim no curso da história da humanidade. A prolepse encontra-se, então, numa tensão entre o *já*, e o *ainda não*”. Ele apresenta o conceito de prolepse como uma tentativa de relacionar passado, presente e futuro²⁰⁴. É central a referência à ressurreição de Jesus. Com Jesus Cristo se comunica a ação do Espírito. Para Pannenberg, o conceito de igreja está dentro do quadro do Espírito como dádiva escatológica.

Nesse capítulo procederemos apresentando dois tópicos eclesiológicos fundamentais da Teologia Sistemática de Wolfhart Pannenberg, que se encontram no início do terceiro volume: a igreja no contexto da dádiva do Espírito Santo e a igreja como sinal escatológico do Reino de Deus. Outros pontos eclesiológicos também poderiam ser estudados a partir da Teologia Sistemática, entre eles o conceito de igreja como comunhão dos fiéis e povo de Deus. A seguir apresentaremos os dois primeiros pontos que destacamos.

²⁰³ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, Juan Antonio. Introducción. In: PANNENBERG, Wolfhart. Teologia Sistemática. Volume II. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1996, p. XIV.

²⁰⁴ Cf. M. ZEUCH, op. cit., p. 78.

4.1

A Igreja no contexto da dádiva do Espírito Santo

Nessa seção, apresentamos primeiro algumas observações gerais no tema que estudamos e depois analisamos os pontos principais da primeira parte do capítulo doze da Teologia Sistemática, que é um capítulo que tem como título “Efusão do Espírito, Reino de Deus e Igreja”. A primeira parte do capítulo tem como subtítulo “A consumação da economia soteriológica de Deus por meio do Espírito”. Apresentaremos os três tópicos desenvolvidos por Pannenberg dentro desse subtítulo.

Iniciamos com algumas observações gerais para esse tema. Observa-se que diante das várias formas de organizar a sequência dos temas da Dogmática na teologia a partir da Reforma e em outras Dogmáticas – todas com o objetivo de desenvolver a defesa da pretensão de verdade da doutrina cristã –, Pannenberg opta por tratar o assunto da igreja dentro do âmbito da ação de Deus por meio do seu Espírito Santo, na perspectiva histórico-salvífica da ação de Deus em favor da humanidade.

A Palavra que se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1,1) tem sua reflexão na teologia a partir do evento de *Deus se revelando na história dos homens em Jesus Cristo*, pessoa histórica, que é carne. Accordini diz que é somente na pessoa de Jesus de Nazaré, em sua historicidade, que é possível perceber a manifestação de Deus, a transcendência se tornando imanência²⁰⁵.

A esse evento histórico, Pannenberg vai denominar da “automanifestação” ou “autorrealização” de Deus no mundo. Martínez Camino observa que na Teologia de Pannenberg, esse evento demonstra a economia de Deus, ou seja, o Pai como criador dos céus e da terra (criador de toda a realidade existente), o Filho como o reconciliador do mundo e o Espírito Santo como o santificador dos crentes²⁰⁶.

A igreja, nessa perspectiva, deve ser a proposta para o mundo no futuro do Reino de Deus, já que o Reino vindouro de Deus é o destino final de todos os seres

²⁰⁵ Cf. G. ACCORDINI, op. cit., p. 5.

²⁰⁶ Cf. J. A. MARTINEZ CAMINO, op. cit., 1996, p. XIV-XV.

humanos, destino esse que possibilita a unidade com Deus e a unidade dos seres humanos entre si²⁰⁷.

Pannenberg diz que a “igreja existe como comunhão dos que creem, porque nela chega à concretização histórica a união dos diversos fiéis para a comunhão do corpo de Cristo”²⁰⁸. Deste modo, a “igreja não é absolutamente nada fora de sua função como congregação escatológica e, portanto, como sinal de antecipação do senhorio vindouro de Deus e de sua salvação para a humanidade”²⁰⁹.

Para Pannenberg, a igreja se situa dentro da ação salvífica de Deus no mundo e só pode ser pensada a partir dessa ação histórica de Deus. Quaisquer outras análises que desconsiderem a perspectiva histórico-soteriológica de Deus em favor da humanidade não conseguem defender a pretensão de verdade do cristianismo, pois essa perspectiva é básica para pensar a igreja, sua mensagem e a esperança da consumação da obra de Deus.

Essa ação salvífica de Deus se expressa no agir da Trindade, que é a ação do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que criou no início de todas as coisas, atualmente sustenta e irá consumir toda a realidade existente no fim dos tempos. Desta maneira, para Pannenberg “o agir do Deus trinitário em sua criação é em todas as suas configurações um agir do Pai por meio do Filho e do Espírito, um agir do Filho em obediência ao Pai, e a glorificação de ambos na consumação de sua obra por meio do Espírito”²¹⁰.

Podemos observar como Pannenberg desenvolve a reflexão sobre “a consumação da economia soteriológica de Deus por meio do Espírito”, como está no subtítulo da primeira parte do capítulo doze. O autor mostra três tópicos, que apresentamos abaixo adaptando seus títulos.

²⁰⁷ Cf. The Present and Future Church. First Thing, p. 47-51, nov. 1991. Disponível em: <<http://www.firstthings.com/article/1991/11/006-the-present-and-future-church>>. Acesso em: 06/04/2016.

²⁰⁸ Cf. PANNENBERG, Wolfhart. Teologia Sistemática. Volume 3. São Paulo: Academia Cristã; Paulinas, 2009, p. 575.

²⁰⁹ Cf. PANNENBERG, Wolfhart. Teologia Sistemática. Volume 3. São Paulo: Academia Cristã; Paulinas, 2009, p. 64.

²¹⁰ Cf. PANNENBERG, Wolfhart. Teologia Sistemática. Volume 3. São Paulo: Academia Cristã; Paulinas, 2009, p. 25.

4.1.1 Atuação soteriológica do Espírito

Pannenberg relaciona a atuação soteriológica do Espírito com a atuação na criação. O Espírito atuou na criação como dádiva, gerando vida e movimento. Ele continua a agir prolongando a obra da criação e levando para a destinação final com uma vida transformada e uma nova vida na eternidade com Deus.

O primeiro aspecto é o agir da Trindade. Pai, Filho e Espírito estão unidos. A Trindade atua junto na criação e na salvação da humanidade e do mundo. Nesse aspecto, podemos perceber uma concordância entre católicos e protestantes acerca do fundamento da igreja. A igreja está fundamentada no agir da Trindade. Esse agir da Trindade na e por meio da igreja presente no mundo visa “reconhecer em Jesus de Nazaré o eterno Filho do Pai e movendo seus corações para enaltecer a Deus mediante fé, amor e esperança”²¹¹.

Pannenberg mostra que na criação o agir do Deus Trinitário é “o agir do Pai por meio do Filho e do Espírito, um agir do Filho em obediência ao Pai, e a glorificação de ambos na consumação de sua obra por meio do Espírito”²¹².

Portanto, o Espírito Santo de Deus não age somente na redenção, mas também na criação. O Espírito atua na criação de toda a vida. Ele tem uma atuação soteriológica de gerar nova vida na ressurreição.

O Espírito atua na igreja. Pannenberg mostra que “a atuação do Espírito de Deus em sua igreja e nos crentes serve à consumação de sua atuação no mundo da criação”²¹³.

Pannenberg acentua a relação entre os efeitos soteriológicos do Espírito nos fiéis, a atividade como Criador da vida e a nova criação e consumação escatológica. Segundo ele essa relação foi negligenciada antes na teologia.

A ação do Espírito Santo de Deus dentro da Trindade é constatada no “envio”, pelo Filho, do Espírito que em eternidade emana do Pai (Jo 15.26s; 16.7)”²¹⁴.

Pannenberg mostra o agir do Espírito junto com o agir do Filho. O Espírito está em uma relação íntima com o Filho, isto porque no princípio da criação de toda

²¹¹ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 25.

²¹² Cf. Ibid.

²¹³ Cf. Ibid., p. 26.

²¹⁴ Cf. Ibid., p. 29.

a realidade existente, o *Logos* age junto com o Espírito. Pelo *Logos* o Pai traz à existência a todas as coisas, e o outro proporciona movimento e vida às criaturas.

O Espírito é comunicado aos discípulos pelo Ressuscitado. Pannenberg demonstra que, conforme o texto de Atos 2.33, o Espírito é derramado no Pentecoste pelo Exaltado. No texto de João 14.26, o Espírito é dado por meio da imposição de mãos. No texto de 1 Pedro 1.11, o Espírito é concedido pelo Pai pela súplica do Filho. Pai e Filho atuam juntos²¹⁵.

Na consumação de toda a realidade existente, eles continuam a agir juntos, pois o Espírito proporciona a condição de transformação das criaturas e dessas terem acesso à glória de Deus, e o Filho é o caminho para se chegar a Deus e participar do seu reino.

A ação soteriológica da Trindade age em toda a história por meio do Pai, do Filho e do Espírito, os três em uma relação íntima. Essa relação da Trindade em seu agir soteriológico ocorre no “envio do Espírito por meio do Filho [...] o Espírito glorifica Jesus como o Filho do Pai, ao ensinar a reconhecer nas palavras de Jesus e em sua atuação a revelação do Pai”²¹⁶.

Se o Espírito é enviado pelo Filho, e o Filho é enviado do Pai, podemos dizer que o Espírito dá testemunho de Jesus de Nazaré como o Filho enviado por Deus e da mensagem cristã da Páscoa. Esse testemunho diz que a morte de Jesus de Nazaré é para perdão dos pecados e sua ressurreição, após o terceiro dia, garante a vida eterna, a nova vida com Deus.

Sendo assim, o Espírito tem condição de testemunhar do sentido escatológico do nascimento, vida e morte de Jesus, a sua história, porque o próprio Espírito é uma *dádiva escatológica*. O Espírito não somente atuou no princípio da criação gerando vida e movimento, “mas também na origem da nova vida que irrompeu com a ressurreição de Jesus Cristo e que se diferencia da vida terrena”²¹⁷.

De acordo com Pannenberg, na salvação, o Filho e o Espírito agem em conjunto. Jesus, como o Filho ressuscitado, atua, inseparavelmente, do Espírito. Seja no acontecimento da Páscoa, ou na vida pré-pascal de Jesus, o Espírito age de forma plena na vida de Jesus. Em ambos, que estão relacionados, podemos perceber

²¹⁵ Cf. *Ibid.*, p. 29.

²¹⁶ Cf. *Ibid.*, p. 30.

²¹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 31.

a “expressão da irrupção do futuro da salvação escatológica de Deus na pessoa e história de Jesus”²¹⁸.

Para Pannenberg, o Novo Testamento apresenta várias concepções sobre o Espírito Santo. Contudo, elas não são excludentes, mas complementares. Ele cita, por exemplo, os textos de Lucas, João e Paulo, que apresentam diferenças sobre o Espírito e sua atuação.

No texto de Lucas, Pannenberg destaca o evento de Pentecostes, que está referenciado no texto profético de Joel 3.1-5, como cumprimento da profecia da Efusão do Espírito. Na teologia paulina, ele enfatiza a correlação entre o Espírito e vida na ressurreição. Na descrição joanina, ele considera o Espírito como o hipostático que glorifica a Jesus. As referências bíblicas de Lucas, Joel e João (citadas acima), consideradas por Pannenberg, não se contradizem, mas se complementam.

Não podemos entender a atuação da Trindade como se fossem três pessoas agindo de forma autônoma, sem uma atuação conjunta. A Trindade – o Espírito que emana do Filho, o Filho que é enviado por Deus – age desde o princípio de toda a realidade existente em conformidade e unidade, e continuará agindo até a salvação escatológica, na consumação de toda a realidade existente.

O Espírito que age na revelação do Filho como enviado do Pai para toda a humanidade, age também especificamente sobre os fiéis. Essa ação do Espírito sobre os fiéis não é somente externa, mas também interna.

Para Pannenberg, essa ação interna do Espírito sobre os fiéis é considerada como dádiva. Por isso, o fiel que recebe a ação do Espírito, o recebe como dádiva. E o Espírito como dádiva, deve ser entendido a partir da perspectiva histórico-soteriológica, já que “o Espírito é dado aos fiéis por meio de Jesus Cristo, em cuja pessoa e história o futuro escatológico de salvação já irrompeu, de sorte que os fiéis estão cômnicos do Espírito recebido como sendo o Espírito de Jesus Cristo”²¹⁹.

A maneira básica de atuação do Espírito, segundo Pannenberg, é gerando vida e movimento. É por meio do Espírito que as criaturas no princípio de toda a realidade existente passaram a ter vida e a se movimentarem. O Espírito atua gerando nova vida. E essa atuação do Espírito deve ser sempre analisada dentro da

²¹⁸ Cf. *Ibid.*, p. 31.

²¹⁹ Cf. *Ibid.*, p. 33.

atuação trinitária, posto que “o Filho é eternamente recebedor do Espírito que emana do Pai”²²⁰.

Para além da atuação do Espírito de Deus em todos os seres vivos, como hábito da vida, ele, em sua atuação, ganha um novo contorno a partir da “irrupção do futuro da salvação escatológica de Deus na pessoa e história de Jesus”²²¹. O Espírito se torna uma dádiva escatológica.

Pannenberg “define como dádiva pelo fato de que o Espírito é dado aos fiéis por meio de Jesus Cristo, em cuja, pessoa e história o futuro escatológico de salvação já irrompeu”²²².

4.1.2 O Espírito Santo como dádiva escatológica

Pannenberg vai dizer que a atuação básica do Espírito é sua “atividade criadora de gerar vida e movimento”, posto que o Espírito se apresenta, ao emanar do Pai, como um “vento” que produz vida nas criaturas. O modo de agir e atuar do Espírito nas criaturas, que gera vida e movimento, e continua a atuar nela, ao mesmo tempo proporciona a elas uma “autotranscedência como cumprimento de sua destinação”²²³. Isso aponta para o Espírito Santo como dádiva escatológica.

Pannenberg, ressalta que o Espírito, segundo o pensamento de Agostinho, se destaca por ser dádiva. Cada uma das pessoas da Trindade tem suas expressões pessoais: o Pai, o Filho, e o Espírito como dádiva. O Espírito se relaciona com o Pai por emanar dele. E o Filho é recebedor do Espírito que procede do Pai. Tal ideia está baseada no Evangelho 15,26. Em Romano 8,9 o Espírito viria também de Jesus Cristo, pois é “Espírito de Cristo”. Para Agostinho o Espírito é concedido pelo Pai e pelo Filho. Pannenberg entende que o Filho que é recebedor do Espírito que emana do Pai viabiliza do dom do Espírito na salvação. O Pai e o Filho agem em conjunto²²⁴.

O Espírito se manifesta nas criaturas sempre como gerador de vida e movimento. Nisso, nem sempre aparece como dádiva. Porém, a atuação do Espírito

²²⁰ Cf. Ibid., p. 35.

²²¹ Cf. Ibid., p. 31.

²²² Cf. Ibid., p. 33.

²²³ Cf. Ibid., p. 33.

²²⁴ Cf. Ibid., p. 33-34.

pode ser considerada como dádiva, é somente “na proporção em que o Filho se manifesta na existência de criatura”²²⁵.

Nesse sentido, o Espírito como dádiva só acontece a partir do momento em que o Filho, que é enviado do Pai, se torna criatura. De acordo com o Evangelho de João, o Espírito foi dado pelo Pai “sem medida” ao Filho, ou seja, Jesus Cristo é recebedor do Espírito sem nenhuma restrição ou reserva.

Jesus ao ser repleto do Espírito, comunica o Espírito, do qual está cheio, aos fiéis como dádiva por meio do batismo, já que o batismo dos fiéis, que proporciona a comunhão com Jesus Cristo, os torna participantes da filiação divina.

Em uma perspectiva mais abrangente, o Espírito como vento que gera vida e movimento, que foi concedido pelo Pai a todas as criaturas, desde o início já deve ser considerado como dádiva.

O Espírito de Deus no Antigo Testamento tinha uma atuação nos seres viventes. A dotação do Espírito estava limitada à vida, no sentido de que, após a morte, o Espírito volta para Deus (Ecl 12,7).

A atuação do Espírito no Antigo Testamento proporcionava aos seres viventes, além de vida, carismas para realizarem uma tarefa específica. Pannenberg vai chamar esses carismas de “capacidades especiais dos humanos de percepção, talentos artísticos e inspiração profética”²²⁶.

Esses carismas, apresentados no Antigo Testamento, não se referem somente a concessões limitadas e pontuais do Espírito em momentos específicos da vida de alguma pessoa, mas também em circunstâncias mais duradouras, que poderiam durar o período de toda a vida de uma pessoa. Pannenberg, para este último caso, dá como exemplo o exercício monárquico de Davi em que o Espírito se apoderou dele, e com ele permaneceu todos os seus dias da vida (1 Sm 16,13).

O exemplo do exercício monárquico de Davi é uma “prefiguração”²²⁷: faz referência ao envio do Filho pelo Pai, que encontra correspondência na relação entre o Espírito como dádiva e a esperança da encarnação do Filho, na pessoa e história de Jesus.

Essa correspondência tanto se afirma nos textos do Antigo Testamento – no Dêutero-Isaías (Is 42,1) e no Trito-Isaías (Is 61,1) –, que o servo de Deus e

²²⁵ Cf. *Ibid.*, p. 35.

²²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 36.

²²⁷ Cf. *Ibid.*

mensageiro da alegria (leia-se: o Filho enviado pelo Pai) seria dotado do Espírito, como se confirma nos textos do Novo Testamento – nos Evangelhos (Mt 12,18 e Lc 4,18), que o Espírito repousa sobre Jesus para realizar a sua atividade pública de anunciar justiça às nações e a sua atuação salvadora para toda a humanidade.

É na relação entre o Espírito como dádiva e a esperança da encarnação do Filho, que Pannenberg “confirma a correlação entre dotação do Espírito e filiação, a qual se configura de forma definitiva na pessoa de Jesus Cristo”²²⁸.

Assim como o Espírito permanece na vida das pessoas somente durante sua vida, Jesus em sua morte, devolve a Deus o Espírito que lhe foi dado, de acordo com sua oração referenciada em Sl 31,6. No Evangelho Jesus entrega o Espírito ao Pai segundo Lucas 23,46. Em consonância, Jesus ressurge dos mortos pela atuação do Espírito de Deus, isso é referenciado em Romano 8,11.

A teologia Joanina demonstra que o Filho enviado do Pai anuncia as palavras daquele que o enviou, e recebeu do Pai o seu Espírito sem nenhuma restrição e, por isso, no momento da morte do Filho, esse devolve o Espírito ao Pai, que o deu. Isso é referenciado em João 19,30.

Na teologia paulina, percebemos que a atuação do Espírito, pelo agir do poder do Pai, ressuscita Jesus dos mortos (Rm 8,11), com o poder de Deus (1 Cor 6,14). Por isso, não é uma atuação do Espírito, por si só (em separado), mas uma ação de Deus, por meio do Espírito, que ressuscita a Jesus.

Jesus, o Filho, não ressurge da morte pelo poder do Espírito sem agir do Pai, ele ressuscita pelo agir do Pai. A dependência do agir do Pai na ressurreição de Jesus acontece porque Jesus, no momento de sua morte, devolve o Espírito ao Pai. Por isso, o Espírito que já havia sido dado pelo Pai ao Filho em sua atuação terrena, é novamente conferido pelo Pai ao Filho, agora para o ressuscitar dos mortos.

Esse agir do Pai, pelo poder do Espírito, que ressuscita a Jesus Cristo, se estende a todos que estão unidos a Jesus Cristo pela fé. Essa união de Jesus com os que creem é intermediada pelo Espírito.

Esse mesmo Espírito, que emana do Pai, habita nos fiéis, se tornando uma dádiva escatológica para os fiéis. Isto porque, pelo poder do Espírito, que emana do Pai, Jesus ressuscita dos mortos e dá o Espírito, e nessa perspectiva, o Espírito se

²²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 36.

torna dádiva para os fiéis, ou seja, “um penhor de sua futura ressurreição dos mortos”²²⁹.

Deste modo, o Espírito passa a ser o penhor da ressurreição futura daqueles que estão em Jesus Cristo. Assim como o Espírito, pelo agir do Pai, ressuscitou ao Filho, todos os que estiverem no Filho também ressuscitarão no reino vindouro de Deus para participar da vida eterna de Deus.

Nesse contexto, Pannenberg demonstra a importância de compreender a história e a vida de Jesus a partir da relação mútua entre o Pai e o Filho para o entendimento do Espírito como dádiva escatológica para toda a humanidade: “assim como o Pai concede o Espírito que emana dele, assim o Filho devolve ao Pai e por meio dessa autodiferenciação frente ao Pai ele se evidencia como o Filho, que obtém do Pai eternamente o Espírito que o desperta para a vida”²³⁰.

É na comunhão entre o Pai e o Filho, em amor mútuo, que o Espírito pode ser entendido como dádiva. Essa comunhão entre Pai e Filho se expressa por meio da devolução do Espírito entre eles: o Pai concede o Espírito ao Filho, que na morte do Filho devolve o Espírito ao Pai, e por fim, o Espírito é devolvido ao Filho pelo Pai para o ressuscitar dentre os mortos.

Essa relação estabelecida entre Pai, Filho e Espírito demonstra, segundo Pannenberg, “a profundidade da vida divina interna da Trindade”. O Espírito como dádiva do Pai e do Filho aos fiéis tem sua origem na relação mútua de amor da Trindade. A atuação do Espírito, por isso, deve ser entendida a partir de uma profunda relação da Trindade. Nessa relação da Trindade, os fiéis podem ser partícipes, na medida em que são considerados integrados ao corpo do Filho pela fé e pelo batismo. Essa integração dos fiéis ao Filho ocorre na glorificação de Jesus como o Filho enviado por Deus, o Pai. O Espírito dá testemunha do Filho.

A integração dos fiéis ao corpo do Filho possibilita a filiação com o Pai e com o Espírito. O Pai enviou o Filho para o glorificar, e o Espírito que é concedido ao Filho pelo Pai é dado aos fiéis. Isto significa dizer que os fiéis participam, segundo Pannenberg, da “vida intratrinitária de Deus”²³¹.

²²⁹ Cf. *Ibid.*, p. 37.

²³⁰ Cf. *Ibid.*, p. 37-38.

²³¹ Cf. *Ibid.*, p. 38.

Nesse sentido, o fiel recebe o Espírito como dádiva a partir do momento que ele se torna participante do corpo de Jesus Cristo, o Filho. A filiação do fiel ao Pai acontece pela relação do fiel com Jesus Cristo.

Ao estar ligado a Jesus Cristo, o fiel, além de estabelecer uma relação com o Pai, torna-se participante da glória que Jesus recebe do Pai. Essa glorificação do Pai a Jesus, de que também o fiel é participante, proporciona uma nova vida de comunhão eterna com Deus.

O Espírito que é dádiva, por intermédio do Filho, se apresenta em seu conteúdo escatológico, que é a destinação da criação, para que todos aqueles receberem a Jesus como o Filho, desfrutem da vida eterna com Deus, integradas na unidade do reino vindouro de Deus. Pannenberg, diz que “a mediação da dádiva do Espírito por meio do Filho e seu conteúdo escatológico formam uma unidade como participação na vida de Deus que a tudo supera”²³².

Como sinal antecipatório dessa integração dos fiéis à vida da Trindade, temos a atuação do Espírito na vida dos fiéis, proporcionando a cada um deles carismas. Ou seja, o Espírito não atua desde fora, mas pelo contrário, atua dentro de cada um dos fiéis.

A atuação do Espírito como gerador de vida e movimento e a concessão de carismas ao povo de Deus da antiga aliança são demonstrações antecipadas do Espírito como dádiva escatológica.

O Espírito como dádiva escatológica demonstra, dentro da história da salvação de Deus em favor da humanidade, apenas um momento. Esse momento é caracterizado pela reconciliação da criação com Deus.

É na perspectiva do Espírito como dádiva escatológica, que o fiel recebe não somente a capacidade de viver, mas de ter uma vida que nem a morte pode findá-la. Já que o Espírito não age de fora, como se estivesse à disposição do fiel toda vez que esse precisasse, mas age a partir de dentro do fiel com uma vida nova.

Na perspectiva da ação de Deus em favor da humanidade, que é a história da salvação, o Espírito por habitar nos fiéis “já é sempre mais que mera dádiva, a saber, a quintessência do movimento extático da vida divina”²³³. Os fiéis participam da vida divina pela atuação do Espírito.

²³² Cf. *Ibid.*, p. 39.

²³³ Cf. *Ibid.*

4.1.3 O Espírito e a Igreja

O Espírito como dádiva para os fiéis não atua somente de forma particular e privativa, mas na perspectiva de formação da comunhão dos fiéis. Através do vínculo com o Senhor Jesus Cristo, cada fiel participa da filiação e está na comunhão de todos os fiéis. Nesse sentido, o Espírito age em cada fiel em particular, mas principalmente, na unidade dos fiéis. A unidade dos fiéis, pelo agir do Espírito, proporciona a fundação da igreja e o seu avivamento²³⁴. A relação estabelecida do fiel com o Pai por meio de Jesus, é a filiação, introduz cada fiel na relação com todos os demais fiéis que estão em Jesus Cristo, o Filho.

Essa comunhão do fiel com Deus, estabelecida na fé no único Senhor, o Filho enviado pelo Pai, também é, ao mesmo tempo, uma comunhão com todos os outros fiéis. Esse movimento do “eu” para o “nós” só acontece pela obra do Espírito. Nesse sentido, é o Espírito que proporciona a unidade e a comunhão entre os fiéis para formarem a igreja²³⁵.

Não podemos falar da igreja, destacadamente, sem levar em consideração a obra do Espírito que está inserido na Trindade econômica, ou seja, a ação conjunta do Pai, do Filho e do Espírito Santo para a salvação. Para Pannenberg, a análise histórica da ação salvífica de Deus em favor da humanidade envolve o Deus Trino.

O estudo da igreja deve ser entendido dentro do escopo da dádiva do Espírito. Madrigal relata que existem algumas análises pneumatológicas equivocadas que consideram, tão somente, o Espírito como o meio de compreender a automanifestação de Deus à humanidade, ou seja, que a função do Espírito se restringe a levar as pessoas a reconhecerem que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus. Contudo, o Espírito Santo é muito mais do que isso. Uma pneumatologia que contemple uma análise responsável e sensata do Espírito Santo vai demonstrar que ele, além de revelar nos corações das pessoas a ação salvífica de Deus, habita nos cristãos, agiu no princípio da ação criadora de Deus, proporciona uma nova vida para as pessoas que confessam a Jesus como filho de Deus e produz uma nova

²³⁴ Cf. W. PANNENBERG. *The Present and Future Church*. First Thing, p. 47-51, nov. 1991. Disponível em: <<http://www.firstthings.com/article/1991/11/006-the-present-and-future-church>>. Acesso em: 06/04/2016; op. cit., 2009, p. 39.

²³⁵ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 40.

criatura na ressurreição dos mortos na consumação do fim dos tempos, uma nova criação²³⁶. Pannenberg oferece uma pneumatologia mais completa com esses dados.

Para além da atuação do Espírito como provedor da comunhão do fiel com Jesus Cristo, garantindo a participação no reinado vindouro de Deus, o Espírito também atua promovendo a comunhão entre os fiéis.

Para Pannenberg o começo da igreja, com a dádiva do Espírito é relatado tanto em Pentecostes como mostra que o relato lucano, como dom do ressuscitado como está em relatos joaninos e paulinos. Para Pannenberg os textos não são excludentes, mas complementares.

O Pentecostes é um evento que foi profetizado pelo profeta Joel (Jl 3,1-5), em que ocorreria sobre todo o povo de Deus a efusão do Espírito. O Espírito aqui é dado pelo Pai como inspiração profética e não claramente como dádiva escatológica.

Nesse evento os que receberam foram todos membros do povo de Deus da antiga aliança. Pannenberg ressalta, com base no relato lucano, que esse evento pode “ter consistido originalmente em uma experiência extática coletiva, possivelmente do falar glossolálico, porém evidentemente foi relacionado já na tradição trabalhada por Lucas com a proclamação missionária cristã nas áreas da Diáspora judaica”²³⁷.

Para Pannenberg, o evento de Pentecostes é fundamental para entender a igreja como sinal antecipado do reinado vindouro de Deus, isto porque “o acontecimento da efusão do Espírito se torna uma exposição sintética da igreja como povo escatológico de Deus”²³⁸.

Pannenberg expressa dificuldade de precisar com exatidão histórica o acontecimento de Pentecostes pelo relato lucano, visto que o texto de Lucas apresenta diversos ajustes realizados ao longo de sua elaboração.

E ainda, pode-se duvidar que nesse evento de Pentecostes tenha ocorrido a primeira manifestação do Espírito, já que o relato joanino descreve a comunicação do Espírito em uma aparição do ressuscitado antes desse evento (Jo 20,22).

No relato paulino, assim como no relato joanino, encontra-se a suposição de que o ressuscitado tenha se manifestado junto com o Espírito. Isto porque no texto

²³⁶ Cf. S. MADRIGAL, op. cit. (I), 2000, p. 187.

²³⁷ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 40.

²³⁸ Cf. Ibid., p. 40-41.

de 1 Cor 15,6 o ressuscitado se apresenta, ao mesmo tempo, para mais de quinhentos irmãos. E, provavelmente, essa aparição, com tantas pessoas juntas, ocorreu no evento de Pentecostes.

A partir desses relatos bíblicos, que para Pannenberg não são excludentes, mas eles se complementam, depreende-se que a probabilidade do vínculo entre a manifestação do Espírito e as aparições do ressuscitado são mais plausíveis do que o relato lucano que somente apresenta a comunicação/efusão do Espírito no evento de Pentecostes²³⁹.

A probabilidade do vínculo entre a manifestação do Espírito e as aparições do ressuscitado ganha força no relato dos textos paulinos, porque há uma explícita atuação do Espírito nos fiéis relacionada à ressurreição de Jesus Cristo.

O relato lucano pode ser considerado tendencioso, tendo em vista o seu caráter temporal peculiar, ou seja, colocando as aparições do ressuscitado dentro de um período de quarenta dias, para que o evento da efusão do Espírito (que segundo o relato lucano, aconteceu no Pentecostes) ocorresse depois desse período e não simultaneamente à aparição do ressuscitado. Assim, marca o tempo do início da igreja.

A perspectiva da aparição do ressuscitado ao mesmo tempo que a efusão do Espírito suscita uma reflexão necessária, segundo Pannenberg, embasada nas teologias joanina e paulina, que mostram que “a presença do Senhor exaltado e a atuação do Espírito são coincidentes”²⁴⁰. Existe uma ligação entre a efusão do Espírito e a presença do ressuscitado.

A partir da coincidência entre a presença do Senhor exaltado e a atuação do Espírito, podemos depreender que não há diferença entre o tempo da igreja e o tempo da presença direta do Senhor exaltado junto aos seus discípulos.

Pannenberg, não rejeita o relato lucano, mas extrai dele a importância do Espírito como agente que atua na igreja para a proclamação de Jesus Cristo. Apesar disso, o relato lucano não nos permite a exatidão da ocorrência histórica da efusão ou comunicação do Espírito. Portanto, o relato lucano nos ajuda a entender a relação entre o Espírito e a igreja.

Então, a partir do relato lucano, podemos dizer que a igreja é caracterizada pela proclamação missionária universal de Jesus Cristo, é considerada o povo de

²³⁹ Cf. *Ibid.*, p. 41.

²⁴⁰ Cf. *Ibid.*, p. 42.

Deus para o fim dos tempos e fundamentada na efusão/comunicação do Espírito a todos os seus membros.

No entanto, o relato lucano de Pentecostes ainda não nos mostra a igreja como um lugar de comunhão entre os seus membros e da comunhão dos membros com Deus. O relato lucano não fundamenta esta comunhão que ocorre na igreja a partir de Jesus Cristo. Para Pannenberg, isso está de um modo “implícito”²⁴¹.

Ao contrário do relato lucano, a teologia paulina explicita que os fiéis estão ligados a Jesus Cristo pela fé e pelo batismo, e que os fiéis estando ligados a Jesus Cristo.

Importante entender que, para Pannenberg, os relatos de Lucas, Paulo ou João, eles não são contraditórios ou excludentes, mas complementares. Embora o relato lucano não enfatize a ligação do fiel com Jesus Cristo, esta relação fica implícita, já que a ênfase está no evento de Pentecostes, em que ocorre a efusão/comunicação do Espírito e a proclamação de Jesus Cristo como anúncio missionário, que expressam a vida da igreja.

De acordo com Pannenberg, a teologia paulina afirma que Jesus Cristo é o fundamento da igreja (1 Cor 3,11). A partir desse fundamento que é Jesus Cristo, se eleva uma estrutura formada pelos fiéis, que são os membros do corpo de Jesus Cristo, expressando a comunhão da igreja.

Diferente da teologia paulina, o relato lucano vai dizer que o fundamento da igreja está no “poder” do Espírito Santo, prometido do Pai, que foi enviado do alto (Lc 24,49).

Como temos enfatizado aqui, Pannenberg não propõe a escolha de uma ou de outra perspectiva, seja o relato lucano ou o paulino, mas articular as diferentes perspectivas a fim de enriquecer o conceito de igreja e “formar uma concepção homogênea da constituição da igreja por Jesus Cristo e pela atuação do Espírito”²⁴².

O relato joanino nos auxilia a compreender as diferenças entre os relatos lucano e paulino, no que diz respeito à atuação de Jesus Cristo e do Espírito na constituição da igreja.

A afirmação joanina sobre o Espírito se mostra próxima ao relato lucano de que o Espírito é um ente autônomo. No entanto, a afirmação joanina também destaca a ação do Espírito em relação direta com a atuação de Jesus Cristo.

²⁴¹ Cf. Ibid., p. 42.

²⁴² Cf. Ibid., p. 43.

O Espírito tem, dentre uma de suas funções, a finalidade de guiar a todos em direção à verdade de Deus e glorificar essa verdade (Jo 16,13-14). Essa verdade de Deus é Jesus Cristo, como o próprio João declara em seu Evangelho (Jo 14,6).

O Espírito que não fala sobre si mesmo, mas a respeito de Jesus, a fim de enaltecê-lo, atesta nos fiéis a presença de Jesus como a verdade de Deus, não atuando de fora, mas de dentro de cada fiel (Jo 14,20).

Assim, Jesus, por meio da atuação do Espírito, age na vida de cada fiel, proporcionando a superação de sua individualidade para ser um com Jesus Cristo. Essa condição de cada fiel estar em Jesus Cristo é atestada pelo Espírito que atua na vida de cada fiel.

Nessa relação de cada fiel com Jesus, em uma relação correspondente e recíproca, o Pai, assim como Jesus, também passa a fazer morada na vida de cada fiel (Jo 14,23).

Essa relação filial do fiel com Jesus de que fala o texto joanino, no relato paulino também vamos encontrar a mesma relação: o “Espírito da filiação” propicia que os fiéis sejam habitação do Filho. Assim como no relato joanino, o texto paulino vai afirmar que pela filiação do fiel com o Jesus Cristo por meio do Espírito, o fiel pode se relacionar Deus e chamá-lo de Pai (Rm 8,14-16).

A partir da teologia paulina, Pannenberg afirma que a condição do fiel ser habitado pelo Pai, é do fiel se sujeitar ao Pai em oração e louvor, assim como fez Jesus Cristo, ou seja, o fiel tem que se diferenciar do Pai para ser sua habitação.

De acordo com o relato joanino, a participação do fiel na filiação acontece por meio da atuação do Espírito na vida de cada fiel, e que a atuação do Espírito promove a glorificação de Jesus Cristo.

No relato paulino de Gálata 4,6 a dádiva do Espírito é consequência da filiação que os fiéis recebem. Corrobora esta ideia o texto, também paulino, de 1Cor 12,13, em que os fiéis foram batizados em um só Espírito e por isso podem ser considerados pertencentes ao corpo de Jesus Cristo.

Como observado por Pannenberg nos textos acima referidos – lucano, joanino e paulino –, Jesus Cristo faz morada nos fiéis por meio do Espírito. Ao fazer morada nos fiéis, Jesus Cristo forma no seu corpo a comunhão de todos os fiéis, que também formam a comunhão da igreja.

A constituição e o fundamento da igreja estão referenciados na Trindade, como uma atuação soteriológica do Pai, do Filho e do Espírito. Pannenberg diz que

não é de outra forma que pela atuação do Espírito que Jesus Cristo é o fundamento da igreja, porque a obra do Espírito não consiste em nada mais que em glorificar o Filho, ensinando a reconhecer o Pai no Filho, ao qual temos acesso através do Filho. A constituição cristológica e pneumatológica da igreja não se excluem, mas formam uma unidade, porque Filho e Espírito como pessoas trinitárias habitam mutuamente um no outro²⁴³.

Embora haja unidade entre o Pai, o Filho e o Espírito, é preciso reconhecer que há funções peculiares no agir do Pai, do Filho e do Espírito, cada qual age de uma maneira diferente na história da salvação.

O Pai é que ressuscita o Filho dentre os mortos por meio do Espírito. O Espírito ensina acerca do reino vindouro de Deus e que este reino irrompeu em Jesus Cristo, o Messias do povo escatológico de Deus.

Segundo Pannenberg, o Espírito, na criação, é dádiva na medida em que gera vida e movimento, e ainda, em uma realidade escatológica, ele é “Criador” de uma nova vida sem morte. Já que o Espírito é Criador de uma nova vida sem morte, ele é capaz de “revelar o sentido escatológico da atuação de Jesus e de sua história”²⁴⁴.

O Espírito suscita nos fiéis o reconhecimento de Jesus Cristo como o Filho enviado do Pai e como o Messias do povo de Deus. A condição de Jesus como Filho e Messias promove a interligação de todos os fiéis com ele. Essa interligação se expressa por meio da comunhão na igreja dos fiéis entre si e dos fiéis com o próprio Jesus Cristo.

Na comunhão da igreja, o Espírito é comunicado aos fiéis como dádiva permanente e penhor da esperança de um futuro para além da morte. Esse futuro irrompe no presente por meio da ressurreição de Jesus Cristo.

O relato de Pentecostes nos apresenta um grupo de discípulos que anuncia o ressuscitado cada um ao seu jeito, de uma forma particular. A esse fato, Pannenberg descreve como “a variedade das expressões do Espírito”²⁴⁵, se baseando na teologia paulina.

O relato paulino procura cessar os conflitos e cisões que surgiram no meio dos fiéis pela diferença entre os dons concedidos pelo Espírito. Esses conflitos e cisões que ocorreram na igreja em Corinto se baseavam na defesa de um dom como “expressão do autêntico pneumático”²⁴⁶, em detrimento de todos os outros dons.

²⁴³ Cf. *Ibid.*, p. 44.

²⁴⁴ Cf. *Ibid.*, p. 44-45.

²⁴⁵ Cf. *Ibid.*, p. 46.

²⁴⁶ Cf. *Ibid.*

A mensagem paulina à igreja em Corinto é de tolerância mútua entre os fiéis para respeitarem uns aos outros nos diferentes dons dados pelo Espírito, já que os diferentes dons não podem ser o motivo de conflitos e cisões. Pelo contrário, os diferentes dons devem se complementar, a fim de tornar a vida da igreja mais rica e unida, mostrando que é o mesmo Espírito que age em todos (1Cor 12,11).

Para Pannenberg, a espiritualidade autêntica dos fiéis se expressa na confissão de Jesus Cristo, como único Senhor. Como decorrência dessa espiritualidade autêntica, os fiéis buscam a unidade na comunhão da igreja. A comunhão dos fiéis na igreja não significa que haja homogeneidade entre os fiéis, mas o amor e o respeito à multiplicidade que se encontra dentro da igreja. Embora haja uma grande diversidade dentro da igreja, todos os fiéis têm algo em comum: estão unidos ao corpo de Jesus Cristo. Por estarem unidos ao corpo de Jesus Cristo, todos os fiéis estão unidos entre si. Ao estarem unidos entre si, os fiéis devem agir com reciprocidade no amor e no respeito.

Desta maneira, podemos dizer que na igreja ocorrem, simultaneamente, a pluralidade e a unidade. Os fiéis são plurais na medida em que possuem diferentes dons entre si. Assim como, os fiéis são unidos porque estão ligados ao mesmo corpo, o corpo de Jesus Cristo.

Pannenberg, diante dessa perspectiva, diz que a igreja “é criação do Espírito e do Filho conjuntamente. Ela é criatura do Espírito enquanto criação do Cristo exaltado por meio da palavra do evangelho”²⁴⁷. Então, podemos dizer que a igreja se fundamenta no Espírito e em Jesus Cristo. E que, mediante a atuação do Espírito e de Jesus Cristo, com o conseqüente reconhecimento e engajamento dos fiéis, a igreja pode ser formada.

Importante salientar que há uma ação conjunta do Espírito e de Jesus Cristo para a formação da igreja, e diante da ação desses, os fiéis se comprometem com a igreja. Pannenberg, ressalta que há análises eclesiológicas que atribuem somente a Jesus Cristo como o fundamento da igreja. Ele diz que essas análises são feitas por teólogos ocidentais e também são encontradas em teólogos da Reforma, consentindo na análise unilateral cristológica da eclesiologia.

O Espírito atua na concessão de um dom específico para cada fiel e, por meio de cada fiel, ele trabalha a favor da comunhão da igreja. Para o conceito de

²⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p. 46-47.

comunhão atribuída ao Espírito, Pannenberg irá realizar uma diferenciação: a comunhão estabelecida pelo Espírito que gera uma nova vida para o fiel referenciado na fé a Jesus Cristo é diferente do “espírito de grupo que em geral é próprio de formas de comunhão humana e que une seus membros entre si”²⁴⁸.

O Espírito como dádiva que proporciona a comunhão entre os fiéis na igreja não é uma posse retida pelo fiel, mas a o Espírito como dádiva é exterior ao fiel e está fundamentado em Jesus Cristo. A compreensão dessa realidade da igreja é de fundamental importância, e para que essa realidade não seja negligenciada, a recomendação de João 15,26 da função do Espírito tem sua centralidade na vida do fiel: o Espírito, enviado do Pai, testifica o Filho (Jesus Cristo).

Para compreender melhor a atuação do Espírito e sua importância na vida da igreja é preciso correlacionar o Espírito com a criação e o futuro reinado de Deus. Quando se compreende essa atuação do Espírito não se incorre no erro, de um lado, realizar um reducionismo de relacionar a pneumatologia tão somente à comunhão dos fiéis.

Por outro lado, o Espírito anuncia a consumação escatológica que irrompe com Jesus Cristo, apresentando a destinação última da humanidade, desfazendo com o desenfreamento entusiasta que rompe com a tradição e a ordem institucional da igreja²⁴⁹.

É por meio do Espírito que a criação pode vislumbrar o seu sentido último, porque glorifica a Jesus Cristo como o “Messias e como o novo ser humano” que desvela a verdade sobre história humana geral. Por isso, o agir do Espírito na igreja sempre estará ligado ao agir²⁵⁰ de Jesus Cristo e do reinado vindouro que com ele irrompe.

Para Pannenberg, pensar o conceito de igreja deve, necessariamente, vislumbrar a igreja como comunhão dos fiéis, isto porque na igreja, por meio do Espírito que glorifica e une os fiéis a Jesus Cristo, se estabelece o sinal antecipatório da humanidade renovada que se reunirá com Deus em seu reino²⁵¹.

Jesus Cristo nessa perspectiva, é reconhecido como o Messias do povo escatológico de Deus, que será glorificado no reinado vindouro de Deus. É esse

²⁴⁸ Cf. Ibid., p. 47.

²⁴⁹ Cf. Ibid., p. 48.

²⁵⁰ Cf. Ibid., p. 48-49.

²⁵¹ Cf. Ibid., p. 47.

Jesus, o Cristo, o cabeça do corpo que é composto pelos fiéis, que possibilita a unidade da igreja.

A fundamentação pneumatológica da igreja se faz necessária para compreender a consumação escatológica da criação, em que Jesus Cristo é o novo Adão, bem como o cabeça da igreja, reconhecidamente, como seu corpo.

A igreja apresenta o horizonte do reinado vindouro de Deus, ela é o sinal antecipado e provisório desse reinado. A igreja é o começo da dádiva escatológica e por isso é o começo do reino de Deus.

Dentre os muitos diálogos travados por Pannenberg, podemos perceber um rico diálogo com a teologia católica, sobretudo, com os documentos do Concílio Vaticano II. Madrigal diz que Pannenberg promove um “diálogo aberto com a Eclesiologia católica e de modo especial com os textos do Concílio Vaticano II”²⁵².

O bispo católico italiano e teólogo, Bruno Forte, apresenta, assim como Pannenberg, a sua eclesiologia a partir da Trindade, isto porque a “igreja provém da Trindade, é estruturada à imagem da Trindade e ruma para o acabamento trinitário da história”²⁵³.

4.2

A Igreja como sinal escatológico do reino de Deus

Nessa seção, analisaremos, em continuidade com a seção anterior, os pontos principais da segunda parte do capítulo doze da Teologia Sistemática, que é um capítulo que tem como título “Efusão do Espírito, Reino de Deus e igreja”. A segunda parte do capítulo tem como subtítulo “Reino de Deus, igreja e sociedade”. Apresentaremos os três tópicos desenvolvidos por Pannenberg dentro desse subtítulo.

Para Pannenberg, a igreja é sinal do futuro reino de Deus. A comunhão dos fiéis na igreja sinaliza para a futura comunhão da humanidade no reino de Deus, unidade dos seres humanos com Deus e unidade dos seres humanos entre si. A igreja é sinal da futura comunhão pela vida cultural e a celebração da eucaristia. A comunhão da igreja e a ordem social e política pressupõem que se deve ter um

²⁵² Cf. S. MADRIGAL, op. cit. (I), 2000, p. 184.

²⁵³ Cf. B. FORTE. A igreja. Ícone da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005, p. 9.

relacionamento de justiça e de paz entre os seres humanos. Porém, há uma diferença importante: a característica de provisoriedade da ordem política e jurídica dos governos estatais na sociedade, enquanto a igreja é sinal da comunhão futura do reino de Deus. O autor mostra três tópicos, que apresentamos abaixo, adaptando seus títulos.

4.2.1

A Igreja e sua diferenciação do reino de Deus

O elemento constitutivo da igreja só pode ser percebido com clareza quando se reconhece a relação entre a igreja e o reino de Deus. Igreja e reino de Deus não são sinônimos, mas dois termos distintos e que se relacionam.

Vimos que a partir do relato de Lucas em Atos dos Apóstolos sobre o Pentecostes, a igreja tem, historicamente, o seu início e a sua fundação na efusão do Espírito de Deus. Nesse acontecimento, que abrange muitas pessoas, tem-se o anúncio de Jesus Cristo como o Filho de Deus ressurreto, após ter sido crucificado, e a realidade já presente da promessa da consumação escatológica.

A origem da igreja está ligada ao anúncio de Jesus Cristo como o Filho de Deus crucificado e ressurreto, e a efusão do Espírito de Deus como dádiva escatológica. Nesse sentido, o anúncio da ressurreição e da exaltação de Jesus Cristo é intrínseco à origem da igreja.

A consumação escatológica do reino vindouro de Deus é uma realidade presente na vida daqueles que reconhecem a Jesus Cristo como o Filho enviado pelo agir redentor de Deus para toda a humanidade.

Pannenberg reconhece como representações antecipadas do reinado vindouro de Deus a ressurreição de Jesus, que é uma garantia que na consumação escatológica haverá a ressurreição dos mortos, e a efusão do Espírito Santo, que é dado por Jesus ressurreto. A reunião provisória dos fiéis da igreja primitiva sinalizava para a comunhão das pessoas na consumação final²⁵⁴.

²⁵⁴ Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 59.

A igreja não teve sua origem anterior à efusão do Espírito e ao anúncio e exaltação do Jesus Cristo ressurreto. Com isso, para Pannenberg, definir a origem da igreja a partir do Jesus histórico não é possível.

Para afirmar a origem da igreja a partir do Jesus histórico como fundador, alguns teólogos se utilizam do texto do Evangelho de Mateus 16,18. Nesse texto, Jesus utiliza a expressão “palavra da rocha”, que serve de apoio para fundamentar a origem da igreja. No entanto, Pannenberg afirma que há uma grande unanimidade na exegese do seu tempo para se referir ao texto de Mateus 18,16 como sendo uma elaboração pós-pascal e uma analogia à fundação da igreja como evento futuro, que ocorrerá após sua ressurreição²⁵⁵.

Deste modo, o Jesus histórico não fundou a igreja, a partir da reunião de uma parte do povo da antiga aliança, mas ele anunciou que o povo se achegasse e tivesse comunhão com seu Deus. A reunião dos doze discípulos por Jesus deve ser entendida como uma representação antecipada “da restauração escatológica de Israel como povo de doze tribos no futuro do governo de Deus”²⁵⁶.

Contudo, do povo da antiga aliança, somente uma pequena parcela atendeu ao anúncio de Jesus, e a grande maioria, composta também pelos representantes oficiais, rejeitou.

A mensagem de Jesus, mais do que estimular ao povo judeu a estar mais próximo de Deus, apontou para o reinado vindouro de Deus com o anúncio a crucificação e ressurreição, a efusão do Espírito e a “fundação pós-pascal da igreja formada de judeus e gentios”. A igreja formada por judeus e gentios, então, torna-se uma representação antecipada da consumação final de toda a humanidade, qual seja, “uma nova e definitiva comunhão no reino de Deus”.

Nesses termos, Pannenberg faz uma distinção necessária entre reino de Deus e igreja. Posto que eles são termos distintos, mas que se relacionam entre si, e não podem ser pensados como auto excludentes nem como equivalentes. Com isso, é indispensável que tenhamos a compreensão do que significa cada termo, reino de Deus e igreja no pensamento de Pannenberg, e qual a relação entre eles.

²⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 60.

²⁵⁶ Cf. *Ibid.*, p. 61.

Segundo Pannenberg, a igreja não pode ser entendida como uma “configuração inicial incompleta do reino de Deus”. A igreja, assim como o povo de Deus da antiga aliança, não é o reino de Deus, mas se relaciona com o reino de Deus, que é condição *sine quo non* para a constituição tanto do povo de Deus da antiga aliança, quanto da igreja. Essa relação de constituição estabelecida com o reino de Deus, não possibilita definir o povo de Deus da antiga aliança e a igreja como uma simples ou parcial identidade do reino de Deus.

O povo de Deus da antiga aliança tinha uma esperança futura na irrupção do reinado de Deus. O reinado de Deus que traria a justiça e a paz, não só sobre Israel, mas sobre todas as nações. Esse reinado de Deus é caracterizado por Pannenberg como a “vontade jurídica de Deus” implementada “sem restrições nem rupturas”.

O povo de Deus da antiga aliança vivia na perspectiva da esperança futura do reino de Deus. Havia, porém, uma consciência que se apresenta no profeta Isaias que o povo precisava de purificação. O próprio Isaias declara “sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros” (Is 6,5). Além disso Pannenberg ressalta que grande parte do povo de Deus da antiga aliança, inclusive representantes oficiais, não acolheu a mensagem de Jesus Cristo como anúncio do reino e sua irrupção na vida de Jesus²⁵⁷. Essa mensagem de Jesus anunciava a chegada do reino.

No entanto, os discípulos compõem uma parte da minoria que ouvem a mensagem de interpelação do reinado de Deus anunciado por Jesus. Ao aceitar a mensagem de Jesus do reinado vindouro de Deus, os discípulos não vivem plenamente o reinado de Deus, mas apenas acontece o seu sinal antecipado. De igual modo, continua valendo também para a igreja, ainda que o futuro do reinado de Deus esteja atualmente presente na igreja, mas não o é de maneira plena, mas apenas como sinal do que virá a ser.

Sendo assim, tantos os discípulos de Jesus como os fiéis que formam a igreja estão na espera do reinado vindouro de Deus que ocorrerá na consumação. Diferente dos discípulos, que estavam com Jesus, os fiéis aguardam a volta de Jesus para a implementação plena do reinado de Deus.

²⁵⁷ Cf. *Ibid.*, p. 62.

Pannenberg diz que a “igreja ainda não é o reino de Deus, porém sinal precursor para a comunhão vindoura dos humanos no senhorio de Deus”²⁵⁸. Esse sinal da comunhão vindoura na igreja é manifesto por meio de sua vivência cultural e da celebração da ceia do Senhor. Assim como acontecia nas refeições em que Jesus participava, onde ocorria comunhão entre os presentes, na igreja, por meio da celebração da ceia do Senhor, ocorre, como sinal escatológico, a comunhão daqueles que irão usufruir da salvação no reino de Deus. Nesse sentido, a celebração da igreja é antecipação da salvação que acontecerá na consumação.

De acordo com Pannenberg, é o caráter significativo da igreja que a diferencia do povo de Deus da antiga aliança. Israel foi chamada por Deus para ser “sinal da vontade jurídica de Deus que visa à humanidade toda”. Embora a igreja também seja sinal antecipatório do reino de Deus, diferente do povo de Deus da antiga aliança, a igreja está fundamentada na “irrupção do senhorio universal de Deus sobre a humanidade”²⁵⁹.

Israel foi separado para Deus com a função que está além de sua constituição enquanto nação, que é de testemunhar da vontade jurídica de Deus para toda a humanidade. A igreja, diferente do povo de Deus da antiga aliança, deve ser concebida como a congregação escatológica, que antecipa, enquanto sinal, o futuro reinado de Deus, a comunhão dos fiéis e a salvação de Deus para a humanidade. A igreja, nesse sentido, supera a particularidade do povo de Deus da antiga aliança, para se constituir de todas as pessoas que aceitam a Jesus como representação do irromper do reino de Deus. Já que, com Jesus nasce a esperança de uma nova humanidade que se concretizará no reino vindouro de Deus.

Dada a diferenciação entre a igreja e o reino de Deus, podemos concluir que a igreja não é o reino de Deus, mas apenas o seu sinal. Isto porque, a igreja como sinal do reino de Deus deve ser entendida dentro de suas limitações como apenas sinal. Sinal não é a coisa em si, mas a igreja é somente antecipação como sinal do que será a coisa no futuro, ou seja, a realidade escatológica

A partir da diferenciação entre igreja e reino de Deus, podemos dizer que, como sinal, a igreja torna atual o reino vindouro de Deus, como antecipação na

²⁵⁸ Cf. *Ibid.*, p. 63.

²⁵⁹ Cf. *Ibid.*, p. 64.

forma de sinal. A futura salvação e comunhão dos humanos que ocorrerá no reino de Deus, por meio da igreja, já se tornam presentes na atualidade. Porém, não se dá na forma da consumação escatológica.

Para Pannenberg, ter clareza dessa diferenciação se faz imprescindível, pois pode-se incorrer no erro de identificar na igreja o próprio reino de Deus. Não realizar essa diferenciação entre igreja e reino de Deus é um grave erro, posto que a igreja não comporta o caráter definitivo e a imponência do reino de Deus, por causa da condição miserável da vivência humana.

A exemplo do anúncio de Jesus, que se diferenciou, humildemente, do Pai e do seu reino vindouro, a igreja deve se diferenciar, humildemente, do reino vindouro de Deus, isto porque a igreja não é o reino de Deus, mas apenas o seu sinal antecipatório. Nessas condições, Pannenberg irá salientar a condição da igreja como sinal do reino de Deus, e é o seu sinal por meio da ação do Espírito como dádiva escatológica, a fim de cumprir com sua função: anúncio de Jesus ressurreto, da efusão do Espírito, da vinda do reino de Deus e da reconciliação das pessoas entre si e para com Deus. Por isso, Pannenberg diz

a igreja tem de distinguir entre sua própria existência e o futuro do reino de Deus. Unicamente na pobreza espiritual e humildade de tal autodiferenciação ela é o lugar em que pelo poder do Espírito Santo o futuro escatológico do governo de Deus já atua no presente para a salvação dos seres humanos. Apenas mediante renúncia a reivindicações exclusivas para sua respectiva configuração particular ela consegue ser nitidamente um sinal da universalidade do reino de Deus e um instrumento para a reconciliação dos seres humanos entre si e com Deus, transpondo todos os contrastes separadores das pessoas entre si e do Deus de Israel²⁶⁰.

A igreja como sinal, aponta e indica o futuro da salvação da humanidade no reino de Deus. A igreja como sinal, torna o reino de Deus já presente na atualidade, por meio do anúncio de Jesus ressurreto e de sua vida cultural. A igreja como sinal, só é possível, na vida dos fiéis, por meio da atuação do Espírito como dádiva escatológica.

No percurso da história da igreja, ela pode se diferenciar do reino vindouro de Deus na medida em que entendeu a sua transitoriedade. Ou seja, ela se direciona

²⁶⁰ Cf. *Ibid.*, p. 64-65.

ao futuro, não faz parte desse mundo apenas, ela é um povo peregrino em direção ao futuro do reino de Deus, para uma “cidade permanente” (Hb 13,14).

No entanto, no período da patrística a diferença entre a igreja e o reino de Deus não foi percebida com clareza a partir da referência dos escritos do Novo Testamento. O reinado vindouro de Deus deixa de ser mediação para a igreja ser pensada como sinal antecipado da salvação futura presente em Jesus Cristo. Para Pannenberg, o reinado vindouro de Deus já pode ser vivenciado no presente pela igreja, porém a igreja como sinal não expressa a consumação completa do reino de Deus.

Na igreja se expressa a presença futura da salvação em Jesus Cristo, e não o reino de Deus em sua plenitude. Por isso, existe uma diferença demarcada entre a presença futura da salvação em Jesus Cristo vivida atualmente pelos fiéis e a consumação de todas as coisas no reinado vindouro de Deus.

Quando se personifica a igreja como a noiva de Jesus Cristo, pode-se perceber essa diferença entre a realidade histórica da presença futura salvação na igreja e o futuro de Jesus Cristo como noivo que voltará para buscar a igreja, composta pela unidade dos fiéis. Os fiéis, que compõem a igreja, personificada como noiva, aguardam ansiosos o retorno do seu noivo para o banquete nupcial para as bodas escatológicas com Jesus Cristo.

De acordo com Pannenberg, fazendo referência a Clemente de Alexandria e a Orígenes, “a realidade histórica da igreja fica aquém do conceito de sua natureza teológica”²⁶¹, porque diferenciam a igreja entre a celestial e a terrena. A igreja celestial é comparada com a cidade de Deus, a Jerusalém celestial que se apresentará no fim de todas as coisas (Hb 12,22; Gl 4,26). Essa mesma percepção, de uma cidade no céu, pode ser vista na teologia paulina, uma cidade que ainda há de vir (Fl 3,20).

Pannenberg, também faz destaque a Ambrósio e a Agostinho que “identificaram a igreja com o reino de Deus, a *civitas celeste*”²⁶². Agostinho se empenha em apresentar a diferença entre a igreja terrena, em sua configuração atual,

²⁶¹ Cf. Ibid., p. 65.

²⁶² Cf. Ibid., p. 66.

e a configuração do reinado vindouro de Deus. Embora Agostinho tenha se aplicado em realizar a diferenciação entre igreja e reino de Deus, Pannenberg afirma que, para Agostinho, “a igreja é agora o reino de Cristo, e reino dos céus”²⁶³. Essa perspectiva de Agostinho da igreja na atualidade ou terrena ser comparada ao reino de Deus tem continuidade nos teólogos da escolástica medieval, assim como pode ser visto em Martinho Lutero, referencial da Reforma Protestante.

Outra interpretação seria pela ética. Para Pannenberg, a concepção de que o reino de Deus tem sua fundação em Jesus Cristo não pode ser atribuída ao iluminismo cristão, para uma interpretação ética da concepção do reino de Deus. Immanuel Kant exerceu influência sobre a teologia evangélica nessa interpretação ética. A reinterpretação ética da concepção do reino de Deus que coloca o ser humano como um agente ativo não deve negar a diferenciação entre o reino de Deus e a igreja. Essa reinterpretação ética considera a igreja como algo palpável e não é exatamente igual ao reino de Deus. A igreja, composta pelos fiéis que estão em comunhão, não pode ser comparada ao reino vindouro de Deus, em que existirá uma comunhão ética e moral verdadeira e completa

De acordo com Pannenberg, a interpretação ética do conceito de reino de Deus tem “o mérito duradouro de romper o falso eclesiocentrismo”, afirmando que “o reino de Deus constitui um fenômeno que supera a existência da igreja”²⁶⁴, pois a igreja não é um fim em si mesma, mas a existência da igreja tem sua finalidade no reino vindouro de Deus.

Albrecht Ritschl, segundo Pannenberg, teve uma importante contribuição em mostrar a diferença entre “a congregação do reino de Deus fundada por Cristo e o próprio reino”²⁶⁵. Johannes Weiss, segundo Pannenberg, fortalece a perspectiva da diferença entre o senhorio de Deus e a igreja composta por seres humanos, sendo “o caráter escatológico do senhorio de Deus como ação do próprio Deus, cuja data ou hora ninguém conhece”²⁶⁶.

²⁶³ Cf. *Ibid.*, p. 66, nota de rodapé número 102.

²⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 67.

²⁶⁵ Cf. *Ibid.*

²⁶⁶ Cf. *Ibid.*, p. 68.

O reino de Deus é algo que está estritamente ligado ao agir soteriológico de Deus a favor da humanidade. Ou seja, o reino não vem pelo agir humano, somente pelo agir de Deus (Dn 2,34).

Nós podemos perceber mais uma característica em que se diferenciam o reino de Deus e a igreja: na igreja há o agir de Deus e do homem, no reino de Deus há somente o agir de Deus. Deste modo, o reino de Deus é estabelecido sem contribuição do ser humano. O agir da igreja se estabelece na perspectiva de sinal do reinado vindouro de Deus.

No reino vindouro de Deus se estabelecerá um novo céu e uma nova terra (2Pd 3,13) em que haverá justiça e comunhão. Os fiéis na igreja se esforçam para exercerem a justiça e a comunhão, pois tais comportamentos expressam na atualidade o que acontecerá no reinado vindouro de Deus. A igreja é analogia e sinal do reinado vindouro de Deus quando as pessoas que compõem a igreja são purificadas pelo batismo e justificadas pela fé.

Pannenberg ressalta que não só a teologia evangélica no século XX contribuiu para a diferenciação entre reino de Deus e igreja, mas também a teologia católica. Ele cita, por exemplo, Rudolf Schnackenburg, como o pioneiro na teologia católica que realiza essa diferenciação. Depois ele cita Karl Rahner, que expressa na dogmática a condição da igreja diferente do reino de Deus, porque a igreja está em peregrinação rumo ao reino vindouro de Deus, embora a igreja seja considerada o “sacramento da salvação definitiva”. E ainda, Pannenberg cita Hans Küng que identifica a igreja como um “sinal prévio”²⁶⁷ do reino de Deus, já que o reino de Deus já pode ser considerado presente na igreja, mas ela ainda não é o reino de Deus.

Diante da consideração feita pela teologia evangélica ou pela teologia católica sobre a relação entre reino de Deus e igreja, para Pannenberg a diferença entre o reino de Deus e a igreja a igreja” não é idêntica com o reino de Deus, mas ela é sinal de seu futuro salutar”²⁶⁸. Para Pannenberg, a igreja é sinal do reino vindouro de Deus. Na igreja já é possível viver no presente a salvação futura de Deus. As

²⁶⁷ Cf. Ibid., p. 68-69.

²⁶⁸ Cf. Ibid., p. 70.

pessoas já podem usufruir do reino vindouro de Deus na atualidade por meio da proclamação e a vida de celebração da igreja²⁶⁹.

É através do Espírito do Pai que os fiéis são levados a participar do reino de Cristo (Cl 1,13), porque Jesus Cristo em seu sacrifício salvífico na cruz redimiu pelo seu sangue o pecado de toda a humanidade (Cl 1,14). Pela ação salvífica de Jesus Cristo, pode-se considerar o reino de Deus presente na vida dos fiéis que compõem a igreja. Mas, isso não significa dizer que o reino de Deus é a igreja, nas é apenas sinal antecipatório.

A presença da salvação futura de Deus na igreja se faz real por meio do Espírito Santo que anuncia a Jesus Cristo nas palavras do Evangelho. As palavras do Evangelho concretizam a presença real de Jesus Cristo e mantêm a esperança no futuro. A relação entre palavra e realidade pode ser percebida na celebração da ceia do Senhor, onde a igreja fortalece a certeza da presença de Jesus Cristo por meio de suas palavras.

O estudo da igreja em Pannenberg está vinculado ao estudo do reino de Deus. A igreja é considerada a comunidade escatológica, que aponta para o reino vindouro de Deus. A igreja é um sinal de antecipação do cumprimento da história da humanidade²⁷⁰. Como a igreja não é o reino de Deus, a igreja somente antecipa ou torna presente na atualidade o futuro da salvação de Deus, que só será pleno e completo no reino vindouro de Deus.

Nesse sentido, a prolepse (antecipação) é uma categoria fundamental para se entender o pensamento de Pannenberg. Já que uma das características do pensamento do autor é a prolepse, que visa a antecipação como o aspecto central do conhecimento do Deus que se revela na história da humanidade. E o epicentro da revelação de Deus é a pessoa de Jesus, o Filho de Deus²⁷¹.

²⁶⁹ Cf. *Ibid.*, p. 71.

²⁷⁰ Cf. M. ZEUCH, *op. cit.*, p. 78

²⁷¹ Cf. R. D. PASQUARIELLO, *op. cit.*, p. 338. In: M. ZEUCH, *loc. cit.*

4.2.2

A Igreja como mistério na perspectiva do agir salvífico do Filho

Se o reino vindouro de Deus visa a salvação da humanidade – que é a reconciliação das pessoas entre si e das pessoas com Deus – possibilitada pela atuação de Jesus Cristo crucificado e ressurreto e a confirmação do Espírito no coração dos fiéis, então a plenitude do reino de Deus é a confirmação do mistério da salvação.

Assim como a igreja é sinal do reino vindouro de Deus, a igreja também é representação do mistério da salvação. Se a igreja só é sinal do reino vindouro de Deus pela atuação do Espírito como dádiva escatológica, assim também a igreja só será representação do mistério da salvação por meio de Jesus Cristo.

A igreja em sua configuração como sinal do reino vindouro de Deus e como representação do mistério da salvação demonstra, na atualidade, a futura reunião entre as pessoas e a reconciliação da humanidade com Deus.

Segundo Pannenberg, para o Concílio Vaticano II, mais especificamente na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a igreja é sinal e instrumento da comunhão do ser humano com Deus e dos seres humanos entre si. Essa comunhão expressa na igreja é apenas uma antecipação do que será no reinado vindouro de Deus. Para o Concílio Vaticano II, a igreja é sinal sacramental do reinado vindouro de Deus.

A igreja é considerada como sinal sacramental do reinado vindouro de Deus para o Concílio Vaticano II, porque ela é o sacramento da salvação. A palavra *mysterium*, a qual se refere à igreja na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, está relacionada com a palavra *sacramentum* como sua equivalente. Desse modo, o mistério de Deus que se expressa por meio da relação entre igreja e reinado vindouro de Deus pode ser identificado como sacramento²⁷².

Pannenberg identifica em Cipriano que a igreja é considerada o sacramento da unidade. Esta consideração da igreja como sacramento da unidade é baseada no *mystérion* do plano de salvação divina que foi revelado em Jesus Cristo (Ef 3,3-9;

²⁷² Cf. W. PANNENBERG, op. cit., 2009, p. 72.

1,9). O mistério foi dado a conhecer por revelação, Deus revela a Jesus Cristo, mistério da salvação, por meio do seu Espírito²⁷³.

A identificação da igreja como sacramento na teologia evangélica recebeu críticas, porque a igreja na perspectiva evangélica é tida como igreja da palavra e não como sacramento, mas principalmente porque as cartas aos Efésios e aos Colossenses identificam o mistério com Jesus Cristo e não com a igreja.

Pannenberg identifica que entre as teologias católicas e luteranas existe a diferença em atribuir os conceitos de *mystérion* ou *sacramentum* à igreja e aos atos eclesiásticos, ou a Jesus Cristo. De um lado, a teologia católica considera *mystérion* ou *sacramentum* como sendo a igreja, de outro lado a teologia luterana considera *mystérion* ou *sacramentum* como sendo Jesus Cristo.

Após identificar a diferença entre as teologias católicas e luteranas no que diz respeito à atribuição dos conceitos de *mystérion* ou *sacramentum*, seja à igreja ou a Jesus Cristo, Pannenberg propõe esclarecer melhor esses conceitos no Novo Testamento e depois comparar com o estudo dogmático posterior²⁷⁴.

De acordo com Pannenberg a palavra *mystérion* no Novo Testamento, assim como no apocalipsismo judaico, está relacionada à vontade divina na história da humanidade. Essa vontade de Deus está oculta nele desde sempre (Ef 3,9; 1,9; Cl 1,26). Tudo o que irá acontecer, somente em Deus podemos obter respostas, sobretudo sobre o fim da história da humanidade. Aqueles que estão em Deus, os seus fiéis, têm acesso à vontade de Deus para a história da humanidade (Mt 13,11; Rm 11,25; 1Cor 15,51, 4,1; 2,7). A vontade de Deus para a humanidade só é acessível aos fiéis porque essa vontade foi manifesta em Jesus Cristo (Rm 16,25).

No texto da carta aos Colossenses podemos perceber que a vontade de Deus para humanidade não foi somente revelada em Jesus Cristo, mas Jesus Cristo é o próprio mistério de Deus, a revelação do Pai (Cl 2,2). Jesus Cristo, não como sinal da revelação do mistério, mas como o próprio mistério, pode por meio dele irromper com o reinado vindouro de Deus. Por isso, o futuro do reino de Deus já é realidade no presente por meio de Jesus Cristo como o mistério de Deus.

²⁷³ Cf. Ibid., p. 73.

²⁷⁴ Cf. Ibid., p. 74.

Em Jesus Cristo temos o anúncio do governo e do reinado vindouro de Deus, assim como em Jesus Cristo temos o instrumento no qual Deus implanta o seu governo entre os seres humanos. Jesus Cristo, nesse sentido, é o ato sublime da ação de Deus em favor da humanidade por meio do seu plano histórico-salvífico. Em Jesus Cristo, Deus revela à humanidade o seu plano salvífico em que reunirá todos para si, no céu e na terra (Ef 1,9).

Isso não significa dizer que Jesus Cristo é o objetivo único e exclusivo do plano histórico-salvífico de Deus para a humanidade, mas Jesus Cristo é o *mystérion* de Deus, em quem irrompe o governo e o reinado vindouro de Deus, o seu “legado” (Ef. 1,11 e 14). A promessa de participação no reinado vindouro de Deus não é exclusiva para o povo de Deus da antiga aliança, mas abarca a todos que por meio da fé acreditam em Jesus Cristo como o mistério divino da salvação palpável e experimentável; ou seja, até os gentios podem ter acesso à promessa (Ef 3,6).

Nesse sentido, o mistério divino da salvação que é acessível por meio de Jesus Cristo tem a perspectiva inclusiva para todos aqueles que estão em Jesus Cristo, “visto que constitui justamente o propósito do plano divino da história unificar tudo em Cristo”²⁷⁵. Pannenberg justifica o entendimento da igreja como o conteúdo do mistério divino da salvação na teologia católica a partir da análise de Ef 3,6 em conexão com Ef 2,14. Esta análise também afirma a base cristológica da igreja como sacramento.

O entendimento da igreja como “sacramento originário” pela teologia católica recebeu interpretações equivocadas, quando dava ênfase à igreja por si só e não à igreja em sua estreita relação com Jesus Cristo. É na diferenciação entre igreja e Jesus Cristo – fundador da ordem sacramental de salvação – que a igreja pode ser considerada sacramento originário, fundamento dos atos sacramentais da vida, sete sacramentos: batismo, confirmação (ou crisma), eucaristia, reconciliação (ou penitência), unção dos enfermos, ordem e matrimônio.

Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* temos a afirmação de que Jesus Cristo faz da igreja o sacramento para a unidade das pessoas com Deus e as pessoas

²⁷⁵ Cf. *Ibid.*, p. 75.

entre si. No entanto, para a teologia evangélica a atribuição dada para a igreja deve ser dada para Jesus Cristo, isto porque Jesus Cristo é o único e peculiar sacramento para a unidade das pessoas com Deus e da unidade entre as pessoas. Essa perspectiva da teologia evangélica só é possível quando se faz a diferenciação entre igreja e Jesus Cristo. Contudo, é preciso refletir, diz Pannenberg, sobre até que ponto a igreja é diferente de Jesus Cristo, já que a igreja está composta por fiéis que são considerados partes do corpo em que o próprio Jesus Cristo é o cabeça. O conjunto dos fiéis que formam a igreja, configura a unidade inseparável entre igreja e Jesus Cristo.

Pannenberg ressalta que a diferenciação entre igreja e Jesus Cristo promove a percepção de que Jesus Cristo é o mistério divino da salvação sem a igreja. Jesus Cristo é o sacramento da unidade e não a igreja. Mas, ele chama a atenção para o fato de que a igreja com Jesus Cristo forma uma unidade inseparável, porque a igreja é parte integrante do corpo de Jesus Cristo. De acordo com a declaração da carta aos Efésios 3,4-9, a igreja faz parte do mistério divino da salvação porque ela é corpo de Jesus Cristo, e nela congrega tanto judeus como gentios.

Também na carta aos Efésios encontramos a declaração de que, diferente do povo da antiga aliança e da igreja primitiva, o ministério divino da salvação de Jesus Cristo consiste na unidade entre todos.

O mistério divino da salvação em Jesus Cristo é universal, pois Jesus Cristo é o reconciliador do mundo (Cl 1,20), onde todas as coisas convergem para ele. Essa universalidade se expressa na vida da igreja, em que não há distinção entre aqueles que estão na igreja. Além disso, a perspectiva da unidade entre Jesus Cristo e igreja a partir do conceito de mistério divino da salvação pode ser compreendida como a manifestação da comunhão entre o Filho e o Espírito para a obra de reconciliação.

Pannenberg entende que a igreja é parte integrante do mistério divino da salvação, e a igreja também não pode ser considerada como um ente autônomo. A igreja só tem sentido quando ligada a Jesus Cristo, recebendo a atuação direta de Jesus Cristo. Isto não significa dizer que a igreja deve ser considerada um complemento do mistério divino da salvação. Embora a igreja forme uma unidade com Jesus Cristo, em que o próprio Jesus Cristo está presente nela, a igreja não

pode ser vislumbrada como necessária para completar a obra de Jesus Cristo, nem “deve atribuir à igreja uma sacramentalidade própria e que lhe caiba automaticamente”²⁷⁶.

Na atuação e no testemunho do Espírito que Jesus Cristo, por meio do seu corpo, que é a igreja, é considerado o único mistério divino da salvação. É na atuação conjunta do Filho e do Espírito que o reinado vindouro de Deus se faz presente na atualidade. A igreja por si só não expressa o mistério divino da salvação que aponta para o reinado vindouro de Deus, mas sua função se faz notória quando, tão somente, está ligada a Jesus Cristo.

O mistério divino da salvação pode ser vislumbrado na igreja porque nela se encontra a unidade dos seres humanos entre si e dos seres humanos com Deus, característica do reinado vindouro de Deus, onde haverá a reconciliação da humanidade com Deus e dos seres humanos entre si.

A igreja é um espaço que expressa o mistério divino da salvação de maneira fracionada, pois não consegue construir unidade entre aqueles que a compõem. Contudo, Pannenberg chama a atenção que, apesar de todas as divergências, desacordos e divisões encontradas na história da igreja, a unidade dos cristãos pode ser vislumbrada por meio da fé comum em Jesus Cristo²⁷⁷.

Pannenberg ressalta o fato de que o contraste no interior da igreja continua e é perceptível na história da igreja. Ele dá como exemplo o contraste entre judeus e cristãos na história. E ainda, esse contraste pode ser visualizado no comportamento dos cristãos para com outras culturas e outras religiões. Esses contrastes demonstram que na realidade histórica da igreja existem diversas razões para ver que é apenas sinal, da sua perspectiva antecipatória da unidade entre os seres humanos no reinado vindouro de Deus.

Embora a igreja tenha essa configuração contrastante no seu interior com divisões e entre judeus e não-judeus e dos cristãos em relação a outras culturas e religiões –, ela não deixa de ser representação do futuro escatológico. A igreja como

²⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p. 77.

²⁷⁷ Cf. *Ibid.*, p. 78.

sinal do reinado vindouro de Deus não possui todas as características que o reino de Deus virá a ter.

A igreja, pela presença de Jesus e atuação do Espírito, tem buscado romper com todas essas divergências, desacordos e divisões. Há na história do cristianismo e da própria igreja movimentos que visam anunciar, por meio de sua vida cultural, a unidade dos que professam a fé em Jesus Cristo. Com tal atitude, os fiéis amenizam as divergências, desacordos e divisões que ocorrem no próprio seio da igreja e dos fiéis como um todo, espalhados pelo mundo. Ao amenizarem as divergências, desacordos e divisões, a realidade histórica da igreja como unidade do corpo de Jesus Cristo, pode se mostrar como representação atual da futura unidade dos seres humanos no reinado vindouro de Deus.

É através da promoção da unidade dos fiéis e da reconciliação desses com Deus que a igreja, também designada como corpo de Jesus Cristo, pode ser considerada como sinal do reino vindouro de Deus e mistério da salvação.

Ao analisarmos a vida cultural da igreja, podemos perceber que o mistério da salvação de Deus não está nela mesma, mas na pessoa de Jesus Cristo. Por isso, é importante entender que a igreja, como representação do mistério de Deus, não é o próprio Jesus Cristo. Assim como a igreja não é o reino vindouro de Deus.

E ainda, o próprio Jesus Cristo não pode se assemelhar ao reino vindouro de Deus, já que ele, por meio da sua vida, apenas sinalizou como será o futuro da humanidade na ação redentora de Deus na consumação final. Não podemos encontrar a diferença entre igreja e Jesus Cristo na perspectiva de sinal, porque tanto a igreja como Jesus Cristo são sinais do reinado vindouro de Deus. Nesse sentido, Jesus Cristo, o Filho enviado pelo Pai, é sinal porque o acontecimento histórico da ação redentora de Deus foi sinalizado em sua própria vida, por meio da sua morte e ressurreição, do anúncio da chegada do reino de Deus e das suas refeições coletivas. É na obediência ao envio do Pai, que Jesus Cristo manifesta tanto o Pai, quanto o reino do Pai. Por isso, Pannenberg, vai chamar Jesus Cristo de “contra imagem e analogia do senhorio do Pai”²⁷⁸.

²⁷⁸ Cf. *Ibid.*, p. 79.

Nesse sentido, Jesus Cristo na sua vida terrena pode demonstrar a futura salvação no reino de Deus, ou seja, Jesus Cristo é a corporificação do mistério da salvação. Jesus Cristo é a manifestação do mistério divino de salvação para a humanidade. Em Jesus Cristo podemos visualizar a concretização do plano divino da salvação.

Podemos dizer com isso, que em Jesus Cristo se apresenta tanto o mistério da salvação de Deus, como a função de sinal do senhorio de Deus. É dentro desse aspecto, que a igreja surge e tem sua função estabelecida.

Na igreja, assim como na pessoa de Jesus Cristo, temos a apresentação do mistério da salvação e a sinalização do reinado vindouro de Deus. Contudo, a igreja se diferencia de Jesus Cristo, porque sem Jesus Cristo a igreja não consegue a mediação necessária para ser apresentação do mistério da salvação e a sinalização do reinado vindouro de Deus. Nesse sentido, a comunhão da igreja com Jesus Cristo é fundamental para o cumprimento de sua função representativa e de sinalização. Pannenberg, vai dizer que a igreja é o corpo e não o próprio Jesus Cristo.

A igreja deve ser entendida como “o povo escatológico de Deus formado de todos os povos e, conseqüentemente, sinal da reconciliação rumo à futura unidade de uma humanidade renovada no reino de Deus”²⁷⁹. O mistério divino da salvação da humanidade foi revelado em Jesus Cristo, por meio de sua vida, morte e ressurreição. O ato da entrega de Jesus Cristo em obediência ao envio do Pai, possibilitou a reconciliação da humanidade com Deus e a esperança no reino vindouro de Deus. É na inserção da igreja no plano de salvação de Deus revelado em Jesus Cristo, que ela é vista como sinal do reino vindouro de Deus. A igreja existe, no plano de salvação, como o corpo de Cristo. A igreja, portanto, só é sinal do reinado vindouro de Deus porque faz parte do plano divino de salvação que foi revelado em Jesus Cristo, e sua participação no plano divino de salvação só é possível porque ela é corpo de Jesus Cristo.

A igreja como sinal e instrumento do reino vindouro de Deus, tem a função de tornar o futuro da humanidade na consumação final presente na atualidade, ou seja, apresentar a unidade entre as pessoas e a reconciliação dessas pessoas com

²⁷⁹ Cf. *Ibid.*, p. 80.

Deus. Pannenberg se baseia no Credo Apostólico para definir a igreja como a comunhão dos fiéis, que é uma característica presente na igreja, que sinaliza para o futuro da humanidade no reino de Deus. Essa característica da igreja é central no pensamento de Pannenberg.

No entanto, Pannenberg ressalta que a igreja como comunhão dos fiéis, pensada de uma maneira destacada, “descreve de forma incompleta a natureza da igreja, porque nela não passam a ser temas nem a incumbência missionária da igreja nem tampouco a transmissão da fé a novas gerações”²⁸⁰. E ainda, pode-se entender de forma equivocada o conceito da igreja como comunhão dos fiéis de maneira que a unidade futura no reinado vindouro de Deus seja somente dos fiéis.

Essa concepção não está de acordo com a essência da igreja, acentua Pannenberg, pois o plano divino da salvação se refere ao todo da humanidade. A atuação salvífica de Deus por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo, que visa à reconciliação da humanidade com Deus, propõe uma igreja que seja inclusiva e não excludente, ou seja, uma igreja missionária por natureza.

Essa concepção da igreja como missionária não pode ser visualizada no conceito de povo de Deus, porque o povo de Deus da antiga aliança foi reunido a partir da separação dentre todos os outros povos para se tornar um povo de propriedade de Deus. A igreja, diferente do povo de Deus da antiga aliança, se caracteriza por ser missionária quando anuncia ao mundo a reconciliação da humanidade com Deus por meio do ato salvífico de Jesus Cristo no reinado vindouro de Deus.

A igreja só pode ser pensada como missionária quando faz referência ao futuro escatológico do reino de Deus; por isso Pannenberg diz que a igreja é missionária “como congregação que aguarda a parusia de seu Senhor ressuscitado, a igreja é chamada ao testemunho missionário perante o mundo, não podendo ser um ‘fim em si mesmo’”²⁸¹.

A igreja por suas diversas características, segundo Pannenberg, é melhor entendida quando referida como “sinal ou sacramento do reino”, já que a igreja não

²⁸⁰ Cf. *Ibid.*, p. 81.

²⁸¹ Cf. *Ibid.*, p. 82.

é nada por si somente, mas sua essência é percebida quando é entendida como o corpo de Jesus Cristo que recebe o agir do Espírito.

A igreja como sinal ou sacramento do reino tem a função, por sua essência, de ser o anúncio do futuro da humanidade no reino de Deus no presente. A configuração atual da igreja, a unidade dos seres humanos entre si e dos seres humanos com Deus, antecipa o que ocorrerá no reino que será concretizado por Deus na consumação final. Deste modo, a igreja na condição de sinal ou prenúncio pode viver no presente o reinado vindouro de Deus.

Faz-se importante, para Pannenberg, realizar na teologia evangélica a distinção entre igreja e o objetivo do reino de Deus, porque João Calvino identificou a igreja como a mãe dos fiéis e necessária para alcançar a salvação. De acordo com Pannenberg, isso ocorreu porque não foi realizada uma diferenciação nítida entre a comunhão dos fiéis com Jesus Cristo e a igreja como sinal do reinado vindouro de Deus²⁸². A igreja como sinal do reinado vindouro de Deus está diretamente relacionada com o plano divino da salvação e, conseqüentemente, relacionada com os seres humanos. Por isso, a igreja deve buscar a harmonia entre os fiéis que a compõem, bem como com todas as culturas e outras religiões, a fim de estabelecer um convívio harmônico com todos.

No entanto, tal convívio harmônico nem sempre é possível, dada a brutal diferença entre a realidade existente do mundo e o reinado vindouro de Deus. Diante dessa realidade, Pannenberg diz que “é correto que o futuro do governo de Deus e sua irrupção na vida do indivíduo como na comunhão da igreja possui implicações revolucionárias”²⁸³. É revolucionária a atitude dos fiéis porque a perspectiva e a finalidade do fiel estão baseadas no reinado vindouro de Deus, que tem características totalmente diferentes da realidade existente do mundo. Com isso, o fiel vive uma constante inconformação com a realidade existente do mundo, já que o reino de Deus ainda não se concretizou, ele é apenas sinal na igreja. Embora o fiel esteja inconformado com a realidade existente do mundo, ele não pode transformar essa realidade no reino de Deus. Cabe somente a Deus a implantação do seu reino. A igreja como sinal e instrumento para a unidade dos seres humanos com Deus e

²⁸² Cf. *Ibid.*, p. 83.

²⁸³ Cf. *Ibid.*, p. 84.

dos seres humanos entre si não tem condição de estabelecer sozinha o reino de Deus. A implantação é uma atribuição exclusiva de Deus por sua vontade soberana.

4.2.3

A Igreja, a ordem político-jurídica e o reino de Deus

Não só a igreja, mas também a ordem política está relacionada com o governo e o reinado vindouro de Deus. Pannenberg aqui não se refere a um modelo específico de ordem política, mas se refere à ordem política de um modo geral²⁸⁴.

A relação que a ordem política estabelece com o governo e o reinado vindouro de Deus é na medida em que a ordem política, assim como o reinado vindouro de Deus, propõem a garantia do direito e da paz no convívio entre os seres humanos. Enquanto a ordem política busca garantir o direito e a paz na realidade existente do mundo, o reinado vindouro de Deus implementará de forma definitiva o direito e a paz na unidade futura da humanidade.

Ainda que os governantes e autoridades do poder estatal não tenham conhecimento da relação entre a ordem política e o reinado vindouro de Deus, essa relação sempre irá existir, porque a ordem política visa a garantir o direito e a paz. No entanto, a existência de uma relação entre ordem política e reinado vindouro de Deus não significa que esses conceitos são idênticos. As ordens políticas estabelecidas na história da humanidade não correspondem à vontade jurídica de Deus.

Como as ordens políticas e jurídicas estabelecidas na humanidade não correspondem ao reinado vindouro de Deus, os seres humanos anelam pela concretização e a garantia irrestrita do direito e da paz. Por isso, Pannenberg vai dizer que “a esperança pelo futuro do governo de Deus parte da experiência de que nenhuma constituição política e ordem jurídica existente atende plenamente à tarefa de estabelecer o direito e a paz entre os seres humanos”²⁸⁵.

²⁸⁴ Cf. *Ibid.*, p. 85.

²⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 86.

Ao analisar as formas de ordem política e jurídica das culturas antigas, vamos perceber que a sociedade fundamentava seus governantes e suas leis a partir dos seus deuses. A justificação do poder e da autoridade instituída estava baseada no governo teocrático, no qual o governante era escolhido pela própria divindade para implementar o direito e a paz.

Pannenberg diz que na maioria das culturas antigas havia uma estreita relação entre a ordem política e jurídica com a ordem cósmica. Dessa relação se estabelece uma só função para a administração e o culto públicos: “a vida da sociedade em concordância com a ordem cósmica”²⁸⁶.

Essa forma estabelecida na maioria das culturas antigas pode ser comparada com a realidade da realeza em Israel. No tempo em que Israel foi governado por reis, a ordem política e o reino de Deus se relacionavam da mesma forma como na maioria das culturas antigas²⁸⁷. Em Israel, os reis que governavam eram tidos como os representantes de Deus na terra (Sl 2,7; 2Sm 7,14). No caso de Israel, diferente das outras culturas do antigo Oriente, Deus era de fato o seu verdadeiro rei. Após a queda da realeza davídica em Jerusalém a representação do governo de Deus foi passada ao rei babilônico Nabucodonozor (Jr 45,1). Depois foi a vez do persa Ciro assumir a representação do domínio universal de Deus. No livro de Daniel vemos a crítica aos domínios dos impérios seguintes: babilônicos, persas e os diádocos de Alexandre Magno.

Pannenberg ressalta que nenhum desses representantes de Deus foram capazes de “cumprir a função da representação terrena do senhorio de Deus pelo estabelecimento do direito e da paz”²⁸⁸. Como nenhum governante que representava Deus foi capaz de estabelecer o direito e a paz, nasce a fé na intervenção de Deus a fim de tornar realidade o direito e a paz para a humanidade. Dessa maneira, nasce a esperança de que Deus instituiria um reino futuro onde se possa viver, plenamente, o direito e a paz. No reino de Deus, o seu governo se estabeleceria para superar e suplantiar os governos predatórios existentes.

²⁸⁶ Cf. *Ibid.*, p. 86.

²⁸⁷ Cf. *Ibid.*, p. 87.

²⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p. 88.

No período posterior ao exílio vivido por Israel, nenhum governante foi instituído como representação do governo mundial de Deus. Israel foi submetido aos diversos impérios que foram se instaurando ao longo da história. Diante dessa realidade, crescia em Israel o desejo e a esperança escatológica do estabelecimento do reino de Deus.

Para a igreja cristã a esperança escatológica do estabelecimento do reino de Deus se inicia a partir da atuação e da história de Jesus Cristo. Em Jesus Cristo temos o fundamento do reino de Deus. Em Jesus Cristo se irrompe o reino de Deus.

No povo de Deus da antiga aliança o reino de Deus é apenas uma promessa. Para a igreja cristã, o reino de Deus é uma realidade por meio da atuação e da história de Jesus Cristo.

É na irrupção do reino de Deus em Jesus Cristo que se pode realizar uma comparação com a ordem política e jurídica da humanidade e ter a certeza de que o futuro do reino de Deus será muito melhor do que a realidade existente. De fato, no reino de Deus, será possível a concretização absoluta do direito e da paz. Mas, a concretização absoluta do reino de Deus só será possível no retorno de Jesus Cristo. O que temos atualmente, por meio da igreja, é somente o sinal ou a antecipação do futuro governo de Deus. Nesse sentido, na atuação e história de Jesus tivemos a irrupção do reino de Deus, e a consumação do reino de Deus será estabelecida pelo próprio Deus.

Quando o próprio Deus estabelecer o seu reino, acontecerá a erradicação dos sistemas políticos e jurídicos que se fundamentam na dominação e na exploração, para se instaurar a unidade dos seres humanos sob o direito e a paz. Não podemos desconsiderar que a igreja nesse processo é sinal e instrumento do reinado vindouro de Deus. A igreja, por meio do agir do Filho e do Espírito, concede ao fiel o acesso no presente da futura salvação no reino de Deus.

Pela participação do fiel na celebração da ceia de Jesus Cristo e como integrante do corpo de Jesus Cristo, o fiel pode vivenciar, de forma antecipada, o reinado vindouro de Deus. Essa vivência presente do fiel no futuro reino de Deus está relacionada com a ordem política e jurídica da relação social entre os seres humanos, porque esta deve procurar a justiça e a paz.

Para Pannenberg, pode-se reivindicar que a determinação social do ser humano é vivenciada na comunhão sacramental da igreja, principalmente na celebração eucarística. Mas, essa determinação social do ser humano se concretiza apenas na forma de sinal, vivenciada pela celebração eucarística da ceia de Jesus Cristo²⁸⁹. Na própria existência da igreja e na sua vida cultural pode-se vislumbrar o governo de Deus. Contudo, para Pannenberg, esse governo de Deus estabelecido na igreja pouco se concretiza nos relacionamentos seculares entre os seres humanos. A igreja possui uma natureza provisória, vive a antecipação do reinado vindouro de Deus²⁹⁰.

A tradição cultural do cristianismo estabelece a diferença entre o Estado e a igreja. Essa diferença entre Estado e igreja se baseia na forma como se constitui a ordem política e jurídica na sociedade. O Estado é composto por pessoas que são autorizadas a administrar as questões públicas. Tais pessoas recebem destaque diante da maioria das pessoas. Esse destaque recebido por essas pessoas é que vai caracterizar o domínio de alguns sobre os outros. Com essa característica, a ordem política e jurídica “não corporifica a configuração definitiva da determinação do ser humano como ser social”²⁹¹. A determinação social do ser humano possibilita a participação na ordem política e jurídica. Essa participação está relacionada com o governo de Deus. A partir do entendimento da ordem política e jurídica relacionada com o reinado vindouro de Deus, é possível compreender a diferença entre o espiritual e o secular, porque elas estão baseadas na consciência escatológica do cristianismo²⁹². A ordem política e jurídica é provisória e a igreja anuncia o reino vindouro definitivo.

Pannenberg afirma que o questionamento sobre a composição do modo de vida do ser humano não pode ser definido pela vontade de uma pessoa específica. É preciso que existe algo que dê subsídio e seja referencial à ordem política e jurídica na sociedade. Esse subsídio e referencial deve ser as necessidades básicas dos seres humanos e a determinação do ser humano como ser social²⁹³.

²⁸⁹ Cf. *Ibid.*, p. 89.

²⁹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 90.

²⁹¹ Cf. *Ibid.*

²⁹² Cf. *Ibid.*

²⁹³ Cf. *Ibid.*

A diferenciação entre o definitivo e o provisório, entre a igreja e a cultura secular, foi tomada como base para formar o secularismo, que abarca todas as áreas da vida do ser humano²⁹⁴. Para Pannenberg, no secularismo moderno, a compreensão da ordem da sociedade é totalmente ideológica. Esse caráter ideológico pressupõe algumas hipóteses sobre a natureza humana e declara que a perspectiva religiosa da vida tem importância secundária na sociedade. Diante do secularismo moderno, o cristianismo precisou realizar mudanças na sua relação com o secular. Deve nessa relação ver o que caracteriza o secular, mas fazer críticas ao secularismo no entendimento de que o secularismo não deve se realizar de forma autônoma e imanente diante do espiritual, com sua negação. No contexto de uma cultura que tem um cunho cristão, o cristianismo, diante da Modernidade secularista, também precisa apreender a condição de vida do ser humano, mas sem submeter os indivíduos a uma dominação clerical.

De acordo com Pannenberg, a igreja e os cristãos devem lutar pela autonomia dos seres humanos e levá-los a ter consciência de sua condição finita por meio do anúncio do mistério divino da salvação. A igreja não está destacada da ordem política e jurídica, mas está relacionada e atua diante da ordem política e jurídica quando, em sua vida de culto, apresenta-se como sinal da destinação última do ser humano²⁹⁵. A igreja como sinal diante da ordem política e jurídica tem a função de colocar em xeque as estruturas e a própria existência da ordem política e jurídica na sociedade, sejam no âmbito particular ou público, quando analisadas a partir do reinado vindouro de Deus.

Para Pannenberg, não é tarefa da igreja ou dos fiéis suplantar a diferença entre o espiritual e o secular através da exigência de implementação política da liberdade cristã e do reino de Deus na relação social entre os seres humanos²⁹⁶. Pannenberg cita Georg Wilhelm Friedrich Hegel para dizer que a Reforma levanta a bandeira do princípio da liberdade cristã. Com isso, na sociedade moderna a religião e o Estado concordam sobre a implementação da liberdade e ao longo de tempo, tendencialmente, a diferença entre religião e Estado desapareceria²⁹⁷. A localização

²⁹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 91.

²⁹⁵ Cf. *Ibid.*, p. 91-92.

²⁹⁶ Cf. *Ibid.*, p. 92.

²⁹⁷ Cf. *Ibid.*

temporal para a condição de concórdia entre religião e Estado foi destacada por Pannenberg. Posto que, em regimes governamentais protestantes essa realidade foi possível, dada a influência cultural do cristianismo. A partir do século XX isso não ocorre mais. Em territórios que o Estado secularista se apartou das convicções cristãs, os direitos humanos não podem ser mais considerados com base no espírito cristão²⁹⁸.

Quando os direitos humanos se baseiam na determinação do ser humano como ser social, na provisoriedade da ordem jurídica e na superação dos governos totalitários, o espírito cristão é a base e o referencial. Mesmo que a base da ordem política e jurídica seja de princípios cristãos, é importante entender que todo governo humano será expressão do domínio de seres humanos sobre seres humanos. Deste modo, os direitos humanos, mesmo que baseados e referenciados no espírito cristão, não podem ser comparados com a implementação do reinado vindouro de Deus. A ordem política e jurídica na sociedade é provisória e na dominação.

Diante dessa realidade, Pannenberg enfatiza que a igreja e os fiéis devem expressar a insatisfação contra as injustiças sociais, o respeito aos direitos humanos e a melhoria da qualidade de vida dos seres humanos. Contudo, a ordem política e jurídica na sociedade é provisória. O reinado vindouro de Deus e a justiça definitiva será por ele estabelecido.

Nesse contexto de provisoriedade da ordem política e jurídica na sociedade, Pannenberg vai dizer que a vida cultural e de celebração da igreja deve ser sinal e representação da determinante e completa unidade e reconciliação dos seres humanos entre si e da unidade e reconciliação dos seres humanos com Deus no reinado vindouro de Deus.

Cabe, nesse sentido, à igreja e aos fiéis o esforço pela reconciliação, já nessa sociedade, entre os seres humanos, fortalecendo os relacionamentos. Mas, essa reconciliação na sociedade é provisória, sua efetiva realização somente acontecerá no reinado vindouro de Deus. A condição dos seres humanos na ordem política e jurídica da sociedade, portanto, é limitada e provisória. Para Pannenberg é nessa sociedade de caráter provisório de sua ordem política e jurídica que se faz

²⁹⁸ Cf. *Ibid.*, p. 93.

necessária a existência da igreja como referência de uma comunhão especial, para os governos estatais. A igreja como referência se expressa como sinal ou antecipação do reinado vindouro de Deus em que ocorrerá, de fato e de verdade, um relacionamento entre os seres humanos em justiça e paz²⁹⁹.

Na perspectiva de sinal a igreja não só aponta para o reinado vindouro de Deus, como também expressa pela sua comunhão especial “a humanização da própria ordem estatal em seu relacionamento com o cidadão”³⁰⁰. A igreja como sinal se apresenta aos governos estatais a vontade de Deus, e como deverá ser o reinado vindouro de Deus, deixando clara a diferença entre a ordem política e jurídica da sociedade e qual será a realização completa e derradeira da destinação dos seres humanos como unidade por meio da reconciliação.

Na teologia luterana essa diferenciação entre igreja e ordem política e jurídica foi tratada como “diferenciação e correlação de dois reinos ou ‘regimentos’ do agir divino”. Nessa perspectiva, a diferença entre o espiritual e o secular é tratada como uma “singularidade histórico-cultural do cristianismo”. Essa diferenciação entre a religião e o Estado poder ser visualizada também em outras religiões, como por exemplo o islamismo, assim como em outras culturas³⁰¹.

Ao realizarmos a diferenciação entre igreja e Estado, inevitavelmente devemos fazer referência ao direito, pois os governos estatais têm em sua configuração as leis para definir o seu funcionamento. O Estado como representação provisória das relações sociais entre os seres humanos pressupõe uma ordem jurídica como diretriz para o convívio harmônico e pacífico entre os seres humanos. No contexto de um Estado que não consegue implementar por meio de sua ordem jurídica um convívio harmônico e pacífico entre os seres humanos, cresce o anseio pela concretização de uma ordem jurídica definitiva que estabeleça o direito e a justiça. Deve-se procurar implantar o direito e a justiça. A concretização definitiva dessa realidade, porém só será possível no reinado vindouro de Deus.

Para Pannenberg, a partir da perspectiva escatológica, no reinado vindouro de Deus ocorrerá a unidade e a reconciliação dos seres humanos com Deus e dos seres

²⁹⁹ Cf. *Ibid.*, p. 94.

³⁰⁰ Cf. *Ibid.*

³⁰¹ Cf. *Ibid.*, p. 95.

humanos entre si. No entanto, a igreja, já no presente, é sinal e antecipação dessa concretização por meio de sua vida cultural³⁰².

³⁰² Cf. *Ibid.*, p. 96.

5 Conclusão

Ao longo do percurso empreendido nessa dissertação procuramos desenvolver um estudo sobre o teólogo Wolfhart Pannenberg e alguns elementos de sua eclesiologia. Notadamente percebemos na avaliação de diversos teólogos a constatação de que Pannenberg foi um dos mais brilhantes teólogos do século XX e que sua reflexão teológica tem validade e expressividade até os dias de hoje.

Além de uma apresentação da vida e obra de Pannenberg e da importância da teologia sistemática, destacamos elementos básicos de sua eclesiologia, particularmente dois tópicos: sobre a Igreja no contexto da dádiva do Espírito e que ela é sinal escatológico do reino de Deus.

Realizamos o levantamento bibliográfico com várias obras do próprio Pannenberg, de autores que falam acerca vida de Pannenberg, de alguma de sua obra ou obras, do seu pensamento teológico ou de alguma temática específica. Para conhecer esse brilhante teólogo, realizamos um breve perfil biográfico e algumas indicações bibliográficas, de caráter seletivo, a fim de demonstrarmos que o seu pensamento foi revolucionário para o século XX.

Na primeira seção do segundo capítulo abordamos a infância e a adolescência de Pannenberg, onde ele, diferente de vários outros teólogos protestantes, não nasce em uma família de pastores. Ele tem uma experiência de “luz” em sua adolescência, e a partir desse momento busca conhecer mais a Deus. É influenciado por um professor cristão, alguns anos antes de ingressar na universidade, o que fará a diferença no momento em que ele irá escolher o curso e a universidade para estudar.

A segunda seção tratou do início da vida universitária de Pannenberg, que, por influência de um professor cristão, inicia os cursos de filosofia e teologia. Nesse ínterim, Pannenberg se casa e é consagrado a pastor luterano. Ele aprofunda seus estudos filosóficos e teológicos, e pouco a pouco, vai desenvolvendo a sua própria perspectiva teológica.

Na terceira seção descrevemos como Pannenberg chega à Universidade de Heidelberg, inicia a sua carreira como pesquisador e começa a dar aulas como

professor de Teologia. É nessa Universidade que Pannenberg participa de um importante grupo de pesquisa que congregava diversos estudantes, de mestrado e doutorado, a fim de formularem uma teologia conectada ao seu tempo, que dialogasse com a sociedade moderna do século XX. Esse grupo dá origem ao Círculo de Heidelberg ou também conhecido como Círculo de Pannenberg (tamanho a sua influência no grupo). Esse grupo, no início da década de 1960, publica uma obra chamada “Revelação como história”, que propõe o estudo de Deus a partir da história. Essa obra, assim como Pannenberg, ganha repercussão internacional.

A quarta seção realiza considerações gerais sobre as obras de Pannenberg, no qual selecionamos alguns autores que relatam a relevância de seus escritos para a teologia do século XX e para o futuro da teologia. Um desses autores realiza um levantamento de todas as publicações de Pannenberg, mostrando que ele teve como produção teórica 754 publicações, que foram traduzidas para nove idiomas, alcançando diversos países.

O terceiro capítulo tratou do tema da Igreja a partir da obra tardia de Teologia Sistemática de Wolfhart Pannenberg. A obra de Teologia Sistemática dele tem três volumes, e é uma importante síntese teológica que foi construída a partir de seu sério estudo teológico ao longo de décadas. Vimos que essa obra é um admirável estudo da teologia cristã. O primeiro volume aborda as questões da Teologia Fundamental, com as noções de verdade cristã e de Deus. O segundo volume discorre sobre a comprovação do conceito cristão de Deus. O terceiro e último volume expõe a sua pneumatologia, a sua eclesiologia e a sua escatologia.

A pesquisa observou que a obra de Teologia Sistemática de Pannenberg reflete o conjunto de toda a sua produção teórica, pela qualidade no seu conteúdo e coerência no seu método. A abrangência de sua produção não se restringe ao mundo teológico cristão protestante, pois Pannenberg participa do diálogo com outras linhas de pensamento cristão e até outras religiões, bem como o diálogo com outras correntes de pensamento. Para a realização desse diálogo, Pannenberg recorre à teologia sistemática a fim de organizar um conteúdo coerente da teologia cristã. Base desse conteúdo é o conceito de Deus e a pretensão de verdade do cristianismo, que em Pannenberg está vinculado diretamente à realidade concreta dos seres

humanos. A teologia de Pannenberg está alicerçada na história, com um profundo interesse prático.

Esse terceiro capítulo da presente dissertação, dividimos em quatro seções. Na primeira seção apresentamos os aspectos básicos da teologia do autor, a fim de entendermos melhor como, ao longo de vários anos, o seu método foi sendo construído e qual era finalidade do seu método diante de uma sociedade secularista moderna que negava a Deus.

Na segunda seção apresentamos as considerações de Pannenberg na obra chamada “An Introduction to Systematic Theology”, especificamente no seu primeiro capítulo, onde ele trata da necessidade de uma teologia sistemática. A base dessa necessidade é a defesa da pretensão de verdade do cristianismo na sociedade secularista moderna por meio de uma sistematização coerente dos temas da fé cristã.

Na terceira seção tratamos de algumas considerações da eclesiologia de Pannenberg, que se encontra no terceiro volume de sua obra Teologia Sistemática. Nessa seção em específico, nos baseamos no seu “Excurso: A posição da eclesiologia na estruturação da dogmática”, para entender os caminhos históricos e o lugar da eclesiologia na teologia.

Na quarta e última seção do segundo capítulo, realizamos um breve comentário sobre a monumental obra de Teologia Sistemática em três volumes de Pannenberg. Ao fim da seção, mostramos uma possível arquitetura do terceiro volume.

O quarto capítulo, e último do desenvolvimento da pesquisa, trata de alguns tópicos eclesiológicos fundamentais da obra de Teologia Sistemática. A eclesiologia de Pannenberg nasce a partir do entendimento de Deus como o “Amor criador”, que dá coerência e unidade entre os três volumes: da criação à consumação escatológica. Reconhecemos que a eclesiologia de Pannenberg é muito densa, e por isso, limitamos a estudar somente dois tópicos de sua rica eclesiologia, quais sejam: a Igreja no contexto da dádiva do Espírito Santo e a Igreja como sinal escatológico do reino de Deus. Em cada seção, fizemos três subdivisões.

No quarto capítulo vimos que Pannenberg estuda a Igreja dentro da perspectiva histórico-soteriológica, em ligação com o Espírito Santo, que é

considerado dádiva escatológica. Na primeira seção, para compreender a Igreja no contexto da dádiva do Espírito Santo, desenvolvemos na primeira subseção uma análise sobre a atuação soteriológica do Espírito, em que o Espírito, junto com o agir do Pai e do Filho, atua para a salvação da humanidade, na criação e também na consumação escatológica, gerando vida e movimento.

Na consumação escatológica, tratada na segunda subseção, o Espírito Santo é considerado dádiva escatológica, porque é enviado pelo Pai para ressuscitar o Filho, gerando vida além da morte, e por isso vai gerar vida à humanidade no fim de todas as coisas. Além disso, o Espírito que gera vida e movimento é o mesmo que forma a unidade dos fiéis na Igreja, tema da terceira e última subseção, em que apresentamos a Igreja em estreita relação com o Espírito. O Espírito como dádiva escatológica atua na vida de cada fiel de forma específica, mas também atua para a formação da comunhão de todos os fiéis, ou seja, na coletividade. Cada fiel ao se vincular a Jesus Cristo, fazendo parte do seu corpo, está necessariamente ligado a todos os outros fiéis. Por isso, o Espírito age na unidade dos fiéis, propiciando a fundação da Igreja e o seu avivamento.

Na segunda seção do terceiro capítulo, para entendermos a Igreja como sinal escatológico do reino de Deus, apresentamos na primeira subseção a necessária diferenciação entre a Igreja e o reino de Deus, já que, segundo Pannenberg, há uma equivocada concepção que atribui a igualdade entre a Igreja e o reino de Deus, e que deve ser corrigida, pois a Igreja não realiza tudo o que é próprio do reino, mas é apenas um sinal e uma antecipação ainda em situação limitada. Entendida essa diferenciação, na segunda subseção foi possível entender que a Igreja pode ser considerada mistério na perspectiva do agir salvífico do Filho em favor da humanidade. Na terceira e última subseção, apresentamos a Igreja em relação com o Reino e vimos que, para Pannenberg, não só a Igreja, mas também a ordem político-jurídica está relacionada com o reino de Deus, porque a ordem jurídico-política deve ter o encargo da justiça e da paz, mas a ordem político-jurídica tem um caráter limitado e provisório. A Igreja anuncia a mensagem do reino vindouro, que será definitivo. O Espírito Santo atua na Igreja. A igreja é sinal escatológico do reino definitivo.

A partir do percurso realizado até aqui, podemos depreender que Pannenberg é um importante teólogo para a atualidade e não somente para o século XX. O seu pensamento se faz fundamental para a teologia contemporânea. Toda a sua vida realmente foi dedicada ao diálogo e à exposição da coerência do único Deus para a sociedade moderna. Inspirador e motivador para a nova geração de teólogos são seus escritos, todos ancorados na perspectiva histórica e prática dos seres humanos, referenciados no agir salvífico de Deus para a humanidade. O estudo eclesiológico de Pannenberg demonstra a importância da Igreja para a sociedade secularista moderna como sinal da futura comunhão dos seres humanos com Deus e dos seres humanos entre si.

Ao estudar nessa dissertação o tema da Igreja no contexto da dádiva do Espírito Santo e a Igreja como sinal escatológico do reino de Deus dentro do pensamento de Pannenberg, tivemos a possibilidade de entender a contribuição da sua eclesiologia para a teologia: a sua concepção do agir da Trindade em favor da humanidade insere a sua eclesiologia na perspectiva histórico-soteriológica.

O Pai, criador de toda a realidade existente, envia o Filho, que por meio de sua vida, morte e ressurreição, possibilita a comunhão da humanidade com o Pai pela filiação, e o Pai que também envia o seu Espírito como dádiva escatológica da Igreja para garantir no presente um sinal da futura comunhão da humanidade com Deus. Deus se revela a toda humanidade por meio da vida e da história de Jesus Cristo. Em Jesus Cristo é inaugurado o reino de Deus, e ele comunica o Espírito à Igreja, possibilitando a Igreja ser sinal do reino vindouro de Deus. Deste modo, a Trindade, a Igreja e o reino de Deus, no pensamento de Pannenberg, estão diretamente relacionados. É o conhecimento dessa relação que Pannenberg propõe à sociedade moderna, a fim de apresentar a coerência da doutrina cristã, e, especificamente visto nesta pesquisa, do estudo eclesiológico.

Nada nos escritos de Pannenberg é tão simples. Seus estudos são muito densos e profundos. Ele faz referência a diversos outros autores e à história. Uma única leitura não dá conta de apreender o cerne ou a totalidade do seu conteúdo. É necessário reler algumas vezes para entender bem o seu pensamento e sempre se pode aprofundar o entendimento. Pelos limites impostos pelo tempo, e para destacar algumas temáticas, escolhemos somente os pontos citados. Outros pontos

eclesiológicos que se encontram no terceiro volume da Teologia Sistemática, entre eles o conceito de Igreja como comunhão dos fiéis e povo de Deus, podem futuramente ser objetos de uma outra pesquisa, já que a teologia de Pannenberg é tão rica que tem ainda muitos pontos para serem estudados.

Pannenberg é um teólogo que se preocupa com a razão e com a esperança futura do reino de Deus. Nessa perspectiva, estudar a sua eclesiologia, ou somente alguns tópicos dela, faz-se relevante ao se apresentar uma coerência entre fé e razão, história e revelação, a partir da esperança do reinado vindouro de Deus. O conhecimento da teologia de Pannenberg, especificamente a sua eclesiologia, pode nos auxiliar na compreensão do estudo sistemático da doutrina cristã e na realização de uma pastoral que está em conexão com a realidade concreta dos seres humanos.

Deste modo, pelo valor da vida, da teologia e dos pontos especiais destacados nessa dissertação, esperamos contribuir para o entendimento do teólogo e pastor luterano Pannenberg e sua luta por uma Igreja que promova o diálogo não só entre os cristãos, mas também com outras religiões e com o ser humano moderno. Por isso, não só para a pastoral luterana, mas o estudo da eclesiologia pannenberguiana serve para o diálogo teológico e para qualquer pastoral.

6

Referências bibliográficas

6.1 Obras e artigos de Wolfhart Pannenberg

PANNENBERG, W. Catechism of the Catholic Church: an Evangelical View point. **Pro Ecclesia**, v. IV, n. 1, p. 49-58, s.d.

___ . **Was ist der Mensch?** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1962.

___ . et. al. **Offenbarung als Geschichte.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1965.

___ . **Theology and the Kingdom of God.** Philadelphia: Westminster Press, 1967.

___ . **Grundfragen systematischer Theologie.** Gesammelte Aufsätze (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967.

___ . **Das Glaubensbekenntnis ausgelegt und verantwortet vor den Frängen der Gegenwart.** Hamburg: Siebenstern Taschenbuch Verlag, 1972.

___ . **Wissenschaftstheorie und Theologie.** Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1973.

___ . **Teologia y Reino de Dios.** Salamanca: Sigueme, 1974.

___ . **Ermeneutica e storia universale.** In: Questioni fondamentali di teologia sistematica. Brescia: Queriniana, 1975.

___ . The contribution of Christianity to the modern world. **Cross Currents**, n. 25, p. 357-366, win. 1975.

___ . **El Hombre como Problema.** Hacia uma antropologia teológica. Barcelona: Herder, 1976.

___ . **Ethik und Ekklesiologie.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1977.

___ . **Die Bestimmung des Menschen.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1978.

___ . God's Presence in History. **The Christian Century**, p. 260-263, mar. 1981.

____. Unity of the Church – Unity of human kind: A critical appraisal of a shift in ecumenical direction. **Mid-Stream**, n. 2, p. 486-490, 1982.

____. **Antropologie in theologischer Perspektive**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988.

LEHMANN, K.; PANNENBERG, W. (Hrsg.): **Lehrverurteilungen – kirchentrennend?** Band 1: Rechtfertigung, Sakramente und Amt im Zeitalter der Reformation und heute (= Dialog der Kirchen 4). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1988.

____ ; ____ (Hrsg.): **Lehrverurteilungen – kirchentrennend?** Band 2: Materialien zu den Lehrverurteilungen und zur Theologie der Rechtfertigung (= Dialog der Kirchen 5). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1989.

____ ; ____ (Hrsg.): **Lehrverurteilungen – kirchentrennend?** Band 3: Materialien zur Lehre von den Sakramenten und vom kirchlichen Amt (= Dialog der Kirchen 6). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1990.

____ ; ____ (Hrsg.): **Lehrverurteilungen – kirchentrennend?** Band 4: Antworten auf kirchliche Stellungnahmen (= Dialog der Kirchen 8). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1994.

____. Eine philosophisch-historische Hermeneutik des Christentums. **Theologie und Philosophie**, v. 66, p. 481-492, 1991.

____. The Present and Future Church. **First Thing**, p. 47-51, nov. 1991. Disponível em: <<http://www.firstthings.com/article/1991/11/006-the-present-and-future-church>>. Acesso em: 06/04/2016.

____. **An Introduction to Systematic Theology**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1992.

____. Must the Churches continue to condemn each other? **Pro ecclesia**, v. II, n. 4, p. 404-423, 20 may. 1992.

____ ; SCHNEIDER, T. (Hrsg.): **Verbindliches Zeugnis**. Band 1: Kanon, Schrift, Tradition (= Dialog der Kirchen 7). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1992.

____ ; ____ (Hrsg.): **Verbindliches Zeugnis**. Band 2: Schriftauslegung, Lehramt, Rezeption (= Dialog der Kirchen 9). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1995.

____ . ____ (Hrsg.): **Verbindliches Zeugnis**. Band 3: Schriftverständnis und Schriftgebrauch (= Dialog der Kirchen 10). Freiburg i. Br.: Herder / Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1998.

____ . Ecumenical tasks in relationship to the Roman Catholic Church. **Pro Ecclesia**, v. XV, n. 2, p. 161-171, spr. 2006.

____ . **Filosofia e teologia: tensões e convergências de uma busca comum**. São Paulo: Paulinas, 2008.

____ . **Teologia sistemática**, volume 1. São Paulo: Editora Academia Cristã; Paulus, 2009.

____ . **Teologia sistemática**, volume 2. São Paulo: Editora Academia Cristã; Paulus, 2009.

____ . **Teologia sistemática**, volume 3. São Paulo: Editora Academia Cristã; Paulus, 2009.

6.2 Obras e artigos em geral

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ACCORDINI, G. **Teólogos do Século XX: Wolfhart Pannenberg**. São Paulo: Loyola, 2006.

BARTLEY, W. W. III. **The Retreat to Commitment**. Second edition. La Salle: Open Court, 1984.

BECK, Stefan. et. al. **Bibliographie der Veröffentlichungen von Wolfhart Pannenberg**. Kerygma e Dogma, v. 54, n. 3, p. 159- 236, 2008.

CLAYTON, P. Wolfhart Pannenberg - In Memoriam. **Patheos**, 2014. Disponível em: <<http://www.patheos.com/blogs/tonyjones/2014/09/07/wolfhart-pannenberg-1928-2014/#ixzz3DguLyNLV>>. Acesso em: 15/04/2016.

COLLABORATIVE ENCYCLOPEDIA OF WESTERN THEOLOGY. **Wolfhart Pannenberg (1928-2014)**. Disponível em: <<http://people.bu.edu/wwildman/bce/pannenberg.html>>. Acesso em: 15/04/2016.

DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. **Dicionário de filosofia**. Campinas: Papyrus, 1993.

FORTE, B. **A Igreja. Ícone da Trindade.** São Paulo: Loyola, 2005.

FRAJO, M. **El sentido de la historia.** Introducción al pensamiento de Wolfhart Pannenberg. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986.

FULLER, D. P. A New German theological Movement. **Scottish Journal of Theology**, v. 19, n. 2, p. 160-175, jun. 1966.

GIBELLINI, R. **Teología e ragione. Itinerario e opera di Wolfhart Pannenberg.** Brescia, 1980.

_____. **A teologia do século XX.** São Paulo: Loyola, 1998.

_____. (Ed.). **Perspectivas teológicas para o século XXI.** Aparecida: Santuário, 2005

GILES, T. R. **Dicionário de filosofia:** termos e filosóficos. São Paulo: EPU, 1993.

GRENZ, S. J. **Reason for Hope: The Systematic Theology of Wolfhart Pannenberg.** New York: Oxford, 1990.

_____. Sacramental Spirituality, Ecumenism, and Mission to the World: Foundational Motifs of Pannenberg's Ecclesiology. **Mid-Stream**, n. 30, p. 20-34, 1991.

_____; OLSON, R. E. **A Teologia do século 20.** Deus e o mundo numa era de transição. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

_____; MILLER, E. L. **Teologias Contemporâneas.** São Paulo. Vida Nova. 2011.

GUNDRY, S. **Teologia Contemporânea:** uma análise dos pensamentos de alguns dos principais teólogos do mundo moderno. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

HERNÁNDEZ DÍAZ, H. D. **Perfil biográfico y bibliográfico de Wolfhart Pannenberg.** Avance de la investigación "lapretensión de verdad de la esperanza judeo-cristiana. Análisis de la pretensión de verdad de la esperanza judeo-cristiana desde los escritos de Wolfhart Pannenberg". Trabajo de grado para optar por el título de Licenciado em Teología. Universidad de San Buenaventura, sede Bogotá. Facultad de Teología, assessor: David Gerardo López, 2012.

HOPKO, T. **A festa da Epifania.** *Ecclesia.* Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/liturgia/a_festa_da_epifania.html>. Acesso em: 14/05/2016.

INSTITUTO HUMANISTAS UNISINOS. **Entrevista teológica com Wolfhart Pannenberg**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/535719-entrevistateologica-com-wolfhart-pannenberg>>. Acesso em: 14/04/2016.

JÜNGEL, E. **Nihil divinitatis, ubi non fides**. Ist christliche Dogmatik in rein theoretischer Perspektive möglich? Bemerkungen zu einem theologischen Entwurf von Rang: Zeitschrift für Theologie und Kirche, n. 86, p. 204-235, 1989.

KÄÄRKKÄINEN, Veli-Matti. The Working of the Spirit of God in creation and in the People of God: The Pneumatology of Wolfhart Pannenberg. **Pneuma**, The Journal of the Society for Pentecostal Studies, v. 26, n. 1, p. 17-35, spr. 2004.

MADRIGAL, S. La Iglesia en la Teología Sistemática de W. Pannenberg (I): "Signo del reinado de Dios" y "Congregatio Fidelium". **Estudios Eclesiásticos**, v. 75, n. 293, p. 177-233, 2000.

_____. La Iglesia en la Teología Sistemática de W. Pannenberg (y II): el ministerio eclesial y el pueblo de Dios. **Estudios Eclesiásticos**, v. 75, n. 293, p. 421-472, 2000.

MARTINEZ CAMINO, J. A. Introducción. In: Pannenberg, Wolfhart. **Teología Sistemática**, volume I. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1992.

_____. Introducción. In: Pannenberg, Wolfhart. **Teología Sistemática**, volume II. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1996.

MARTÍNEZ GORDO, J. La verdad como anticipación y olvido: La teología fundamental de Wolfhart Pannenberg. Bilbao: Instituto Diocesano de Teología y Pastoral; Desclée de Brouwer, 1995.

McCLEAN, J. A Search for the body: is there space for Christ's Body in Pannenberg's Eschatology? **International Journal of Systematic Theology**, v. 14, n. 1, p. 91-108, jan 2012.

McCULLOH, G. W. Creation to Consummation: The Theology of Wolfhart Pannenberg. **Anglican Theological Review**, v. LXXXIII, n. 1, p. 115-128, 2001.

MUELLER, E. R. Apresentação à edição Brasileira In: Pannenberg, W. **Teología Sistemática**, Volume I. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009.

MÜLLER, G. L. Pannenberg's Entwurf einer systematischen Theologie. **Theologische Revue**, v. 86, n. 1, p. 1-8, 1990.

OLSON, R. E. Wolfhart Pannenberg RIP. **Revista Patheos**, 2014. Disponível em: <<http://www.patheos.com/blogs/rogereolson/2014/09/wolfhart-pannenberg-r-i-p/>>. Acesso em: 26/04/2016.

- OTT, L. **Grundriß der katholischen Dogmatik**. Freiburg: Herder Verlag, 1954.
- PASQUARIELLO, R. D. Pannenberg's Philosophical Foundations. **The Journal of Religion**, v. 56, n. 4, p. 338-347, oct. 1976.
- PETERS, T. In Memoriam: Wolfhart Pannenberg (1928-2016). **Revista Dialog**. A Journal of Theology, v. 53, n. 4, p. 365-383, 2014. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/dial.12142/full>>. Acesso em: 15/04/2016.
- PIÉ-NINOT, S. **Introdução à Eclesiologia**. Coleção Introdução as Disciplinas Teológicas. São Paulo: Loyola, 1998.
- PINAS, R. H. **Deus na Pessoa Humana Segundo Wolfhart Pannenberg**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, orientador: Mário de França Miranda, 2007.
- PINAS, R. H. **Jesus como sentido último da história humana**. Elementos da Cristologia de W. Pannenberg. Atualidade Teológica. Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Ano XVI, n. 42, set./dez. 2012, p. 503-539. Rio de Janeiro: Dep. De Teologia/Letra Capital, 2012.
- QUEIRUGA, A. T. La Teoria de Revelación en Wolfhart Pannenberg. **Estudios Eclesiásticos**, v. 59, n. 229, p. 139-178, 1984.
- RICE, R. Wolfhart Pannenberg's Crowning Achievement: a review of his Systematic Theology. **Andrews University Seminary Studies**, Spring 1998, v. 37, n. 1, p. 55-72. Loma Linda: Andrews University Press, 1999.
- ROBINSON, J. M. "Offenbarung als Wort und als Geschichte", in id., und COBB, J., *Teologie als Geschichte*, Zürich/Stuttgart: Zwingli Verlag, 1967..
- ROOT, M. The achievement of Wolfhart Pannenberg. **First Things**, n. 221, p. 37-42, mar. 2012.
- SANTANA, M. A. **Verdadeiro homem, verdadeiro Deus**: fundamentos cristológicos da antropologia cristã na reflexão de Wolfhart Pannenberg. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, orientador: Alfonso Garcia Rubio, 2003.
- SILVA, F. W. G. **A Imago Dei na Antropologia Teológica de Wolfhart Pannenberg**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, orientador: Mário de França Miranda, 2009.

STREFLING, S. R. **Igreja e Poder**. Plenitude do poder e soberania popular em Marsilio de Padua. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

WENZ, G. **Wolfhart Pannenberg's Systematische Theologie**: Ein einführender Bericht. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2003.

_____. **Introduction to Wolfhart Pannenberg's Systematic Theology**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, 2013.

_____. Vorwort des Herausgebers. Gesamtausgabe. Neuherausgegeben. **Systematische Theologie** von Wolfhart Pannenberg, Band 1. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, 2015.

_____. (Hg.). **Eineneue Menschheitdarstellen**. Religionsphilosophie als Weltverantwortung und Weltgestaltung. Eröffnung der Wolfhart Pannenberg-Forschungsstelle an der Münchener Hochschule für Philosophie, Philosophische Fakultät SJ. Pannenberg-Studien - Band 001. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, p. 203-250, 2015.

WALSH, B. Pannenberg's Systematic Theology, vol. 1: a Symposium. **Calvin Theological Journal**, n. 27, p. 304-325, 1997.

ZEUCH, M. Os sinais do Reino: a eclesiologia e sacramentologia de Wolfhart Pannenberg. **CAESURA**. Revista crítica de Ciências Sociais e Humanas, jan./jun. 1996, n. 8, p. 77-90. Canoas: ULBRA, 1996.

6.3 Audiovisual

1945 O último filme da Frente Oder – Soldados alemães adolescentes. Curta metragem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UebUhAKdt2Q>>. Acesso em: 14/05/2016.

Anexo 1

Elenco bibliográfico encontrado em obra organizada por Gunther WENZ

– de obras da autoria de Wolfhart Pannenberg desde 1953 até 2014

Apresentamos neste anexo uma lista de referências bibliográficas que encontramos no levantamento feito na obra organizada por Gunther WENZ, intitulada *Eine neue Menschheit darstellen. Religionsphilosophie als Weltverantwortung und Weltgestaltung. Eröffnung der Wolfhart Pannenberg-Forschungsstelle an der Münchener Hochschule für Philosophie, Philosophische Fakultät SJ. Pannenberg-Studien - Band 001*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015, p. 203-250, no capítulo intitulado *Bibliographie der Veröffentlichungen W. Pannenberg's 1953 – 2014*.

A nota 110 do referido trabalho reporta como se fez a preparação desse elenco que aqui desejamos reportar. Eis o texto da nota 110:

“Essas informações, assim como o texto citado na nota anterior, teve como base o trabalho preliminar realizado por Bernd Burkhard, Friederike Nüssel e Miriam Rose. Essas informações foram reunidas pelo esforço de Stefan Beck e publicadas no trabalho *Bibliographie der Veröffentlichungen von Wolfhart Pannenberg. Kerygma e Dogma*, 54 (2008), n. 3, 159- 236. Esse trabalho, mais a dedicação de Dennis Stammer, reuniu e catalogou todas as 754 publicações de Wolfhart Pannenberg, exposta no trabalho citado na nota anterior, divididas por ordem cronológica de publicação.”

Reportamos o elenco apresentado na obra de G. Wenz:

1953

- 1 Zur Bedeutung des Analogiegedankens bei Karl Barth. Eine Auseinandersetzung mit Urs von Balthasar, in: ThLZ 78 (1953), 17–24.

1954

- 2 Die Prädestinationslehre des Duns Scotus im Zusammenhang der scholastischen Lehrentwicklung (= Forschungen zur Kirchen- und Dogmengeschichte Bd. 4), Diss. theol., Göttingen 1954.
- 3 Mythos und Wort. Theologische Überlegungen zu K. Jaspers' Mythusbegriff, in: ZThK 51 (1954), 167–185.
- 4 Rezension von H. Wagner: Existenz, Analogie und Dialektik, München 1953, in: ThLZ 79 (1954), 318–320.
- 5 Rezension von L. Oeing-Hanhoff: Ens et unum convertuntur, Münster 1953, in: ThLZ 79 (1954), 505–506.

1955

- 6 Analogie und Offenbarung. Eine kritische Untersuchung der Geschichte des Analogiebegriffs in der Gotteserkenntnis, Heidelberg 1955 (maschinenschriftliche Habilitationsschrift).
- 7 Rezension von H. Mühlen: Sein und Person nach Johannes Duns Scotus, Werl 1954, in: ThLZ 80 (1955), 353–355.
- 8 Rezension von M. Müller: Die Lehre des Hl. Augustinus von der Paradiese, Regensburg 1954, in: ThLZ 80 (1955), 455–456.

1956

- 9 Artikel „Abendmahl, II. Dogmengeschichtlich – dogmatisch“, in: EKL I, 6–11.
- 10 Artikel „Analogie“, in: EKL I, 113–114.
- 11 Artikel „Das Böse“, in: EKL I, 559–561.
- 12 Artikel „Johannes Duns Scotus“, in: EKL I, 980–982.
- 13 Artikel „Gnade, III. Dogmengeschichtlich, IV. Dogmatisch“, in: EKL I, 1607–1614.
- 14 Artikel „Gnadenmittel“, in: EKL I, 1615–1617.
- 15 Rezension von H. Lyttkens: *The Analogy between God and the World*, Uppsala 1952, in: Ernst Wolf (Hg.): *Verkündigung und Forschung. Theologischer Jahresbericht 1956/57*, München 1957/59, 136–142.
- 16 Rezension von B. Hägglund: *Theologie und Philosophie bei Luther und in der ockhamistischen Tradition*, Lund 1955, in: *Archiv für Reformationsgeschichte* 47 (1956), 273–275.
- 17 Rezension von Albertus Magnus: *Opera Omnia Vol. XXVIII* (ed. Bernhard Geyer), Münster 1951, in: ThLZ 81 (1956), 109–110.
- 18 Rezension von J. Duns Scotus: *Opera Omnia Vol. I–III* (ed. Carolus Balic), Civitas Vaticana 1950/54, in: ThLZ 81 (1956), 550–552.
- 19 Rezension von Th. Steinbüchel: *Vom Menschenbild des christlichen Mittelalters*, Basel 1951, in: ThLZ 81 (1956), 733–735.

1957

- 20 *Neue Wege katholischer Christologie*, in: ThLZ 82 (1957), 95–100.
- 21 *Der Einfluß der Anfechtungserfahrung auf den Prädestinationsbegriff Luthers*, in: *KuD* 3 (1957), 109–139.
- 22 Artikel „Analogie“, in: *RGG³ I*, 350–353.
- 23 Artikel „Christologie, II. Dogmengeschichtlich“, in: *RGG³ I*, 1762–1777.
- 24 Rezension von Albertus Magnus: *Opera Omnia Vol. XII* (ed. Bernhard Geyer), Münster 1955, in: ThLZ 82 (1957), 121–122.
- 25 Rezension von Anselm von Canterbury: *Cur Deus Homo. Warum Gott Mensch geworden. Besorgt und übersetzt von F.S. Schmitt*, München 1956, in: ThLZ 82 (1957), 203–204.
- 26 Rezension von B. Meller: *Studien zur Erkenntnislehre des Petrus von Ailly*, Freiburg 1954, in: ThLZ 82 (1957), 440–443.

1958

- 27 *Christlicher Glaube und menschliche Freiheit*, in: *KuD* 4 (1958), 251–280.
- 28 *Zur theologischen Auseinandersetzung mit Karl Jaspers*, in: ThLZ 83 (1958), 321–330.
- 29 Artikel „Dialektische Theologie“, in: *RGG³ II*, 168–174.

- 30 Artikel „Erwählung, III. Dogmatisch“, in: RGG³ II, 614–621.
- 31 Artikel „Gott, V. Theologiegeschichte“, in: RGG³ II, 1717–1732.
- 32 Artikel „Ontologie“, in: EKL II, 1689–1691.
- 33 Artikel „Maimonides“, in: EKL II, 1218.
- 34 Rezension von G. Leff: *Bradwardine and the Pelagians*, Cambridge 1957, in: ZKG 69 (1958), 355–361.
- 35 Rezension von J. Hessen: *Thomas von Aquin und wir*, München 1955, in: ThLZ 83 (1958), 385–386.
- 36 Rezension von J. Duns Scotus: *Opera Omnia Vol. IV* (ed. Carolus Balic), Civitas Vaticana 1956, in: ThLZ 83 (1958), 361–362.
- 37 Rezension von M.A. Schmidt: *Gottheit und Trinität*, Basel 1956, in: ThLZ 83 (1958), 441–443.
- 38 Rezension von W.A. van Roo: *Grace and Original Justice according to St. Thomas*, Rom 1955, in: ThLZ 83 (1958), 443–444.
- 39 Rezension von E. Gilson und Ph. Böhner: *Die Geschichte der christlichen Philosophie von ihren Anfängen bis Nikolaus von Cues*, Paderborn 1952–54, in: ThLZ 83 (1958), 534–536.

1959

- 40 Die Aufnahme des philosophischen Gottesbegriffs als dogmatisches Problem der frühchristlichen Theologie, in: ZKG 70 (1959), 1–45.
- 41 Heilsgeschehen und Geschichte, in: KuD 5 (1959), 218–237 und 259–288 (in gekürzter Fassung auch in: Claus Westermann [Hg.]: *Probleme alttestamentlicher Hermeneutik. Aufsätze zum Verstehen des Alten Testaments*, München 1960, 295–318).

1960

- 42 Jesu Geschichte und unsere Geschichte, in: *Radius. Vierteljahresschrift der Evangelischen Akademikerschaft in Deutschland* 1960 Heft 1, 18–27.
- 43 Wie wird Gott uns offenbar?, in: *Radius* 1960 Heft 4, 3–10.
- 44 Möglichkeiten und Grenzen der Anwendung des Analogieprinzips in der evangelischen Theologie, in: ThLZ 85 (1960), 225–228.
- 45 Artikel „Glaube, IV: Im prot. Glaubensverständnis“, in: LThK² IV, 925–928.
- 46 Artikel „Jesus Christus, II: Die prot. Christologie“, in: LThK² V, 961–964.
- 47 Sammelrezension von: K.-M. Beckmann: *Der Begriff der Häresie bei Schleiermacher*, München 1959; P.H. Jorgensen: *Die Ethik Schleiermachers*, München 1959; W. Schulz: *Schleiermacher und der Protestantismus*, Hamburg 1957; H. Kimmerle (Hg.): *F.D.E. Schleiermacher. Hermeneutik*, Heidelberg 1959, in: *Monatsschrift für Pastoraltheologie* 49 (1960), 444–447.

1961

- 48 Offenbarung als Geschichte, in Verbindung mit Rolf Rendtorff, Ulrich Wilckens und Trutz Rendtorff hg. von Wolfhart Pannenberg, 1. Aufl., Göttingen 1961; darin: Einführung (7–20) und: Dogmatische Thesen zur Lehre von der Offenbarung (91–114).
- 49 Kerygma und Geschichte, in: Rolf Rendtorff / Klaus Koch (Hgg.): *Studien zur Theologie der alttestamentlichen Überlieferung (FS Gerhard von Rad zum 60. Geburtstag)*, Neukirchen 1961, 129–140.

- 50 Entgegnung, in: Radius 1961 Heft 1, 42–43 (Replik auf Ulrich von Hasselbach: Wird Gott uns so offenbar?, in: a.a.O., 41–42 [vgl. Nr. 43]).
- 51 Er wird unser Gott sein, in: Radius 1961 Heft 4, 3–10.
- 52 Akt und Sein im Mittelalter, in: KuD 7 (1961), 197–220.
- 53 Die Wirklichkeit im Sinne des Schöpfer-Gottes, in: Der Mensch in der Wirtschaft 11 (1961), 19–27.
- 54 Artikel „Person“, in: RGG³ V, 230–235.
- 55 Artikel „Prädestination, IV. Dogmatisch“, in: RGG³ V, 487–489.
- 56 Rezension von H.A. Oberman: Archbishop Thomas Bradwardine. A Fourteenth Century Augustinian, Utrecht 1957, in: ZKG 72 (1961), 173–175.
- 57 Rezension von M.-D. Chenu: La théologie au douzième siècle, Paris 1957, in: ThLZ 86 (1961), 355–360.
- 58 Rezension von Albertus Magnus: Opera Omnia Vol. XXVI (ed. A. Ohlmeyer, I. Backes, W. Kübel), Münster 1958, in: ThLZ 86 (1961), 838–839.

1962

- 59 Was ist der Mensch? Die Anthropologie der Gegenwart im Lichte der Theologie, 1. Aufl., Göttingen 1962.
- 60 Der Geist des neuen Lebens, in: (Deutsches Allgemeines) Sonntagsblatt (Unabhängige Wochenzeitung für Politik, Kultur, Wirtschaft hg. von Hanns Lilje) Nr. 23 vom 10.6.1962, 3.
- 61 Die Offenbarung Gottes und die Geschichte der Neuzeit, in: Das unveränderte Evangelium in einer veränderlichen Welt (= Der Kreis, Sonderreihe Heft 3), Stuttgart 1962, 7–21.
- 62 Schriftautorität und Lehrautorität, in: Mainzer Universitätsgespräche, Sommersemester 1962, 5–10.
- 63 Die Grundlagenkrise der evangelischen Theologie, in: Radius 1962 Heft 4, 7–14.
- 64 Wirkungen biblischer Gotteserkenntnis auf das abendländische Menschenbild, in: Studium Generale 15 (1962), 586–593.
- 65 Die Krise des Ethischen und die Theologie, in: ThLZ 87 (1962), 7–16.
- 66 Was ist eine dogmatische Aussage?, in: KuD 8 (1962), 81–99; auch in: Edmund Schlink / Hermann Volk (Hgg.): Pro Veritate. Ein theologischer Dialog (FS Erzbischof Dr. h.c. Lorenz Jaeger und Bischof Prof. D.Dr. Wilhelm Stählin), Münster-Kassel 1963, 339–361.
- 67 Was ist Wahrheit?, in: Kurt Scharf (Hg.): Vom Herrengeheimnis der Wahrheit (FS Heinrich Vogel zum 60. Geburtstag), Berlin-Stuttgart 1962, 214–239.
- 68 Artikel „Natürliche Theologie, II: Im ev. Verständnis“, in: LThK² VII, 816–817.
- 69 Artikel „Thomas von Aquin“, in: RGG³ VI, 856–863.
- 70 Artikel „Schleiermacher, Friedrich Daniel Ernst“, in: Encyclopaedia Britannica, Chicago-London-Toronto ¹⁴1962 ff.: Vol. XX, 72–73; ab 1967–1973: Vol. XIX, 1165–1166.

- 71 Rezension von E. Wolf: *Recht des Nächsten. Ein rechtstheologischer Entwurf*, Frankfurt 1958, in: *Archiv für Rechts- und Sozialphilosophie* 48 (1962), 439–441.
- 72 Rezension von M. Schmaus: *Zur Diskussion über das Problem der Univozität im Umkreis des Johannes Duns Scotus*, München 1957, in: *ThLZ* 87 (1962), 358–359.

1963

- 73 *Nachwort zur 2. Aufl. von Offenbarung als Geschichte*, Göttingen 1963, 132–148.
- 74 *Die Fragwürdigkeit der klassischen Universalwissenschaften*, in: *Die Krise des Zeitalters der Wissenschaften. Referate der Tagung des Deutschen Instituts für Bildung und Wissen vom 14. bis 20. Oktober 1962 in Arnsberg*, Frankfurt 1963 (²1964), 173–188.
- 75 *Typen des Atheismus und ihre theologische Bedeutung*, in: *Zeitwende – Die neue Furche* 34 (1963), 597–608.
- 76 *Analogie und Doxologie*, in: Wilfried Joest / Wolfhart Pannenberg (Hgg.): *Dogma und Denkstrukturen (FS Edmund Schlink zum 60. Geburtstag)*, Göttingen 1963, 96–115.
- 77 *Zur Theologie des Rechts*, in: *ZEE* 7 (1963), 1–23.
- 78 *Hermeneutik und Universalgeschichte*, in: *ZThK* 60 (1963), 90–121.
- 79 *Einsicht und Glaube. Antwort an Paul Althaus*, in: *ThLZ* 88 (1963), 81–92.
- 80 *The Crisis of the Scripture Principle in Protestant Theology*, in: *Dialog* 2 (1963), 307–313; in norwegischer Übersetzung unter dem Titel: *Skrift prinsippets Krise*, in: *Norsk Teologisk Tidsskrift* 66 (1965) 106–115.
- 81 *Rezension von G. Rohmoser: Subjektivität und Verdinglichung. Theologie und Gesellschaft im Denken des jungen Hegel*, Gütersloh 1961, in: *ThLZ* 88 (1963), 294–296.
- 82 *Rezension von M. Seckler: Instinkt und Glaubenswille nach Thomas von Aquin*, Mainz 1961, in: *ThLZ* 88 (1963), 362–364.

1964

- 83 *Grundzüge der Christologie*, 1. Aufl., Gütersloh 1964.
- 84 *Was ist der Mensch? Die Anthropologie der Gegenwart im Lichte der Theologie*, Göttingen ²1964 (vgl. Nr. 59).
- 85 *Ist Jesus wirklich auferstanden?*, in: *Geistliche Woche für SüdwestDeutschland der Evangelischen Akademie Mannheim vom 16. bis 23.2.1964*, 22–33; in englischer Übersetzung unter dem Titel: *Did Jesus Really Rise from the Dead?*, in: *Dialog* 4 (1965), 128–135.
- 86 *Die Gottesidee des hohen Mittelalters*, in: Albert Schaefer (Hg.): *Der Gottesgedanke im Abendland*, Stuttgart 1964, 21–34.
- 87 *Nikolaus von Kues*, in: *Deutsches Pfarrerblatt* 64 (1964), 577–579.
- 88 *Theologische Motive im Denken Immanuel Kants*, in: *ThLZ* 89 (1964), 897–906 (Besprechung von H.-G. Redmann: *Gott und Welt. Die Schöpfungstheologie der vorkritischen Periode Kants*, Göttingen 1962).

1965

- 89 Offenbarung als Geschichte, Göttingen ³1965.
- 90 Der Gott der Hoffnung, in: Siegfried Unseld (Hg.): Ernst Bloch zu Ehren. Beiträge zu seinem Werk, Frankfurt 1965, 209–225.
- 91 Reich Gottes und Nationalismus. Vom politischen Sinn der christlichen Hoffnung, in: Hans Jürgen Schultz (Hg.): Kontexte Bd. 1, Stuttgart-Berlin 1965, 41–48.
- 92 Nation und Menschheit, in: Monatsschrift für Pastoraltheologie 54 (1965) 333–347; auch in: Evangelische Verantwortung. Politische Briefe des Evangelischen Arbeitskreises der CDU-CSU 13 (1965), 6–13.
- 93 Die Frage nach Gott, in: EvTh 25 (1965), 238–262.
- 94 Historieteologi og overleveringshistorie, in: Norsk Teologisk Tidsskrift 66 (1965), 137–151.
- 95 Rezension von P. Tillich: Systematic Theology Vol. I–III, Chicago 1951–1963, in: Dialog 4 (1965), 229–232.
- 96 Rezension von R.P. Bonnefoy: Le vénérable Jean Duns Scot, Rom 1960, in: ThLZ 90 (1965), 365–366.

1966

- 97 Grundzüge der Christologie, Gütersloh ²1966.
- 98 Erscheinung als Ankunft des Zukünftigen, in: Studia Philosophica. Jahrbuch der Schweizerischen Philosophischen Gesellschaft 26 (1966) 192–207; in englischer Übersetzung unter dem Titel: Appearance as the Arrival of the Future, in: Journal of the American Academy of Religion Vol. XXXV (1967), 107–118, sowie in: Martin E. Marty / Dean G. Peerman (Hgg.): New Theology No. 5, New York-London 1968, 112–129.
- 99 Wort, in: Hans Jürgen Schultz (Hg.): Theologie für Nichttheologen. ABC protestantischen Denkens, Stuttgart-Berlin 1965, 378–383; in niederländischer Übersetzung unter dem Titel: Woord, in: Theologie voor niettheologen Bd. 2, Utrecht 1965, 204–209.
- 100 Ist Versöhnung unrealistisch? Stellungnahme zur Vertriebenen-Denkschrift der EKD, in: ZEE 10 (1966), 116–118.
- 101 Was ist der Mensch? in: Martin Stöhr (Hg.): Disputation zwischen Christen und Marxisten, München 1966, 179–194.
- 102 Rezension von Th. Bonhoeffer: Die Gotteslehre des Thomas von Aquin als Sprachproblem, Tübingen 1961, in: ThLZ 91 (1966), 120–123.
- 103 Rezension von J. Hegyi: Die Bedeutung des Seins bei den klassischen Kommentatoren des heiligen Thomas von Aquin, Pullach 1959, in: ThLZ 91 (1966), 919–920.

1967

- 104 Grundfragen systematischer Theologie. Gesammelte Aufsätze Bd. 1, 1. Aufl., Göttingen 1967 (enthält neben den Nrn. 40, 41, 66, 67, 74 [in überarbeiteter Fassung; vgl. Nr. 63, 80], 75, 76, 78, 79, 90 und 93 die drei folgenden bisher unveröffentlichten Aufsätze: Über historische und theologische Hermeneutik [123–158], Glaube und Vernunft [237–251], Erwägungen zu einer Theologie der Religionsgeschichte [252–295]).

- 105 Die Vernünftigkeit der Vernunft als theologisches Problem, in: Hans Jürgen Schultz (Hg.): Kontexte Bd. 4, Stuttgart-Berlin 1967, 73–81.
- 106 Die Offenbarung Gottes in Jesus von Nazareth, in: James M. Robinson / John B. Cobb jr. (Hgg.): Theologie als Geschichte. Neuland in der Theologie Bd. III, Zürich-Stuttgart 1967, 135–169.
- 107 Stellungnahme zur Diskussion, in: ebd., 285–351.
- 108 Ich glaube an Gott, den allmächtigen Vater, in: Gerhard Rein (Hg.): Das Glaubensbekenntnis. Aspekte für ein neues Verständnis, Stuttgart-Berlin 1967 (21968), 11–15.
- 109 Der Friede Gottes und der Weltfriede, in: Deutscher Evangelischer Kirchentag Hannover 1967. Dokumente hg. im Auftrag des Präsidiums des DEK, Stuttgart-Berlin 1967, 730–747.
- 110 Theology and the Kingdom of God, in: *Una Sancta* Vol. 24 No. 2 (1967), 3–19.
- 111 Mary, Redemption and Unity, in: *Una Sancta* Vol. 24 No. 3 (1967), 62–68.
- 112 The Kingdom of God and the Church, in: *Una Sancta* Vol. 24 No. 4 (1967), 3–27.
- 113 Rezension von J. Duns Scotus: *Opera Omnia* Vol. V, VI, XVI (ed. Carolus Balic), Civitas Vaticana 1959–1963, in: *ThLZ* 92 (1967), 202–203.
- 114 Rezension von Albertus Magnus: *Opera Omnia* Vol. XVI/1 und 2 (ed. B. Geyer), Münster 1960–1964, in: *ThLZ* 92 (1967), 285–286.
- 115 Hermeneutics and Universal History (englische Übersetzung von Nr. 78), in: *Journal for Theology and the Church*, Vol. 4: History and Hermeneutics, New York 1967, 122–152.
- 116 The Question of God (englische Übersetzung von Nr. 93), in: *Interpretation* Vol. XXI (1967), 289–314.

1968

- 117 Was ist der Mensch? Die Anthropologie der Gegenwart im Lichte der Theologie, Göttingen, 1968.
- 118 Die politische Dimension des Evangeliums, in: Reinfried Hörl (Hg.): Die Politik und das Heil. Über die öffentliche Verantwortung des Christen, Mainz 1968, 16–20.
- 119 Der Mensch – ein Ebenbild Gottes? Überlegungen zur religiösen Dimension menschlicher Existenz, in: *Zeitwende – Die neue Furche* 39 (1968), 812–821; auch in: *Was ist das – der Mensch? Beiträge zu einer modernen Anthropologie*. 12 Vorträge, München 1968, 27–41.
- 120 Geschichtstatsachen und christliche Ethik, 1. Veröffentlichung in: *EvK* 1 (1968), 688–694.
- 121 Dogmatische Erwägungen zur Auferstehung Jesu, in: *KuD* 14 (1968), 105–118.
- 122 Christliche Theologie und philosophische Kritik, in: *Revue de théologie et de philosophie* 18 (1968), 349–371.
- 123 Die christliche Legitimität der Neuzeit, in: *Radius* 1968 Heft 3, 40–42.
- 124 Dialogue avec W. Pannenberg, Nachwort zu Ignace Bertin: *Histoire, Révélation et Foi*, Brüssel 1968.

- 125 The Kingdom of God and the Foundation of Ethics, in: *Una Sancta* Vol. 25 No. 2 (1968), 6–26.
- 126 Zusammen mit Lawrence Burkholder und Harvey Cox: A Dialogue on Christ's Resurrection, in: *Christianity Today* Vol. 12 No. 14 (1968), 5–12; bes. 9–11.
- 127 Jesus – God and Man (amerikanische Übersetzung von Nr. 97), Philadelphia 1968; auch als englische Ausgabe erschienen London 1968.
- 128 Revelation as History (amerikanische Übersetzung von Nr. 48 bzw. 73), New York 1968.

1969

- 129 Grundzüge der Christologie, Gütersloh ³1969.
- 130 Theology and the Kingdom of God (ed. by Richard John Neuhaus), Philadelphia 1969.
- 131 Reformation zwischen gestern und morgen (= Aspekte moderner Theologie Bd. 7), Gütersloh 1969.
- 132 Reden von Gott angesichts atheistischer Kritik, in: *EvK* 2 (1969), 442–446.
- 133 Wie kann heute glaubwürdig von Gott geredet werden?, in: Friedebert Lorenz (Hg.): Gottesfrage heute. Vorträge und Bibelarbeit in der Arbeitsgruppe Gottesfrage des 14. Deutschen Evangelischen Kirchentags Stuttgart 1969, Stuttgart-Berlin 1969, 51–64.
- 134 Geschichtstatsachen und christliche Ethik. Zur Relevanz geschichtlich-politischer Sachfragen für die christliche Ethik, 2. Veröffentlichung in: Helmut Peukert (Hg.): Diskussion zur ‚politischen Theologie‘, Mainz-München 1969, 231–246 (vgl. Nr. 120).
- 135 Unser Leben, unsere Geschichte – in Gottes Hand?, in: Gerhard Rein (Hg.): Dialog mit dem Zweifel, Stuttgart-Berlin 1969, 78–83.
- 136 Mitarbeit an: Zehn Fragen an die Kirche. Vorgelegt von Christoph Ehmann, Heinrich Kuhfuss und Jens Litten. Beantwortet von 60 Persönlichkeiten der Evangelischen Kirche, der Theologischen Fakultäten und der Kirchlichen Publizistik. Hg. von Wolfgang Erk, Hamburg 1969, 292–294.
- 137 Apostolizität und Katholizität der Kirche in der Perspektive der Eschatologie, in: *ThLZ* 94 (1969), 97–112; in französischer Übersetzung unter dem Titel: La signification de l'eschatologie pour la compréhension de l'apostolicité et de la catholicité de l'Église, in: *Istina* 14 (1969), 154–170.
- 138 Revelation as History (englische Übersetzung von Nr. 89), London-Sidney 1969.
- 139 Rivelazione come storia (italienische Übersetzung von Nr. 89), Bologna 1969.
- 140 Il Dio della speranza (italienische Übersetzung von Nr. 90), Bologna 1969.
- 141 Consideraciones Dogmáticas Acerca de la Resurrección de Jesús. Tradujo y condensó Lius Tuni, in: *Selecciones de Teologia* Vol. VIII No. 30 (1969), 202–210 (Auszug aus Nr. 121).
- 142 Facts of History and Christian Ethics (englische Übersetzung von Nr. 120), in: *Dialog* 8 (1969), 287–296.

1970

- 143 Offenbarung als Geschichte, Göttingen ⁴1970.
- 144 Thesen zur Theologie der Kirche, 1. Aufl., München 1970.

- 145 Zusammen mit A.M. Klaus Müller: Erwägungen zu einer Theologie der Natur, Gütersloh 1970; darin: Kontingenz und Naturgesetz (33–80).
- 146 Spirit, Faith and Church. By W. Pannenberg, Avery Dulles S.J., Carl E. Braaten, Philadelphia 1970.
- 147 Der Mensch selbst muß geändert werden, in: Evangelisches Gemeindeblatt für München Nr. 18 vom 3.5.1970, 13–14.
- 148 Predigt zum Semestereröffnungsgottesdienst am 19.4.1970 in der Markuskirche zu München über Mark. 5,1–20, in: Nachrichten der EvangelischLutherischen Kirche in Bayern 25 (1970), 204–207.
- 149 Geschichtstatsachen und christliche Ethik, 3. Veröffentlichung in: Wolfgang Böhme / Erwin Wilkens (Hgg.): Möglichkeit und Grenze politischer Wirksamkeit der Kirche (= Radius Projekte 32), Stuttgart 1970, 72–89 (vgl. Nr. 120, 134 und 142).
- 150 Das Abendmahl – Sakrament der Einheit, in: Publik Nr. 44 vom 30.10.1970, 23 (vgl. Nr. 166).
- 151 Nachwort zu Ignace Bertin: Geschichte, Offenbarung, Glaube. Eine Einführung in die Theologie Wolfhart Pannenberg, München 1970, 129–141 (vgl. Nr. 124).
- 152 Can Christianity do without an Eschatology?, in: G.B. Caird / Wolfhart Pannenberg u.a.: The Christian Hope (= S.P.C.K. Theological Collection 13), London 1970, 25–34.
- 153 La signification du Christianisme dans la philosophie de Hegel, in: Archives de philosophie 33 (1970), 755–786.
- 154 Rezension von J. Duns Scotus: Opera Omnia Vol. XVII (ed. Carolus Balic), Civitas Vaticana 1966, in: ThLZ 95 (1970), 44–45.
- 155 Rezension von J. Mouroux: Eine Theologie der Zeit, übersetzt von M. Scheider, Freiburg-Basel-Wien 1965, in: ThLZ 95 (1970), 540–541.
- 156 Basic Questions in Theology. Collected Essays Vol. I (amerikanische Übersetzung des ersten Teils von Nr. 104), Philadelphia 1970.
- 157 What is Man? (amerikanische Übersetzung von Nr. 84), Philadelphia 1970.
- 158 Did Jesus Really Rise from the Dead?, in: Richard Batey / Martin E. Marty (Hgg.): New Testament Issues, London 1970, 102–117 (Reprint von Nr. 85).
- 159 Strutture fondamentali della teologia, cos'è verità, cos'è un'asserzione dogmatica, analogia e doxologia (italienische Übersetzung von Nr. 66, 67 und 76), Bologna 1970.

1971

- 160 Grundfragen systematischer Theologie. Gesammelte Aufsätze Bd. 1, Göttingen²1971.
- 161 Theologie und Reich Gottes (deutsche Fassung von Nr. 130), Gütersloh 1971.
- 162 Das Wirken des Heiligen Geistes in der Schöpfung und im Volk Gottes, in: Carl E. Braaten / Avery Dulles / Wolfhart Pannenberg: Kirche ohne Konfessionen? Sechs Aspekte ihrer künftigen Gestalt, München 1971, 16–36.
- 163 Die Kirche und das eschatologische Gottesreich, in: ebd., 119–135.
- 164 Die Frage nach Gott, in: Jörg Salaquarda (Hg.): Philosophische Theologie im Schatten des Nihilismus, Berlin 1971, 113–145.
- 165 Brief an W. Weischedel vom 8. Juni 1967, in: ebd., 176–180.

- 166 Das Abendmahl – Sakrament der Einheit, in: Christen wollen das eine Abendmahl. Mit Beiträgen von Heinrich Bacht, Peter Brunner, Walter Kasper, Alfons Kirchgässner, Karl Lehmann und Wolfhart Pannenberg, Mainz 1971, 29–39 (2. Veröffentlichung von Nr. 150).
- 167 Anthropologie und Gottesfrage, in: *Kerk en theologie* 22 (1971), 1–14.
- 168 Schuld und Sühne im Jahre 1971, in: *Süddeutsche Zeitung* Nr. 86/87 vom 10.-12.4.1971, Feuilleton; auch in: *Nachrichten der Evangelisch-Lutherischen Kirche in Bayern* 26 (1971), 161–163.
- 169 Ostern – der Grund unseres Glaubens. Die Auferstehung Jesu und die historische Forschung, in: *Münchener Gemeindeblatt* Nr. 15 vom 11.4.1971, 6 (Auszug aus Nr. 42).
- 170 Späthorizonte des Mythos in biblischer und christlicher Überlieferung, in: Manfred Fuhrmann (Hg.): *Terror und Spiel. Probleme der Mythenrezeption (= Poetik und Hermeneutik Bd. IV)*, München 1971, 473–525.
- 171 Luthers Lehre von den zwei Reichen und ihre Stellung in der Geschichte der christlichen Reichsidee, in: Anselm Hertz u.a.: *Gottesreich und Menschenreich. Ihr Spannungsverhältnis in Geschichte und Gegenwart*, Regensburg 1971, 73–96.
- 172 Erfahrung der Wirklichkeit. Fragen an Carl Friedrich von Weizsäcker, in: *EvK* 4 (1971), 468–470.
- 173 Wie wahr ist das Reden von Gott? Die wissenschaftstheoretische Problematik theologischer Aussagen, in: *EvK* 4 (1971), 629–633.
- 174 Geist und Energie. Zur Phänomenologie Teilhards de Chardin, in: *Acta Teilhardiana* 8 (1971), 5–12.
- 175 Weltgeschichte und Heilsgeschichte, in: Hans Walter Wolff (Hg.): *Probleme biblischer Theologie (FS Gerhard von Rad zum 70. Geburtstag)*, München 1971, 349–366.
- 176 Die Bedeutung der Eschatologie für das Verständnis der Apostolizität und Katholizität der Kirche, in: *Katholizität und Apostolizität. Theologische Studien einer gemeinsamen Arbeitsgruppe zwischen der Römisch-Katholischen Kirche und dem Ökumenischen Rat der Kirchen. Deutsche Ausgabe besorgt von Reinhard Groscurth*, Göttingen 1971, 92–109 (= *KuD Beiheft* 2); in englischer Übersetzung unter dem Titel: *The Significance of Eschatology for the Understanding of the Apostolicity and Catholicity of the Church*, in: *One in Christ. A Catholic Ecumenical Review* 6 (1970), 410–429 (vgl. Nr. 137).
- 177 Die Problematik der Abendmahlslehre aus evangelischer Sicht, in: Gerhard Krems / Reinhard Mumm (Hgg.): *Evangelisch-katholische Abendmahlsgemeinschaft?*, Regensburg-Göttingen 1971, 9–45.
- 178 *Basic Questions in Theology. Collected Essays Vol. II* (amerikanische Übersetzung des zweiten Teils von Nr. 104), Philadelphia 1971; auch als britische Ausgabe erschienen London 1971.
- 179 *Equisse d'une Christologie* (französische Übersetzung von Nr. 83), Paris 1971.
- 180 *La teologia e il regno di Dio* (italienische Übersetzung von Nr. 130), RomBrescia 1971.

- 181 La iglesia como realidad escatológica: su apostolidad y catolicidad (spanische Übersetzung von Nr. 137 bzw. 176), in: *Sellecciones de teologia* Vol. X Nr. 37 (1971), 11–20.
- 182 Japanische Übersetzung von Nr. 153, in: *The Journal of Philosophical Studies. The Tetsugaku Kenkyu* Vol. XLV No. 4 Dezember 1971.

1972

- 183 *Grundzüge der Christologie*, Gütersloh ⁴1972.
- 184 *Was ist der Mensch? Die Anthropologie der Gegenwart im Lichte der Theologie*, Göttingen, 1972.
- 185 *Das Glaubensbekenntnis: ausgelegt und verantwortet vor den Fragen der Gegenwart*, Hamburg 1972.
- 186 *Gottesgedanke und menschliche Freiheit*, Göttingen 1972 (enthält in „geringfügig verändert[er]“ Fassung [vgl. S. 6] die Nrn. 122, 132, 153 [vgl. Nr. 228] und 167).
- 187 *Christentum und Mythos*, Gütersloh 1972 (Nachdruck von Nr. 170).
- 188 *Die Geschichtlichkeit der Wahrheit und die ökumenische Diskussion*, in: Max Seckler / Wolfhart Pannenberg u.a. (Hgg.): *Begegnung. Beiträge zu einer Hermeneutik des theologischen Gesprächs* (FS Heinrich Fries), GrazWien-Köln 1972, 31–43.
- 189 *Zukunft und Einheit der Menschheit*, in: *EvTh* 32 (1972), 384–402.
- 190 *Wozu verpflichtet das ‚C‘ den Politiker?*, in: *Politische Studien* 23 (1972), 632–647; bes. 637–640 (Diskussion am 27.6.1972 im Saal der Hans-SeidelStiftung zwischen Max Streibel, Werner Dollinger, Georg Muschalek und Wolfhart Pannenberg).
- 191 *Warum nennen wir Jesus Gottes Sohn?*, in: *Zur Debatte. Themen der Katholischen Akademie in Bayern* 2. Jahrgang Nr. 11/12 November/Dezember 1972, 12.
- 192 *Der Kirchenvater des Atheismus*, in: *Deutsches Allgemeines Sonntagsblatt* Nr. 37 vom 10.9.1972, 12.
- 193 *Future and Unity*, in: Ewers H. Cousins (Hg.): *Hope and Future of Man* (= *The Teilhard Study Library* Vol. 6), Philadelphia 1972, 60–78.
- 194 *A Theological Conversation with Wolfhart Pannenberg*, in: *Dialog* 11 (1972), 286–295.
- 195 *The Doctrine of the Spirit and the Task of a Theology of Nature*, in: *Theology* Vol. LXXV No. 619 (1972), 8–21.
- 196 *Briefwisseling over christologie* W. Pannenberg – H. Berkhof, in: *Tijdschrift voor Theologie* 12 (1972), 333.
- 197 *The Apostles' Creed in the Light of Today's Questions* (englische Übersetzung von Nr. 185), London 1972; auch als amerikanische Ausgabe erschienen Philadelphia 1972.
- 198 Japanische Übersetzung von Nr. 130, Tokyo 1972.
- 199 *Eschatologie en ervaring van zin* (holländische Übersetzung von Nr. 208), in: *Toekomst van de relegie: Relegie van de toekomst? Verlagsboek van het congres van de Theologische faculteit te Nijmegen in maart 1972*, Brugge 1972, 134–148.

1973

- 200 Wissenschaftstheorie und Theologie, Frankfurt 1973.
- 201 Gegenwart Gottes. Predigten, München 1973.
- 202 Glaube und Wirklichkeit im Denken Gerhard von Rads, in: Gerhard von Rad. Seine Bedeutung für die Theologie. Drei Reden von Hans Walter Wolff, Rolf Rendtorff und Wolfhart Pannenberg, München 1973, 37–54.
- 203 Teilhabe am Kreuz (Matth. 16,21–25), in: Horst Nitschke (Hg.): Das Wort vom Kreuz heute gesagt. Predigten der Gegenwart, Gütersloh 1973, 28–32. 204 Ein Briefwechsel zwischen Wolfhart Pannenberg und Gerhard Ebeling, in: ZThK 70 (1973), 448–462.
- 205 Im Fegefeuer der Methode. Wolfhart Pannenberg und Gerhard Sauter im Gespräch über Theologie als Wissenschaft, in: EvK 6 (1973), 4–10.
- 206 Weltgeschichte und Heilsgeschichte, in: Reinhart Koselleck / Wolf-Dieter Stempel (Hgg.): Geschichte – Ereignis und Erzählung (= Poetik und Hermeneutik Bd. V), München 1973, 307–323.
- 207 Erfordert die Einheit der Geschichte ein Subjekt?, in: ebd., 478–490.
- 208 Eschatologie und Sinnerfahrung, in: KuD 19 (1973), 39–52.
- 209 Das christologische Fundament christlicher Anthropologie, in: Concilium 9 (1973), 425–434; auch in italienischer, holländischer, französischer und englischer Übersetzung in der jeweiligen Ausgabe derselben Zeitschrift.
- 210 Die Einheit der Kirche und die Einheit der Menschheit, in: J. Robert Nelson / Wolfhart Pannenberg (Hgg.): Um Einheit und Heil der Menschheit (FS Willem Adolph Visser't Hooft), Frankfurt 1973, 7–21.
- 211 Konfessionen und Einheit der Christen, in: Dem Wort gehorsam (FS D. Hermann Dietzfelbinger D.D. zum 65. Geburtstag), München 1973, 261–275; auch in: Ökumenische Rundschau 22 (1973), 297–308.
- 212 History and Meaning in Lonergan's Approach to Theological Method, in: The Irish Theological Quarterly 40 (1973) 103–114.
- 213 The Doctrine of the Spirit and the Task of a Theology of Nature, in: Martin E. Marty / Dean G. Peerman (Hgg.): New Theology No. 10, New York 1973, 17–37 (Reprint von Nr. 195).
- 214 Toward a Theology of Law, in: Anglican Theological Review 55 (1973), 395–420 (vgl. Nr. 77).
- 215 The Idea of God and Human Freedom, Philadelphia 1973 (enthält die amerikanischen Übersetzungen von Nr. 170 [vgl. Nr. 187] und Nr. 186).
- 216 Basic Questions in Theology. Collected Essays Vol. III, London 1973.
- 217 Il credo e la fede dell'uomo d'oggi (italienische Übersetzung von Nr. 185), Brescia 1973.
- 218 Cristianesimo e mito (italienische Übersetzung von Nr. 170 und 187), Brescia 1973.

1974

- 219 Das Glaubensbekenntnis: ausgelegt und verantwortet vor den Fragen der Gegenwart, Gütersloh ²1974.
- 220 Thesen zur Theologie der Kirche, München ²1974.

- 221 Die praktische Theologie im System wissenschaftlicher Theologie, in: *Theologia Practica* 9 (1974), 7–18 (Reprint der Seiten 426–442 aus Nr. 200).
- 222 Zusammen mit Gerhard Sauter, Sigurd Martin Daecke und Hans Norbert Janowski: *Grundlagen der Theologie – ein Diskurs*, Stuttgart-Berlin-KölnMainz 1974; darin: *Wie wahr ist das Reden von Gott? Die wissenschaftstheoretische Problematik theologischer Aussagen* (29–41 = Nr. 173), sowie: *Theologie als Wissenschaft. Ein Gespräch* (58–120).
- 223 *Eschatologie und Sinnerfahrung*, in: Kurt Krenn (Hg.): *Die wirkliche Wirklichkeit Gottes* (= *Abhandlungen zur Philosophie, Psychologie, Soziologie der Religion und Ökumenik* 30), München-Paderborn-Wien 1974, 143–158 (vgl. Nr. 208).
- 224 *Tod und Auferstehung in der Sicht christlicher Dogmatik*, in: *KuD* 20 (1974), 167–180.
- 225 *Ökumenische Einigung über die gegenseitige Anerkennung der kirchlichen Ämter? Zu den Intentionen des Memorandums der ökumenischen Universitätsinstitute*, in: *Catholica* 28 (1974), 140–156.
- 226 *Ekstatische Selbstüberschreitung als Teilhabe am göttlichen Geist*, in: Claus Heitmann / Heribert Mühlen (Hgg.): *Erfahrung und Theologie des Heiligen Geistes*, Hamburg-München 1974, 176–191.
- 227 *Christlicher Glaube und Gesellschaft*, in: Ulrich Hommes (Hg.): *Gesellschaft ohne Christentum? Zum Beitrag der Christen für die Erhaltung der Freiheit*, Düsseldorf 1974, 109–123.
- 228 *Die Bedeutung des Christentums in der Philosophie Hegels*, in: Hans Georg Gadamer (Hg.): *Stuttgarter Hegel-Tage 1970* (= *Hegel-Studien Beiheft* 11), Bonn 1974, 175–202 (vgl. Nr. 186, 78–113).
- 229 Rezension von: *Spricht Gott in der Geschichte? Mit Beiträgen von F.H. Tenbruck, G. Klein, E. Jüngel und A. Sand*, Freiburg 1972, in: *Theologische Revue* 70 (1974), 40–41.
- 230 *Signale der Transzendenz. Religionssoziologie zwischen Atheismus und religiöser Wirklichkeit*, in: *EvK* 7 (1974), 151–154 (Besprechung von P.L. Berger: *Zur Dialektik von Religion und Gesellschaft. Elemente einer soziologischen Theorie*, Frankfurt 1974).
- 231 *Presenza di Dio. Prediche* (italienische Übersetzung von Nr. 201), Brescia 1974.
- 232 *Christologia lineamenti fondamentali* (italienische Übersetzung von Nr. 97), Brescia 1974.
- 233 *Unità della chiesa e unità dell'umanità* (italienische Übersetzung von Nr. 210), in: *Humanitas* 29 (1974), 413–428.
- 234 *La foi des apotres* (französische Übersetzung von Nr. 185), Paris 1974.
- 235 *La fe de los apotolos* (spanische Übersetzung von Nr. 185), Madrid 1974.
- 236 *Fundamentos de cristologia* (spanische Übersetzung von Nr. 97), Salamanca 1974.

1975

- 237 *Glaube und Wirklichkeit. Kleine Beiträge zum christlichen Denken*, München 1975 (enthält die Nrn. 42, 43, 51, 53, 61, 92, 119, 120 [vgl. Nr. 134], 135 und 195 [erstmalig in deutscher Fassung]).

- 238 Christologie und Theologie, in: KuD 21 (1975), 159–175; in französischer Übersetzung unter dem Titel: Christologie et Théologie, in: Les Quatre Fleuves. Le Christ visage de Dieu, Paris 1975, 85–99.
- 239 Die Situation der Ökumene. Zwei Gespräche von Heinrich Fries und Wolfhart Pannenberg, in: Karl W. Brawitz / Adalbert Deris (Hgg.): Christliche Existenz und kirchliche Praxis heute, Freiburg-Basel-Wien 1975, 25–58.
- 240 Wo Herrschaft aufgehoben ist, in: Deutsches Allgemeines Sonntagsblatt Nr. 8 vom 23.2.1975, 9–10; unter dem Titel: Der Sozialismus – das wahre Gottesreich?, auch in: Wolfgang Teichert (Hg.): Müssen Christen Sozialisten sein? Zwischen Glaube und Politik, Hamburg 1976, 60–65.
- 241 Ein Dokument zum Streit um die Ämter, in: Mitteilungsblatt der Evangelisch-Ökumenischen Vereinigung Nr. 94, April/Juni 1975, 2–3.
- 242 Lebensraum der christlichen Freiheit. Die Einheit der Kirche ist die Vollendung der Reformation, in: EvK 8 (1975), 587–593.
- 243 Reformation und Einheit der Kirche, in: Una Sancta 30 (1975), 172–182. 244 Einheit der Kirche als Glaubenswirklichkeit und als ökumenisches Ziel, in: ebd., 216–222.
- 245 Der Appell von Hartford. Bildet sich ein neues christliches Selbstbewußtsein?, in: Lutherische Monatshefte 10 (1975), 543–545.
- 246 Breaking Ground for Renewed Faith, in: Worldview Vol.18 No.6 (1975), 37–38.
- 247 History and Faith. An Interview with Wolfhart Pannenberg by William H. Turpie, in: Catalyst Tape Talk Vol. VII No. 9 September 1975.
- 248 Antropologia cristiana y personalidad, in: Anales Valencinos. Revista de filosofia y teologia (Valencia) 1 (1975), 209–220.
- 249 Quelques Remarques sur l'Aliénation, in: Enrico Castelli (Hg.): Archivio di Filosofia, Rom 1975, 297–301.
- 250 The Apostles' Creed in the Light of Today's Questions, London ²1975 (Neuaufgabe von Nr. 197 als Taschenbuch).
- 251 Epistemologia e teologia (italienische Übersetzung von Nr. 200), Brescia 1975.
- 252 Questioni fondamentali di teologia sistematica (italienische Übersetzung von Nr. 104), Brescia 1975.
- 253 Japanische Übersetzung von Nr. 184, Tokyo 1975.
- 254 A Theology of Death and Resurrection, in: Theology Digest (St. Louis University) Vol. 23 No. 2 (1975), 143–148 (Auszug aus Nr. 224).

1976

- 255 Grundzüge der Christologie, 5., um ein Nachwort (415–426) erweiterte Aufl., Gütersloh 1976.
- 256 Was ist der Mensch? Die Anthropologie der Gegenwart im Lichte der Theologie, Göttingen, 1976.
- 257 Person und Subjekt, in: NZSTh 18 (1976), 133–148.
- 258 Anerkennung aus dem Vatikan? Über die Katholizität des Augsburger Bekenntnisses, in: Lutherische Monatshefte 15 (1976), 696–697 (Fortsetzung siehe Nr. 273).
- 259 Der Geist des neuen Lebens. Gedanken zu einem oft schwer verständlichen Fest, in: Bayernkurier Jg. 27 (1976) Nr. 23 vom 5.6.1976, 11.

- 260 Die Entmythologisierung war nur die Außenseite. Zum Tode des Theologen Rudolf Bultmann, in: Bayernkurier Jg. 27 (1976) Nr. 33 vom 14. 8.1976, 11.
- 261 Das auserwählte Volk oder: Wird die Nation zum Götzen?, in: Deutsches Allgemeines Sonntagsblatt Nr. 27 vom 4.7.1976, 26.
- 262 Gottesebenbildlichkeit und Bildung des Menschen, in: Bildung und Entfremdung. Protokoll Nr. 116 der Akademietagung vom 26. bis 28.3.1976 in der Evangelischen Akademie in Hofgeismar.
- 263 The Contribution of Christianity to the Modern World, in: Cross Currents 25 (1976), 357–366.
- 264 Rezension von H. Waldenfels: Offenbarung. Das Zweite Vatikanische Konzil auf dem Hintergrund der neueren Theologie, München 1969, in: ThLZ 101 (1976), 50–55.
- 265 Cuestiones fundamentales de teologia sistemática, Madrid 1976 (enthält die spanischen Übersetzungen von Nr. 104 und 170).
- 266 El hombre como problema. Hacia una antropología teológica (spanische Übersetzung von Nr. 184), Barcelona 1976.
- 267 Theology and the Philosophy of Science (amerikanische Übersetzung von Nr. 200), Philadelphia 1976; auch als britische Ausgabe erschienen London 1976.
- 268 De Geloofsbelijdenis – een nitleg van de apostolische geloofsbelijdenis voor mensen van nu, met een inleiding van H.M. Kuitert (holländische Übersetzung von Nr. 185), Ten Have-Baarn 1976.

1977

- 269 Ethik und Ekklesiologie. Gesammelte Aufsätze, Göttingen 1977 (enthält neben den Nrn. 65, 77, 92, 109, 150, 171, 176, 177, 189, 204, 210, 211, 225, 227, 242 und 244 die folgenden drei bisher unveröffentlichten Aufsätze: Die Begründung der Ethik bei Ernst Troeltsch [70–96], Christentum ohne Kirche? [187–199], und: Was bedeutet es für die getrennten Kirchen, sich auf eine gemeinsame Vergangenheit zu beziehen? [211–218]).
- 270 Human Nature, Election and History, Philadelphia 1977.
- 271 Wissenschaftstheorie und Theologie, Frankfurt ²1977.
- 272 Die Subjektivität Gottes und die Trinitätslehre. Ein Beitrag zur Beziehung zwischen Karl Barth und der Philosophie Hegels, in: KuD 23 (1977), 25–40; in französischer Übersetzung in: Hegel et la Théologie contemporaine, Paris 1977, 171–189.
- 273 Anspruch auf Katholizität. Das Augsburgere Bekenntnis als Grundlage für die Einheit, in: Lutherische Monatshefte 16 (1977), 27–32 (Fortsetzung von Nr. 258).
- 274 Eine Grundlage für die Einheit? Die Augsburgere Konfession als katholisches Bekenntnis, in: KNA Nr. 3/4 vom 19. und 26.1.1977 (Zweitabdruck von Nr. 258 und 273).
- 275 Der Gott der Geschichte, in: KuD 23 (1977), 76–92.
- 276 Reich Gottes in Amerika. Religiöse Selbstdeutung als Thema politischer Theologie, in: EvK 10 (1977), 333–336.
- 277 Die Religion der Republik. Religiöse Selbstdeutung als Thema politischer Theologie in Amerika, in: EvK 10 (1977), 413–414.

- 278 Aggression und die theologische Lehre von der Sünde, in: ZEE 21 (1977), 161–173.
- 279 Gottesebenbildlichkeit und Bildung des Menschen, in: Theologia Practica 12 (1977), 259–273.
- 280 A Liberal Logos Christology: The Christology of John Cobb, in: David Ray Griffin / Thomas J.J. Altizer (Hgg.): John Cobb's Theology in Process, Philadelphia 1977, 133–149.
- 281 Jesus – God and Man, Philadelphia ²1977 (vgl. Nr. 127).
- 282 Faith and Reality (englische Übersetzung von Nr. 237), London 1977.
- 283 La revelacion como historia (spanische Übersetzung von Nr. 73 bzw. 48), Salamanca 1977.
- 284 Resurrección de Jesús y futuro del hombre (spanische Übersetzung von Nr. 291), in: Jesu Christo en la historia y en la fe, Salamanca 1977, 338–352.
- 285 El Dios de la historia. El Dios trinitario y la verdad de la historia (spanische Übersetzung von Nr. 275), in: Salamanticensis 24 (1977), 259–277.
- 286 Résurrection de Jésus et avenir de l'homme (französische Übersetzung von Nr. 291), in: Lumière et vie (Lyon) 26 (1977), 66–83.

1978

- 287 Gottesgedanke und menschliche Freiheit, Göttingen ²1978.
- 288 Die Bestimmung des Menschen. Menschsein, Erwählung und Geschichte (deutsche Fassung von Nr. 270), Göttingen 1978.
- 289 Religion in der säkularen Gesellschaft. Niklas Luhmanns Religionssoziologie, in: EvK 11 (1978), 99–103.
- 290 Wolfhart Pannenberg / Niklas Luhmann: Die Allgemeingültigkeit der Religion. Diskussion über Niklas Luhmanns Religionssoziologie, in: EvK 11 (1978), 350–357.
- 291 Die Auferstehung Jesu und die Zukunft des Menschen, in: KuD 24 (1978), 104–117.
- 292 Christlicher Glaube und Gesellschaft, in: Politische Studien 29 (1978), 123–133.
- 293 Das Verhältnis zwischen der Akzeptationslehre des Duns Scotus und der reformatorischen Rechtfertigungslehre, in: Camille Bérubé (Hg.): Regnum hominis et regnum Dei. Acti quarti congressus Scotistici Internationalis (= Studia scholastico-scotistica 6) Vol. I: Sectio generalis, Rom 1978, 213–218.
- 294 Zur „Aporie der Zweinaturenlehre“. Brief an Christoph von Schönborn, in: Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie 25 (1978), 100–103.
- 295 Christliche Rechtsbegründung, in: Anselm Hertz u.a. (Hgg.): Handbuch christlicher Ethik, Freiburg 1978, Bd. II, 323–338.
- 296 Die Hoffnung der Christen und die Einheit der Kirche. Bericht über die Sitzung der Kommission für Glauben und Kirchenverfassung vom 15. bis 30. August 1978 in Bangalore/Indien, in: Ökumenische Rundschau 27 (1978), 473–483.
- 297 Die Bedeutung der Kategorien „Teil“ und „Ganzes“ für die Wissenschaftstheorie der Theologie, in: Theologie und Philosophie 53 (1978), 481–497.
- 298 Die Aufgabe einer politischen Theologie des Christentums, in: Marco M. Olivetti (Hg.): Religione e politica (= Archivio di Filosofia 1978; 2–3), Padua 1978, 161–171.

- 299 Religious Experience— a Contemporary Possibility?, in: James W. Cox(Hg.): The Twentieth Century Pulpit, Nashville 1978, 161–166 (Predigt über Exodus 3,1–12).

1979

- 300 Grundfragen systematischer Theologie. Gesammelte Aufsätze Bd. 1, Göttingen³1979.
- 301 Das Glaubensbekenntnis: ausgelegt und verantwortet vor den Fragen der Gegenwart, Gütersloh³1978.
- 302 Vom Nutzen der Eschatologie für die christliche Theologie, in: KuD 25 (1979), 88–105.
- 303 Die Aufgabe einer politischen Theologie des Christentums,in: Kerygma und Mythos VII-1. Glaube und Politik – Religion und Staat. Zur Entmythologisierung und Neubestimmung ihres Verhältnisses (= Theologische Forschung, wissenschaftliche Beiträge zur kirchlich-evangelischen Lehre Bd. 58, hg. von Hans-Werner Bartsch u.a.), Hamburg 1979, 19–25 (Zweitabdruck von Nr. 298).
- 304 Person und Subjekt, in: Odo Marquard / Karlheinz Stierle (Hgg.): Identität (=Poetik und Hermeneutik Bd. VIII), München 1979, 407–422 (Neufassung von Nr. 257 mit Anmerkungen).
- 305 Identität und Wiedergeburt, in: ebd., 607–611.
- 306 Passionsgeschichte, Autobiographie und Prozeß, in: ebd., 702–703.
- 307 Gottebenbildlichkeit als Bestimmung des Menschen in der neueren Theologiegeschichte (= Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, Phil.-hist. Klasse Heft 8), München 1979.
- 308 Die Augsburger Konfession und die Einheit der Kirche, in: Ökumenisches Forum. Grazer Hefte für konkrete Ökumene 2 (1979), hg. von Johannes B. Bauer und Georg Larentzakis, 12–26; auch in: Heinrich Fries u.a.: Confessio Augustana. Hindernis oder Hilfe?, Regensburg 1979, 259–279.
- 309 Die westliche Christenheit in der Ökumene. Eine Antwort an M.M. Thomas, in: Ökumenische Rundschau 28 (1979), 306–316.
- 310 Mitarbeit an: Papsttum als ökumenische Frage. Hg. von der Arbeitsgemeinschaft Ökumenischer Universitätsinstitute, München-Mainz 1979; darin Diskussionsbeiträge: 147 ff., 245 f., 295 ff., 306, 308 ff., 312, 325–327.
- 311 Aggression,Sündeund Gewalt, in:HaraldUhl(Hg.):DeutscherEvangelischer Kirchentag Nürnberg 1979. Dokumente, Stuttgart-Berlin 1979, 250–260.
- 312 Laudatio auf Karl Rahner anlässlich der Verleihung des kulturellen Ehrenpreises der Landeshauptstadt München am 18.6.1979.
- 313 Report from Bangalore, in: Mid-Stream. An Ecumenical Journal 18 (1979), 52–62.
- 314 Faith and Disorder in Bangalore, in: Worldview 22 (1979), 37–40.
- 315 L'assenza di Dio come tema della teologia, in: Humanitas 34 (1979), 143–160.

1980

- 316 Grundfragen systematischer Theologie. Gesammelte Aufsätze Bd. 2, Göttingen 1980 (enthält neben den Nrn. 121, 170 [vgl. Nr. 187], 208, 224, 238, 257 [vgl. Nr. 304], 272, 275, 279 und 291 die folgenden bisher unveröffentlichten Aufsätze: Zeit und Ewigkeit in der religiösen Erfahrung Israels und des Christentums [188–206] und: Wahrheit, Gewißheit und Glaube [226–264]).
- 317 Antwort auf G. Sauters Überlegungen, in: EvTh 40 (1980), 168–181.
- 318 Dialog auf Weltebene. Über die Verständigung zwischen den Konfessionen, in: EvK 13 (1980), 195–199.
- 319 Heiligung und politische Ethik. Ein kritischer Blick auf einige Grundlagen der Befreiungstheologien im Protestantismus, in: Fernando Castillo u.a.: Herausforderung. Die dritte Welt und die Christen Europas, Regensburg 1980, 79–107.
- 320 Christlicher Glaube und Naturverständnis, in: Hermann Dietzfelbinger / Lutz Mohaupt (Hgg.): Gott – Geist – Materie. Theologie und Naturwissenschaft im Gespräch (= Zur Sache 21), Hamburg 1980, 11–13.
- 321 Macht der Mensch die Religion oder macht die Religion den Menschen?, in: Trutz Rendtorff (Hg.): Religion als Problem der Aufklärung. Eine Bilanz aus der religionstheoretischen Forschung, Göttingen 1980, 151–157.
- 322 The Place of Creed in Christianity Today, in: The Expository Times 91 (1980), 328–331.
- 323 Germany – A Perplexed Ally, in: Worldview 23 (1980), 21–23.
- 324 Intervista teologica con il prof. W. Pannenberg, in: Rosino Gibellini: Teologia e ragione. Itinerario e opera di W. Pannenberg, Brescia 1980, 287–295.
- 325 Resurrección de Jesús y futuro del hombre (spanische Übersetzung von Nr. 291), in: Selecciones de teologia (Barcelona) Vol. XIX (1980), 353–361.
- 326 Wat is de mens? (holländische Übersetzung von Nr. 256), Baarn 1980. 1981
- 327 Was ist der Mensch? Die Anthropologie der Gegenwart im Lichte der Theologie, Göttingen ⁶1981.
- 328 Zusammen mit Pinchas Lapide: Judentum und Christentum. Einheit und Unterschied. Ein Gespräch, München 1981.
- 329 Zusammen mit Rudolf Schnackenburg: Ostern und der neue Mensch, Freiburg-Basel-Wien 1981; darin: Auferstehung Jesu und Zukunft des Menschen (= Nr. 291), 49–87.
- 330 Die ökumenische Bedeutung der Confessio Augustana (= Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, Phil.-hist. Klasse Heft 6), München 1981.
- 331 Wie von Gott reden? Ein Gespräch mit Professor Wolfhart Pannenberg, in: Herder Korrespondenz 35 (1981), 182–189.
- 332 Einleitung zur theologischen Hermeneutik, in: Manfred Fuhrmann / Hans Robert Jauf / Wolfhart Pannenberg (Hgg.): Text und Applikation (= Poetik und Hermeneutik Bd. IX), München 1981, 15–23.
- 333 Zu 2. Kor. 12,9 (Replik auf O. Marquard „Schwacher Trost“), in: ebd., 125–127.

- 334 Über Menschenwürde, persönliche Freiheit und Freiheit der Kunst. Theologische Erwägungen aus Anlaß des Falles „Mephisto“, in: ebd., 137–148.
335 Der „Cimetière marin“ als religiöse Dichtung, in: ebd., 269–272.
- 336 Frage und Antwort – Das Normative in christlicher Überlieferung und Theologie, in: ebd., 413–421.
- 337 In der Einheit des Glaubens. Ökumenisches Bekenntnis nach 1600 Jahren, in: EvK 14 (1981), 380–383.
- 338 Ohne Religion sind die Probleme der Menschen nicht zu lösen. Zum 150. Todestag Georg Wilhelm Friedrich Hegels, in: Nachrichten der EvangelischLutherischen Kirche in Bayern 36 (1981), 429–431.
- 339 Die theokratische Alternative. Die Einheit der Religion als Bedingung für die politische Einheit der Gesellschaft, in: Reinhard Löw u.a. (Hgg.): Fortschritt ohne Maß? Eine Ortsbestimmung der wissenschaftlich-technischen Zivilisation, München 1981, 235–251.
- 340 God's Presence in History, in: The Christian Century. An Ecumenical Weekly (Chicago) 98 (1981), 260–263.
- 341 Freedom and Lutheran Reformation, in: Theology Today 38 (1981), 287–297.
- 342 Theological Questions to Scientists, in: Zygon 16 (1981), 65–77; auch in: Arthur Robert Peacocke (Hg.): The Sciences and Theology in the Twentieth Century, Notre Dame 1981, 3–16.
- 343 Comment by Wolfhart Pannenberg, in: A.R. Peacocke, a.a.O. (= Nr. 342), 297–299.
- 344 Teoria de la ciencia y la teologia (spanische Übersetzung von Nr. 200), Madrid 1981.

1982

- 345 Grundzüge der Christologie, Gütersloh ⁶1982.
- 346 Das Glaubensbekenntnis: ausgelegt und verantwortet vor den Fragen der Gegenwart, Gütersloh ⁴1982.
- 347 Vorwort zur 5. Aufl. von Offenbarung als Geschichte, Göttingen 1982, V–XV.
- 348 Die Arbeit von Faith and Order im Kontext der ökumenischen Bewegung, in: Ökumenische Rundschau 31 (1982), 47–59.
- 349 Eine geistliche Erneuerung der Ökumene tut not, in: Karlfried Froehlich (Hg.): Ökumene. Möglichkeiten und Grenzen heute (FS Oscar Cullmann zum 80. Geburtstag), Tübingen 1982, 112–123.
- 350 Auf der Suche nach dem wahren Selbst. Anthropologie als Ort der Begegnung zwischen christlichem und buddhistischem Denken, in: Andreas Bsteh (Hg.): Erlösung in Christentum und Buddhismus, Mödling 1982, 128–146.
- 351 Receptive Vernunft: Die antike Deutung der Erkenntnis als Hinnahme vorgegebener Wahrheit, in: Herta Nagl-Docekal (Hg.): Überlieferung und Aufgabe (FS Erich Heintel zum 70. Geburtstag), Wien 1982, 1. Teilband, 265–301.
- 352 Reich Gottes, Kirche und Gesellschaft in der Sicht systematischer Theologie, in: Franz Böckle u.a. (Hgg.): Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft. Enzyklopädische Bibliothek Teilband 29, Freiburg-Basel-Wien 1982, 119–135.

- 353 Die Bedeutung des Bekenntnisses von Nicaea-Konstantinopel für den ökumenischen Dialog heute, in: Ökumenische Rundschau 31 (1982), 129–140.
- 354 Dem Tisch des Herrn etwas näher. Katholiken und Lutheraner über das geistliche Amt in der Kirche, in: Rheinischer Merkur. Christ und Welt Nr. 12 vom 19.3.1982, 26.
- 355 The New European Attitude, in: Freedom at Issue 67 (July/August 1982), 5–9.
- 356 Spirit and Mind, in: Richard Q. Elvee (Hg.): Mind in Nature. Nobel-Conference XVII, New York 1982, 134–148.
- 357 Gott und Himmel verwechselt? (Rezension von M. Welker: Universalität Gottes und Relativität der Welt. Theologische Kosmologie im Dialog mit dem amerikanischen Prozeßdenken nach Whitehead, Neukirchen 1981), in: EvK 15 (1982), 398.

1983

- 358 Anthropologie in theologischer Perspektive, Göttingen 1983.
- 359 Christian Spirituality, Philadelphia 1983.
- 360 Gott und die Natur. Zur Geschichte der Auseinandersetzung zwischen Theologie und Naturwissenschaft, in: Theologie und Philosophie 58 (1983), 481–500.
- 361 Bewußtsein und Geist, in: ZThK 80 (1983), 332–351.
- 362 Herausforderung der Amtstheologie. Die Lima-Texte und die Diskussion um das Amt, in: Lutherische Monatshefte 22 (1983), 408–413.
- 363 Entwicklung und (Zwischen-)Ergebnisse der ökumenischen Bewegung seit ihren Anfängen, in: Heinrich Fries (Hg.): Das Ringen um die Einheit der Christen (= Schriften der Katholischen Akademie in Bayern Bd. 109), Düsseldorf 1983, 14–30.
- 364 Sakramente und kirchliches Amt, in: ebd., 73–88.
- 365 Differenzen und ihre Folgen, in: ebd., 121–133.
- 366 Die Antwort der Kirchen auf die Herausforderungen der Zeit. Überwindung der Spaltungen, in: ebd., 161–168.
- 367 Der Schlußbericht der anglikanisch-römisch-katholischen Internationalen Kommission und seine Beurteilung durch die römische Glaubenskongregation, in: KuD 29 (1983), 166–173.
- 368 Die Angst schafft keinen Frieden. Was das Jesaja-Wort „Schwerter zu Pflugscharen“ einst bedeutet hat und heute noch bedeutet, in: Rheinischer Merkur. Christ und Welt Nr. 5 vom 4.2.1983, 22.
- 369 Das Irreale des Glaubens, in: Dieter Henrich / Wolfgang Iser (Hgg.): Funktionen des Fiktiven (= Poetik und Hermeneutik Bd. X), München 1983, 17–34.
- 370 Verdinglichung und Transfiguration, in: ebd., 521–527.
- 371 The Church (amerikanische Übersetzung von Nr. 269), Philadelphia 1983.

1984

- 372 Die Erfahrung der Abwesenheit Gottes in der modernen Theologie, in: Wolfhart Pannenberg (Hg.): Die Erfahrung der Abwesenheit Gottes in der modernen Kultur, Göttingen 1984, 9–24.
- 373 Sinnerfahrung, Religion und Gottesfrage, in: Theologie und Philosophie 59 (1984), 178–190.
- 374 Christsein und Taufe, in: Um die eine Kirche. Evangelische Katholizität (FS Hans-Joachim Mund zum 70. Geburtstag), hg. von der Hochkirchlichen Vereinigung Augsburgischen Bekenntnisses, München-Gräfelfing 1984, 58–65.
- 375 Die Theologie und die neue Frage nach der Subjektivität, in: Stimmen der Zeit 202 (1984), 805–816.
- 376 Sprechakt und Gespräch, in: Karlheinz Stierle / Rainer Warning (Hgg.): Das Gespräch (= Poetik und Hermeneutik Bd. XI), München 1984, 65–76.
- 377 Der Geist und sein Anderes, in: Dieter Henrich / Rolf-Peter Horstmann (Hgg.): Hegels Logik der Philosophie. Religion und Philosophie in der Theorie des absoluten Geistes, Stuttgart 1984, 151–159.
- 378 Reformation und Neuzeit, in: Horst Renz / Friedrich Wilhelm Graf (Hgg.): Protestantismus und Neuzeit (= Troeltsch-Studien Bd. 3), Gütersloh 1984, 21–34.
- 379 Diskussionsbeitrag zu Hans Walter Wolff: Schwerter zu Pflugscharen, in: EvTh 44 (1984), 293–297.
- 380 Angepaßt an die Parolen der Welt. Wiedergelesen: Die Barmer Theologische Erklärung von 1934 – These I, in: Deutsches Allgemeines Sonntagsblatt Nr. 15 vom 8.4.1984, 10.
- 381 Die Verwandlung der Welt. Die Auferstehung beginnt hier und jetzt, in: Bayernkurier Jg. 35 (1984) Nr. 16 vom 21.4.1984, 12.
- 382 Einige Bemerkungen zur öffentlichen Besorgnis über den nuklearen Rüstungswettlauf, besonders in Deutschland, und über die Stellungnahmen der Kirchen dazu, in: Ethics and Public Policy Center Washington D.C. (Hg.): Kernwaffen und christliche Moral. Zehn christliche Positionen zur Nuklearrüstung, München 1984, 81–92.
- 383 Zum Gedenken an Karl Rahner, in: Una Sancta 39 (1984), 171–172.
- 384 Atom, Duration, Form: Difficulties with Process Philosophy, in: Process Studies 14 (1984), 21–30.
- 385 Constructive and Critical Functions of Christian Eschatology, in: Harvard Theological Review 77 (1984), 119–139.
- 386 The Historicity of the Resurrection: The Identity of Christ, in: Roy A. Varghese (Hg.): The Intellectuals Speak About God, Chicago 1984, 257–264.
- 387 Artikel „Geschichte/Geschichtsschreibung/Geschichtsphilosophie VIII: Systematisch-theologisch“, in: TRE 12 (1984), 658–674.
- 388 Artikel „Nichtgegenständlichkeit Gottes“, in: Joachim Ritter / Karlfried Gründer (Hgg.): Historisches Wörterbuch der Philosophie Bd. 6, Darmstadt 1984, 803–805.
- 389 Rezension von Y. Congar: Der Heilige Geist, (dt.) Freiburg-Basel-Wien 1982, in: Ökumenische Rundschau 33 (1984), 282–284.
- 390 Japanische Übersetzung von Nr. 104, Tokyo 1984.

- 391 Il destino dell'uomo. Umanità, elezione e storia (italienische Übersetzung von Nr. 288), Brescia 1984.

1985

- 392 Was ist der Mensch? Die Anthropologie der Gegenwart im Lichte der Theologie, Göttingen ⁷1985.
- 393 Christentum und Platonismus. Die kritische Platonrezeption Augustins in ihrer Bedeutung für das gegenwärtige christliche Denken, in: ZKG 96 (1985), 147–161; auch in: Archivio di filosofia 53 (1985) Nr. 1, 309–325.
- 394 Offenbarung und „Offenbarungen“ im Zeugnis der Geschichte, in: Walter Kern / Hermann Josef Pottmeyer / Max Seckler (Hgg.): Handbuch der Fundamentaltheologie Bd. 2, Freiburg-Basel-Wien 1985, 84–107.
- 395 Wissenschaft und Existenz aus der Sicht des Theologen, in: Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft N.F. Beiheft 1 (1985), 87–94.
- 396 Recht und Religion, in: Ernst-Joachim Lampe (Hg.): Beiträge zur Rechtsanthropologie (= Archiv für Rechts- und Sozialphilosophie Beiheft 22), Wiesbaden-Stuttgart 1985, 48–59.
- 397 Civil Religion? Religionsfreiheit und pluralistischer Staat: Das theologische Fundament der Gesellschaft, in: Peter Koslowski (Hg.): Die religiöse Dimension der Gesellschaft. Religion und ihre Theorien, Tübingen 1985, 63–75.
- 398 Das Papsttum und die Zukunft der Ökumene. Anmerkungen aus lutherischer Sicht, in: Vasilios von Aristi u.a.: Das Papstamt – Dienst oder Hindernis für die Ökumene?, Regensburg 1985, 139–149.
- 399 Anthropology in Theological Perspective (englische Übersetzung von Nr. 358), Edinburgh 1985; auch als amerikanische Ausgabe erschienen Philadelphia 1985.
- 400 Meaning, Religion and the Question of God (amerikanische Übersetzung von Nr. 373), in: Leroy S. Rouner (Hg.): Knowing Religiously (= Boston University Studies in Philosophy and Religion Vol. 7), Notre Dame 1985, 153–165.

1986

- 401 Christliche Spiritualität: theologische Aspekte (deutsche Fassung von Nr. 359), Göttingen 1986.
- 402 Lehrverurteilungen – kirchentrennend? I. Rechtfertigung, Sakramente und Amt im Zeitalter der Reformation und heute, hg. von Karl Lehmann und Wolfhart Pannenberg (= Dialog der Kirchen Bd. 4), Freiburg-Göttingen 1986.
- 403 Das Ergebnis der Untersuchungen zu den gegenseitigen Lehrverwerfungen und seine ökumenischen Perspektiven, in: Wolf-Dieter Hauschild u.a.: Ein Schritt zur Einheit der Kirchen. Können die gegenseitigen Lehrverurteilungen aufgehoben werden?, Regensburg 1986, 67–97.
- 404 Lima – pro und contra, in: KuD 32 (1986), 35–51.
- 405 Die Wahrheit Gottes in der Bibel und im christlichen Dogma, in: Willi Oelmüller (Hg.): Kolloquium Religion und Philosophie, Bd. 2:

- Wahrheitsansprüche der Religionen heute, Paderborn-München-Zürich-Wien 1986, 271–285.
- 406 Zusammen mit Arthur Kaufmann: Gesetz und Evangelium (= Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, Phil.-hist. Klasse Heft 2), München 1986; darin: Das Thema aus theologischer Sicht (5–24).
- 407 Fluch und Segen der Arbeit, in: Venanz Schubert (Hg.): Der Mensch und seine Arbeit: eine Ringvorlesung der Universität München (= Wissenschaft und Philosophie. Interdisziplinäre Studien Bd. 3), St. Ottilien 1986, 23–46.
- 408 Religion und Ethik, in: Oskar Schatz / Hans Spatzenegger (Hgg.): Wovon werden wir morgen geistig leben? Mythos, Religion und Wissenschaft in der „Postmoderne“, Salzburg 1986, 109–121.
- 409 Der Mensch als Person, in: Hans Heimann / Hans Jörg Gaertner (Hgg.): Das Verhältnis der Psychiatrie zu ihren Nebendisziplinen, Berlin u.a. 1986, 3–9.
- 410 Religion und menschliche Natur, in: Wolfhart Pannenberg (Hg.): Sind wir von Natur aus religiös? (= Schriften der Katholischen Akademie in Bayern Bd. 120), Düsseldorf 1986, 9–24.
- 411 Diskussion zum Referat von Günter Dux, in: ebd., 73–86.
- 412 Anthropologie in theologischer Perspektive. Philosophisch-theologische Grundlinien, in: ebd., 87–105.
- 413 Schluß-Diskussion, in: ebd., 134–166.
- 414 Schöpfungstheologie und moderne Naturwissenschaft, in: Hermann Deuser u.a. (Hgg.): Gottes Zukunft – Zukunft der Welt (FS Jürgen Moltmann zum 60. Geburtstag), München 1986, 276–291.
- 415 Reformation und Kirchenspaltung, in: Wolf-Dieter Hauschild u.a. (Hgg.): Kirchengemeinschaft – Anspruch und Wirklichkeit (FS Georg Kretschmar zum 60. Geburtstag), Stuttgart 1986, 137–148.
- 416 Das christliche Gottesverständnis im Spannungsfeld seiner jüdischen und griechischen Wurzeln, in: Der christliche Glaube und seine jüdisch-griechische Herkunft. Zwei Vorträge von Albert H. Friedlander und Wolfhart Pannenberg (= EKD Texte 15), Hannover 1986, 13–22.
- 417 Die Theologie und die neuen Fragen nach Intersubjektivität, Gesellschaft und religiöser Gemeinschaft, in: Archivio di filosofia 54 (1986), 411–425.
- 418 Theologie im 20. Jahrhundert, in: Neue Zürcher Zeitung Jg. 207 (1986) Nr. 284 vom 7./8. Dezember 1986, 71–72.
- 419 Die Verheißung des Geistes, in: Otto Ziegelmeier (Hg.): Gottes Geist – Geist der Freiheit. Münchener Universitätspredigten im SoSe 1986, 9–18 (maschinenschriftlich vervielfältigt).
- 420 Il sacro nella civiltà moderna, in: Fondamenti (Rom) 4 (1986), 105–123.
- 421 Buena noticia de un Dios que se acrea, in: Vida religiosa 60 (1986), 417–421.
- 422 Atom, Dauer, Gestalt: Schwierigkeiten mit der Prozeßphilosophie (deutsche Fassung von Nr. 384), in: Friedrich Rapp / Reiner Wiehl (Hgg.): Whiteheads Metaphysik der Kreativität. Internationales Whitehead-Symposium Bad Homburg 1983, Freiburg-München 1986, 185–196.

- 423 The Doctrine of Creation and Modern Science (englische Übersetzung von Nr. 414), in: East Asian Journal of Theology 4 (1986), 33–46.
- 424 Etica y eclesiologia (spanische Übersetzung von Nr. 269), Madrid 1986.
- 425 The Significance of the Categories „Part“ and „Whole“ for the Epistemology of Theology (amerikanische Übersetzung von Nr. 297), in: The Journal of Religion 66 (1986), 369–385.

1987

- 426 Wissenschaftstheorie und Theologie, Frankfurt ³1987.
- 427 Neuer Wein in alte Schläuche. Eschatologie und Geschichte im frühen Christentum, in: Reinhart Herzog / Reinhart Koselleck (Hgg.): Epochenschwelle und Epochenbewußtsein (= Poetik und Hermeneutik Bd. XII), München 1987, 571–579.
- 428 Probleme einer trinitarischen Gotteslehre, in: Walter Baier u.a. (Hgg.): Weisheit Gottes – Weisheit der Welt (FS Joseph Kardinal Ratzinger zum 60. Geburtstag), St. Ottilien 1987, Bd. 1, 329–341; in englischer Übersetzung unter dem Titel: Problems of a Trinitarian Doctrine of God, in: Dialog 26 (1987), 250–257.
- 429 Religion und Religionen. Theologische Erwägungen zu den Prinzipien eines Dialogs mit den Weltreligionen, in: Andreas Bsteh (Hg.): Dialog aus der Mitte christlicher Theologie (= Beiträge zur Religionstheologie 5), Mödling 1987, 179–196.
- 430 Mythos und christlicher Offenbarungsglaube, in: Lutherische Monatshefte 26 (1987), 509.
- 431 Response to the Debate, in: Terry L. Miethe (Hg.): Did Jesus Rise from the Dead? The Resurrection Debate, San Francisco 1987, 125–135.
- 432 Germany and the USA: Their Mutual Relationship in the Light of their Religious and Moral Heritage, in: L.M. Amlinger (Hg.): Germany and the United States. Changing Perceptions – Danger and Hope, Stuttgart, 1987, 202–220.
- 433 Antropologia in prospettiva teologica (italienische Übersetzung von Nr. 358), Brescia 1987.
- 434 Japanische Übersetzung von Nr. 359 bzw. Nr. 401, Tokyo 1987.
- 435 Dio e la natura (italienische Übersetzung von Nr. 360), in: Archivio di filosofia 55 (1987), 383–403.

1988

- 436 Systematische Theologie Bd. 1, Göttingen 1988.
- 437 Metaphysik und Gottesgedanke, Göttingen 1988.
- 438 Christentum in einer säkularisierten Welt, Freiburg-Basel-Wien 1988.
- 439 Revelation in Early Christianity, in: Christian Authority. Essays in Honour of Henry Chadwick, ed. by G.R. Evans, Oxford 1988, 76–85.
- 440 Die Säkularisierung des europäischen Geistes, in: Säkulare Welt und Reich Gottes, hg. von P. Gordan, Graz-Wien-Köln 1988, 123–149.
- 441 „Vater des Glaubens“. Über katholische und protestantische Probleme mit Martin Luther, in: Gegenentwürfe. 24 Lebensläufe für eine andere Theologie

(FS H. Küng), hg. von H. Häring und K.J. Kuschel, München-Zürich 1988, 143–155.

- 442 A Theology of the Cross, in: *Word and World* 8 (1988), 162–172.
 443 An Autobiographical Sketch, in: C.E. Braaten / P. Clayton (Hgg.): *The Theology of Wolfhart Pannenberg*, Minneapolis-Augsburg 1988, 11–18.
 444 A Response to my American Friends, in: ebd., 313–336.
 445 Abendmahlsverwaltung und Ordination, in: *Homiletisch-Liturgisches Korrespondenzblatt N.F.* 6 (1988/89), 30–35.
 446 Religion und Metaphysik, in: D. Henrich / H.P. Horstmann (Hgg.): *Metaphysik nach Kant? Stuttgarter Hegelkongreß 1987*, Stuttgart 1988, 728–741.
 447 Providence, God and Eschatology, in: D.W. Musser / J.L. Price (Hgg.): *The Whirlwind in Culture. Frontiers in Theology. In Honor of Langdon Gilkey*, Bloomington 1988, 171–182.

1989

- 448 Die Religionen als Thema der Theologie. Die Relevanz der Religionen für das Selbstverständnis der Theologie, in: *ThQ* 169 (1989), 99–110.
 449 Rezension von Heinrich Beck: *Natürliche Theologie. Grundriß philosophischer Gotteserkenntnis*, München 1986, in: *ThR* 54 (1989), 109–110.
 450 Über Lortz hinaus? In: R. Decor / R. Vinke (Hgg.): *Zum Gedenken an Joseph Lortz (1887–1975). Beiträge zur Reformationgeschichte und Ökumene*. Wiesbaden-Stuttgart 1989, 93–105.
 451 Den Glauben an ihm selbst fassen und verstehen. Eine Antwort, in: *ZThK* 86 (1989), 355–370.
 452 The Doctrine of Creation and Modern Science, in: T. Peters (Hg.): *Cosmos as Creation. Theology and Science in Consonance*, Nashville 1989, 152–176.
 453 Christianity in a Secularized World (englische Fassung von Nr. 438), New York 1989.
 454 Theological Appropriation of Scientific Understandings: Response to Hefner, Wicken, Eaves and Tipler, in: *Zygon* 24 (1989), 255–271.
 455 Christianity, Marxism and Liberation Theology, in: *Christian Scholars Review* 18 (1989), 215–226.
 456 Artikel „Zivilreligion“, in: *Staatslexikon*, hg. von der Görresgesellschaft, Bd. 5, Freiburg ⁷1989, 1169–1172.
 457 Mythos und Dogma im Weihnachtsfest, in: W. Haug / R. Warning (Hgg.): *Das Fest (= Poetik und Hermeneutik Bd. XIV)*, München 1989, 53–63.
 458 Können die gegenseitigen Verwerfungen zwischen den Reformationskirchen und Rom aufgehoben werden? In: *Lehrverurteilungen – kirchentrennend? II. Materialien zu den Lehrverurteilungen und zur Theologie der Rechtfertigung*, hg. von K. Lehmann, Göttingen 1989, 17–31.
 459 Die zukünftige Rolle von „Glauben und Kirchenverfassung“ in einer säkularisierten Welt, in: *Una Sancta* 44 (1989), 328–336.

1990

- 460 Lehrverurteilungen – kirchentrennend? III. Materialien zur Lehre von den Sakramenten und vom kirchlichen Amt, hg. von Wolfhart Pannenberg,

- Freiburg-Göttingen 1990; darin: Einführung (9–11), sowie: Das kirchliche Amt in der Sicht der lutherischen Lehre (286–305).
- 461 *Metaphysics and the Idea of God* (englische Übersetzung von Nr. 437 durch Philip Clayton), Grand Rapids 1990.
- 462 Japanische Übersetzung von Nr. 437.
- 463 *Das Glaubensbekenntnis – ausgelegt und verantwortet vor den Fragen der Gegenwart*, Gütersloh ⁵1990.
- 464 *Atom, Duration, Form: Difficulties with Process Philosophy*, in: F. Rapp / R. Wiehl (Hgg.): *Whitehead's Metaphysics of Creativity*, Albany 1990, 167–177 (vgl. Nr. 422).
- 465 *Humanbiologie – Religion – Theologie. Ontologische und wissenschaftstheoretische Prämissen ihrer Verknüpfung*, in: H. May / M. Striegnitz / P. Hefner (Hgg.): *Kooperation und Wettbewerb. Zur Ethik und Biologie menschlichen Sozialverhaltens (Loccum Protokolle 75)*, Loccum 1988, 131–149.
- 466 *Evolution – Kultur – Religion. Perspektiven und Schwierigkeiten des interdisziplinären Gesprächs zwischen Evolutionsbiologie und Theologie. Diskussion zwischen Wolfhart Pannenberg und Christian Vogel*, in: ebd., 163–193.
- 467 *Teologia Sistemática Vol. 1* (italienische Übersetzung von Nr. 436), Brescia 1990.
- 468 Interview mit Michael Bauman, in: ders.: *Roundtable. Conversations with European Theologians*, Grand Rapids 1990, 43–53.
- 469 Zusammen mit Richard Neuhaus: *The Christian West?*, in: *First Things* 7 (1990) 24–31.
- 470 *Theology and Philosophy in Interaction with Science: A Response to the Message of Pope John Paul II on the Occasion of the Newton Tricentennial in 1987*, in: R.J. Russell / W.R. Stoeger / G.V. Coyne: *John Paul II on Science and Religion. Reflections on the New View from Rome*, Notre Dame 1990, 75–79.
- 471 *Religious Pluralism and Conflicting Truth Claims. The Problem of a Theology of the World Religions*, in: Gavin D'Costa (Hg.): *Christian Uniqueness Reconsidered – The Myth of a Pluralistic Theology of Religions*, New York 1990, 96–106.
- 472 *Sünde, Freiheit, Identität. Eine Antwort an Thomas Pröpper*, in: *ThQ* 170 (1990), 289–298.
- 473 *Grundzüge der Christologie*, Gütersloh ⁷1990.
- 474 *Das Christentum als ökumenische Religion*, in: Köszöntö Nyíri Tamás 70. Születésnapjára. Festschrift für Tamás Nyíri zum 70. Geburtstag. Budapest 1990, 309–318.

1991

- 475 *Den apostolske Trosbekendelse* (dänische Übersetzung von Nr. 185 durch Aage Schiøler, Einleitung von Niels Henrik Gregersen und Peter Widman), Frederiksberg 1991.
- 476 *Fichte e la metafisica dell' infinito*, in: *Humanitas* 45 (1990), 765–780.
- 477 *An Introduction to Systematic Theology*, Grand Rapids 1991.

- 478 *Metafisica e Idea di Dio* (italienische Übersetzung von Nr. 437), Edizioni Piemme 1991.
- 479 *L'idea di Dio e il rinnovamento della metafisica*, trad. Mauricio Pagano, Neapel 1991.
- 480 Chinesische Übersetzung von Nr. 130.
- 481 Prinzipien des Protestantismus im ökumenischen Dialog, in: *Nachrichten der Evang.-Luth. Kirche in Bayern* 46 (1991), 132–133; auch in: *LM* 30 (1991), 125–129 (= Einheit gelingt, wo Freiheit wirkt. Das protestantische Prinzip im ökumenischen Dialog).
- 482 *Systematische Theologie* Bd. 2, Göttingen 1991.
- 483 Gibt es eine multikulturelle Gesellschaft? In: *Rheinischer Merkur. Christ und Welt* 46 (1991) Nr. 22, Beilage Merkur extra (31. Mai 1991), 4 f.
- 484 Die Rechtfertigungslehre im ökumenischen Gespräch, in: *ZThK* 88 (1991), 232–246.
- 485 *Cristianesimo in un mondo secolarizzato* (italienische Übersetzung von Nr. 438), Brescia 1991.
- 486 Christliche Wurzeln des Gedankens der Menschenwürde, in: W. Kerber (Hg.): *Menschenrechte und kulturelle Identität*, München 1991, 61–70.
- 487 *The Christian Vision of God: The New Discussion of the Trinitarian Doctrine*, in: *Trinity Seminary Review* 13 (1991), 53–60.
- 488 Eine philosophisch-historische Hermeneutik des Christentums, in: *Theologie und Philosophie* 66 (1991), 481–492; auch in: P. Neuner / H. Wagner (Hgg.): *In Verantwortung für den Glauben. Beiträge zur Fundamentaltheologie und Ökumenik*, Freiburg 1992, 35–46.
- 489 *The Present and the Future Church*, in: *First Things* 17 (1991), 47–51.
- 490 *Systematic Theology* Vol. 1 (englische Übersetzung von Nr. 436 durch G.W. Bromiley), Grand Rapids 1991.

1992

- 491 Notwendigkeit und Grenze der Inkulturation des Evangeliums, in: G. Müller-Fahrenholz u.a.: *Christentum und Lateinamerika. 500 Jahre seit der Entdeckung Amerikas*, Regensburg 1992, 140–154.
- 492 *Leben in Gerechtigkeit*, in: H. Franke u.a.: *Veritas et Communicatio. Ökumenische Theologie auf der Suche nach einem vorbildlichen Zeugnis* (FS U. Kühn), Göttingen 1992, 310–320.
- 493 Gibt es Prinzipien des Protestantismus, die im ökumenischen Dialog nicht zur Disposition gestellt werden dürfen? In: F.W. Graf / K. Tanner (Hgg.): *Protestantische Identität heute*, Gütersloh 1992, 79–86.
- 494 *Le religioni nella prospettiva della teologia cristiana*, in: *Filosofia e Teologia* 6 (1992), 25–37.
- 495 Die Religionen in der Perspektive der Theologie und die Selbstdarstellung des Christentums im Verhältnis zu den nichtchristlichen Religionen, in: *Theologische Beiträge* 23 (1992), 305–316.
- 496 *Das Nahen des Lichts und die Finsternis der Welt*, in: E. Angehrn u.a.: *Dialektischer Negativismus. Michael Theunissen zum 60. Geburtstag*, Frankfurt a.M. 1992, 237–251.

- 497 Die Rationalität der Theologie, in: M. Kessler / W. Pannenberg / H.J. Pottmeyer (Hgg.): *Fides quaerens intellectum. Beiträge zur Fundamentaltheologie. Max Seckler zum 65. Geburtstag*, Tübingen 1992, 533–544.
- 498 Fichte und die Metaphysik des Unendlichen, in: *Zeitschrift für philosophische Forschung* 46 (1992), 348–362.
- 499 Müssen sich die Kirchen immer noch gegenseitig verurteilen? In: *KuD* 38 (1992), 311–330.
- 500 *Theology and Science*, in: *The Princeton Seminary Bulletin* XIII (1992), 299–310.
- 501 *Teologia Sistemática Vol. 1* (spanische Übersetzung von Nr. 436), Madrid 1992.
- 1993
- 502 *The Religions from the Perspective of Christian Theology and the Selfinterpretation of Christianity in Relation to the Non-Christian Religions*, in: *Modern Theology* 9 (1993), 285–298.
- 503 *Systematische Theologie Bd. 3*, Göttingen 1993.
- 504 *Dogmatische Theologie in ökumenischer Perspektive*, in: E. Schockenhoff / P. Walter: *Dogma und Glaube. Bausteine für eine theologische Erkenntnislehre* (FS W. Kasper), Mainz 1993, 152–164.
- 505 *Das mißbrauchte Apostelwort. Wenn Unterschiede nicht wahrgenommen werden* (Evangelischer Kirchentag in München), in: *Bayernkurier* Jg. 44 (1993) Nr. 24 vom 19.6.1993, 10; auch in: *Idea Spektrum* 25 (1993), 14 f.
- 506 *Traversata nella notte. Interview mit Luigi Ghia*, in: *Famiglia Domani* (Turin) Jg. 9 (1993), 6–9.
- 507 *Un 'Ermeneutica storico-philosophica del Christianesimo*, in: B. Forte (Hg.): *Teologia in Europa. La Teologia Europea nel Cambiamento*, Neapel 1993, 105–122 (vgl. Nr. 488).
- 508 *Christliche Rechtsüberzeugungen im Kontext einer pluralistischen Gesellschaft*, in: *ZEE* 37 (1993), 256–266.
- 509 *Toward a Theology of Nature. Essays on Science and Faith*, ed. by Ted Peters, Philadelphia 1993.
- 510 *Religiöse Erfahrung und christlicher Glaube*, in A. Kreiner / P. SchmidtLeukel (Hgg.): *Religiöse Erfahrung und theologische Reflexion* (FS Heinrich Döring), Paderborn 1993, 113–123.
- 511 *Antropologia en Perspectiva Teologica* (spanische Übersetzung von Nr. 358), Salamanca 1993.
- 512 *Must the Churches continue to condemn each other?* (englische Fassung von Nr. 499), in: *Pro Ecclesia* II (1993), 404–423.
- 513 *Parole de Dieu et Éthique*, in: J.-L. Leuba (Hg.): *L'Éthique. Perspectives proposées par la Foi*, Paris 1993, 7–19.
- 514 *Angst um die Kirche*, in: *Evangelische Kommentare* 26 (1993), 709–773.
- 515 *The Need for Systematic Theology*, in: F.T. Birtel: *Reasoned Faith. Essays on the Interplay of Faith and Reason*, New York 1993, 126–140.

- 516 *The Churches and the Emergence of European Unity*, in: Grace Davie / Robert Gill / Stephen Platten (Hgg.): *Christian Values in Europe*, Cambridge 1993, 34–45.
- 517 *Feminine Language about God?*, in: *The Asbury Theological Journal* 48 (1993) H. 2, 27–29.

1994

- 518 *Wahrheit statt Gleichgültigkeit*, in: *Evangelische Kommentare* 27 (1994), 134–135 (Antwort an Wilfried Gerhard).
- 519 *Maßstäbe zur kirchlichen Urteilsbildung über Homosexualität*, in: *Zeitwende* 65 (1994), 1–4.
- 520 *Die Kirchen und die entstehende Einheit Europas*, in: *IKZ Communio* 23 (1994), 124–136.
- 521 *Neuer katholischer Katechismus: So manche Enttäuschung für die Ökumene. Wolfhart Pannenberg urteilt aus evangelischer Sicht*, in: *Bayernkurier* Jg. 45 (1994) Nr. 14 vom 9.4.1994, 15.
- 522 *Theologie der Schöpfung und Naturwissenschaft*, in: *Zeitwende* 65 (1994), 146–154.
- 523 *Die Auferstehung Jesu – Historie und Theologie*, in: *ZThK* 91 (1994), 318–328.
- 524 *Gott regiert das Universum* (Rezension von F. Tipler: *Die Physik der Unsterblichkeit*, 1994), in: *Rheinischer Merkur* (Christ und Welt) 1994, Nr. 28 (15. Juli 1994), 25.
- 525 *Christianity and the West: Ambiguous Past, Uncertain Future*, in: *First Things* 48 (1994), 18–23.
- 526 *Lehrverurteilungen – kirchentrennend? IV. Antworten auf kirchliche Stellungnahmen*, hg. von W. Pannenberg und T. Schneider, Göttingen 1994.
- 527 *Angst um die Kirche?* In: K.F. Daiber u.a.: *Angst um die Kirche?*, WeimarJena 1994, 47–67 (vollständige Fassung des unter Nr. 514 gekürzt erschienenen Vortrags).
- 528 *Teologia Sistemática Vol. 2* (italienische Übersetzung von Nr. 482), Brescia 1994.
- 529 *Offenbarung als Kategorie philosophischer Theologie*, in: M.M. Olivetti (Hg.): *Filosofia della rivelazione* (*Archivio di Filosofia* 62 [1994]), 1994, 867–874.
- 530 *Die Kontingenz der geschöpflichen Wirklichkeit*, in: *ThLZ* 119 (1994), 1049–1058.
- 531 *La dottrina della predestinazione di Duns Scoto nel contesto dello sviluppo della dottrina scolastica* (italienische Übersetzung von Nr. 2 mit einer Prefazione all’edizione italiana, 7–9), Milano 1994.

1995

- 532 *Projekt: Lehrverurteilungen. Stellungnahme von Prof. Wolfhart Pannenberg zum Leitartikel „Nochmals: Lehrverurteilungen – kirchentrennend?“ im*

- Materialdienst MD 6/94, in: Materialdienst des konfessionskundlichen Instituts Bensheim 2/1995, 27–28.
- 533 Die Aufgabe christlicher Eschatologie, in: ZThK 92 (1995), 71–82.
- 534 Catechism of the Catholic Church. An Evangelical Viewpoint, in: Pro Ecclesia 4 (1995), 49–58.
- 535 Eine evangelische Stellungnahme zum Weltkatechismus der katholischen Kirche, in: KuD 41 (1995), 2–12.
- 536 Geist gegen Zeitgeist. Gespräch mit dem Theologen Wolfhart Pannenberg, in: Evangelische Kommentare 28 (1995), 265–269.
- 537 Breaking a Taboo: Frank Tipler's Physics of Immortality, in: Zygon 30 (1995), 309–314.
- 538 Gospel and Church: The Proposed Concordat between Lutheran and Episcopal Churches in the USA, in: R.E. Radner / R.R. Reno, Inhabiting Unity, 1995, 71–75.
- 539 Chinesische Übersetzung von Nr. 392, Hongkong 1994.
- 540 El discurs de la ciència i la teologia, in: Pensament científic i fe cristiana, Barcelona 1994, 111–127.
- 541 Das Glaubensbekenntnis: ausgelegt und verantwortet vor den Fragen der Gegenwart, Gütersloh ⁶1995.
- 542 Verbindliches Zeugnis II: Schriftauslegung – Lehramt – Rezeption, hg. von Wolfhart Pannenberg und Theodor Schneider, Freiburg-Göttingen 1995; darin: Zum Stand der Diskussion im Ökumenischen Arbeitskreis (9–12), und: Bleiben in der Wahrheit als Thema reformatorischer Theologie (122–134).
- 543 Christianity and Secularism, in: The Asbury Theological Journal 50 (1995), 27–35.
- 544 Theology of Creation and Natural Science, in: ebd., 5–15.
- 545 The Emergence of Creatures and Their Succession in a Developing Universe, in: ebd., 17–25.
- 546 Das Evangelium als Ferment in den Umbrüchen Europas, 6. Leuterheider Forum: Das Christentum – Gestaltungsprinzip europäischer Zukunft (1994), Krefeld 1995, 66–76.
- 547 God's Love and the Kenosis of the Son: A Response to Masao Abe, in: C. Ives: Divine Emptiness and Historical Fullness. A Buddhist-Jewish-Christian Conversation with Masao Abe, Valley Forge 1995, 244–250.
- 548 Theologie der Schöpfung und Naturwissenschaft, in: J. Dorschner / M. Heller / W. Pannenberg: Mensch und Universum. Naturwissenschaft und Schöpfungsglaube im Dialog, Regensburg 1995, 146–162; auch in: Studies in Science and Theology 3 (1995), 81–93.
- 549 Das Wirken Gottes und die Dynamik des Naturgeschehens, in: Urknall oder Schöpfung. Zum Dialog von Naturwissenschaft und Theologie, hg. von W. Gräb, Gütersloh 1995, 139–152.
- 550 Cztowiek, wolnosc, Bóg, Wydawnictwo Znak (polnische Übersetzung von Nr. 186 und 437), Kraków 1995.
- 551 The Churches and the Emergence of European Unity, in G.R. Evans / M. Gourgues: Communion et Réunion. Mélanges Jean Marie Roger Tillard, Löwen 1995, 415–422.
- 552 Le ministère ecclésial et l'unité de l'Eglise, Istina 40 (1995), 190–201.

- 553 Los fundamentos morales de la sociedad moderna, el evangelio y la Iglesia, in: Juan Antonio Martínez Camino (Hg.): *Libertad de Verdad. Sobre al „Veritatis Splendor“*, Madrid 1995, 205–220.
- 554 Formes fondamentales d'une conception chrétienne du salut, in: *Le Salut Chrétien. Publications de l'Académie internationale des sciences religieuses* 1995, Paris 1995, 11–25.
- 555 Überlegungen zum Problem der Bekenntnishermenteutik in den evangelischen Kirchen, in: *KuD* 41 (1995), 292–302.
- 556 Ein theologischer Rückblick auf die Metaphysik, in: *Heidelberger Jahrbücher* 39 (1995), 19–23.

1996

- 557 *Grundlagen der Ethik. Philosophisch-theologische Perspektiven*, Göttingen 1996.
- 558 *Anbrechende Zukunft. Jürgen Moltmanns Eschatologie*, in: *Evangelische Kommentare* 29 (1996), 76–78.
- 559 *La Teologia della Speranza*, Interview mit W. Pannenberg von Andrea Porcarelli, in: *I martedì* 19, Dicembre 1995 (Bologna), 44–45.
- 560 *Quando si dimentica lo scandalo della croce*. Interview mit W. Pannenberg von Giovanni Ferró, in: *Jesus* 18, 1996/2, 70–71.
- 561 *Biblische Aussagen verdreht oder verschwiegen. Eine Analyse des rheinischen Kirchenpapiers „Sexualität und Lebensformen“*, in: *Idea* 23 (1996) vom 22. Febr. 1996, I–III.
- 562 *Zur Begründung der Lehre von der Schriftinspiration*, in: M. Seitz / K. Lehmkuhler: *In der Wahrheit bleiben. Dogma – Schriftauslegung – Kirche* (FS Reinhard Slenczka zum 65. Geburtstag), Göttingen 1996, 156–159.
- 563 *La secularizacion del Cristianismo y el origen de la modernidad*, in: P. Alvarez Lázaro (Hg.): *Librepensamiento y secularizacion en la Europa contemporanea*, Madrid 1996, 373–390.
- 564 *Verbindliche Normen ohne Gott?*, in: C. Gestrich (Hg.): *Ethik ohne Religion?*, Berlin 1996, 87–96.
- 565 *Chiesa come comunione dei credenti*, in: *Humanitas* 51 (1995), 818–834. 566 *Baptism as remembered ‚ecstatic‘ identity*, in: D. Brown / A. Loades: *Christ. The Sacramental Word. Incarnation, Sacrament and Poetry*, London 1996, 77–88.
- 567 *History and the Reality of the Resurrection*, in: G.D'Costa (Hg.): *Resurrection Reconsidered, One world*, Oxford 1996, 62–72.
- 568 *How to Think About Secularism*, in: *First Things* 64 (1996), 27–32.
- 569 *You May Not Lie With a Male*, in: *Lutheran Forum* 30 (1996), 28–29.
- 570 *Geist als Feld – nur eine Metapher?*, in: *Theologie und Philosophie* 71, (1996), 257–260.
- 571 *Theologie und Philosophie. Ihr Verhältnis im Lichte ihrer gemeinsamen Geschichte*, Göttingen 1996.
- 572 *Teologia Sistemática Vol. 2, introd. y revision Juan A. Martinen Camino* (spanische Übersetzung von Nr. 482 durch G.C. Marcos), Madrid 1996.
- 573 *Die Überwindung der gegenseitigen Verurteilungen als Schritt zur kirchlichen Gemeinschaft*, in: J. Brosseder (Hg.): *Von der Verwerfung zur Versöhnung*.

- Zur aktuellen Diskussion um die Lehrverurteilungen des 16. Jahrhunderts, Neukirchen 1996, 31–49.
- 574 Schleiermachers Schwierigkeiten mit dem Schöpfungsgedanken (= Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, Phil.-hist. Klasse Heft 3), München 1996.
- 575 Der „Vater im Glauben“ – Luthers ökumenische Aktualität, in: U. Hahn / M. Mügge (Hgg.): Martin Luther – Vorbild im Glauben. Die Bedeutung des Reformators im ökumenischen Gespräch, Neukirchen 1996, 76–86.
- 576 Die Kontingenz der geschöpflichen Wirklichkeit, in: G. Eifler u.a. (Hgg.): Zufall. Mainzer Universitätsgespräche 1994/95 (Studium Generale der Johannes Gutenberg-Universität), Mainz 1995, 161–176.
- 577 The Pope in Germany, in: *First Things* 68 (1996), 6–8.
- 578 La Doctrina de la Trinidad en Hegel y su recepcion en la teologia alemana, in: *Estudios trinitarios* 30 (1996), 35–51.
- 579 Das Christentum – eine Religion unter anderen?, Theologische Schriftenreihe des Johanniterordens 1 (1996) (vgl. Nr. 495).
- 580 A First Step Toward Restoring Ecclesial Communion. Response to Avery Dulles, in: *Dialog* 36 (1997), 62–64.
- 581 Über die Theologie der Schöpfung und die Naturwissenschaft, in: H.-P. Dürr / K. M. Meyer-Abich / H.-D. Mutschler / W. Pannenberg / F. Wuketits: Gott, der Mensch und die Wissenschaft, Augsburg 1997, 189–201 (außerdem Mitarbeit am ganzen Band).
- 582 Die Frage nach Gott als Schöpfer und die neuere Kosmologie, in: *Homiletisch-Liturgisches Korrespondenzblatt N.F.* 14 (1996/97) Nr. 54, 133–143.
- 583 *Teologia Sistemática* Vol. 3 (italienische Übersetzung von Nr. 503), Brescia 1996.

1997

- 584 Die christliche Hoffnung auf die Auferstehung der Toten und die Naturphilosophie, in: *Evangelium und Wissenschaft. Beiträge zum interdisziplinären Gespräch* 31 (1997), 23–28.
- 585 *Problemgeschichte der neueren evangelischen Theologie in Deutschland. Von Schleiermacher bis zu Barth und Tillich*, Göttingen 1997.
- 586 Vorwort zu: Eric Voegelin, *Evangelium und Kultur. Das Evangelium als Antwort*, hg. mit einem Nachwort H. Winterholler, München 1997, 7–12. 587 *Papież i ekumenia*, in: *Znak* XLIX, Kraków 1997, 503, 46–49.
- 588 Four Essays, in: C.R. Albright / J. Hangen (Hgg.): *Beginning with the End: God, Science and Wolfhart Pannenberg*, Chicago 1997, 37–89; sowie: ebd., 427–443: *Theological Appropriation of Scientific Understandings*.
- 589 Problems in a Theology of (only) the Old Testament, in: H.T.C. Sund / K.L. Eades (Hgg.): *Problems in Biblical Theology – Essays in Honor of Rolf Knierim*, Grand Rapids 1997, 275–280.
- 590 On the Inspiration of Scripture, in: *Theology Today* 52, 2 (Juli 1997), 212–215 (vgl. Nr. 562).
- 591 Das Christentum – eine Religion unter anderen?, in: J. Doré (Hg.): *Le christianisme vis-a-vis des religions*, Namur 1997, 215–228 (vgl. Nr. 579). 592 Evangelische Überlegungen zum Petrusdienst des römischen Bischofs, in: P.

- Hünemann (Hg.): Papstamt und Ökumene. Zum Petrusdienst an der Einheit aller Getauften, Regensburg 1997, 43–60.
- 593 Gott der Schöpfer und die Kosmologie, in: Glaube und Denken. Jahrbuch der Karl-Heim-Gesellschaft 10 (1997), 11–27.
- 594 La tarea de la escatología cristiana, in: Selecciones de teología 144 (1997), 265–274 (vgl. Nr. 533).
- 595 Systematic Theology Vol. 3, (englische Ausgabe von Nr. 503), Grand Rapids 1997.
- 596 Der Geburt kosmische Dimension, in: Bayernkurier Jg. 48 (1997) Nr. 52, 17.

1998

- 597 Rezension von Markwart Herzog: Descensus ad Inferos, Frankfurt 1997, in: ThLZ 122 (1997), 1151–1153.
- 598 The Historical Jesus as a Challenge to Christology, in: Dialog 37 (1998), 22–27.
- 599 Neue Konsense, entschärfte Gegensätze und protestantische Ängste, in: Idea Informationsdienst 16 (1998) vom 5.2.1998, I–IV.
- 600 Übereinstimmung in christlichen Grundwahrheiten. Thesen zur „Gemeinsamen Erklärung zur Rechtfertigungslehre“, in: Evangelisches Gemeindeblatt für Württemberg 93 (1998), 6 (8.2.1998), 4.
- 601 When Everything is permitted, in: First Things 80 (1998), 26–30.
- 602 Evangelische Überlegungen zum Petrusdienst des römischen Bischofs, in: Zeitwende 69 (1998), 13–25 (vgl. Nr. 592).
- 603 Fondamenti dell’etica. Prospettive filosofico-teologiche (italienische Übersetzung von Nr. 557 durch M. Zanini), Brescia 1998.
- 604 Eine Antwort, in: Lo Statuto della Teologia Morale Fondamentale, Pontificia Università Lateranense 1997 a cura die Livio Melina, Città del Vaticano 1997, 71–80; auch in: Anthropotes 13 (1997), 485–492.
- 605 Ostersonntag. 1. Korinther 15,1–11. Exegetisch-systematische Besinnung und Predigt, in: Homiletisch-Liturgisches Korrespondenzblatt N.F. 15 (1997/98), 58, 197–203.
- 606 Ecumenical Anxieties, in: First Things 84 (1998), 68–70.
- 607 Die Bedeutung des Alten Testaments für den christlichen Glauben, in: Jahrbuch für Biblische Theologie 12 (1997), 181–192.
- 608 Il significato cristiano del dolore, in: KOS Rivista di medicina, cultura e scienze umane 152 (1998), 42–45.
- 609 Leserbrief (Antwort auf Leserbrief von E. Jüngel, FAZ 29.1.1998) in: epdDokumentation 11 vom 9.3.1998, 48.
- 610 Lutherans and Episcopacy, in: C. Podmore (Hg.): Community – Unity – Communion, Essays in Honour of Mary Tanner, London 1998, 183–188.
- 611 Masao Abe in my encounter with Buddhism, in: D.W. Mitchell (Hg.): Masao Abe, a Zen Life of Dialogue, Boston u.a. 1998, 208–210.
- 612 Human Life: Creation versus Evolution?, in: T. Peters (Hg.): Science and Theology. The New Consonance, Boulder Colorado 1998, 137–148; auch in: University of Pennsylvania. The Boardman Lectureship in Christian Ethics XXXV (1998), 21–28.

- 613 Die lutherische Tradition und die Frage eines Petrusdienstes an der Einheit der Christen, in: *Il Primato del Successore di Pietro. Atti del Simposio teologico*, Roma dicembre 1996, Città del Vaticano 1998, 472–475.
- 614 A Lutheran's Reflections on the Petrine Ministry of the Bishop of Rome, in: *Communio. International Catholic Review* 25 (1998), 604–618.
- 615 New Dimensions in Church and Culture. God in European Society and the End of the Twentieth Century, in: D.S. Dockery (Hg.): *New Dimensions in Evangelical Thought* (FS M.J. Erickson), Downers Grove 1998, 366–373.
- 616 Theses to the „Joint Declaration“ about Justification, in: *Pro Ecclesia* 7 (1998), 135–137.

1999

- 617 The Resurrection of Jesus. History and Theology (englische Übersetzung von Nr. 523 durch G. Schroeder), in: *Dialog* 38 (1999), 20–25.
- 618 Rezension von J. Ratzinger: Vom Wiederauffinden der Mitte. Grundorientierungen. Texte aus vier Jahrzehnten, hg. vom Schülerkreis, in: *ThLZ* 124 (1999), 20–22.
- 619 Teologia e filosofia. Il loro rapporto alla luce della storia comune (italienische Übersetzung von Nr. 571 durch G. Sansonetti), Brescia 1999.
- 620 Die Gemeinsame Erklärung zur Rechtfertigungslehre aus evangelischer Sicht, in: J.B. Hilberath / W. Pannenberg (Hgg.): *Zur Zukunft der Ökumene. Die „Gemeinsame Erklärung zur Rechtfertigungslehre“*, Regensburg 1999, 70–78.
- 621 Unbekümmert um die Moden der Zeit, in: A. Länge (Hg.): *Worauf ich hoffe. Gedanken und Wünsche an der Schwelle zum neuen Jahrtausend*, Wuppertal 1999, 64–67.
- 622 Das christliche Inkarnationsdogma als Thema der Philosophie, in: M. Olivetti (Hg.): *Incarnation* (Bibliotheca dell'Archivio di Filosofia), Padua 1999, 503–508.
- 623 „Uno è buono“ (Mt 19,17), in: L. Melina / J. Noriega (Hgg.): *Domanda sul bene e domanda su Dio*, Mursia (Pontificia Università Lateranense) 1999, 25–33.
- 624 The Rationality of Christian Theism, in: G. Brüntrup / R. Tacelli (Hgg.): *The Rationality of Theism*, Kluwer 1999, 11–19.
- 625 Teologia Systematica Vol. III (rumänische Übersetzung von Nr. 503 durch G. Remete), Alba Julia 1999.
- 626 Bibel und Philosophie in der protestantischen Theologie, in: *Euntes Docete* 52 (1999), 123–131.
- 627 Philosophie, Religion, Offenbarung. Beiträge zur Systematischen Theologie Bd. 1, Göttingen 1999.
- 628 Die Ökumene als Wirken des Hl. Geistes, in: S. Leimgruber (Hg.): *Gottes Geist bei den Menschen. Grundfragen und spirituelle Anstöße*, München 1999, 68–77.
- 629 Gemeinsame Erklärung zur Rechtfertigungslehre, in: *Stimmen der Zeit* 217 (1999), 723–726.
- 630 La contribución di Martin Lutero a la espiritualidad cristiana, in: *Miscelánea Comillas* 57 (1999), 469–474.
- 631 Il linguaggio teologico tra la prospettiva di totalità ontologica e la frammentarietà del sapere, in: *Protestantesimo* 54 (1999), 357–366.

- 632 Glaube, Vernunft und die Zukunft des Christentums. Ein Gespräch mit Wolfhart Pannenberg, von J. Sánchez de Murillo, in: Edith-Stein-Jahrbuch 5 (1999), 15–34.

2000

- 633 Chinesische Teilübersetzung von Nr. 83 (Kap. 1: Der Ausgangspunkt), in: Logos & Pneuma. Chinese Journal of Theology 12 (2000), 89–152.
- 634 Natur und Mensch – und die Zukunft der Schöpfung. Beiträge zur Systematischen Theologie Bd. 2, Göttingen 2000.
- 635 Die Gerechtigkeit des Glaubens, in: R. Liggendorfer / B. Muth-Oelschner (Hgg.): Anleitungen und Rezepte für eine Kirche der Hoffnung (FS K. Koch), Freiburg i.Br. 2000, 20–23.
- 636 Eternity, Time and the Trinitarian God, in: Dialog 39 (2000), 9–14.
- 637 A Trinitarian Synthesis (R. Jenson's Systematic Theology I & II), in: First Things 103 (2000), 40–53.
- 638 Rezension von Werner Beierwaltes: Platonismus im Christentum, Frankfurt a.M. 1998, in: Theologische Revue 96 (2000), 150–151.
- 639 Hintergründe des Streites um die Rechtfertigungslehre in der evangelischen Theologie (= Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, Phil.-hist. Klasse Heft 3), München 2000.
- 640 Evangelische Überlegungen zum Petrusdienst des römischen Bischofs, in: H. Schütte (Hg.): Im Dienst der einen Kirche. Ökumenische Überlegungen zur Reform des Papstamtes, Frankfurt-Paderborn 2000, 173–187 (vgl. Nr. 599).
- 641 Dáb og identitet (dänische Teilübersetzung von Nr. 503, Kap. 3,1 durch H.E. Konsø u.a.), Aarhus 2000.
- 642 Kirche und Ökumene. Beiträge zur Systematischen Theologie Bd. 3, Göttingen 2000.
- 643 Eternity, Time and the Trinitarian God, in: C.E. Gunton (Hg.): Trinity, Time and Church. A Response to the Theology of Robert W. Jenson, Grand Rapids 2000, 62–70 (vgl. Nr. 636).
- 644 Storia i problemi della teologia evangelica contemporanea in Germania. Da Schleiermacher fino a Barth e Tillich (italienische Übersetzung von Nr. 585 durch G. Sansonetti), Brescia 2000.
- 645 Senza Dio tutto è lecito, intervista a Wolfhart Pannenberg a cura di Mauricio Pagano, in: G. Cingolani / O. Urpis (Hgg.): Luci sull'immortalità (Futuribili 2–3, 1999), Milano 2000, 24–27.

2001

- 646 Präsentische Eschatologie in Hegels Geschichtsphilosophie, in: R. Bubner / W. Mesch (Hgg.): Die Weltgeschichte – das Weltgericht? Stuttgarter Hegelkongreß 1999, Stuttgart 2001, 312–322.
- 647 Una historia de la filosofía desde la idea de Dios. Teología y filosofía (spanische Übersetzung von Nr. 571 durch R.F. de Mururi Duque), Salamanca 2001.
- 648 Freude des Glaubens: Predigten, München 2001.

- 649 *Metafísica e idea de Dios* (spanische Übersetzung von Nr. 437 durch M. Abella), Madrid 1999.
- 650 *The Christian Interpretation of Suffering*, in: B. Ars (Hg.): *The Meaning of Medicine. The Human Person*, Den Haag 2001, 119–129 (vgl. Nr. 608).
- 651 *Die religiöse Erhebung über das endliche Dasein zu Gott*, in: *Euntes Docete* 54 (2001), 15–23.
- 652 *Die Einzigkeit Jesu Christi und die Einheit der Kirche. Anmerkungen zu der Erklärung der vatikanischen Glaubenskongregation „Dominus Jesus“*, in: *KuD* 47 (2001), 203–209; auch in polnischer Übersetzung: *Jesus Christus i jednoc Kosciola*, in: *Znak* LIII, 552 (2001), 48–55.
- 653 *Theology in the Context of Modern Culture (A Series of Special Lectures by Distinguished Scholars)*, Seoul 2001.
- 654 Artikel „Unendlichkeit“ in: *Historisches Wörterbuch der Philosophie* 11, Basel 2001, 140–146.
- 655 *The Christian Interpretation of Suffering*, in: A.T. Tymieniecka / E. Agazzi (Hgg.): *Life – Interpretation and the Sense of Illness within the Human Condition. Medicine and Philosophy in Dialogue (Analecta Husserliana LXXII)*, Dordrecht 2001, 203–224 (vgl. 650).
- 656 *Treeinigheden og vor evige skabelse* (dänische Auswahlübersetzung aus *Systematische Theologie* Bde. 1 und 3 durch H.E. Kongsø u.a.; vgl. Nr. 436, Nr. 503), Aarhus 2001.
- 657 *God as Spirit – and Natural Science*, in: *Zygon* 36 (2001), 783–794.
- 658 *Response to John Polkinghorne*, in: *Zygon* 36 (2001), 799–800.
- 659 „*Extra nos*“. Ein Beitrag zur christlichen Frömmigkeit, in: A. Raffelt (Hg.): *Weg und Weite* (FS K. Lehmann), Freiburg i.Br. 2001, 197–205.

2002

- 660 Rezension von Johannes Duns Scotus: *Über die Erkennbarkeit Gottes*, hg. und übersetzt von H. Kraml, in: *ThLZ* 127 (2002), 214–215.
- 661 *Fortschritt und Vollendung der Geschichte, Weiterleben nach dem Tode und Auferstehung des Menschen im Christentum*, in: P. Koslowski (Hg.): *Fortschritt, Apokalyptik und Vollendung der Geschichte und Weiterleben des Menschen nach dem Tode in den Weltreligionen (Diskurs der Weltreligionen 4)*, München 2002, 103–113.
- 662 *Una historia de la filosofía desde la idea de Dios* (spanische Übersetzung von Nr. 571), Salamanca 2002.
- 663 *The Task of Christian Eschatology*, in: C.E. Braaten / R. Jenson (Hgg.): *The Last Things. Biblical and Theological Perspectives on Eschatology*, Grand Rapids 2002, 1–13.
- 664 *La recherche dogmatique aujourd’hui*, in : F. Bousquet u.a. (Hgg.): *La responsabilité des Théologiens. Mélanges offerts à Joseph Doré*, Paris 2002, 827–835.
- 665 Foreword, in: A. Stirling (Hg.): *The Trinity. An Essential for Faith in Our Time*, Nappanee 2002, VII–X.

- 666 Resurrection – the Ultimate Hope, in: K. Tanner / Chr.A. Hall (Hgg.): *Ancient and Postmodern Christianity. Essays in Honor of Thomas C. Oden*, Downers Grove 2002, 254–262.
- 667 Dìo come spirito e le scienze naturale, in: *Lateranum* LXVIII, 1 (2002), 9–21.
- 668 A Symposium on Dabru Emet. Wolfhart Pannenberg, in: *Pro Ecclesia* 11 (2002), 8–9.
- 669 Anglikanismus und Ökumene, in: *KuD* 48 (2002), 197–202.
- 670 The Concept of Miracle, in: *Zygon* 37 (2002), 759–762.
- 671 Rezension von A.E. McGrath: *A Scientific Theology, Vol. 1: Nature*, Grand Rapids 2001, in: *Theology Today* 59 (2002), 312–316.
- 672 Bestimmung und Transzendenz des Menschen, in: *Leben und Wissen. Symposium zu Ehren von Hans Tuppy*, hg. von der Österreichischen Forschungsgemeinschaft, Wien 2002, 37–48.
- 673 Wir werden ihn sehen von Angesicht (1. Joh. 3,2), in: *Il volto dei Volti. Christo, a cura dell’Istituto Internazionale di ricerca sul volto di Cristo*, Gorle 2002, 47–52.
- 674 Rezension zu: *Facing Up: Science and its Cultural Adversaries*, by Steven Weinberg, in: *First Things* 125 (2002), 64–66.
- 675 Cristianesimo e filosofia, in: *Filosofia e Teologia* XVI (2002), 431–437.
- 676 Tod und Sünde, in: *Mysterium Redemptionis, Congresso de Fatima (9.– 12. Mai 2001)*, Fatima 2002, 31–45.

2003

- 677 Letter from Germany, in: *First Things* 131 (2003), 8–11.
- 678 Japanische Übersetzung von Nr. 557 durch Kyo Bun Kwan, Tokio 2003.
- 679 Die Auferstehung als historische Tatsache. Ausschlaggebend sind die Augenzeugen, in: *Bayernkurier* Jg. 53 (2003) Nr. 16 vom 17.4.2003, 18.
- 680 God en de opstanding – een antwoord aan Sjoerd L. Bonting ... door Wolfhart Pannenberg, in: *Gamma, Stichting Teilhard de Chardin, Heiloo (NL)*, Jg. 10 (2003) Nr. 2, 10–14.
- 681 Tod und Sünde, in: *Berliner Theologische Zeitschrift* 20 (2003), 103–110.
- 682 Die weltgründende Funktion des Mythos und der christliche Offenbarungsglaube, in: W. Barner / A. Detken / J. Wesche (Hgg.): *Texte zur modernen Mythen Theorie*, Stuttgart 2003, 265–276.
- 683 Geschichtliche Offenbarung Gottes und ewige Trinität, in: *KuD* 49 (2003), 236–246.
- 684 A Symposium on Dabru Emet, in: C.E. Braaten / R. Jenson (Hgg.): *Jews and Christians – people of God*, Grand Rapids 2003, 183–185 (vgl. Nr. 668).
- 685 Chinesische Übersetzung von Nr. 41, in: *Logos & Pneuma, Chinese Journal of Theology* 19 (2003), 44–68.
- 686 Teologia della creazione, in: *Il Regno* 48 (2003), Bologna, 508–514.
- 687 Il linguaggio Teologico tra la prospettiva di totalità ontologica e la frammentarietà del sapere, in: *Linguaggi dell’ontologia. Atti del VIII Colloquio su filosofia e religione*, Macerata, 13–15 maggio 1999, a cura di Giovanni Ferretti, Macerata 2003, 67–77 (vgl. Nr. 631).

2004

- 688 Der eine Gott als der wahrhaft Unendliche und die Trinitätslehre, in: F. Menegoni / L. Illetterati (Hgg.): Das Endliche und das Unendliche in Hegels Denken. Hegelkongress in Padua und Montegrotto Terme 2001 (Veröffentlichungen der Internationalen Hegel-Vereinigung 23), Stuttgart 2004, 175–185.
- 689 Der ökumenische Weg seit dem II. Vatikanischen Konzil – aus evangelischer Sicht, in: KuD 50 (2004), 17–24.
- 690 Death and Sin, in: Theology Digest 51 (2004), 35–40.
- 691 Koreanische Übersetzung von Nr. 222 durch Sung-Soo Choi, 2004.
- 692 “Fundamentaltheologie“ als anthropologische Grundlegung einer Theologie der Religion und der Religionen?, in: M. Petzoldt (Hg.), Evangelische Fundamentaltheologie in der Diskussion, Leipzig 2004, 195–204.
- 693 Beiträge zur Ethik, Göttingen 2004.
- 694 Das Verhältnis unserer Begriffe von Raum und Zeit zum Gedanken der Ewigkeit, in: O. Reinke (Hg.): Ewigkeit? Klärungsversuche aus Natur- und Geisteswissenschaften, Göttingen 2004, 102–109.
- 695 Defectus ordinis? Zum Verhältnis von Bischofsamt und Pfarramt aus lutherischer Sicht, KNA Ökumenische Information 35 (2004), 3–5.
- 696 Fine della metafisica? in: Humanitas 59 (2004), 425–433.
- 697 “Outside us“ – Luther’s Contribution to Christian Piety, in: Luther Digest 12 (2004), 65–69.
- 698 Luther’s Contribution to Christian Spirituality, in: Luther Digest 12 (2004), 70–73.
- 699 Ein Nachwort als Dank, in: K. Koschorke / J. Moltmann / W. Pannenberg: Wege zu einer trinitarischen Eschatologie, München 2004, 23–26.
- 700 Die Frage nach Gott als Schöpfer der Welt und die Kosmologie, in: H.A. Müller (Hg.): Kosmologie. Fragen nach einer Evolution und Eschatologie der Welt, Göttingen 2004, 197–208.
- 701 Der eine Gott als der wahrhaft Unendliche und die Trinitätslehre, in: I.U. Dahlferth u.a. (Hgg.): Denkwürdiges Geheimnis. Beiträge zur Gotteslehre (FS Eberhard Jüngel zum 70. Geburtstag), Tübingen 2004, 417–426 (vgl. Nr. 688).
- 702 Ökumenische Aufgaben im Verhältnis zur römisch-katholischen Kirche, in: KuD 50 (2004), 260–270.
- 703 Geist und Bewusstsein, in: Theologie und Philosophie 79 (2004), 481–490. 704 Teologie della creazione e scienze naturali, in: Valentino Maraldi (Hg.): Teologie della creazione e scienze della natura. Atti del Convegno „Teologie della creazione e scienze della natura. “Vie per un dialogo in prospettiva interreligiosa“, Trento, 28–29 maggio 2003, Bologna 2004, 101–116.

2005

- 705 Eternity, Time and Space, in: Zygon 40 (2005), 97–106.
- 706 Versöhnung mit Gott, in: Bayernkurier Jg. 56 (2005) Nr. 11 vom 1.3.2005, 18.
- 707 Vorwort zur Neuausgabe der ”Ökumenischen Dogmatik“ von Edmund Schlink (= Edmund Schlink, Schriften zu Ökumene und Bekenntnis 2), Göttingen 2005, VII–IX.
- 708 Notes on the Alleged Conflict between Religion and Science, in: Zygon 40 (2005), 585–588.

- 709 Japanische Übersetzung von Nr. 477, Tokyo 2005.
- 710 Die Freiheit eines Christenmenschen und das Problem der Wahlfreiheit, in: N. Elsner / G. Luer (Hgg.): "sind eben alles Menschen". Verhalten zwischen Zwang, Freiheit und Verantwortung, Göttingen 2005, 281–293.
- 711 Tareas ecuménicas en relación con la iglesia católica romana (spanische Übersetzung von Nr. 702), in: *Selecciones de Teologia* 44 (2005) Nr. 176, 331–338.
- 712 Rendszeres Teológia 1 (ungarische Übersetzung von Nr. 436 durch Osiris Kiadó), Budapest 2005.
- 713 Apostolsko vjerovanje pred pitanjima danasnjice (kroatische Übersetzung von Nr. 185), Zagreb 2005.

2006

- 714 Die bleibende Relevanz der Erkenntnislehre des Kusaners, in: Nicolai de Cusa Opera Omnia. Symposium zum Abschluß der Heidelberger Akademie-Ausgabe (Heidelberg 11. und 12. Februar 2005), hg. von W. Beierwaltes und H.G. Senger, Heidelberg 2006, 147–162.
- 715 Problems between Science and Theology in Modern History, in: *Zygon* 41 (2006), 105–112.
- 716 Der Glaube an Gott und die Welt der Natur, in: *ThLZ* 113 (2006), 123–130.
- 717 Raum, Zeit und Ewigkeit, in: Chr. Böttigheimer / H. Filser (Hgg.): Kircheneinheit und Weltverantwortung (FS Peter Neuner), Regensburg 2006, 209–219.
- 718 An Intellectual Pilgrimage (Plenary Address at AAR Meeting at Philadelphia Nov. 18, 2005), in: *Dialog* 45 (2006), 184–191.
- 719 Morality, Ethics and God, in: A.J. Torrance / M. Banner: *The Doctrine of God and Theological Ethics*, London 2006, 47–54.
- 720 Der offenbarungstheologische Ansatz in der Trinitätslehre, in: M. Welker / M. Volf (Hgg.): *Der lebendige Gott als Trinität. Jürgen Moltmann zum 80. Geburtstag*, Gütersloh 2006, 13–22.
- 721 Ecumenical Tasks in Relationship to the Roman Catholic Church, in: *Pro Ecclesia* XV (2006), 161–171.
- 722 Der Glaube an Gott und die Welt der Natur, in: S.J. Lederhilger (Hg.): *Mit Gott rechnen. Die Grenzen der Naturwissenschaft und Theologie*, Frankfurt a.M. 2006, 15–24 (vgl. Nr. 716).
- 723 Contributions from Systematic Theology, in: Ph. Clayton (Hg.): *The Oxford Handbook of Religion and Science*, Oxford 2006, 359–371.
- 724 La resurrezione come speranza umana e come evento storico, in: *La resurrezione – mistero del desiderio. Un dialogo interdisciplinare. Atti del X Colloquio su filosofia e religione*, Macerata, 27–29 maggio 2004, a cura di Giovanni Ferretti, Macerata 2006, 31–42.
- 725 Eine Einführung zu den christlichen Bildgehalten, Rezension von F.A. v. Metzsch (Hg.): *Bild und Botschaft I–III*, München, in: *Das Münster. Zeitschrift für christliche Kunst und Kunstwissenschaft* 59 (2006), 308 f.
- 726 Metaphysik und Offenbarung. Eine Betrachtung aus reformatorischer Sicht, in: *PATH (Pontificia Accademia di Teologia)* 5 (2006), 425–433.

- 727 Chinesische Übersetzung von Nr. 571 durch das Institute of Sino-Christian Studies, Hongkong 2006.
- 728 Metafizika és istengondolat (ungarische Übersetzung von Nr. 437), Budapest 2006.
- 729 Rendszerez Teológia 2 (ungarische Übersetzung von Nr. 482 durch Osiris Kiadó), Budapest 2006.

2007

- 730 Analogie und Offenbarung. Eine kritische Untersuchung zur Geschichte des Analogiebegriffs in der Lehre von der Gotteserkenntnis, Göttingen 2007.
- 731 Predigt über Lk 13,1–5: Glaube an Gottes rettenden Willen, in: H. Schneider (Hg.), Gebete und Predigten zu Ehren des seligen Johannes Duns Scotus, Mönchengladbach 2007, 52–55.
- 732 Divine Economy and Eternal Trinity, in: D.H. Knight (Hg.): The Theology of John Zizioulas. Personhood and the Church, Hampshire 2007, 79–86 (vgl. Nr. 683).
- 733 Der Glaube an Gott und die Welt der Natur, in: Confessio Augustana. Das lutherische Magazin für Religion, Gesellschaft und Kultur I/2007, 21–29 (vgl. Nr. 716 und Nr. 722).
- 734 God of the Philosophers, in: First Things 174 (2007), 31–34.
- 735 Was konstituiert das Ich und seine Identität? Überlegungen zu Erik H. Erikson, in: U. Schwab (Hg.), Erikson und die Religion. Beiträge zur Rezeption der Theorie Erik H. Eriksons in der Gegenwart, Berlin 2007, 96–98. 736 Afterword: Faith in God and the World of Nature, in: Intelligent Design, ed. Robert B. Stewart, Minneapolis 2007, 210–218.
- 737 Neutralität des Staates gegenüber der Religion? Vortrag vor dem politischen Club Tutzing (12.3.2005), in: Ph. Jenninger / R. Peter / H. Seubert (Hgg.): Tamen! Gegen den Strom. Günter Rohrmoser zum 80. Geburtstag, Stuttgart 2007, 381–389.

2008

- 738 Filosofia e Teologia. Tensões e convergências de uma busca comum (portugiesische Übersetzung von Nr. 571), São Paulo 2008.
- 739 The Historicity of Nature. Essays on Science and Theology, ed. by Niels Henrik Gregersen, West Conshohocken 2008.
- 740 Dio come Spirito e le scienze della natura. In dialogo con Wolfhart Pannenberg, hg.v. Sergio Rondinara, Rom 2008.
- 741 Japanische Übersetzung von Nr. 358, Tokyo 2008.
- 742 Théologie systématique 1, (französische Übersetzung von Nr. 436 unter der Leitung von Olivier Riaudel), Paris 2008.

2009

- 743 Defectus ordinis? Zum Verhältnis von Bischofsamt und Pfarramt aus lutherischer Sicht, in: KuD 55 (2009), 342–346 (vgl. 695).
- 744 Teología sistimática vol. III (spanische Übersetzung von Nr. 503 durch Miguel García-Baró), Madrid 2007.

745 Teológia és filozófia (ungarische Übersetzung von Nr. 571 durch Gáspár Csaba László), Budapest 2009.

2010

746 Koreanische Übersetzung von Nr. 392, Seoul 2010.

747 Chinesische Übersetzung von Nr. 585, Hong Kong 2010.

2011

748 Anthropologie in theologischer Perspektive, Göttingen 2011 (vgl. Nr. 358).

749 Théologie systématique 2, (französische Übersetzung von Nr. 482 unter der Leitung von Olivier Riaudel), Paris 2011.

2012

750 Ce este omul? Antropologia actuală în lumina teologiei (rumänische Übersetzung von Nr. 392 durch Ioan Milea), Bukarest 2012.

2013

751 Chinesische Übersetzung von Nr. 436, Hong Kong 2013.

752 Théologie systématique 3, (französische Übersetzung von Nr. 503 unter der Leitung von Olivier Riaudel und Rémi Chéno), Paris 2013.

2014

753 Japanische Übersetzung von Nr. 426, Tokyo 2014.

754 Binding Testimony. Holy Scripture and Tradition, ed. By Theodor Schneider and Wolfhart Pannenberg (englische Übersetzung von Nr. 542 durch Martha M. Matesich), Frankfurt a.M. 2014.

Anexo 2

Elenco bibliográfico encontrado em obra de Heyner Duwán Hernández Díaz

– lista parcial de obras de Wolfhart Pannenberg e lista de várias obras sobre Wolfhart Pannenberg até 2008.

Registramos a lista de referências bibliográficas que encontramos no levantamento feito na obra organizada por Heyner Duwán Hernández Díaz na sua pesquisa intitulada *Perfil biográfico y bibliográfico de Wolfhart Pannenberg – avance de la investigación “la pretensión de verdad de la esperanza judeo-cristiana. Análisis de la pretensión de verdad de la esperanza judeo-cristiana desde los escritos de Wolfhart Pannenberg”*, 2012, p. 28-33.

Reapresentamos o elenco bibliográfico encontrado nas p. 28-33, mantendo a classificação original e os subtítulos das seções:

Bibliografía de Wolfhart Pannenberg en Español

Libros

Fundamentos de Cristología. Salamanca: Sígueme, 1974.

Teología y reino de Dios. Salamanca: Sígueme, 1974.

La fe de los apóstoles. Sígueme: Salamanca, 1975.

El hombre como problema. Hacia una antropología teológica. Barcelona: Herder, 1976.

Cuestiones fundamentales de teología sistemática. Salamanca, 1976.

La revelación como historia. Salamanca: Sígueme, 1977.

Teoría de la ciencia y teología. Madrid: Ed. Cristiandad, 1981.

El destino del hombre. Salamanca: Sígueme, 1981.

Ética y ecclesiológica. Salamanca: Sígueme, 1986.

Teología Sistemática, Vol. I. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1992.

Antropología en perspectiva teológica. Salamanca: Sígueme, 1993.

Teología Sistemática, Vol. II. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1996.

Metafísica e idea de Dios. Madrid: Caparrós, 1999.

Una historia de la filosofía desde la idea de Dios. Salamanca: Sígueme, 2002.

Teología Sistemática, Vol. III. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2007.

Capítulos de libro

“Escatología y experiencia del sentido”. En *El futuro de la religión*, editado por Wilhelm Dupré, 169 – 187; 188 – 215. Salamanca: Sígueme, 1975.

“La resurrección de Jesús y futuro del hombre”. En *Jesucristo en la historia y en la fe*, editado por Antonio Vargas-Machuca, 338 – 352. Salamanca: Sígueme, 1977.

“Autosuperación extática como participación del Espíritu divino”. En *Experiencia y teología del Espíritu Santo*, editado por C. Heitmann y H. Mühlen, 243 – 261. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1978.

“La resurrección de Jesús y el futuro del hombre”. En *Pascua y el hombre nuevo*, editado por Gerhard Lohfink, 179 – 206. Santander: Sal Terrae, 1983.

“Las espadas se vuelven arados. El cristiano evangélico ante el problema de la paz”. En *Argumentos para la paz y la libertad*, editado por Hans Joachim Veen, 45 – 51. Madrid: Distribución y comunicación, 1983.

“Pannenberg enjuicia su propia teología” (Entrevista). En *El sentido de la historia. Introducción al pensamiento de W. Pannenberg*, Manuel Fraijó, 263 – 286. Madrid: Cristiandad, 1986.

“El hombre y Dios en la sociedad a finales del siglo XX”. En *Hombre y Dios en la sociedad de fin de siglo*, editado por Manuel Ureña Pastor, 81 – 92. Madrid: Universidad Pontificia Comillas; Unión Editorial, 1994.

“Los fundamentos morales de la sociedad moderna: el Evangelio y la Iglesia”. En *Libertad de Verdad. Sobre al "Veritatis Splendor"*, editado por Juan Antonio Martínez Camino, 205 – 220. Madrid: San Pablo, 1995.

“La secularización del Cristianismo y el origen de la modernidad”. En *Librepensamiento y secularización en la Europa contemporánea*, editado por Pedro Álvarez Lázaro, 373 – 390. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1996.

“La Doctrina de la Trinidad en Hegel y su recepción en la teología alemana”. En *Pensar a Dios*, editado por Secretariado Trinitario, 211 – 227. Salamanca: Sígueme, 1997.

“Hermenéutica histórica y hermenéutica teológica”. En *Wolfhart Pannenberg*, editado por Giuseppe Accordini, 75 – 142. Madrid: San Pablo, 2008.

Artículos de Revista

“Consideraciones dogmáticas acerca de la resurrección de Jesús”. *Selecciones de Teología* 30 (1969): 202 – 210.

“La dimensión política del evangelio”. *Selecciones de Teología* 38 (1971): 212 – 213.

“La iglesia como realidad escatológica: su apostolicidad y catolicidad”. *Selecciones de Teología* 37 (1971): 11 – 20.

“Fundamento cristológico de una antropología cristiana”. *Concilium* 6 (1973): 398 – 416.

“Antropología cristiana y personalidad”. *Anales Valentinus. Revista de filosofía y teología* 1 (1975): 209-220.

“El Dios de la historia. El Dios trinitario y la verdad de la historia”. *Salamanticensis* 24 (1977): 259-277.

“Espacio vital de la libertad cristiana. La unidad de la Iglesia es la consumación de la reforma”. *Selecciones de Teología* 65 (1978): 31 – 39.

“Experiencia de sentido, religión y pregunta por Dios”. *Diálogo filosófico* 1 (1985): 26 – 30.

“Buena noticia de un Dios que se acerca”. *Vida religiosa* 60 (1986): 417-421.

“El ministerio eclesiástico desde la perspectiva de la doctrina luterana”. *Diálogo Ecuménico* 25 (1990): 87 – 112.

“La Doctrina de la Trinidad en Hegel y su recepción en la teología alemana”. *Estudios trinitarios* 30 (1996): 35 – 51.

“La tarea de la escatología cristiana”. *Selecciones de Teología* 144 (1997): 265 – 274.

“La contribución de Martín Lutero a la espiritualidad cristiana”. *Miscelánea Comillas* 57 (1999): 469 – 474.

“Tareas ecuménicas en relación con la iglesia católica romana”. *Selecciones de Teología* 176 (2005): 331 – 338.

“Cristología y soteriología”. *Iglesia viva: revista de pensamiento cristiano* 233 (2008): 131 – 132.

Bibliografía sobre W. Pannenberg en Español

Artículos

Fraijó, Manuel. “Interpretación existencial y universal de la historia: de Bultmann a Pannenberg”. *Proyección teológica* 110 (1978): 189 – 200.

Saranyana, J. I. “Hacia una antropología teológica. A propósito de un libro de W. Pannenberg”. *ScripT* 10 (1978): 1115 – 1138.

A. Galiano. “La revelación en K. Barth y W. Pannenberg. Inicio de estudio comparativo”. *Mayéutica* 7 (1981): 147 – 160.

Stumme, Juan R. “El concepto de Dios en Pannenberg”. *Revista Bíblica* 4 (1981): 217 – 231.

Torres Queiruga, Andrés. “La teoría de la revelación en W. Pannenberg”. *Estudios eclesiásticos* 59 (1984): 139 – 178.

Rubio, J. M. “La mediación antropológica de Dios y la dimensión teológica de la antropología en W. Pannenberg”. *Communio* 18 (1985): 181 – 214.

Martínez Camino, Juan Antonio. “La teología de W. Pannenberg interpretada por M. Fraijó: crítica de una crítica”. *Estudios eclesiásticos* 239 (1986): 425 – 433.

Martínez Camino, Juan Antonio. “La teología sistémica de Wolfhart Pannenberg”. *Estudios eclesiásticos* 253 (1990): 215 – 225.

Martínez Camino, Juan Antonio. “La modernidad como ausencia de Dios: una interpretación de W. Pannenberg”. *Miscelánea Comillas: Revista de teología y ciencias humanas* 93 (1990): 397 – 425.

Martínez Camino, Juan Antonio. “De las guerras de religión al ateísmo: una tesis de W. Pannenberg”. *Miscelánea Comillas: Revista de teología y ciencias humanas* 90 (1990): 157 – 179.

Torró Oviedo, Luis. “Wolfhart Pannenberg, Systematische Theologie”. *Carthaginensia: Revista de estudios e investigación*, Vol. 10, 18 (1994): 443 – 448.

Orellana Vilches, Isabel. “La cuestión del estatuto científico de la teología: Popper – Pannenberg”. *Salmanticensis*, Vol. 45, 3 (1998): 443 – 474.

Martínez Camino, Juan Antonio. “Sobre la teología trinitaria de W. Pannenberg”. *Revista catalana de teología* 25 (2000): 289 – 304.

Martínez Camino, Juan Antonio. “¿Por qué la filosofía?: Las razones del teólogo W. Pannenberg”. *Revista de Occidente* 258 (2002): 62 – 83.

Roldán, Alberto Fernando. “La epistemología escatológica de Wolfhart Pannenberg”. *Teología y cultura*, Vol. II (2004).

Casale Role, Carlos Ignacio. “Hermenéutica teológica como ontología escatológica a la luz de la historia de las religiones según Wolfhart Pannenberg. Teología y vida, Vol. 46 1 – 2 (2005): 5 – 55.

Casale Role, Carlos Ignacio. “Wolfhart Pannenberg y el reto de la Modernidad: pensar a Dios y al hombre desde la mediación”. Teología y vida, Vol. 47 1 – 2 (2006): 5 – 46.

Matito Fernández, José Ramón. “El futuro del hombre y el ser de Dios. La escatología trinitaria de Wolfhart Pannenberg”. Salmanticensis, Vol. 56, 3 (2009): 445 – 494.

Echeverría Falla, Cecilia. “Un intento de aproximación a la imagen de Dios en el hombre según Wolfhart Pannenberg”. Pensamiento y cultura, Vol. XIII, 1 (2010): 17 – 36.

Mingo, Alejandro. “Mística y anuncio: un acceso ignorado a la teología trinitaria de W. Pannenberg”. Teología: revista de la Facultad de Teología de la Pontificia Universidad Católica Argentina 101 (2010): 27 – 49.

Martínez Gordo, Jesús. “Wolfhart Pannenberg, conocer es anticipar: la revelación como anticipación o prolepsis”. Lumen: revista de síntesis y orientación de ciencias eclesiológicas, Vol. 60, 1 (2011): 5 – 51.

Capítulos de libro

Fraijó, Manuel. “Introducción al pensamiento teológico de W. Pannenberg”. En Jesucristo en la historia y en la fe, editado por Antonio Vargas-Machuca, 327 – 337. Salamanca: Sígueme, 1977.

Gonzales Faus, J. I. “Prólogo a la edición castellana”. En Fundamentos de Cristología, W. Pannenberg, 9 – 18. Salamanca: Sígueme, 1974.

Menéndez Ureña, E. “Wolfhart Pannenberg: Modernidad, ética y cristianismo”. En Ética y modernidad, Menéndez Ureña, E., 61 – 93. Sígueme: Salamanca, 1984.

Herrero Pérez, Juan León. “Pannenberg y la legitimación teológica”. En Confrontación de la teología y la cultura: actas del III Simposio de Teología Histórica (7-9 Mayo 1984), editado por Facultad de Teología San Vicente de Ferrer de los Padres Dominicos, 339 – 344. Valencia, 1984.

Fraijó, Manuel. “W. Pannenberg: la resurrección de Jesús como prueba de su divinidad”. En Jesús y los marginados. Utopía y esperanza cristiana, editado por Manuel Fraijó, 182 – 201. Madrid: Cristiandad, 1985.

Martínez Camino, J. A. “Wolfhart Pannenberg: Breve reseña biográfica”. En Teología Sistemática, Vol. I. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1992.

García-Baró López, Miguel. “W. Pannenberg y las implicaciones religiosas de una teoría antropológica”. En *Nuevas antropologías del siglo XX*, editado por Juan de Sahagún Lucas, 289 – 303. Salamanca: Sígueme, 1994.

Quinteiro Fiuza, Luis. “La dimensión religiosa de la identidad personal en Wolfhart Pannenberg. En *Coram Deo: memorial Prof. Dr. Juan Luis Ruiz De La Peña*, editado por Olegario Gonzales de Cardedal y Jorge Juan Fernández Sangrador, 345 – 366. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1997.

Martínez Camino, Juan Antonio. “El pecado original y el moralismo, en diálogo con Wolfhart Pannenberg”. En *Coram Deo: memorial Prof. Dr. Juan Luis Ruiz De La Peña*, editado por Olegario Gonzales de Cardedal y Jorge Juan Fernández Sangrador, 367 – 382. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1997.

Libros

Duquoc, Christian. *Ensayo Dogmático sobre Jesús de Nazaret, el Mesías*. Sígueme: Salamanca, 1974.

Fraijó, Manuel. *El sentido de la historia: introducción al pensamiento de W. Pannenberg*. Madrid: Cristiandad, 1986.

Martínez Camino, Juan Antonio. *Recibir la libertad. Dos propuestas de fundamentación de la teología en la modernidad: W. Pannenberg y E. Jüngel*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1992.

Martínez Gordo, Jesús. *La verdad como anticipación y olvido: la teología fundamental de Wolfhart Pannenberg*. Bilbao: Instituto Diocesano de Teología y Pastoral; Desclée de Brouwer, 1995.

Ruiz-Aldaz, Juan Ignacio. *El concepto de Dios en la teología del siglo II: reflexiones de J. Ratzinger, W. Pannenberg y otros*. Navarra: EUNSA, 2006.

Accordini, Giuseppe. *Wolfhart Pannenberg*. Madrid: San Pablo, 2008.